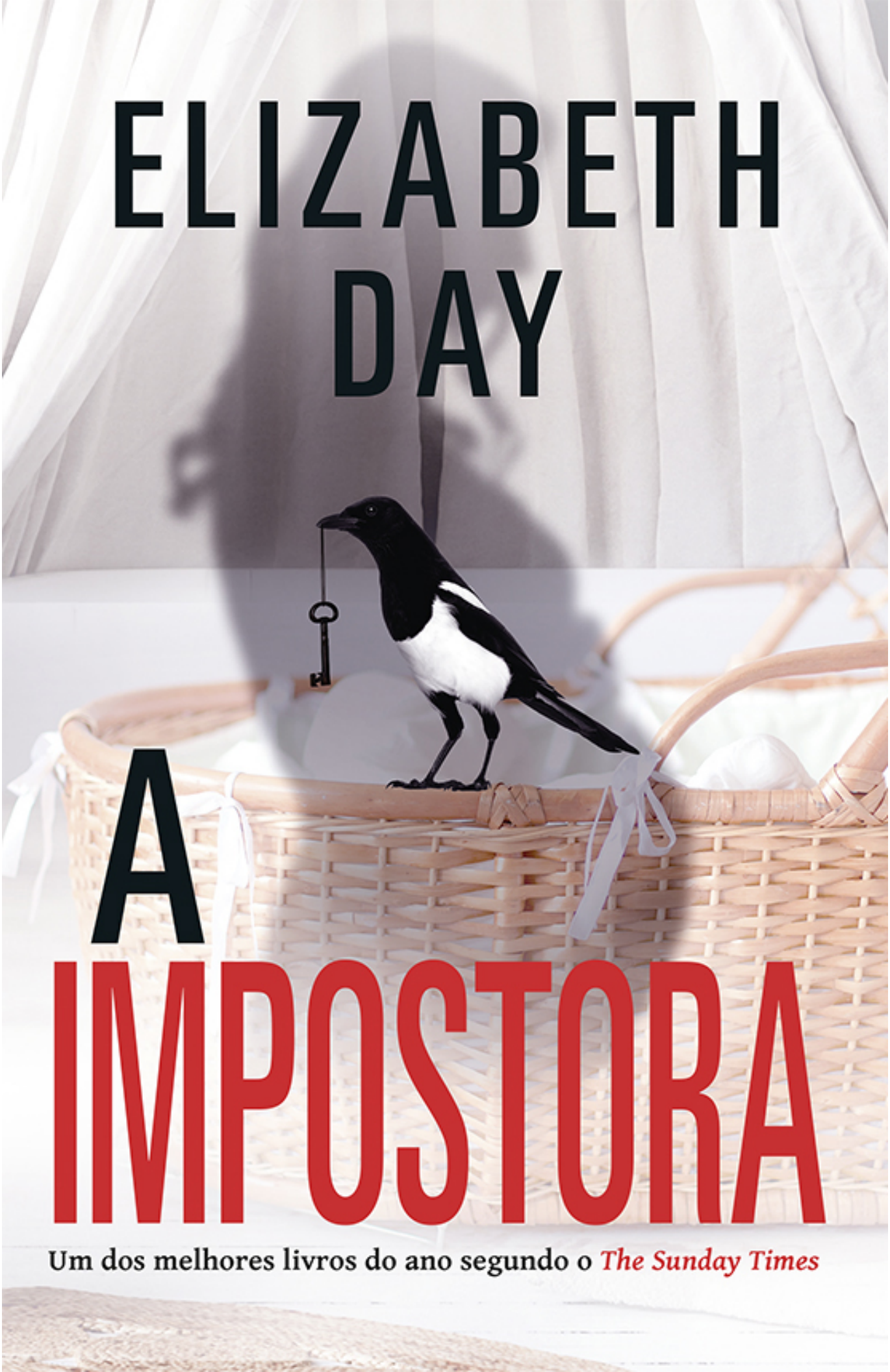
ELIZABETH DAY



A IMPOSTORA

Um dos melhores livros do ano segundo o *The Sunday Times*



© Jenny Smith

ELIZABETH DAY é escritora, jornalista e locutora. De 2007 a 2016 trabalhou para o *The Observer* e atualmente escreve na revista *You*.

Tem seis livros publicados e é também apresentadora de um podcast intitulado *How to Fail with Elizabeth Day*.

A Impostora
Elizabeth Day

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
Magpie
© Elizabeth Day, 2021
Publicado por acordo com Rachel Mills Literary Ltd.

Tradução: Sara M. Felício e Paulo Tavares

Design da capa: Manuel Pessoa
Imagens da capa: © Lifeonwhite/GettyImages e Shutterstock.com

1.ª edição em papel: fevereiro de 2023

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-69124-8

Para Justin,
extraordinário consultor de enredos.

PRIMEIRA PARTE

1

A casa era perfeita. Na verdade, não exatamente perfeita, porque as casas nunca o são, mas, pelo menos, era possível viver com as imperfeições. O chão, decerto comprado por atacado pelo construtor, tinha um tom demasiado claro e o laminado de madeira era demasiado suave para passar por soalho verdadeiro. As venezianas eram de plástico e estavam cobertas por finas partículas de pó. Alguém tomara a estranha decisão de construir uma casa de banho no segundo piso com portas que davam para um terraço. Marisa estava em pé nesse terraço, com as sandálias a sombrearem as lajes castanho-claras do pátio, e olhava para o jardim lá em baixo, que tinha uma faixa de relva ladeada por vasos de plantas cuja terra havia sido recentemente substituída. Marisa reparou na tranquilidade, rara em Londres, sobretudo assim tão perto de uma rua principal. Quando o comentou, a mulher que lhe estava a mostrar a casa assentiu.

– Sim, tem um adorável ambiente calmo.

Foi este ambiente que, por fim, a convenceu. A infância de Marisa tinha sido atravessada por ruído. Nas suas recordações, lembrava-se sempre primeiro dos sons. As hesitações dissonantes quando o pai tentava tocar piano. O estrondo da porta do forno, o tilintar do cesto da máquina de lavar-loiça sobrecarregado. As vozes altas dos pais a discutirem. O miado agudo do choro da irmã recém-nascida. E depois, quando a mãe de Marisa partira, com a bebé presa ao seu corpo, a casa no campo ficara silenciosa. Nenhuma explicação tinha sido apresentada.

A mãe abraçara Marisa com força antes de partir, sussurrando-lhe ao ouvido que voltaria para a buscar assim que se conseguisse «voltar a erguer[1]». Marisa lembra-se de olhar para baixo, para os

sapatos da mãe, e de tentar perceber o que tinham eles de mal. Eram um par de sapatos rasos, adornados na parte superior por uma moeda de um *penny* que brilhava através de uma faixa de couro. Marisa tentara, em tempos, retirar o *penny* com os seus dedos sapudos, mas a moeda não se soltara. Olhando para os sapatos da mãe, Marisa queria saber o motivo por que ela precisava de tempo para se voltar a erguer, se já estava bem calçada e em pé. Queria saber para onde estava a ir a mãe. E, acima de tudo, queria saber o que iria acontecer a si própria e o porquê de ser deixada para trás. Tinha sete anos.

O pai usara pijama e chinelos de quarto durante uma longa sucessão de dias enfadonhos e no rosto dele crescera uma barba irregular. Naquelas semanas indistintas, indefinidas, depois de a mãe ter partido, Marisa tentara encher a máquina de lavar loiça da maneira que a mãe gostava, passando os pratos por água e pondo as facas com o cabo para baixo. Após algum tempo, porém, fartara-se das tarefas domésticas e deixara que a loiça suja se empilhasse no lava-loiça. E depois fora enviada para um colégio interno, no qual tivera de lidar com todo um novo conjunto de sons.

Esta casa era o antídoto para tudo aquilo, percebia agora Marisa. Vira-a na internet, ampliando a imagem para observar a porta da frente cinzenta e os degraus de entrada. O tijolo era da cor das avelãs torradas. A rua era, na gíria das agências imobiliárias, «frondosa» e situava-se numa zona de captação de excelência para a escola local, classificada como «excecional» pela Ofstead, o organismo que definia os padrões de qualidade do ensino no Reino Unido. Esse aspeto era importante porque iriam engravidar assim que fossem viver juntos. O plano fora esse e, pensando retrospetivamente nas conversas que

tivera com Jake, ela sentira o desenrolar da tensão, como se uma pedra quente lhe tivesse sido colocada na palma da mão.

Jake era a sua segurança, o seu refúgio, a sua proteção, a sua âncora. Marisa usara todas estas palavras para o descrever, embora não diretamente, pois ele não era dado a manifestações emocionais. Em parte, essa característica tinha sido o que a atraíra nele: Jake permanecia imperturbável perante os acontecimentos e a sua solidez era inabalável. Nesse sentido, mostrava-lhe o quanto a amava através das coisas que fazia e não através das palavras que proferia. E Marisa, após as experiências por que passara na infância, nas quais a paixão era usada pela mãe como artilharia pesada sem um fim claro, ficava aliviada com a natureza pouco expansiva de Jake.

Quando visitou a casa, esta pareceu-lhe adequada para ambos: uma espécie de santuário, mas cheio de luz e vazio o suficiente para ser mobilado de acordo com o caráter dos dois.

A cozinha era na cave, com todas as paredes divisórias derrubadas para que o espaço se expandisse para fora como uma praia. Havia uma mesa de nogueira de meados do século XX, oito cadeiras com pernas pouco robustas e iluminação baixa com tonalidade de esmalte azul-claro sobre a ilha de cozinha. Um fogão de tamanho industrial que parecia poder ser utilizado para lançar um foguetão. Um frigorífico que fora polido até exibir um brilho metálico perfeito, com um sistema de água incorporado que dispensava cubos de gelos quando se inseria o copo numa abertura. Uma enorme televisão pendurada na parede branca, um retângulo negro com um ponto de luz vermelha no canto como se fosse uma pintura acabada de vender.

A mulher disse que Marisa lhe parecia a pessoa certa para se mudar para aquela casa. Marisa sorriu.

– Estas coisas podem ser tão… – Marisa tentou encontrar a palavra certa. – Instintivas, talvez?

– Instintivas – assentiu a mulher. – Exatamente.

Foi quando a mulher abriu as portas de vidro que davam para o jardim, dobrando-as para trás sobre si mesmas como *origami*, que o pássaro entrou. Voou tão depressa e tão baixo que nenhuma delas o conseguiu impedir.

A mulher curvou-se e protegeu a cabeça com a mão. Marisa estremeceu. Odiava pássaros. A forma como batiam as asas. A agudeza dos seus bicos. A pequenez dos olhos tão mortiços como seixos.

Uma pega. Preta e branca com manchas roxas espalhadas pelas penas. A ave voou de um lado para o outro, assustada pelo seu súbito encarceramento. Era grande, quase do tamanho de um corvo. De repente, subiu a pique para o canto do teto mais afastado de onde elas se encontravam.

– Xô! – gritou a mulher, avançando na direção dela, enquanto esbracejava para a afugentar. – Xô!

– Não me parece… – começou Marisa. Queria transmitir que não lhe parecia aconselhável assustar o animal, mas a pega saiu disparada antes que ela pudesse terminar de verbalizar o pensamento. A ponta de uma das suas poderosas asas embateu numa pequena jarra no topo da estante de livros. A jarra, intricadamente pintada, baloiçou e caiu, estilhaçando-se no chão e deixando cacos ao longo do rodapé.

Depois, como se um qualquer feitiço tivesse sido quebrado, a ave pareceu compreender onde estava. Voou em linha reta para fora das portas abertas, passando tão perto do rosto de Marisa que ela conseguiu sentir o peso atómico do movimento na brisa provocada

pela deslocação do ar. Tinha um cheiro musgoso e ligeiramente apodrecido. Por um momento, Marisa julgou sentir cócegas, como se a pega tivesse roçado com as penas no seu rosto na descontrolada pressa de fugir.

– Boa viagem! – gritou a mulher, fechando as portas rapidamente.

As portas voltaram ao lugar com um som de sucção e os ruídos do trânsito distante desapareceram. A mulher e Marisa existiam, mais uma vez, na força centrífuga da sua bolha de vidro e betão, separadas instantaneamente do mundo exterior, feito de penas e fúria. Esta bolha parecia pacífica, mas também artificial.

– Espero que isto não a tenha feito mudar de ideias.

– Não. – Marisa sorriu. – É pena a jarra, ainda assim.

A mulher acenou com a mão como que para mostrar que não tinha grande importância.

– Estas coisas acontecem.

Apertaram as mãos de modo caloroso e Marisa disse à mulher que iria refletir um pouco antes de a voltar a contactar.

Na verdade, não precisava de refletir mais sobre o assunto. Jake preferia deixar este tipo de decisões nas suas mãos. Como o próprio dissera, não era esquisito quanto ao sítio onde pudessem vir a viver, desejando apenas que ela fosse feliz e que houvesse espaço suficiente para começarem a constituir família assim que se mudassem. Jake via o assunto como pertencendo ao domínio de Marisa e, embora se devesse ter sentido indignada com esta repartição retrógrada das questões domésticas, embora devesse ter questionado a insinuação subjacente de que a casa e os bebés faziam parte da esfera *dela*, enquanto ganhar dinheiro para a subsistência de ambos fazia parte da dele, ela gostava secretamente de tal acordo tácito.

Na rua, tirou o telemóvel para lhe enviar uma mensagem: «Vi a casa. Adorei-a. Sinto que é a escolha certa.»

Não acrescentou «beijos». Não era assim que se tratavam.

Marisa não sabia se Jake iria responder de imediato, pois tinha o dia inteiro preenchido com reuniões.

– Do início ao fim – dissera ele, avisando-a de que poderia haver um atraso nas respostas, não devendo ser isso motivo de preocupação.

Jake trabalhava para uma empresa de consultoria na zona financeira da cidade. Para além disso, Marisa não tinha uma ideia concreta do que ele fazia, embora soubesse que estava relacionado com o aumento da eficácia e a otimização de empresas, algo que envolvia muitas viagens, apesar de nem sempre para sítios glamorosos. Nos últimos tempos, Jake passara várias semanas em Nottingham a trabalhar para uma empresa farmacêutica.

– É uma cidade com lojas de móveis de meados do século XX surpreendentemente boas – limitara-se ele a comentar. E depois perguntara: – Como estão os livros?

E Marisa falara-lhe das encomendas que tinha recebido naquela semana, através do seu *website*, de pais babados e de tias ou madrinhas que queriam personalizar livros de histórias para os seus pequerruchos. Marisa tinha um conjunto de sete histórias que poderíamos escolher *online* – havia a história da princesa adormecida, a do príncipe que matava dragões, a do aventureiro sem medo, a do macaco da selva travesso, e por aí diante. Podia escrever-se o nome da criança, carregar uma fotografia recente e fornecer algumas características específicas, e depois Marisa ilustraria cada livro de acordo com esses dados.

O *website* chamava-se Contar Histórias e, aquando do seu lançamento, no ano anterior, fora referido em algumas das principais revistas de luxo. A conta no Instagram tinha vários milhares de seguidores e um visto azul. Marisa gostava deste trabalho porque era suficientemente repetitivo para não a fazer pensar demasiado e, ainda assim, suficientemente criativo para ser estimulante. Não lhe gerara uma fortuna, ao contrário do que as publicações cuidadosamente filtradas no Instagram nos poderiam levar a acreditar, e nos últimos meses as encomendas tinham abrandado, levando-a a ter dificuldades para pagar a renda. Por isso, quando Jake sugeriu que podiam viver juntos, ela aproveitou a oportunidade. Por isso e, obviamente, pelo facto de estar apaixonada por ele.

– Uau, Ris, onde é que o encontraste? – tinha perguntado a amiga Jas, quando ela lhe contara sobre Jake pela primeira vez.

– Na internet – respondera Marisa. – Eu sei, eu sei! Não precisas de o dizer. É um milagre.

Jas estava sozinha ainda há mais tempo do que Marisa. Tinham passado longas noites em torno de copos consoladores de *Pinot Noir* no sofá de Marisa, enquanto se queixavam da falta de homens decentes, e ambas tinham desfrutado bastante da pose algo estereotipada de serem duas mulheres quase com trinta anos a beber vinho e a queixar-se da referida falta de homens decentes. Tinham-se inscrito em aplicações de encontros amorosos por volta da mesma altura, aplicações essas cujos nomes eram verbos no imperativo e que estavam ligadas a perfis de redes sociais já existentes, exigindo que Marisa criasse uma personalidade para si mesma.

Havia listas de músicas, comidas e filmes preferidos. Um rol interminável de perguntas para testar a compatibilidade em áreas que incluíam a religião, o amor e a preferência sexual (poliamorosa, fluida

em termos de género ou «sapiossexual», que Marisa teve de pesquisar no Google para perceber que se tratava da atração sexual com base na inteligência da outra pessoa) e que pretendiam saber se namoraríamos com alguém que tivesse dívidas e se considerávamos mais romântico acampar na floresta ou sermos levadas numa escapadela para um jantar em Paris.

Todas as respostas eram conduzidas para um misterioso algoritmo que determinava, até à mais ínfima percentagem, se éramos mais compatíveis com Peter, o diretor de uma empresa de *design* gráfico com um filho de nove anos que era o mundo para ele, ou com Wez, um treinador de ténis de Crawley que procurava uma mulher com olhos afetuosos e sorriso sensual.

Marisa ficara entorpecida com a quantidade de homens que posavam em tronco nu, com motos ou pastores alemães, ou que afirmavam ter mais de um metro e oitenta de altura, quando na realidade tinham menos de um metro e sessenta, ou que tiravam *selfies* assustadoras em espelhos de quartos de hotel, com um *flash* que fazia ricochete e iluminava as paredes de branco sujo como num filme de terror de baixo orçamento. Marisa não ficara muito impressionada com Kevin, cuja fotografia o mostrava ao lado de uma menina que segurava um urso de peluche. Na sua biografia resumida, ele escrevera: «A menina é minha sobrinha». E adicionara uma hiperligação para as suas músicas preferidas no Spotify. Nessa seleção, Kevin tinha Fleetwood Mac, como toda a gente. Ainda assim, Marisa enviara-lhe um convite e tinham acabado por sair juntos, num encontro dececionante, como todos os outros. Não por ter sido terrível, mas por ter sido medíocre, algo ainda pior.

Marisa enviara-lhe então uma mensagem a agradecer o encontro e observara o visto do WhatsApp a passar de cinzento único para

duplo cinzento e depois para duplo azul, com o súbito brilho intenso da cor a ferir-lhe os olhos e a fazê-la perceber que tinha estado a olhar para o ecrã à espera de que tal acontecesse. Kevin lera a mensagem. Marisa continuara a olhar para o telefone para ver se ele respondia, esperando que aparecesse a informação «a escrever», sendo as reticências um sinal de intenção otimista, três pontos que sugeriam a continuação e finais em aberto. Mas nada aparecera.

Depois de Kevin, Marisa disse a Jas que iria desistir por inteiro das aplicações.

– Percebo-te bem – disse Jas, estremecendo ao ouvir o relato do encontro.

– É como se eles pensassem que eu sou… esquisita ou excessiva ou algo semelhante – declarara Marisa. – Consigo percebê-lo nos olhos deles.

– Estás a dar-lhe demasiada importância – comentou Jas, fazendo girar uma pequena argola de diamante no lóbulo da orelha. – Como eu costumo dizer, é uma questão de matemática.

Jas lera um artigo na internet sobre o facto de existirem menos homens do que mulheres nas aplicações de encontros amorosos e citava-o com frequência.

– E quando se é uma mulher negra, é ainda pior – afirmou ela. – Acredita no que te digo. Raramente alguém mostra ali interesse por mim.

– Racistas – disse Marisa.

– Sim, mas há que ser sincera. – O rosto de Jas ficou sério e Marisa sentiu-se mal. – Acontece em todo o lado.

– Enviei uma mensagem ao Kevin.

– Outra vez? – Jas olhou para ela.

Na verdade, Marisa enviara várias mensagens a Kevin. No início, queria apenas transmitir-lhe que ele lhe devia uma explicação, mas depois ficara zangada e acusara-o de ser um cretino misógino. As últimas palavras que lhe enviara no WhatsApp tinham sido simplesmente: «Vai-te foder». Kevin deixara de ler as mensagens dela. Os vistos já não passavam para a cor azul. Ou talvez a tivesse bloqueado. Este tipo de coisa já tinha acontecido antes.

Marisa acenou com a cabeça em sinal afirmativo, tirando a garrafa de vinho da mão de Jas para encher o seu copo.

– Só queria dar o assunto por encerrado.

– Faz sentido – disse Jas.

Com Jake tudo fora diferente desde o início. Desde logo, ele respondia sempre às mensagens dela. Tinham-se conhecido numa festa temática, organizada pela agência em que ela se inscrevera e que se orgulhava de «encontrar o seu par perfeito». O evento, com roupas de fantasia, revelara-se aborrecido e Marisa bebera de mais. Haviam conversado brevemente no bar e ele insistira para que ela ficasse com o seu número.

Marisa acordara no dia seguinte com a cabeça algo confusa, mas tinha já uma mensagem de Jake no telemóvel quando pegou nele. Trocaram mensagens regularmente durante cerca de duas semanas antes de ele a convidar para sair.

Em vez de uma bebida noturna ou de um jantar, Jake tinha sugerido um café a meio do dia, algo que agradara a Marisa. Tal significava que, no final, não haveria o embaraço vacilante em torno de um eventual beijo. Seria, pelo contrário, uma circunstância descomplicada e nada ameaçadora: um simples encontro para verem se mantinham a química.

Jake estava já sentado a uma mesa junto à janela quando ela chegou. Tinha uma chávena de café diante de si e um pequeno biscoito amanteigado em forma de estrela no pires. O seu cabelo castanho aloirado era curto e bem penteado, composto com uma quantidade moderada de gel. As roupas, bem engomadas, eram banais: uma *T-shirt* cinzenta sem logótipo; calças de sarja gastas nos joelhos; um cinto escuro com uma fivela de metal polido; um relógio com uma bracelete prateada sem brilho.

Quando entrou no café, Marisa sentiu uma estranha sensação de paz instalar-se sob o esterno, como se as asas de um pássaro tivessem parado de bater.

– Olá.

Não sabia como o devia cumprimentar, pelo que estendeu o braço para lhe apertar a mão, gesto ao qual ele acedeu, olhando-a diretamente nos olhos. Jake não esboçou qualquer movimento no sentido de se inclinar para a frente e encostar ao de leve a sua face à dela e Marisa sentiu-se aliviada quando ele se voltou a sentar e ela ocupou uma cadeira do lado oposto da mesa, com a distância certa entre ambos.

Jake cheirava a roupa acaba de lavar. Não usava água-de-colónia. O seu rosto era descomplicado: um queixo bem definido e faces pueris. Olhos bondosos. Leves indícios de uma barba cor de areia. A sua aparência permitia-nos imaginar que iria envelhecer bem e, ao mesmo tempo, que tipo de criança tinha sido. Por baixo da *T-shirt*, existia uma pequena ondulação de músculos, mas eram músculos que não gostavam de se exibir. Não eram músculos obcecados pelo ginásio, mas a força discreta de um homem que poderia, se necessário, ajudar a empurrar um carro com o motor avariado.

No café, Jake tomou calmamente conta do rumo da conversa. Perguntou a Marisa o que ela gostaria de pedir e depois passou a informação à empregada de mesa, como se Marisa pudesse considerar uma maçada ser ela própria a fazê-lo. Gostava daquele tratamento. E conseguia imaginar Jas a revirar os olhos perante tal falta de indignação feminista. O seu chá chegou num bule de vidro sobre um tabuleiro de madeira com uma pequena ampulheta.

– Não sei se alguma vez tomou o nosso chá – disse a empregada de mesa. Tinha um pequeno brinco de ouro numa das narinas. Marisa abanou a cabeça. – Muito bem, então, precisa de o deixar em infusão durante três minutos para desfrutar de todo o seu sabor.

A empregada de mesa virou a pequena ampulheta ao contrário. Dentro dela, uma areia fina e escura começou a cair lentamente.

– Caramba – comentou Jake, assim que a empregada de mesa os deixou. – É uma chávena de chá complicada.

Marisa soltou uma gargalhada.

– Quanto a mim, prefiro um bom pequeno-almoço inglês – disse ele.

– Estou a ver que sim – ripostou, em tom divertido, mas não demasiado.

Depois disso, a conversa surgiu com facilidade, passando entre eles tão fluidamente como os grãos da ampulheta. Falaram sobre as suas infâncias. Jake contou que era o mais velho de quatro filhos, tendo três irmãs mais novas. Era muito chegado à mãe, crescera no Condado de Gloucester e, no seu íntimo, ainda se sentia «um rapaz do campo».

– Costumas participar em todas aquelas caças campestres?

Jake riu-se.

– Acho que nunca ouvi ninguém *dizer* «caças campestres». Quero dizer, fora das páginas de um romance vitoriano. – Olhou para ela, sem piscar os olhos. – É muito curioso.

Marisa corou.

– Não te preocupes, é encantador. E não, devo confessar. Já participei numa caçada ao faisão, mas caçar raposas não é de facto algo que aprecie. Eu gosto bastante de… raposas.

Jake encarou-a e Marisa ficou com a nítida impressão de que queria referir-se a ela quando proferiu aquela palavra.

Depois, introduziu o tema dos filhos. Era pouco comum que um homem o fizesse, ainda para mais num primeiro encontro e tendo em conta a diferença de idade entre ambos: Marisa tinha vinte e oito anos e Jake era onze anos mais velho.

– Mas, sabes, quero ser capaz de jogar futebol com os meus filhos – disse ele. – Não quero ser o único pai à espera junto ao portão da escola cujas ancas tiveram de ser substituídas.

– Não és assim tão velho! – exclamou Marisa.

– Bem…

Jake recostou-se, deixando um braço em cima da mesa e apoiando o outro nas costas da cadeira. Possuía uma capacidade natural de habitar um espaço. Marisa gostava da forma como ele poderia ter sido esculpido a partir de blocos de madeira.

O café começava a encher-se com a azáfama da hora de almoço: mães que empurravam carrinhos de bebé, homens de negócios de fato e gravata e mulheres jovens com óculos, calças de ganga curtas e portáteis em mochilas. Jack e Marisa tiveram de levantar a voz para se conseguirem ouvir um ao outro no meio dos estrépitos das cadeiras cromadas e dos sibilos da máquina de café expresso.

– Para ser honesta, sempre quis ter filhos nova – declarou Marisa. – Penso que já te contei, a minha mãe tinha vinte e um anos quando me teve e… – deixou o pensamento desvanecer, aborrecida consigo mesma por ter dito algo que não fazia questão de partilhar. Não se conseguia lembrar do que lhe contara no primeiro encontro e também não queria revelar demasiado. A sua mente ficou preenchida com uma imagem da mãe, bela mas desgrenhada, num vestido-macacão desabotoado de modo a que o peito pudesse sair para amamentar a bebé que chorava, e teve de se esforçar bastante para afastar aquela memória e voltar à conversa no café com Jake. Não vás por aí, disse a si mesma. Volta. Estás aqui, neste preciso momento, com este homem. Não dês cabo disto como já fizeste antes.

Respirou fundo, sorriu e mexeu na colher de chá.

– Penso apenas que seria maravilhoso ter dois filhos, um cão… – disse Marisa. E, ao fazê-lo, correu um risco. Inclinou-se para a frente de modo casual e passou ao de leve com a ponta dos dedos no pulso dele. Sentiu uma crepitação de energia, uma espécie de fissão, como se duas moléculas tivessem colidido, acabando por se entrelaçar e, numa descarga elétrica, dado origem a uma coisa nova.

Jake pareceu surpreendido. Marisa recolheu a mão rapidamente e continuou a falar como se nada tivesse acontecido, embora suspeitasse, ao mesmo tempo, de que tudo tinha acontecido.

Mais tarde, Jake dir-lhe-á que percebeu desde o momento em que Marisa estendeu a mão e lhe tocou no braço que ela era a «pessoa certa». Ela achava que a expressão fazia lembrar algo que costumava incluir nas suas histórias de encantar desenhadas à mão, porém acabou por revelar-se verdadeira.

[1]No original «got back on her feet». (*N. do T.*)

2

Ela mudou-se para a casa nova num dia em que Jake estava a trabalhar. Não se importou com o facto de o fazer sozinha. Montou o seu estúdio numa pequena divisão na parte de trás da casa, com vista para o jardim. O inquilino anterior tinha-a usado como ginásio improvisado e, quando ela desencaixotou a secretária e as tintas, reparou num peso circular no chão do armário que, em tempos, devia ter estado fixado a uma barra. Usou-o como batente da porta.

Marisa tinha encomendado caixas de cartão e plástico bolha na internet, e encaixotara todas as suas posses com fastidioso cuidado, garantindo que cada uma das suas canecas favoritas ficava protegida de possíveis danos e pendurando a roupa em capas especiais enviadas pela empresa de mudanças. Jake dissera-lhe para não se preocupar com as loiças.

– Nós já temos tudo aquilo de que precisamos – dissera.

E ela reparara com agrado na descontraída utilização do pronome pessoal no plural.

Namoravam há pouco mais de três meses. A questão da casa revelara-se fácil e tranquila depois de a terem escolhido. O pequeno apartamento de Marisa era arrendado, mas não tinha sido difícil convencer o senhorio a deixá-la sair antes do período estipulado porque ele queria cobrar uma renda mais alta a um novo inquilino. Tudo fazia Marisa sentir que uma qualquer divindade benigna tinha finalmente decidido sorrir-lhe.

«Agora é a tua vez», imaginou que lhe dizia um homem barbudo com cara simpática (porque Deus, na sua imaginação, era sempre a versão dos desenhos animados da infância, uma versão do Pai Natal, mas mais sério e sem as roupas vermelhas). «Tu mereces.»

Jas, pelo contrário, mostrara-se menos convencida. Tinha ido ao apartamento de Marisa para um jantar de despedida composto por pizas encomendadas e *gins* com pouca água tónica.

– Parece-me um pouco precipitado – opinara Jas, enquanto retirava com as duas mãos, mas de forma insegura, uma fatia de piza, fazendo surgir longas linhas de queijo semelhantes a fios de saliva numa gigante mandíbula aberta. – Mal se conhecem.

Marisa, que não estava a comer muito, tornou a encher o seu copo.

– Sim, mas acontece que todas aquelas pessoas que o disseram estavam certas.

– Que disseram o quê?

Olhou para Jas, para o seu cabelo oxigenado, para os olhos faiscantes, para a inclinação da seta que tinha tatuada ao longo da clavícula pronunciada, e sentiu algo que nunca tinha sentido por ela. Sentiu pena.

– Que quando sabemos, simplesmente sabemos.

Era o tipo de afirmação que, no passado, teria feito tanto Marisa como Jas revirarem os olhos. No entanto, conhecer Jake tinha alterado as coisas para Marisa. Nos últimos tempos, apercebera-se de que a sua amizade com Jas era baseada na amargura partilhada – no cinismo ressentido dos negligenciados mascarado de humor frágil – e, agora que encontrara a pessoa com quem queria viver o resto da vida, existiam menos pontos em comum entre elas. Marisa sentia-se como o miúdo do velho anúncio dos cereais *Ready Brek*, o que comia uma tigela inteira de cereais e ficava iluminado o dia todo, embora ela, na verdade, brilhasse de amor.

No apartamento, Jas dirigiu-lhe um olhar cético, mas depois, apercebendo-se de algo na expressão facial de Marisa, esboçou um

sorriso.

– Rapariga! Percebeste tudo mal!

Jas crescera no bairro londrino de Lewisham, mas costumava adotar com facilidade o calão americano, como se tivesse visto demasiada televisão nos anos noventa.

Marisa bebeu o resto do seu *gin*. Sacudiu o cabelo para trás e as pontas aterraram com uma suave titilação nos seus ombros nus. Sentiu a absoluta justeza daquele momento, do exato movimento que escolhera executar. Sentiu a sua beleza, o poder dela.

– É bem possível – disse Marisa. – A seguir serás tu.

Jas encolheu os ombros.

– Já não estou assim tão preocupada. Concluí que gosto da minha própria companhia, do meu próprio espaço. Para quê convidar alguém que venha baralhar tudo isso, percebes?

Marisa não insistiu. Sentou-se no chão, com as pernas cruzadas, pegou na fatia mais pequena da piza de *pepperoni* e mastigou-a lentamente.

– Eu só… – começou Jas, mas depois hesitou. – Tu apaixonas-te de forma muito intensa. Não te esqueças…

– Isto é diferente – interrompeu Marisa, subitamente zangada. Levantou-se demasiado depressa e ficou tonta, com a visão pixelizada. Agarrou nas restantes fatias de piza ainda na caixa e atirou tudo de forma decidida para o caixote do lixo.

– Ei – protestou Jas. – Ainda não tinha terminado!

– Não interessa.

– Estou apenas a tentar proteger-te, Ris.

Marisa virou-lhe as costas e lavou as mãos no lava-loiça. O apartamento consistia num espaço amplo dividido em três mais pequenos, pelo que a cozinha e a sala de estar se fundiam uma na

outra. A água fria acalmou-a, quebrando o acesso de fúria que sentira a crescer dentro de si. Quando se virou para encarar Jas, estava mais calma.

– Eu sei. – Pôs a chaleira ao lume. – E fico-te grata.

A noite acabou mais cedo do que teria acabado no passado e, quando abraçou Jas para se despedir, Marisa apercebeu-se de que a amizade delas não sobreviveria à fase seguinte da sua vida. Sentiu-se silenciosamente julgada por Jas e ficou incomodada com aquele nível de escrutínio. A culpa, na verdade, não era de ninguém. Simplesmente, as coisas tinham tomado rumos diferentes. As pessoas mudavam. Além disso, ela tinha Jake. Tinha a casa nova. Tinha os filhos vindouros. Uma família e um lar.

Na casa nova, o estúdio começou a ganhar forma. Marisa emoldurou e pendurou na parede dois esboços originais do primeiro livro que saíra do seu Contar Histórias. O livro tinha sido escrito para um rapaz chamado Gabriel e ela dera-lhe uma aventura de cavaleiros para completar, repleta de princesas em esvoaçantes vestidos cor-de-rosa e dragões que cuspiam fogo em cavernas escondidas. Marisa pôs os seus pincéis em frascos de compota – havia um frasco específico para cada conjunto – e, nas prateleiras, alinhou as pastas de arquivo em que mantinha o registo das encomendas e as faturas. Jake dissera-lhe que ela devia informatizar tudo e que a poderia ensinar a fazê-lo, no entanto Marisa preferia a tangibilidade do papel. Era uma forma de provar a si mesma que existia, que deixava um rasto.

Durante a infância, sentira-se sempre bastante efémera, um fogo-fátuo do qual se esperava que se contorcesse como fumo para caber onde fosse necessário. Não possuía uma única memória dos primeiros anos, apenas um conjunto de imagens misturadas dela

própria a entrar em quartos e da mãe a assustar-se quando se apercebia da sua presença.

– Não te vi, querida! – era o refrão. Marisa era sempre demasiado silenciosa para ser notada.

A irmã mais nova, pelo contrário, mostrara-se determinada a fazer-se ouvir desde o princípio. Chorava a noite inteira e Marisa habituara-se ao som surdo dos passos da mãe pelo corredor para ir ter com a bebé, embalando-a até ela adormecer com suaves canções desafinadas. Na manhã que se seguia, Marisa e o pai sentavam-se um diante do outro à mesa do pequeno-almoço e partilhavam olhares conspiradores enquanto ele lhe preparava uma torrada, fazendo-o de forma errada e deixando buracos no pão nos sítios onde a manteiga fria, retirada do frigorífico, se acumulava teimosamente. Ela estava sempre atrasada para a escola e não gostava nada disso, culpando a irmã, aquela intrusa indesejada com rosto vermelho enrugado e punhos esféricos. Era espantoso como alguém tão pequeno podia criar tanta confusão.

Marisa sentia-se, ao mesmo tempo, fascinada e horrorizada pela bebé. Parecia estranho que aquele ser alienígena tivesse permanecido apertado na barriga da mãe e dela tivesse saído, exibindo apenas vagas semelhanças com um ser humano: a pele da bebé era tão fina e esticada que quase parecia translúcida; os dedos tão pequenos como larvas; os olhos tão turvos como sumo de maçã. E todos os adultos ficavam doidos por ela, por aquele recém-nascido ruidoso que, tanto quanto Marisa podia perceber, não tinha sequer personalidade.

– Precisas de mudar a fralda, não precisas, amorzinho? – costumava dizer a mãe de Marisa, entre arrulhos e sorrisos, enquanto levantava a bebé bem alto para que lhe pudesse cheirar o rabo,

fazendo depois uma grande careta com o nariz enrugado. – Uf, que pivete! Precisas de uma fralda limpa, não precisas, querida? Pois é, sim. É mesmo disso que precisas.

E a cena continuava e arrastava-se, com Marisa escondida no sofá a observá-la entre vários graus de vergonha, embaraço e aversão. Não conseguia compreender, desde logo, a razão por que a mãe falava com a bebé, se ela não a conseguia entender. Tudo aquilo lhe parecia uma encenação montada para os outros que estivessem na mesma divisão da casa, fossem eles Marisa e o pai ou a vizinha que, de vez em quando, espreitava pela porta da cozinha depois de ter tomado a liberdade de entrar.

– Que anjo – dizia a vizinha. Era uma mulher de quase sessenta anos, com três filhos crescidos e um peito que transbordava de um avental axadrezado que, aparentemente, nunca tirava. – Não és uma irmã mais velha sortuda, Marisa? Deves estar muito orgulhosa desta pequerrucha.

– Sim – respondia Marisa, antes de voltar ao livro que estivesse a ler na altura.

Uma vez, quando a bebé tinha alguns meses e a haviam deitado para dormir a sesta depois da hora de almoço, Marisa levara a cabo uma experiência. A mãe dormia no sofá do piso de baixo, com os braços e as pernas graciosamente abertos, a saia de retalhos levantada até às coxas. O pai estava no trabalho. A casa encontrava-se em silêncio, à exceção do tiquetaque intencional do relógio de pé alto no corredor.

No quarto da bebé, o berço estava encostado a uma das paredes e tinha um móbile de elefantes de cores brilhantes e bolas de praia que giravam com a brisa por cima da cabeça da criança. A janela

estava ligeiramente aberta e uma faixa de luz solar estendia-se pelo chão.

Marisa ajoelhou-se junto ao berço para que pudesse ficar ao mesmo nível da irmã. Os olhos da bebé estavam fechados, as narinas escuras pareciam misteriosas como minúsculas cavernas e a pele em redor delas franzia delicadamente com a sua respiração superficial. Marisa sempre vira a bebé como uma coisa, embora a irmã, na verdade, se chamasse Anna. Anna e Marisa, juntas pelo belo som da vogal no final dos seus nomes, tanto que, se os disséssemos rapidamente um a seguir ao outro, pareceria que estávamos a rir ou a cantar.

No berço, Anna ficou agitada. Os seus braços rechonchudos começaram a mexer-se lentamente, enquanto as mãos rosadas como peónias se abriam e fechavam. Era como se pudesse sentir que estava a ser observada. Marisa esperou. Queria que Anna estivesse acordada. Precisava que assim fosse para a experiência.

A bebé abriu os olhos. Eram azul-escuros e tinham perdido a sua nebulosidade inicial. As pupilas dilataram-se e depois fixaram-se no rosto de Marisa. Então, Anna sorriu, fazendo as bochechas subir de tal forma que ficaram com covinhas na parte superior.

Algumas semanas antes, a bebé, ao colo da mãe, espreitara sobre os ombros dela e sorrira para Marisa, que tinha referido o facto com prazer.

– Oh, não é um sorriso verdadeiro – dissera a mãe, com confiança. – É só um reflexo.

Sentada com as pernas cruzadas no chão do quarto da bebé, sentindo a dureza do relevo da carpete nos seus pés descalços, Marisa não tinha a certeza de se tratar de um sorriso verdadeiro ou de um mero reflexo. Queria perceber se a irmã era como ela, se

sentia as coisas da mesma maneira. Parecia tão estranha, com a sua cabeça careca e as suas unhas minúsculas, que Marisa tinha dificuldade em vê-la como uma pessoa real e viva, mesmo apesar de a mãe insistir que a devia amar, incondicionalmente, como cabia a uma irmã mais velha.

– Agora precisamos que nos ajudes a tomar conta dela – havia dito a mãe quando regressara a casa vinda do hospital, com a bebé enrolada numa manta nos seus braços. – És a irmã mais velha. Ela irá amar-te profundamente.

Marisa tivera uma visão do que era ser amada profundamente: ser arrastada para o fundo de um sítio escuro.

No berço, Anna começou a lamuriar-se junto ao seu coelho de peluche, fechando os dedos com força e depois abrindo-os. Antes de vir para o quarto da irmã, Marisa tinha tirado um alfinete da caixa de costura da mãe. Segurara-o cuidadosamente, desde então, no bolso do seu vestido. Marisa tirou o alfinete do bolso.

Inclinou-se na direção do berço, enfiando a mão através das barras, com o alfinete apontado para fora do aperto do polegar e do indicador. Anna ainda estava a olhar para Marisa, gorgolejando e remexendo-se. Fitava-lhe o rosto. Por cima dela, o móbile estremeceu e os elefantes com laços alegres projetaram as suas sombras dançantes pelo teto.

Marisa escolheu a zona mais suave da pele da bebé, na parte superior do braço. A carne era ali mais roliça, como os pães acabados de fazer que a mãe costumava guardar para quando Marisa regressasse da escola. Com rapidez, antes que Anna se pudesse mexer, Marisa espetou a extremidade afiada do alfinete no braço da irmã.

Durante uma fração de segundo, a bebé olhou para Marisa com estranheza. Naquele momento, pareceu ser mais velha do que qualquer pessoa que Marisa alguma vez conhecera, como se tivesse compreendido tudo num único instante. Marisa respirou fundo. Questionou-se sobre se não estaria certa desde o início quanto à possibilidade de aquela não ser verdadeiramente a irmã mais nova, mas uma forma de vida de outra dimensão, enviada para os espiar e arruinar a sua vida.

Mas então a bebé gritou. Soltou uma espécie de uivo, diferente dos habituais gritos de fome ou cansaço, um grito agudo catastrófico que Marisa reconheceu imediatamente como sendo de dor. Dor, perturbação e desconfiança. A bebé gritou tão alto que Marisa sentiu um baque de pânico. Verificou o braço de Anna. O alfinete não tinha gerado sangue. Ao invés, havia apenas um ponto vermelho, impercetível a não ser que estivéssemos à procura dele. Marisa guardou de novo o alfinete no bolso do vestido. Sentia o peito esmagado com o peso de ter feito algo indesculpável.

Voltou a inclinar-se sobre o berço, mas a bebé retraiu-se e Marisa percebeu que a irmã tinha ficado com medo dela.

– Chiu, chiu – disse ela desesperadamente, tentando imitar a entoação da mãe. – Vá, está tudo bem. Eu estou aqui. Nós estamos aqui. Não se passa nada.

Mas a bebé não se acalmava e, após mais alguns segundos, Marisa pensou que ela iria vomitar. E se tivesse estragado a bebé para sempre? Só pretendia ver o que aconteceria. Anna tinha agora o rosto completamente vermelho, os olhos muito apertados, e as lágrimas manchavam o lençol por baixo dela.

– O que se passa aqui?

Marisa olhou para cima e viu a mãe entrar à pressa no quarto, já a desabotoar a camisa para alimentar a bebé. A mãe ainda tinha um ar meio adormecido e uma bochecha vincada no sítio onde o rosto estivera pressionado contra a almofada.

– Calma, querida, calma, a mamã está aqui.

Tirou Anna do berço e beijou-a na face com uma ternura insuportável. Marisa começou a chorar.

– Desculpa – murmurou ela. – Só queria ver…

A mãe olhou para ela distraidamente.

– Porque estás *tu* a chorar? – perguntou ela, com alguma brusquidão, antes de tirar uma mama do sutiã. Apertou o mamilo e levou-o à boca da bebé, mas Anna não se acalmava e continuava a agitar a cabeça. – O que aconteceu? – perguntou a Marisa.

– Queria ver… – começou por dizer Marisa. E depois apercebeu-se rapidamente, com uma certa intuição infantil, que não havia forma de explicar a experiência. Assim, de modo a preservar o resto do afeto maternal que ainda se sentia digna de receber, teria de mentir. Parou de chorar e as duas últimas lágrimas detiveram-se e secaram nas suas faces, como se ela lhes tivesse dado essa ordem.

– A Anna estava a chorar e, por isso, eu vim ver se a conseguia acalmar para que não te acordássemos – respondeu Marisa, articulando a falsidade com um desembaraço assustador. Era a primeira grande mentira que contava.

– É tão atencioso da tua parte. Obrigada, querida.

Porém, a mãe proferira as palavras de forma distraída, o que significava que não contavam verdadeiramente. Toda a atenção dela estava centrada na tentativa de amamentar a bebé. Sentou-se no cadeirão junto à janela, abraçando Anna. Marisa observou a irmã a chorar muito alto, a perder a intensidade do choro e, finalmente, a

soluçar até parar, tomando com sofreguidão o mamilo entre os lábios, e então pensou no quão estranho era que duas entidades separadas pudessem ficar tão ligadas, como se fossem apenas um ser humano, pulsando numa vida que não a envolvia a ela.

Saiu do quarto em silêncio e foi devolver o alfinete ao mesmo compartimento da caixa de costura da mãe de onde o havia tirado, e ninguém deu conta de nada.

3

Decidiram começar a constituir família de imediato. Marisa deixou de tomar contracetivos. Quando via, todas as manhãs, as embalagens metálicas da pílula, retangulares e por abrir, no fundo do seu *nécessaire*, era invadida por uma sensação de justeza, uma pontada de satisfação quanto ao facto de estar a fazer algo tão adulto.

– Mal posso esperar para ter um bebé – deixou escapar Jake uma noite ao jantar. – Eu sei que parece esquisito. – Passou a mão pelo cabelo e deixou-a apoiada na nuca.

– Não parece nada – assegurou Marisa. – Por que razão haveria de parecer?

– Não é suposto que os homens digam coisas destas.

– Que patetice.

Marisa tinha feito macarrão com queijo porque Jake lhe dissera uma vez que era o seu prato favorito durante a infância e ela tinha uma receita que usava quatro tipos diferentes de queijo e tiras de toucinho fritas na frigideira. Pegou numa das tiras com a mão e levou-a à boca, lambendo a gordura que lhe ficara nos dedos.

– Eu também mal posso esperar e não me importo se isso me fizer parecer esquisita.

Marisa sorriu e estendeu o braço para lhe acariciar as costas da mão. Jake afastou-a para lhe servir mais vinho e os dedos de ambos embateram de forma desastrada uns nos outros.

– Desculpa – disse ele, rindo. – Estou, sem dúvida, excessivamente entusiasmado.

Inclinou a ponta da garrafa de vinho na direção do copo de Marisa, mas ela cobriu-o com a palma da mão.

– Não, obrigado. Mas… se realmente estivermos a falar a sério sobre isto…

– Tens razão. Tens razão. Claro.

Pousou a garrafa no suporte e Marisa conseguiu perceber que ele estava agradado. Jake ainda tinha o fato de trabalho vestido, embora tivesse tirado o casaco, pendurando-o nas costas da cadeira. Havia desapertado a gravata assim que entrara em casa. Os cantos dos seus olhos tinham rugas de cansaço. Um negócio correra mal no emprego, Marisa sabia-o, e todo o processo estava a ser desgastante, mas ele nunca gostara de falar sobre o seu trabalho, perguntando, ao invés, como tinha sido o dia dela.

– Como está a correr a encomenda do livro? – perguntou, arregaçando as mangas antes de atacar a comida.

– Ah, muito bem. Sabes, ter aquele estúdio para trabalhar faz toda a diferença. A luz é simplesmente magnífica.

– Qual é o nome da criança desta vez?

– Moisés. – Marisa revirou os olhos. Era uma fonte de diversão para ambos o modo como as classes mais endinheiradas se tinham virado para o Antigo Testamento em busca de inspiração para os nomes dos seus descendentes.

Marisa falou-lhe do último painel que tinha estado a pintar – uma cena complicada que envolvia o movimento do cabelo entrançado da princesa. Jake enfiava garfadas de massa na boca enquanto ela falava, sem deixar de a fitar, como se estivesse perante a pessoa mais importante no mundo para ele, algo que, percebeu Marisa numa investida de puro amor, correspondia à verdade.

– Não é fácil obter a textura certa. O cabelo é complicado de pintar.

– É isso que gosto em ti – declarou Jake. – Abres-me a porta a todo um mundo novo que, de outra forma, me passaria ao lado. Essa do cabelo ser complicado de pintar. Hem? Quem o imaginaria?

Apesar dos avisos de Jas, Marisa gostava do facto de ela e Jake ainda se encontrarem numa fase em que começavam a conhecer-se um ao outro deste modo íntimo. Um novo dia sob o mesmo teto significava mais uma camada descascada. À medida que se iam abrindo, a sua união parecia ficar mais sólida, como se as revelações fossem também formas de fortalecimento.

Marisa levantou os pratos, empilhando-os. O prato de Jake estava completamente vazio. O dela ainda tinha alguns restos de comida. Marisa alongara-se na conversa.

– Não precisas de fazer isso – disse Jack. – Eu faço. – E tirou-lhe os pratos, fazendo-lhe, ao mesmo tempo, uma carícia na mão.

Não era um homem de muitos contactos físicos. Não gostava de andar de braço dado na rua ou de a beijar em casa, mesmo quando ninguém estava a ver. Ainda assim, pensou ela, ao vê-lo curvar-se para pôr a loiça na máquina, preferia a franqueza do amor dele do que qualquer quantidade de toques superficiais.

Jake ligou a chaleira. Marisa apreciou-lhe os gestos, a firmeza dos ombros largos e a grossura das pernas, a dureza dos músculos das coxas. A mente de Marisa imaginou-os a fazer amor, as suas pernas à volta das costas dele, e ele a impulsionar-se sobre ela, mordendo-lhe o lóbulo da orelha enquanto ela sentia a força vigorosa de Jake dentro dela. Marisa nunca sentira tal ligação física com outro homem. Os seus amantes anteriores, apercebia-se agora, tinham sido demasiado apagados e inseguros de si mesmos. Na sua mente, via a cabeça de Jake afundar-se entre as suas pernas, a língua dele a contornar-lhe o clítoris, intensamente focado na tarefa de a fazer ficar

molhada. Marisa pensou nele a virá-la ao contrário e a avançar sobre ela por trás, levando-a a sentir a sua parte de dentro retesada e completa, como se tudo tivesse ficado no devido lugar.

– Uma moeda pelos teus pensamentos – disse Jake, atrás da ilha na cozinha.

– Hem? – Marisa olhou de relance na direção dele. – Desculpa, distraí-me. Estava apenas a…

– Sim? – Jack ergueu o sobrolho de forma atrevida e ela percebeu que estavam ambos a imaginar precisamente o mesmo.

– Pensar – declarou ela, sorrindo com ironia. – Vem comigo. Vamos para a cama.

Na manhã seguinte, Jake levantou-se cedo para ir trabalhar. Marisa ficou a dormir e não o viu ao pequeno-almoço. Desceu com passos leves ao piso de baixo e pôs uma cápsula na máquina de café, que gorgolejou e expeliu um café curto. A luz era filtrada pelas janelas de correr e no relvado lá fora duas pegas andavam pomposamente à volta uma da outra e davam bicadas na relva com movimentos ansiosos, como se soubessem que estavam a ser observadas. Marisa lembrou-se da primeira vez que viera ver a casa e da ave que entrara a voar.

Veio-lhe também à memória uma cantiga infantil sobre pegas: «uma para a tristeza, duas para a alegria». Era um sinal, disse a si mesma. Talvez já estivesse grávida, a semente luminosa a ganhar raiz no seu ventre. Durante muito tempo depois da partida da mãe, Marisa pensara que não queria ter filhos. Sentia-se tão sozinha com o pai e tão confusa com a natureza imprevisível da rotina doméstica dele que ia alimentando um ressentimento agudo contra a sua irmã Anna, culpando-a por tudo o que havia acontecido. Tudo correra bem até ao nascimento da bebé.

Uma vez, tentara falar com o pai sobre o assunto, porém, embora ele fosse um homem bondoso, que a amava à sua própria maneira, tinha ficado destroçado com o fim do casamento e andava de um lado para o outro da casa com um ar permanentemente distraído.

– Papá – disse ela na cama, certa vez, quando ele entrou no quarto para lhe dar um beijo de boa-noite. Trazia sobre o corpo um roupão de banho sujo, atado com um cordão colorido, e nos pés um par de meias vermelhas tricotadas que ela se lembrava de a mãe lhe deixar todos os Natais ao fundo da cama para os presentes.

– Sim, querida?

– A Anna fez com que a mamã se fosse embora?

O pai pareceu surpreendido e arregalou os olhos lacrimejantes.

– Que pergunta estranha – comentou ele, ao sentar-se na beira da cama, demasiado distante para que ela lhe pudesse tocar. – A Anna é apenas um bebé. Não conseguia levar a tua mãe a fazer nada que ela não quisesse fazer. – E depois, num tom de voz mais calmo e derrotado, acrescentou: – Ninguém conseguia.

Na verdade, Marisa queria uma resposta a uma pergunta completamente diferente, uma pergunta que tinha medo de fazer. Assentiu com a cabeça de uma forma que esperava ser idêntica à dos adultos.

– Eu compreendo, papá – declarou, apesar de não compreender.

O pai fez força sobre o colchão para se levantar. Ao vê-lo caminhar em direção à porta do quarto, Marisa sentiu um tardio acesso de coragem.

– Mas papá – disse ela.

O pai parou, com uma mão apoiada na maçaneta da porta, e esperou.

– Tens… tens… saudades delas?

Marisa sentiu um soluço a subir-lhe pela garganta e teve de se esforçar para o engolir.

– Tenho – respondeu ele, sem se virar. – E tu, tens?

– Sim.

Marisa pensou que o pai iria voltar para trás e confortá-la, porém, em vez disso, limitou-se a soltar um «hum» fundo, semelhante ao som que o sofá faria se nos sentássemos nele com força, e saiu do quarto. Alguns instantes depois, a luz do corredor apagou-se.

Ficou acordada durante muito tempo, sentindo no rosto as lágrimas, que pareciam deixar um rasto idêntico ao das lesmas, e prometeu a si mesma que nunca mais iria falar sobre aquele assunto. Fingiria não se importar e, desse modo, cresceria forte e despreocupada, sem que mais ninguém fosse capaz de a magoar.

Portanto, Marisa nunca pretendera ser mãe. Mas depois, em determinada altura dos seus vinte e poucos anos, sem qualquer razão explícita para uma mudança de intenções, percebera que ter o seu próprio bebé seria uma forma de reclamar o passado e de o tornar melhor. E isso tinha passado a ser algo que desejava realmente muito.

Nesse sentido, inscrevera-se em todo o tipo de aplicações de encontros amorosos, *websites* e fóruns. Definira a estratégia de procurar apenas pessoas que afirmavam abertamente o desejo sério de ter filhos. Até encontrar Jake, porém, só tinha tido desilusões.

Marisa bebeu o seu café, sentada numa das cadeiras com *design* escandinavo diante da longa mesa de jantar. As cadeiras tinham pernas pouco robustas e angulosas, mas eram mais confortáveis do que aparentavam. Acabou de beber o café curto e, revigorada pela cafeína, subiu para o estúdio. Tirou uma folha nova de papel para aguarela. Esquecera-se de se abastecer das de trezentos gramas,

pelo que se tinha dedicado, todas as manhãs, à laboriosa tarefa de estirar as folhas para as tintas do dia seguinte. Pegou no tabuleiro de plástico e subiu até à casa de banho contígua ao quarto principal, encheu-o alguns centímetros e segurou nele com cuidado quando voltou a descer as escadas para regressar ao estúdio.

Preparou a prancha de madeira na mesa de desenho e cortou o papel à medida. Pressionou a folha de papel até à base do tabuleiro de plástico e sentiu a água fria que lhe cobria os pulsos. Estirar o papel deste modo era moroso, mas Marisa gostava do processo meditativo inerente. Era uma tarefa que durava exatamente o tempo que devia durar. Não havia forma de o apressar.

Molhou a prancha com uma esponja e levantou a folha de papel por um dos cantos, permitindo que o excesso de água escorresse. Arqueou a folha, curvando a base ao baixá-la sobre a prancha. Depois, humedeceu a fita adesiva castanha e colou-a ao longo de cada extremidade, passando suavemente com os dedos sobre ela de modo a garantir que removia as bolhas de ar sem estragar a fita. Quando lhe pareceu que tudo estava bem, afastou o conjunto para um dos lados da mesa, onde deixaria a folha a secar durante a noite.

Voltou à cena em que tinha estado a trabalhar – a da princesa no alto de uma torre de blocos cinzentos, com o cabelo loiro a desenrolar-se até ao chão numa longa trança. Agitou o pincel no frasco de água, baixou a ponta sobre a tinta cor-de-rosa e começou pela expressão da princesa, convertendo-lhe a boca num «o» de surpresa e expectativa, enquanto esperava que o príncipe Moisés escalasse a torre e a salvasse. Marisa deu à princesa olhos azuis e bochechas com sardas. O príncipe era mais complicado e devia ser pintado com cabelo castanho encaracolado que tinha tufos espetados para todos os lados. Marisa mantinha uma foto de Moisés sobre a

secretária e tentava, tanto quando possível, tornar a aparência do príncipe numa versão idealizada dele. O Moisés da vida real era gorducho e exibia uma desafortunada sobremordida que Marisa foi atenuando na pintura, subtilmente melhorando os traços do menino e ficando muito satisfeita ao fazê-lo.

Foi quando estava a pintar o olho esquerdo, tornando-o ligeiramente menos bolboso e pasmado do que parecia na fotografia, que a campainha da porta tocou. Marisa endireitou-se, sobressaltada. A campainha nunca tinha tocado desde que se mudara para a casa. Ficou com os ombros tensos. Não gostava de ser interrompida a meio do processo criativo. Pôs-se a escutar com atenção, questionando-se sobre se quem quer que fosse se iria embora. Devem ser distribuidores de panfletos de instituições de caridade, pensou, ou Testemunhas de Jeová a tentarem a sua sorte ou… A campainha soou de novo.

– Foda-se – disse ela em voz alta, e deixou cair o pincel no frasco de água em que os veios de tinta castanha mancharam o líquido. O príncipe Moisés teria de esperar.

Desceu as escadas a correr nas sandálias que usava sempre quando estava a trabalhar: calçado germânico confortável com palmilhas moldadas que se adaptavam com precisão à planta do pé. A porta da frente tinha um óculo a três quartos da altura da estrutura de madeira. Marisa olhou através dele e pestanejou. Conseguia distinguir uma forma feminina, uma mulher mais velha com as costas viradas para si.

Abriu a porta.

– Sim? – disse ela.

A mulher virou-se. Era alta, elegante, com provavelmente cerca de sessenta anos. O rosto possuía o brilho delicado de cremes de pele

caros. Usava maquilhagem discreta: um toque de rímel, um pouco de *blush* e batom vermelho rosado. Ao longo das pálpebras, uma sombra bege brilhante.

– Deve ser a Marisa – afirmou a mulher, sem sorrir.

– Sim – disse Marisa, pela segunda vez.

– Sou a Annabelle, a mãe do Jake.

Estendeu a mão com tal graciosidade que quase pareceu a Marisa que usava luvas, apesar do tempo quente de verão. Marisa apertou-lhe a mão e sentiu a pressão dura e clara de um anel com sinete no dedo mindinho.

– Oh! É um prazer conhecê-la finalmente!

Marisa era uma exclamação ambulante. Annabelle avaliava-a friamente a partir do patamar de entrada.

– Não a esperava… – continuou Marisa, e tudo o que dizia parecia disparatado e desnecessário. Não continues a falar, disse a si mesma. Cala-te, simplesmente. – Estava nas redondezas ou… a que devemos… quero dizer, a que devo a honra?

O que a fazia falar daquela maneira? Percebeu que estava nervosa. Jake era muito chegado à mãe, mas era evasivo quando ela calhava em conversa.

– As coisas com a minha mãe são um pouco… – dissera-lhe num dos seus primeiros encontros. – Digamos apenas que ela tem um temperamento difícil.

– Como assim?

Jake hesitara.

– Tem dificuldade em ver as coisas a partir dos pontos de vista das outras pessoas.

Marisa não forçara mais o assunto. Vivia com Jake numa tal bolha que nunca sentira a necessidade de conhecer qualquer membro da

família dele. Além disso, tudo acontecera muito depressa.

– Vai convidar-me a entrar? – perguntou Annabelle. – Ficaria muito agradecida.

– Claro, claro. Desculpe. Distraí-me um pouco.

Marisa conduziu Annabelle para o interior da casa e fez um gesto na direção do corredor de azulejos.

– A cozinha é na cave – explicou ela.

Annabelle desceu as escadas com os ombros esticados para trás e um dedo no corrimão, como que verificando se tinha pó. Marisa seguiu-a e sentiu que as suas sandálias eram feias em comparação com as alpercatas chiques de Annabelle.

– Apaixonei-me simplesmente pelas características originais – disse Marisa, caindo numa tagarelice sem sentido para contrapor o silêncio incómodo. – As cornijas…

– Eu não as consideraria originais – interrompeu-a Annabelle, olhando para a rosácea no teto em redor do foco de luz. – Foram provavelmente acrescentadas mais tarde para conferirem um ar antigo. Suponho que um construtor preparou a casa inteira para a arrendar, não é verdade?

– Hum… eu não…

– É o que parece. O chão não é de madeira verdadeira.

Annabelle avançou mais para o interior da cozinha, na direção das portas de vidro que davam para o jardim, junto às quais se deteve e olhou para a parcela de relva.

– Precisa de ser regada. – Virou-se e avaliou o fogão. – Nossa Senhora, que coisa é aquela? – perguntou, apontando para o painel antissalpicos espelhado.

– É…

– Que ideia tão estranha, querer ver o nosso reflexo quando estamos a cozinhar.

Annabelle sorriu e, quando os lábios se separaram, revelaram os seus grandes dentes. Marisa lembrou-se do lobo vestido de avó do Capuchinho Vermelho num livro de histórias que tivera em criança.

– Sentamo-nos aqui? – Annabelle apontou para a mesa da cozinha, que parecia agora gasta e cheia de marcas de canecas. Sobre uma das extremidades, que Marisa não limpara bem depois do pequeno-almoço, estavam espalhadas migalhas de pão.

– Sim. Posso preparar-lhe uma chávena de…

– Café. Simples. – Annabelle sentou-se, soltando o xaile indiano estampado que trazia sobre os ombros. – Obrigada.

Embora Annabelle não gostasse dele, o painel antissalpicos espelhado dava a Marisa a oportunidade de avaliar a mulher que já considerava sua sogra. Sob o xaile, Annabelle trazia vestida uma camisa de linho branca, desabotoada para revelar uma pele bronzeada, semelhante a papel, bem como um grande colar de ouro ornado com pedras semipreciosas. As calças claras davam-lhe pelos tornozelos e estavam coçadas na bainha de uma forma que lhes conferia um aspeto moderno, ao invés de velho. O cabelo era loiro-branco, apanhado atrás num puxo mantido no lugar por um gancho castanho e laranja. De perfil, parecia uma bailarina a descansar: nariz saliente, queixo virado para cima, faces retesadas e um estado vigilante que sugeria uma mulher habituada a ser observada. Devia ter sido uma mulher muito atraente, pensou Marisa, embora existisse algo que a impedia de ser verdadeiramente bela, uma certa manifestação de desconforto ou retraimento que podíamos entrever na linhas de expressão entre as sobrancelhas ou na discernível pressão nos maxilares. Era como se Annabelle tivesse aprendido a

ser bela nas páginas de um livro, mas nunca lhe tivesse apanhado o jeito.

Marisa ocupou-se com a máquina de café, colocando uma chávena sob a saída.

– Gosta dessas coisas? – perguntou Annabelle a partir do lugar onde estava sentada.

– Refere-se à máquina…

– Sim.

– Na verdade, gosto. Torna tudo mais fácil. Não temos de limpar os grãos de café e…

– Nunca me pareceu que o sabor fosse tão bom.

– Ah – disse Marisa, sentindo-se como uma criança que acabara de levar uma bofetada.

– Desculpe – acrescentou Annabelle, talvez percebendo que fora demasiado brusca. – Estou certa de que será delicioso.

Foi tudo o que bastou para que Marisa fosse invadida por uma onda de esperança. Talvez tivesse entendido mal os sinais – tinha uma tendência para o fazer; para interpretar mal as pessoas e acreditar que a estavam a julgar – e talvez se fosse dar maravilhosamente bem com Annabelle. Imaginou Annabelle a dizer isso mesmo às suas amigas impressionadas: «Oh, adoro a minha nora. Damo-nos maravilhosamente bem.» Talvez precisassem apenas de se conhecer melhor, de aprender os caprichos e os encantos ocultos dos seus comportamentos individuais. Talvez, talvez, talvez.

– Aqui está.

Marisa pousou duas chávenas de café, cada uma num pires que eles raramente se davam ao trabalho de usar. As chávenas eram brancas com rebordos azuis. Jake comprara-as num ceramista na

Cornualha, segundo lhe contara quando ela tinha comentado a sua beleza. O azul fazia Marisa lembrar-se do mar e o branco era quase translúcido, como se olhássemos através de uma concha erguida na direção da luz do sol.

Annabelle bebeu um pouco do café, torcendo a boca ao fazê-lo. Parecia suster a respiração enquanto bebia.

– Obrigada.

Annabelle cruzou as pernas e recostou-se na cadeira, com as mãos vagamente entrelaçadas no colo.

– Portanto – disse ela –, conhecemo-nos finalmente.

– É verdade. – Marisa sorriu. – Estava ansiosa para que isso acontecesse.

Annabelle pareceu ligeiramente surpreendida.

– A sério? – perguntou com um esgar. – Não consigo imaginar porquê. Não vejo o Jake a ter qualquer razão para falar de mim.

– Oh… não… – Marisa afundou-se no silêncio. Não tinha nada a dizer a este respeito.

– Mas lá está, suponho que os filhos nunca dizem aos pais aquilo que lhes vai na cabeça. Não na totalidade.

Annabelle voltou a pousar a chávena no pires. Estava quase cheia. Deixou-a intocada e Marisa percebeu que, durante o resto do tempo que ali decidisse ficar, não iria beber mais café.

– É um bom jardim – disse Annabelle, distraidamente. – Então – continuou, apoiando um cotovelo na mesa e inclinando-se para a frente –, quando é que se mudaram?

– Há duas ou três semanas. Não, na verdade já foi há um mês.

Annabelle assentiu com a cabeça.

– Tem de me desculpar, mas sou um pouco antiquada nestas questões. Não aprovo por completo.

Era a vez de Marisa assentir.

– Viver em pecado, julgo que é isso que se costuma chamar – afirmou Marisa.

– Bom, não – disse Annabelle, espantada. – Não lhe chamaria isso. Não seria a expressão certa. É só que… no meu tempo, as coisas eram feitas de forma mais *tradicional*. – Enfatizou bastante a última palavra. – Estamos sempre a enfrentar desafios, não estamos? – Fitou Marisa com os seus olhos azuis seguros e astutos. – Mas se é o que a natureza pretendia, então é o que a natureza pretendia. De nada serve forçá-la. Devemos avançar ao ritmo que nos é ditado.

A respiração de Marisa tornou-se mais rápida. Era estranho sentir-se tão ofendida por alguém cuja boa opinião tanto desejava. Annabelle baixou a cabeça lentamente. O seu silêncio era mais enfurecedor do que o seu discurso. No lóbulo da orelha direita surgiu-lhe um brilho de ouro cravejado. O brinco custava provavelmente mais do que todo o conjunto de roupa de Marisa.

– Poderá parecer-lhe que estamos a avançar demasiado depressa – disse Marisa –, mas sentimo-nos bem assim, e é isso que importa, não é? – Annabelle permaneceu em silêncio. Marisa tossiu. – Espero que compreenda. – Não houve resposta. – Com o tempo, claro. Nós não queremos que se sinta pressionada.

– «Nós»? – Annabelle soltou uma gargalhada breve, semelhante a um latido. – É muito possessiva, não é?

Por que razão não deveria ser, pensou Marisa. Ele é o meu namorado, raios partam. Só porque és a mãe dele e nunca pensaste que alguma mulher seria suficientemente boa? Se te preocupasses tanto com ele, talvez não o devesses ter enviado para uma escola longe de casa quando tinha apenas sete anos, porra.

Marisa pensou tudo isto, mas não o disse. A fúria que sentia ficou-lhe alojada na carne como um pedaço de chumbo grosso. A boca converteu-se-lhe numa linha rebelde.

– Obrigada pelo café – disse Annabelle, afastando a chávena e o pires mais para o centro da mesa com tal força que entornou um pouco do líquido no tampo de madeira. Voltou a enrolar o xaile à volta dos ombros, largos como os dos nadadores, e levantou-se pesadamente. Marisa, ao observá-la, lembrou-se de uma ave gigante. Um pelicano, talvez, ou uma avestruz. Uma ave com olhos atentos, bico intrusivo e intenções algo maliciosas.

Seguiu Annabelle escadas acima e nenhuma delas falou. Junto à porta de entrada, Annabelle virou-se e voltou a dar um aperto de mão a Marisa.

– Foi um prazer conhecê-la – disse ela.

Ao longe, soou uma sirene.

– Igualmente – mentiu Marisa. – Espero vê-la em breve.

Annabelle tirou um par de óculos escuros da mala de mão e pô-los no rosto, fazendo os olhos desaparecer por detrás da armação oval envernizada com goma-laca.

– Oh, eu não contaria com isso – declarou ela, num tom de voz tão cordial como se tivesse estado a observar o tempo.

Annabelle desceu os degraus que davam para a rua e Marisa observou-a a ir embora: uma silhueta alta e branca. Parada junto à porta, Marisa sentiu um calafrio. Apesar de estar um dia quente, quando se virou para o corredor, reparou que tinha os braços arrepiados.

4

Durante vários dias, Marisa não contou a Jake sobre a visita da sua mãe. Convenceu-se a si mesma de que tal se devia ao facto de estar atarefado no trabalho e de ela não o querer incomodar. Dizia que estava cansada e ia para a cama antes de ele chegar a casa. Ouvia a porta da rua a fechar, os passos surdos de Jake no piso inferior e depois deixava-se adormecer com aqueles sons familiares. De manhã, esperava que ele saísse para o escritório antes de descer para tomar um café, comer uma torrada e começar a trabalhar, esticando o papel metodicamente para acalmar os pensamentos.

No entanto, não era a possível preocupação de Jake que impedia Marisa de referir o episódio. Era a sua própria humilhação. Marisa desejara muito causar boa impressão junto da família de Jake quando a conhecesse. Esperara que lhe fosse feito um convite em algum ponto do futuro próximo, talvez para um almoço de domingo na casa de campo ou para algum outro encontro familiar – um aniversário ou uma data comemorativa –, no qual pudesse usar um vestido bonito com a dose certa de folhos e decote, e insistiria em comprar um ramo de flores, ou talvez uma planta num vaso, porque duraria mais tempo, e questionaria Jake sobre o tipo de vinho de que os pais dele gostavam, e ele rir-se-ia e beijar-lhe-ia a testa com afeto, transmitindo-lhe que não precisava de se esforçar tanto.

– Vão adorar-te – garantiria ele. – Tenho a certeza.

E, quando chegassem ao almoço, a mãe dele abraçá-la-ia calorosamente e diria que tinham ouvido falar muito dela e Marisa oferecer-se-ia para ajudar com a comida, tecendo um elogio:

– Tem um cheiro delicioso, senhora Sturridge.

– Oh, por favor, chame-me Annabelle – diria a mãe de Jake, dando-lhe uma palmadinha cúmplice no braço, acrescentando que ela era convidada e que, por isso, não levantaria um dedo, devendo sentar-se e limitar-se a manter a sua bela figura. – Alguém lhe traga, por favor, um *gin* tónico – pediria Annabelle, com uma voz séria, mas piscando os olhos, levando o pai de Jake a fazer as honras e passar a Marisa um copo de vidro sem pé que chocalhava com a quantidade certa de gelo.

O pai de Jake baixaria a voz e dir-lhe-ia:

– És uma clara melhoria nesta casa.

– Pai – diria Jake, cruzando o olhar com o de Marisa e sorrindo com prazer. – Não comeces! Estás a envergonhá-la.

– Não, não – riria Marisa. – Não há problema. Estou a adorar tudo.

Era assim que era suposto acontecer. Era isso que ela ansiara: tornar-se indispensável tanto para Jake como para a família dele; sem falhas a apontar; sem nenhuma razão para a deixarem para trás.

– Não sei o que faríamos sem ti, Marisa – diriam os pais de Jake. – És a melhor coisa que aconteceu a esta família.

Não era assim que deveria ser? Não era esse o clímax narrativo adequado? Não deveria ser essa a redenção de Marisa, a circunstância em que ela repararia todos os males que lhe tinham sido infligidos, todas as coisas más que pudesse ter feito involuntariamente para levar a mãe e a irmã bebé a irem embora? Não era esse o final certo?

Aparentemente, não.

Portanto, só contou a Jake no fim de semana seguinte, quando os dois se encontravam no jardim. Jake, nu da cintura para cima, usava uns calções largos de ginásio. Gostava de fazer exercício físico aos sábados de manhã, com os ouvidos tapados por auscultadores que

tocavam um *hip-hop* zangado enquanto ele fazia agachamentos e flexões e se mantinha em prancha pelo menos durante um minuto, com o suor a escorrer pelo torso e deixando o tapete de ioga coberto de manchas húmidas. Marisa estava sentada no banco de jardim, com o rosto parcialmente obscurecido pela aba ampla de um chapéu de palha. Tinha a seu lado o livro que estava a ler, aberto com as páginas para baixo, a lombada dobrada de modo a que não perdesse o ponto onde estava na leitura. Era um dos campeões de vendas daquele verão, um livro que todas as pessoas pareciam conhecer mesmo antes de o lerem, mas Marisa não conseguia entrar nele. A capa era uma pintura modernista que representava a cabeça de uma mulher, sem olhos, nariz ou boca, pelo que a única forma de sabermos que se tratava de uma mulher era pelo cabelo: um corte de cabelo severo e curto, com uma franja sensivelmente pela altura de onde deveriam estar as orelhas. O cabelo de Marisa era comprido e de tons dourados: um castanho-claro que se tornava loiro-caramelo à luz do sol. Marisa gostava do seu cabelo e cuidava bem dele. Lavava-o com champô todos os dias, secava-o com uma tolha e aplicava-lhe condicionador, que distribuía bem com um pente antes de o retirar com água. Os últimos dias tinham sido tão soalheiros que a pele dela ficara bronzeada e o nariz com inúmeras sardas.

Marisa tirou o chapéu e ergueu o rosto para o calor. Fechou os olhos por um momento e pensou no que ainda tinha de pintar até ao final da semana de modo a cumprir o prazo relativo ao sexto aniversário de Moisés. Após alguns instantes, sentiu uma frescura sobre a face, abriu os olhos e viu Jake junto a ela, fazendo-lhe sombra. Tinha o corpo a reluzir devido ao suor e a respiração acelerada. Limpou o rosto com a parte de dentro da *T-shirt*.

– Soube-te bem? – perguntou ela.

– Sim. Estava a precisar.

Ver Jake a seguir a fazer exercício físico levou-a a lembrar-se dele logo após terem relações sexuais: a pele brilhante, os músculos tensos, o cheiro do corpo na sua forma mais pura.

Jake sentou-se no banco ao seu lado, mas deixou um espaço entre ambos. Marisa pegou no livro, fechou-o e pousou-o no colo, caso ele se quisesse aproximar, mas tal não aconteceu.

– A minha mãe disse que passou cá por casa.

– Ah, sim – disse Marisa, com o coração aos saltos. – Eu ia contar-te, mas…

– Não há problema, não tens de o fazer. Não é uma obrigação tua. Seja como for – continuou Jake, coçando o cabelo junto à têmpora direita de uma forma que ela adorava –, lamento se foi rude para ti.

Marisa não estava certa do que devia responder. Percebeu, porém, que Jake teria de ter falado com a mãe para saber que Annabelle a visitara. A mãe ligara-lhe, questionou-se Marisa, ou teria sido ao contrário? Ou, ainda mais preocupante, teriam almoçado juntos? Neste caso, o que teriam dito sobre ela? Marisa sabia que falariam sobre si e não imaginava Annabelle a ser afetuosa ou elogiosa. Teria Jake mudado de ideias?

Começou a sentir um pequeno pânico a percorrer-lhe o peito como um berlinde solto. Olhou para a parte de trás da casa, para as molduras das janelas pintadas de branco e para as telhas alinhadas e direitas. Quase conseguia ver a ponta da secretária no seu estúdio pelo canto do olho. Com uma inesperada intensidade, Marisa sentiu o quão frágil era tudo, a facilidade com que lhe poderia ser tirado. Disse a si mesma que precisava de redobrar os esforços para melhorar. Não daria nenhuma razão a Jake para terminar o relacionamento. Se tal viesse a acontecer, pensou ela com tristeza, ficaria destroçada.

– Foi rude para ti? – perguntou Jake.

Marisa tentou rir.

– Porque estás a perguntar isso?

– Eu só… eu sei que ela consegue ser… intimidante.

Marisa perguntou-se se não estaria perante uma espécie de armadilha. Era suposto que ela dissesse que Annabelle não tinha sido rude, mentindo de forma a não criticar a mãe dele? Algumas pessoas eram esquisitas em relação às suas próprias famílias. Queixavam-se delas e criticavam-nas com veemência, mas, se outra pessoa fizesse o mesmo, ficariam automaticamente ofendidas. Ou era suposto que reconhecesse o que acontecera, mostrando que estava do lado de Jake?

Marisa conformou-se com um meio-termo indeterminado.

– Sim. Quero dizer, não. Correu bem. É uma mulher que deixa uma impressão forte.

Jake soltou uma gargalhada.

– É um facto. – Pôs o gargalo da sua garrafa de água entre os lábios abertos e virou-a para beber. – Foi uma resposta muito diplomática, Marisa.

Olhou para ela com ternura.

– Ouve, ela tem direito às suas opiniões – disse Marisa. – Talvez só não fosse aquele o modo como eu gostava que o encontro tivesse corrido.

– Eu sei. A verdade é que ela é muito exigente quanto à forma como as coisas são feitas. É uma pessoa tradicional e, nunca lhe contes que eu disse isto, uma grande snobe. Nunca irá perceber como as coisas são connosco. E eu estou-me a borrifar para o facto de ela perceber ou não. Ela, ou melhor, os meus pais são irrelevantes para a situação. Para nós, quero dizer.

Limpou os olhos com a bainha da *T-shirt*.

– Esta – disse Jake, fazendo um gesto na direção da casa e de Marisa – é a família que eu escolhi.

– Obrigada – sussurrou ela. – Isso significa muito para mim.

Naquele momento, Marisa sentiu-se cheia de sorte, contente por estar com um homem que compreendia a segurança que ela desejava antes de ela própria a compreender. Se Marisa tivesse podido parar o tempo naquele instante, se pudesse ter detido os ponteiros no mostrador do seu relógio, tê-lo-ia feito. Estavam perfeitamente felizes naquele banco, ao sol, sentados um ao lado do outro com um livro por ler no colo dela e um ténue aroma a jasmim no ar.

Mas nada se mantinha perfeito para sempre, pois não? Era uma lição que Marisa havia aprendido na infância e que prometera a si mesma jamais esquecer, mas depois aparecera Jake e ela, estupidamente, deixara-se levar por uma fé infundada na possibilidade de tudo correr cada vez melhor. Deixara-se apaixonar.

Ao olhar para trás, Marisa veria esta interação no banco de jardim como o último momento de felicidade antes de tudo mudar. Antes de o pequeno mundo protegido dos dois sair dos seus eixos e os enviar, em rodopios, para a escuridão. Fora tão insensata quando acreditara naquele futuro comum. Porque a felicidade era passageira e Marisa iria descobri-lo quando a inquilina chegasse.

5

O trabalho de Jake, afinal de contas, estava a correr pior do que ele dera a entender. O negócio que ameaçara ruir acabou por colapsar, e estas foram as palavras que ele usou para explicar a situação a Marisa, como se a troca de vastas somas de dinheiro tivesse adquirido uma dimensão física.

Marisa não se conseguia lembrar de quando surgira pela primeira vez a ideia de um inquilino, mas, com o decorrer dos dias, tinha passado de uma discussão de «ses» a uma confirmação de «quandos», enraizando-se com firmeza na mente de Jake. Inicialmente, Marisa opusera-se. Odiava pensar num estranho ali em casa, a encher o frigorífico com comida que ela não reconhecia e a ver televisão nas noites em que eles gostariam de ter o seu próprio espaço. Mas não sentiu que poderia transmitir isso a Jake, que assegurara a caução da casa com dinheiro que ela não tinha e que continuava a pagar grande parte da renda mensal. Sabia que ele queria que Marisa se sentisse como uma parceira em pé de igualdade, mas não era isso que ela sentia. Sempre tivera consciência da precariedade da sua situação, como se fosse uma governanta da era vitoriana forçada a viver de expedientes, sobrevivendo à custa da caridade das pessoas ricas. O estúdio em que Marisa pintava tornava-se, nestes estados imaginários febris, uma espécie de quarto de arrumos no qual ela tinha de permanecer dobrada sobre si mesma, ocupando o menor espaço possível e criando o mínimo de incómodo para que Jake nunca tivesse uma razão para acabar com ela.

Em tempos, Jas dissera a Marisa que ela passava de um extremo ao outro com os homens de quem gostava.

– Ou és a maior das cabras e não lhes ligas nenhuma – comentara Jas – ou perdes-te completamente por eles.

– Não acho que isso seja verdade – protestara Marisa.

Encontravam-se a cuidar das unhas no salão de beleza do bairro dela da altura. Chamava-se Tip 2 Toe e as empregadas eram mulheres tailandesas que falavam umas com as outras, mas nunca com os clientes. Marisa recebia um tratamento aos pés. Jas arranjava as unhas das mãos, cada uma limada até ao ponto de parecer uma garra.

– Então e o Matt? – perguntou Jas, lembrando a última aventura de Marisa, com um cantautor que parecia nunca cantar ou escrever. – Ficaste descontrolada por causa dele.

– Foi um caso especial.

Matt revelara-se uma extrema e incontornável fonte de atração. Costumava enviar-lhe textos líricos que compusera e hiperligações para músicas que ouvira e o tinham feito lembrar-se dela. Marisa apaixonara-se e só mais tarde pensara em questionar o facto de «paixão» ser uma palavra que significava igualmente uma «perturbação do movimento desordenado do ânimo», como havia confirmado numa rápida pesquisa na internet, com a sua etimologia a remeter para a ação de suportar ou sofrer, e estando associada, na religião católica, ao «sofrimento ou ao martírio infligidos a Jesus Cristo ou aos santos martirizados», não tendo assim qualquer caráter romântico.

Durante as primeiras duas semanas, esta devoção tinha sido ardentemente recíproca, e depois Matt desaparecera durante vários dias, gerando nela espirais de ansiedade. Marisa não parara de lhe ligar e de lhe enviar mensagens no WhatsApp, sem resposta e sem serem lidas, até que, finalmente, após uma semana inteira de

silêncio, ele lhe respondera por mensagem de texto com um «Tudo bem?». Marisa tinha ficado tão contente por saber dele que se esquecera por completo do anterior acesso de tristeza tortuosa e insegurança, e começaram todo o ciclo de novo. Este período durou cinco meses, até Matt sair da vida dela sem uma única palavra de adeus e a bloquear no telemóvel.

– O que achas que me aconteceu com o Matt? – perguntara Marisa, enquanto a pedicure lhe esfregava os pés com uma lima retangular.

– Nunca foste tu própria perto dele. Deixaste que te tratasse mal.

– Não, não deixei.

No entanto, mais tarde, ao olhar para trás, percebeu que Jas estava certa. Marisa não interpretara bem a imprevisibilidade dele, tomando-a como paixão, e tinha atribuído a ansiedade que a invadia às borboletas que é suposto sentirmos no início do amor. E, por isso, continuara a tentar estratégias diferentes para manter o interesse dele. Se conseguisse precisar dele só um pouco menos, pensava, se conseguisse parar de fazer exigências ou ultimatos quando ele não prestava atenção a todas as outras formas através das quais ela tentava expressar os seus desejos, se conseguisse simplesmente eliminar este seu lado, e depois esta característica e mais aquela, de modo a não causar qualquer problema, *então* seria recompensada. Então seria digna da atenção total de Matt.

– Como queiras – havia dito Jas, levantando uma das mãos para examinar o brilho roxo no final de cada unha e virando-a de maneira a que o verniz captasse a luz. – Em todo o caso, o Matt era um idiota. Tudo o que estou a dizer é que precisas de ter mais confiança em ti mesma. Não precisas de fingir que és outra pessoa para fisgares um gajo. Podes tentar ser tu própria.

Ah, pois claro, Marisa tivera vontade de responder. Ser ela própria era a última coisa que queria.

Marisa concordou com a ideia do inquilino e tentou convencer-se de que tal iria aliviar a pressão sobre Jake e, assim, levá-lo-ia a estar mais presente para ela. O inquilino, segundo ele, iria ficar no quarto vago na extensão do sótão, que tinha a sua própria casa de banho. A rede *wi-fi* funcionava lá em cima, não havendo assim necessidade de uma televisão, já que as pessoas tendiam a vê-la nos seus portáteis, não era verdade? Jake sugeriu comprarem um micro-ondas, uma chaleira elétrica e um mini-frigorífico para que o inquilino fosse relativamente autossuficiente. Marisa concordou com tudo.

E, de repente, Kate começou a viver na casa deles. Kate que, tendo trinta e seis anos, era mais velha do que Marisa. Tinha um emprego no departamento de publicidade de uma produtora cinematográfica. Falava de forma clara. O rosto era alegre e alongado, o cabelo castanho, com uma franja rebelde que lhe caía imediatamente abaixo das sobrancelhas, tanto que, quando se encontraram pela primeira vez para perceberem se era a pessoa certa, Marisa notou que Kate estava sempre a soprá-la para longe dos olhos. Era pequena e ossuda, com o peito liso, e usava jardineiras de ganga e *T-shirts* que Marisa não conseguia evitar considerar inapropriadas para uma mulher da idade dela. Ainda assim, ficou aliviada com o facto de Kate não ser fisicamente apelativa para Jake, que sempre deixara claro que, para parceira, o seu ideal era uma mulher loira com curvas e covinhas, olhos claros e pele sedosa que ficasse com sardas à luz do sol. Ou seja, Marisa. Além disso, Kate tinha um escritório para onde ir, o que significava que passaria o dia fora de casa, permitindo que Marisa trabalhasse em paz.

– Valorizo muito o facto de estares a fazer isto por nós – declarou Jake a Marisa naquela noite. – A sério.

– Eu sei – disse ela.

Para variar, Jake decidira cozinhar e fizera um prato elaborado com pato e cerejas. Na opinião de Marisa, tinha condimentos a mais e o molho era demasiado espesso, mas não deixou de verbalizar onomatopeias de satisfação e de lhe dizer que estava fabuloso, e mais tarde, quando se foram deitar, ficou convencida de que tinham tomado a decisão certa.

Com o passar do tempo, Marisa foi sendo assaltada pela ideia extravagante de que Kate já visitara aquela casa, numa vida passada. Com efeito, ficava muito à vontade sem qualquer constrangimento. Deixava a escova de dentes ali mesmo na casa de banho contígua ao quarto principal, na prateleira junto à deles, ignorando o lavatório em perfeitas condições que tinha lá em cima. Guardava no armário da cozinha uma caneca com manchas castanhas no interior e a imagem de um cavalo estampada na parte da frente, acompanhada pela descrição «Cavalo Preto» em letras maiúsculas não serifadas. Largava as sapatilhas de corrida junto à porta da rua.

– Cuidado para não tropeçares nelas – dizia a Marisa, enquanto as fazia deslizar contra o rodapé todas as manhãs e arrastava bocados de terra seca pelo tapete.

Kate possuía uma confiança que Marisa sempre ambicionara e nunca percebera realmente. Dizia a si mesma que era uma coisa boa. Significava que as duas poderiam coexistir com eficiência sem terem de se tornar amigas. Poderiam manter uma relação profissional, distante e prática, e mais tarde, quando ela e Jake tivessem poupado dinheiro suficiente para já não precisarem de um inquilino, poderiam seguir em frente com as suas vidas. Marisa tentava lembrar-se

constantemente de que era uma situação temporária que acabaria em breve.

As semanas passaram. Marisa fez bons avanços nas suas encomendas. Já despachara o príncipe Moisés. Encontrava-se imersa num novo projeto para um par de gémeas chamadas Petra e Serena. Os pais tinham-lhe pedido que pintasse um conto de fadas com uma moral feminista, pelo que decidira tornar as gémeas princesas enérgicas que se vestiam como rapazes para provar que as raparigas poderiam governar o reino tão bem quanto os seus equivalentes masculinos. Chamou à história «As Raparigas que Governam o Mundo», com uma vénia a Beyoncé, e estava a gostar de desenhar o guião da aventura. O seu painel preferido representava as gémeas com camisas aos quadrados e chapéus de palha a mastigar palitos de fósforos, enquanto se faziam passar por dois rapazes do campo. O cabelo loiro e encaracolado de ambas encontrava-se firmemente atado na nuca.

– Achas que eles nos vão reconhecer? – perguntava uma à outra, com uma expressão nervosa no seu rosto de seis anos.

– Somos o Peter e o Stephen, tonta – responde a outra.

Ao esboçar os painéis, Marisa pensou por instantes na sua própria irmã, em todas as coisas de que sentira falta ao crescer, na companhia que teria adorado. Ainda se lembrava bem do quão sozinha se sentira. Em parte, era por isso que desejava tão desesperadamente ter um filho com Jake. Quando somos mães, nunca estamos verdadeiramente sozinhas.

Trabalhou sem parar durante algumas horas e depois a pressão nas costas forçou-a a levantar-se e estalar o pescoço, virando-o para um lado e para o outro. No dia anterior, reparara num papel afixado

na janela do quiosque de jornais do bairro que anunciava uma aula de ioga pré-natal às dez da manhã e, de forma espontânea, decidira participar nela.

Marisa lera algures que, para as mulheres que estavam a tentar engravidar, era bom interagir com grávidas. Aparentemente, as hormonas ficavam contagiadas, ou o corpo reagia às feromonas de gravidez, algo desse género – não tinha a certeza dos princípios científicos subjacentes.

Vestiu umas calças de fato de treino e uma velha *T-shirt*, enfiou uns chinelos nos pés e prendeu o cabelo na parte de trás da cabeça. Pôs o tapete de ioga ao ombro e saiu de casa, fechando a porta atrás de si. Não a trancou porque Kate ainda não tinha saído para trabalhar.

O estúdio de ioga tinha tetos altos e chão de tacos de madeira, sendo o antigo espaço de uma capela em desuso recentemente convertido. Algumas das janelas ainda exibiam vitrais com padrões de diamantes e Marisa parecia detetar no ar um ligeiro aroma a incenso. A mãe sempre a levara à igreja para a missa do galo na véspera de Natal. Só lá iam nessa ocasião e Marisa adorava o ritual porque lhe permitia ficar acordada até muito mais tarde. Gostava das canções, da sensação de comunhão e do facto de, no final, o vigário lhe apresentar uma caixa de chocolates *Quality Street*, convidando-a a escolher um, e ela tirava sempre o triângulo verde-prateado que sabia a avelãs e a algo que a mãe chamava «pralina».

– É a tua primeira vez aqui? – perguntou-lhe a professora de ioga, enquanto ela desenrolava o tapete na primeira fila.

– Sim.

– Ótimo. – A professora era uma mulher alta, muito bronzeada, e tinha uma tatuagem de números romanos que lhe cobria o antebraço

esquerdo. Usava calças de malha justas com estrelas estampadas e uma camisola de alças com a mensagem «Inspirar. Expirar. Repetir.» escrita na parte da frente. – E estás grávida há quanto tempo? Só para saber em termos de alterações.

– Ah – hesitou Marisa. Não pensara nesta questão. – É ainda muito recente. Seis semanas – deixou escapar de forma atabalhoada.

– Parabéns – disse a professora com um sorriso radiante. – Eu sou a Carys.

– Marisa.

– Belo nome – comentou Carys. – Sê bem-vinda, deusa.

Marisa examinou o rosto da professora para detetar sinais de que se tratava de uma piada, mas não encontrou nenhum. Pois que seja deusa então, pensou. Carys avançou para a parte da frente da sala e pediu a todas que se sentassem com as pernas cruzadas diante dos seus tapetes e que usassem quaisquer acessórios de que precisassem para ficarem confortáveis. As outras mulheres encontravam-se todas em diferentes fases de gravidez. Algumas delas tinham protuberâncias bem acondicionadas sob a cintura expandida das suas calças justas. Outras, em fases mais tardias, moviam os membros com um peso gracioso, como se estivessem a nadar na água densa de um pântano.

– Inspirem – disse Carys, e a voz dela adquiriu um tom performativo. – Expirem. E mais uma vez.

Carys ligou o telemóvel a um cabo junto ao peitoril da janela e o espaço foi inundando pelo dedilhar de cordas, pautado pelas batidas rítmicas de um tambor tribal. A música estava demasiado alta para que Marisa conseguisse ouvir Carys, mas todas as outras mulheres pareciam saber o que fazer através de um instinto coletivo não verbalizado, pelo que se esforçou ao máximo para as seguir,

agachando-se até ficar com os joelhos dobrados numa posição comum nas crianças. Sempre tivera dificuldades com o ioga, com a ideia de termos de estar no momento presente e de nos concentrarmos no que estamos a fazer, e não nas restantes pessoas. Marisa não conseguia evitar comparar-se com as outras mulheres que ali se encontravam. A que estava a seu lado, com o tapete demasiado perto do seu, era uma daquelas mulheres magras e radiantes cujo corpo não mudara muito desde a adolescência. Tinha ombros elegantes, ancas esguias e a barriga de grávida tinha proporções tão discretas como tudo o resto nela, de um modo que lhe acentuava a magreza, em vez de a disfarçar. É assim que eu quero parecer quando engravidar, pensou Marisa.

– Hoje de manhã, não acordei quando o meu despertador tocou – disse Carys. – E, portanto, atrasei-me um pouco para tudo. Saí de casa sem tomar o pequeno-almoço. Esqueci-me do meu guarda-chuva. O primeiro metro estava demasiado cheio para o apanhar. Já todas passámos por isso. – Carys riu-se suavemente. – E eu senti-me tão *desligada*, percebem? Desenraizada da Mãe Terra e, tipo, como se não estivesse na minha própria pele. Estava a ficar frustrada e ansiosa. E depois, iogues, lembrei-me do que digo todas as semanas. Fiz o que *aqui* costumo dizer. Fechei os olhos. Olhei para dentro. E encontrei a minha respiração. Porque a respiração é vida. E, estando vocês encarregadas de trazer novas vidas belas para este mundo, precisamos de libertar a nossa respiração mais do que nunca. Deixem-na fluir! Libertem-na!

No tapete, Marisa tentou libertar a respiração. A loira magra no tapete junto ao dela começou a fazer um som áspero que lhe surgia da parte de trás do esófago. Marisa decidiu emitir um som áspero ligeiramente mais alto apenas para provar que o conseguia fazer, mas

depois sentiu a garganta a contrair-se e apercebeu-se de que a sua competitividade era distintamente contrária ao espírito *zen*. Que se lixe, pensou.

Na parte da frente da sala, Carys continuava a dissertar.

– Como os professores nos ensinam – disse ela, antes de proferir algo que parecia soar a sânscrito, com pronúncia de Chelmsford: – *Sarva karyeshu sarvada.* Libertai a nossa compreensão de obstáculos.

Libertai as minhas aulas de ioga da Carys, pensou Marisa. Já estava a transpirar e ainda nem sequer tinham realmente começado. Seguiu-se uma hora de inclinações laterais e suaves posições de pavão. O volume da música aumentou e depois baixou de novo para a posição final de descanso, um momento em que Carys se lançou numa meândrica indagação sobre a natureza da criação:

– O que *significa* criar, ser fértil, abrir o nosso coração às maravilhas do universo?

Quando Carys terminou, Marisa enrolou o tapete. A mulher loira ao lado olhou para ela e sorriu.

– És nova?

– Sim – respondeu Marisa, soltando o seu rabo de cavalo e deixando o cabelo cair sobre os ombros.

– Bem me parecia que não te tinha visto antes. Ela é muito boa, não é? Tão sintonizada.

Marisa olhou para Carys, que estava a conversar com uma futura mãe pesadamente grávida e assentia com veemência enquanto mantinha as mãos apertadas em forma de oração sobre o peito.

– Hum – respondeu Marisa, sabendo que nunca mais voltaria a esta aula. Tinha de haver formas mais fáceis de estimular as hormonas da gravidez, pensou ela.

– Sinto-me sempre muito melhor depois de aqui vir. Em que ponto já estás?

Marisa não se lembrava do que dissera a Carys e, por isso, tentou fugir à questão.

– Ah, ainda no princípio – atalhou ela, sem desenvolver mais.

A mulher arqueou as sobrancelhas, mas, perante o prolongamento do silêncio, disse:

– Bom, boa sorte. Até para a semana.

– Até qualquer dia – murmurou Marisa entre dentes, e depois virou-se para sair do estúdio o mais rapidamente possível sem estabelecer contacto visual com Carys. Foi só quando chegou ao fundo da sala, prestes a abrir a porta da rua, que reparou numa forma familiar pelo canto do olho direito.

Precisou de um instante para se focar. Cabelo escuro. Franja. Calças de harém e – por incrível que parecesse – um *top* de estilo olímpico com o logótipo de uma marca de roupas caras que misturavam a vertente atlética e a de lazer. E, quando tudo se encaixou numa forma humana, até Marisa teve de abrir e fechar os olhos para se assegurar de que era realmente ela. A inquilina.

– Kate – disse Marisa, espantada com a presença dela ali. Sentiu-se como se Kate a tivesse espiado e percebeu que ela teria sido capaz de a observar durante toda a aula a partir do lugar onde estava, no fundo da sala. Certamente não estaria grávida, ou estaria? E, de súbito, Marisa lembrou-se de que também não estava grávida e que não a podia questionar a esse respeito sem enfrentar ela própria perguntas desconfortáveis. – Não te vi aí.

Kate dirigiu-lhe um sorriso rasgado, revelando o dente da frente ligeiramente torto.

– Estava na parte de trás! – disse ela. – Estou a trabalhar a partir de casa hoje e, portanto, pensei em passar por aqui.

O tapete de ioga de Kate era um daqueles almofadados, bastante caros. Era mosqueado de cinzento com um padrão de folhas de palmeira e Kate tinha-o bem enrolado e pendurado ao ombro com uma alça roxa. Marisa reparou que as unhas dos pés de Kate estavam pintadas de um tom laranja brilhante e polido, ao contrário das dela, que exibiam lascas cor-de-rosa e precisavam claramente de uma pedicure.

– Gostaste da aula? – perguntou Marisa, colocando uma certa ênfase no verbo.

– Gostei! Vi-te vir para aqui e pensei que me podia juntar na parte de trás. Pensei que poderia ser uma coisa boa para fazermos juntas, sabes?

A postura de Kate era relaxada e tranquila, como se fosse absolutamente normal seguir a nossa senhoria desde casa até uma aula de ioga para grávidas sem explicação. Kate olhava para Marisa com franqueza, como se esperasse que ela se mostrasse grata. Marisa, porém, ficou estupefacta com tal descaramento.

– Mas a verdade é que não o fizemos.

– O quê? – perguntou Kate, segurando-lhe a porta.

– Não fizemos a aula juntas. Tu escondeste-te no fundo da sala.

Kate soltou uma gargalhada.

– Não me estava a esconder! Só te queria dar o teu próprio espaço.

É uma forma estranha de o mostrares, pensou Marisa. Saíram as duas para a rua.

– Queres ir tomar um café? – perguntou Kate. – Seria ótimo poder conversar.

– Não, desculpa – respondeu Marisa, perturbada e depois aborrecida consigo mesma por ter ficado perturbada. – Tenho um prazo a cumprir. Coisas de trabalho.

– Ah, sim. A pintura! Como é que está a correr?

Marisa questionou-se sobre como se poderia livrar dela. Porquê todas aquelas perguntas? Estavam agora no passeio, de frente uma para a outra, Marisa com os braços cruzados na tentativa de criar uma espécie de fronteira física entre ambas.

– Está a correr bem, obrigada.

– Ainda bem. Gostas de trabalhar naquele espaço?

Kate estava apenas a tentar ser amigável. Não seria assim que Marisa agiria, mas devia esforçar-se para não a julgar. Acalmou a respiração como Carys a teria aconselhado. Inspirar. Expirar. Esvaziar a mente de pensamentos ansiosos.

– Sim. A luz é extraordinária.

– Fico muito contente.

Porque é que ficas muito contente?, pensou Marisa. Ora que merda, a casa é minha.

– Bom, é uma pena não poder aceitar o café, mas fica para a próxima.

Kate estendeu a mão para apertar o braço de Marisa.

– Estou tão contente por vivermos juntas.

Kate olhou para Marisa com tal intensidade que parecia encará-la fixamente e, embora estivesse a sorrir, o sorriso não lhe alcançava os olhos, que permaneciam escuros, estreitos e enviesados. Marisa puxou as mangas da sua camisola de forma a taparem-lhe as mãos.

– É melhor ir embora.

– Claro – disse Kate.

Enquanto se afastava, Marisa sabia, sem precisar de olhar, que Kate não se movera. Atravessou a estrada junto aos semáforos, virou à esquerda junto ao café que tinha um letreiro dourado na janela e, quando se virou para trás, Kate ainda lá estava.

Kate ergueu um braço e acenou-lhe.

– Vemo-nos em casa! – gritou ela do outro lado da rua.

De modo automático, Marisa levantou uma mão em resposta. Depois, acelerou o passo até chegar a casa e, quando a porta se fechou atrás dela, percebeu que tinha vindo a suster a respiração.

6

De volta ao seu estúdio no dia seguinte, Marisa não se conseguia concentrar. Olhava fixamente para a fotografia de Petra, uma das gémeas de seis anos, que afixara no quadro de cortiça sobre a sua mesa de desenho, tentando comunicar os traços dela para a ponta do pincel que tinha a postos numa das mãos sobre a folha de papel em branco. Petra era uma criança bonita – mais bonita do que a irmã, o que parecia injusto, tendo em conta que eram gémeas idênticas. Mas tais coisas não eram quantificáveis, como Marisa tinha aprendido. Não se tratava do facto físico da aparência de uma criança, mas da covinha num queixo ou da forma como ela franzia a testa ou ria, revelando pequenos dentes semelhantes a pedras preciosas.

A fotografia que tinha de Petra fora tirada durante um dia em família na praia. Petra vestia um fato de banho azul, com desenhos de bailarinas cor de laranja que faziam piruetas, e encontrava-se de costas voltadas para uma duna, pelo que devia estar virada para o mar. Estava vento e o cabelo ondulado e amarelo de Petra era por ele fustigado, com alguns fios finos a cairem-lhe sobre o rosto. Ficou a olhar diretamente para a câmara com uma firme intensidade. A maioria das crianças sorriria a pedido, pensou Marisa. Ou recusar-se-ia simplesmente a posar. Ou ficaria mal-humorada. Mas Petra não fez nada disso. Limitou-se a ficar ali, uma pessoa pequena, forte e calma, no meio do vento, da areia e do mar, à espera de que a fotografia fosse tirada.

Quando os pais de Petra lhe enviaram por *e-mail* as fotografias das gémeas, Marisa imprimira-as todas, como costumava fazer. Esta imagem em particular, porém, decidira ampliá-la para o dobro do tamanho original. Ficara encantada por ela – na verdade, pela

criança. Como seria sentir-se assim tão calmamente confiante em relação ao seu lugar no mundo? Sem ter de tentar fazer com que as pessoas a amassem?

Era difícil converter tudo isto numa série de pinceladas. Marisa conseguia transpor os atributos físicos – considerou a outra gémea, Serena, muito mais fácil de pintar –, mas sabia que havia algo em falta, uma sugestão vital do caráter de Petra que permanecia omissa, pelo que as pinturas continuavam sem profundidade e sem vida.

Marisa tentou com uma cor de pele diferente, adicionando um pouco de laranja ao rosa, e depois tentou representá-la com saias em vez de vestidos, e depois com calções em vez de saias, mas nada resultava. Estivera ali desde as seis da manhã, esgueirando-se da cama antes de Jake acordar e de Kate sair para o escritório. Mal dormira e os seus sonhos tinham sido dispersos e fragmentados. A certa altura, sentara-se direita na cama, convencida de que Kate estava curvada sobre ela a examinar-lhe o rosto de perto.

Não a queria ver naquela manhã, não depois da estranheza da aula de ioga. Contaria a Jake mais tarde o que tinha acontecido. Mas, entretanto, precisava de se concentrar no trabalho. A Contar Histórias não tinha encomendas em espera para os meses seguintes. O verão tendia sempre a ser mais calmo, antes da abundância anual relacionada com o Natal, e, embora Marisa soubesse como gerir tais variações, tendo por hábito pôr dinheiro de parte para fazer face a este período, tivera de usar as suas poupanças este ano para as despesas relacionadas com a mudança e, por isso, estava ansiosa perante a falta de um rendimento regular. Quando foram viver juntos, o salário de Jake era mais do que suficiente para a subsistência de ambos, mas agora as finanças eram mais precárias e qualquer saída tinha de ser cuidadosamente controlada. Nos últimos tempos, Jake

tinha estado mais tenso e distraído, menos afetuoso até do que o normal. E isso preocupava Marisa, embora dissesse a si mesma para não ser estúpida, recordando que ele a amava, que o amor dos dois era suficientemente forte para não precisar de garantias diárias de incentivo.

Sempre que reconhecia a gradual queda em câmara lenta no seu pânico habitual, Marisa tentava focar-se nas coisas como realmente eram. Contava os pontos positivos pelos dedos das mãos. Jake queria ter um filho com ela. Jake encorajara-a a descarregar no telefone uma aplicação através da qual ela poderia acompanhar o seu ciclo menstrual. Jake estava muito feliz por tê-la conhecido. Estavam a viver juntos. Eram estes os factos. E, subjacente a todos eles, havia uma outra verdade irrefutável que Marisa mantinha enterrada bem no interior de si mesma, arrancando-a da terra apenas quando precisava de a segurar e de lhe sentir o peso nas próprias mãos: Jake não era a mãe dela. Jake não a iria abandonar.

Quando tinha dezassete anos, Marisa fugira do colégio interno durante um fim de semana. Tinha escrito uma carta, falsificando a assinatura do pai, e informado a professora que dirigia o internato de que o pai fora diagnosticado com cancro da próstata e que queria que ela regressasse a casa durante esse fim de semana.

– Estamos a tentar manter uma atitude positiva – dissera ela à senhora Carnegie, a diretora do internato, quando fora chamada ao seu gabinete. – Fiz algumas pesquisas e penso que é muito normal nos homens da idade dele. As taxas de recuperação são boas.

Marisa ficara satisfeita consigo mesma pela forma como tinha adornado a história com estes detalhes. Decidira que a postura mais convincente seria a de uma coragem arduamente conquistada.

Derramar lágrimas teria sido excessivo, embora soubesse chorar a pedido. No entanto, com a senhora Carnegie, quisera dar a entender que tinha ficado chocada com a notícia, embora estivesse a enfrentá-la de forma prática e sem querer imaginar o pior cenário. A senhora Carnegie, uma mulher com um tipo de entusiasmo que costumava aborrecer a maioria das pessoas, mostrar-se-ia certamente empática.

– É isso mesmo, Marisa – afirmara ela de imediato. – É bom manter uma atitude positiva.

A senhora Carnegie tirou os óculos e deixou-os pendurados sobre o seu peito generoso numa corrente de plástico colorida.

– Virá alguém buscá-la? – perguntara ela.

– Bom, normalmente seria o meu pai – respondera Marisa. – Somos apenas nós os dois, como sabe, mas… – e aqui Marisa deixou que a voz lhe falhasse um pouco. – Ele não está realmente em condições e, por isso, vou apanhar o comboio.

– Muito bem, muito bem – assentira a senhora Carnegie, assinando a autorização.

O pai de Marisa, claro, estava bem de saúde. Nunca chegara a saber que lhe fora atribuída uma doença terminal e, antes de ele aparecer no colégio no final do período, aparentemente saudável, embora um pouco distraído, Marisa contara à diretora do internato que as suas preces tinham sido atendidas e que o pai tivera uma recuperação plena.

– No entanto, não gosta de falar sobre o assunto – acrescentara.

A senhora Carnegie tinha sorrido e pousado a mão no ombro de Marisa como sinal de apoio.

– É natural, querida. Não direi uma palavra.

Com a autorização da senhora Carnegie guardada no bolso do casaco, Marisa dispunha de um acesso mágico ao mundo exterior. O

colégio, um edifício neogótico com gárgulas e uma torre supostamente assombrada, tinha sido construído muito perto da estação de comboios da cidade, pelo que o trajeto a pé para apanhar o comboio com destino a Londres fora muito curto e, assim que encontrara um lugar para se sentar, Marisa despira o casaco e vestira um blusão de ganga que levava na mala. Enrolara o cós da saia do colégio quatro vezes até a bainha ficar alguns centímetros acima dos joelhos. Soltara a camisa branca e atara-a com um nó junto ao umbigo e depois desprendera o cabelo, sacudindo-o sobre os ombros. Tinha-se maquilhado na casa de banho do comboio e reaplicava o delineador de olhos quando a carruagem trepidou e a mão lhe fugiu para o rosto, deixando um borrão na parte superior de uma das faces.

Aprendera a maquilhar-se através da leitura de revistas para raparigas. Uma delas viera com um guia destacável sobre «Maquilhagem a Usar no Baile de Finalistas» e ela comprara ou roubara em lojas todos os produtos sugeridos. Entretanto, diante do espelho turvo do comboio, tinha passado nas pestanas duas camadas de rímel *Maybelline*: «As pestanas carregadas estão na moda!», informara-a a revista, de forma confiante. Aplicara, com leves pancadinhas, *blush* nas bochechas, sublinhando-o com um toque de pó bronzeador. Havia realçado os lábios com batom de brilho perolado e depois afastara-se ligeiramente do espelho para avaliar o seu reflexo. Ficara com uma aparência mais velha do que imaginara e o rosto parecia separado do resto do corpo, por momentos não o reconhecendo como seu. No entanto, à medida que se fora habituando a ele, começara a sorrir. Concluíra que tinha um aspeto sensual e desarranjado. Um pouco como Britney Spears naquele

vídeo ou uma velha fotografia de Brigitte Bardot que o pai lhe tinha mostrado em tempos.

Quando o comboio chegou à estação de Paddington três horas depois, já a tarde ia a meio. Marisa tinha um plano cuidadosamente mapeado e sabia que precisaria de apanhar o metro da Circle Line desde Paddington até King's Cross, e depois mudar para a Northern Line na bifurcação de High Barnet. Sabia que havia duas ramificações para a Northern Line, pelo que teria de ter cuidado para apanhar a certa. Aparentemente, porém, seria sempre possível mudar em Camden Town caso fizesse a escolha errada. O destino dela era Kentish Town.

Alguns meses depois de a mãe ter partido, Marisa ouvira o pai a falar ao telefone com uma pessoa desconhecida. Era já uma hora avançada da noite e ela deveria estar a dormir, mas conseguira perceber pela forma como a voz baixa e preocupada do pai soava que o assunto em questão era importante. Na infância, tinha aprendido a sintonizar-se com grande precisão às gradações de cada conversa e tornara-se especialista em distinguir a importância do que não era dito entre os intervalos do que era.

– Não faço ideia – ouvira o pai dizer enquanto ela descia da cama e se curvava junto ao corrimão do piso de cima na sua camisa de dormir. Marisa ajoelhara-se silenciosamente para que as tábuas do chão não rangessem e pressionara o ouvido entre as madeiras envernizadas. – É como te disse, ela nunca deixou um endereço.

Existira um longo vazio enquanto a pessoa do outro lado da linha falava. Marisa tinha percebido, sem precisar de ouvir quaisquer outros detalhes, que falavam da sua mãe.

– Tens razão, é um comportamento de merda, completamente irresponsável. Mas o que poderia eu esperar, na verdade?

Nunca antes ouvira o pai dizer um palavrão. A forma como ele falava era pouco articulada. Parecia zangado. Marisa questionou-se sobre se ele não teria estado a beber *whisky*.

– Oh, não sei. Da última vez que tive notícias era em Kentish Town.

O nome abrira um buraco na mente de Marisa e aí se fechara para que ela o extraísse mais tarde e o analisasse em pormenor.

– Ah! Muito. Sim. Bom, muito. – Outro longo silêncio. – Muito bem, então. Sim. Obrigado por teres ligado. Desculpa se fui lamechas, é que… – Marisa começara a andar em bicos de pés de regresso à cama, ciente de que a chamada estava prestes a acabar e o pai provavelmente subiria para verificar se ela estava bem. – A Marisa? – Parecera algo surpreendido com a pergunta. – Oh, está bem, bem. Mostrou-se muito forte. Não tem dado problemas.

Naquela altura, tinha-se sentido orgulhosa por não gerar problemas. Só anos mais tarde viria a tomar consciência de que deveria ter causado uns quantos.

Marisa chegou ao metro de Kentish Town pouco depois das quatro da tarde. Era outono e o final do dia começava a aproximar-se, com a noite já a querer chegar ao céu. Foi só quando chegou ao topo das escadas rolantes e passou o cartão *Oyster* no torniquete para sair que se apercebeu de que o seu plano acabava ali. Kentish Town era a soma total do seu conhecimento. Não tinham existido outras pistas quanto ao paradeiro da mãe nos anos de permeio, por mais conversas telefónicas que se tivesse esforçado por ouvir ou gavetas que tivesse revolvido em casa, esperando descobrir pedaços de papel com informações importantes e só encontrando velhas listas de compras ou clipes soltos ou chaves irreconhecíveis cujas fechaduras

a que haviam pertencido em tempos também tinham caído há muito no esquecimento.

Marisa imaginara Kentish Town como uma pequena vila rural, semelhante à que costumava ver nos episódios do *Carteiro Paulo*. Haveria um amplo espaço verde, um bar com vigas de madeira e pequenas casas de campo com treliças de rosas, e todas as pessoas saberiam o nome umas das outras, pelo que não lhe seria complicado encontrar a mãe. Seria, segundo pensara, apenas uma questão de esperar, manter os olhos abertos e talvez perguntar numa das lojas locais se conheciam a Harriet Grover.

Mas não havia espaço verde ou bar e nem sequer uma daquelas pequenas casas. Quando emergiu do metro, deu por si num passeio enegrecido com fuligem, junto à azáfama do trânsito, separado dela apenas por uma fina grade de proteção cinzenta. Um homem num tabardo vermelho que se encontrava a vender a *Big Issue* inclinou-se para a frente, lançou o braço na direção de Marisa e deixou-lhe na mão uma cópia da revista, antes que ela se pudesse aperceber do que estava a acontecer.

– Não, não, obrigada – agradeceu, devolvendo a revista.

– Então, põe-te a andar – disse o homem, virando-lhe as costas.

Um autocarro passou a chiar, arrotando gases de escape. Marisa sentiu a forte sensação de não pertencer ali, a rudeza propositada de todas as pessoas que se lhe atravessavam no caminho e que, ao contrário dela, sabiam para onde iam. Uma mulher num fato para senhora. Um homem com um cão pequeno preso por uma trela. Uma rapariga que empurrava um carrinho com uma boneca de olhos de vidro, puxado pelas mãos da mãe para andarem mais depressa. Um adolescente que gritava ao telemóvel – um *Nokia*, igual ao de Marisa –, transmitindo a alguém que não queria responder à merda do

inquérito e pedindo o favor de pararem de o chatear com o assunto. Todas estas pessoas se movimentavam num ritmo entre a caminhada e a corrida e Marisa reparava que olhavam para ela com impaciência por ficar especada sem saber o que fazer a seguir, como se estar perdida fosse uma extravagância; como se devesse ter tido, pelo menos, a bondade de fingir o contrário.

E, ainda assim, Marisa tinha fé. Uma sensação peculiar e ilógica de que, se andasse por ali um pouco, acabaria por ver a mãe. Tinham passado vários anos, mas sabia que a reconheceria imediatamente, que dobraria uma esquina e veria uma silhueta familiar, ombros pressionados para trás, cabelo irregular, um ligeiro peso em torno das ancas, e que seria ela. Seria capaz de detetar o cheiro da mãe, o rasto de baunilha e o toque do único cigarro *Silk Cut* que ela se permitia fumar por dia. O sabonete que usava, comprado em pacotes com padrões, o papel preso por um disco dourado que parecia uma medalha. Sim, pensou Marisa, reconheceria a mãe em qualquer lado.

Quanto a Anna, estava menos segura. Era mais difícil imaginar o tipo de criança de dez anos em que a irmã se teria transformado, mas provavelmente seria parecida com Marisa naquela idade. Tentou convencer-se de que tal faria sentido. Eram irmãs, mesmo estando separadas há tanto tempo. Marisa caminhou ao longo do passeio, deixando para trás a estação do metro, e a rua foi-se convertendo numa colina suave. Havia um bar na esquina e, quando olhou de relance para o interior através das janelas, pareceu-lhe confortável e convidativo, com as torneiras de cerveja a brilharem sob uma luz amanteigada. Embora tivesse apenas dezassete anos, Marisa já tinha estado muitas vezes em bares. Espantosamente, quem estudava no colégio interno beneficiava de uma liberdade considerável. Era-lhes permitido frequentar um bar na cidade, desde que bebessem apenas

bebidas não alcoólicas, uma regra quebrada tantas vezes que, na prática, acabou por deixar de ser uma regra. Aos fins de semana, Marisa e um grupo de amigas assinavam o registo de saída e diziam à senhora Carnegie que iam ao bar autorizado, porém, em vez disso, apanhavam o comboio para Worcester e apresentavam os seus bilhetes de identidade falsos aos porteiros da Cargo, uma discoteca rasca que, aos sábados à noite, passava música que o DJ apelidava de «clássicos de discoteca». Bebiam rum com *Coca-Cola* e dançavam. Marisa inclinava a cabeça para trás e para a frente ao ritmo da batida da música e dançava um pouco mais perto do rapaz por quem se sentisse atraída a dada altura. Sabia dançar bem e aprendera rapidamente alguns movimentos ao ver vídeos de música. Tinha consciência de que, embora não fosse a rapariga mais bonita do seu ano, a pista de dança era o seu elemento. Sob os clarões prismáticos de uma luz estroboscópica, com o estremecimento de uma linha de baixo a reverberar contra a sua caixa torácica, sabia que podia ter quem quisesse.

No bar de Kentish Town, ficou imediatamente nervosa. Havia apenas outros quatro clientes: dois homens sentados ao balcão e um casal numa mesa de mãos dadas, empurrando suavemente com os braços o saleiro e o pimenteiro para a beira da mesa. Marisa ficou mais tranquila com a presença do casal e manteve a cabeça erguida, esticando os ombros para trás da forma que aprendera numa aula de postura organizada pelo colégio para ajudar os alunos finalistas nas entrevistas de emprego.

– O que vai ser? – O empregado de bar olhou para ela com um sorriso.

– Rum e *Coca-Cola*, por favor.

Marisa observou o empregado de bar enquanto ele lhe preparava a bebida. Era mais novo do que lhe parecera quando o vira a partir da rua e conseguia distinguir os contornos das suas omoplatas sob a camisa aos quadrados. Tinha as mangas arregaçadas e os músculos dos antebraços sobressaíam sob a iluminação das luzes do teto.

– Aqui tem – disse ele, e apresentou-lhe um copo que parecia mais cheio do que devia.

– Obrigada. – Detetou uma entoação australiana na voz dele – Quanto é?

O empregado de bar lançou sobre o ombro direito uma toalha que tinha usado para limpar o balcão.

– É por conta da casa.

– O quê? Mas…

– É uma oferta de meio da semana. A primeira bebida é gratuita – disse ele, e piscou-lhe o olho, deixando-a corada.

Marisa sentou-se a uma mesa perto das casas de banho porque sabia que mais ninguém a iria incomodar ali, na parte menos desejável do bar, e ela queria estar sozinha. Bebeu um pouco da sua bebida, sentindo o ardor do álcool e o avanço do gosto adocicado da *Coca-Cola* na parte de trás da língua, até a bebida perder por inteiro o sabor do rum. Deu um gole. Depois outro. Num ápice, metade da bebida desapareceu e Marisa começou a sentir a névoa inicial da leveza de espírito por que ansiava. Pegou no telefone e, sem entusiasmo, pôs-se a jogar Snake. Só precisava de ficar ali sentada mais alguns minutos e terminar a bebida para depois sair e procurar a mãe. Bebeu de um trago o resto do rum com *Coca-Cola*.

– Mais um?

O empregado de bar estava ao seu lado. Marisa sobressaltou-se com o som da voz dele.

– Oh, pensava que tinha de pedir ao balcão – disse ela, odiando de imediato o quão patético aquilo soava. Se fosse realmente uma adulta, saberia como se comportar, pensou Marisa. Mantém-te calma, pelo amor de Deus.

O empregado de bar piscou-lhe novamente o olho. Até então, Marisa nunca pensara que alguém realmente piscasse o olho a outra pessoa, a não ser que fossem atores em telenovelas ou personagens de maus romances de espiões. Mas este tipo não parava de o fazer.

– Para clientes especiais, saio da minha jaula.

A forma como disse «jaula» fê-la arrepiar-se. Depois, deu-lhe uma palmadinha nas costas.

– Estou a brincar. O que vai ser? Outro rum e cola, sim?

Marisa assentiu. Mais um não lhe faria mal. Poderia tomar apenas mais um, disse a si mesma, apenas para afastar o nervosismo, e então levantar-se-ia, sairia e tudo ficaria bem.

Mas o empregado de bar, que ela logo viria a saber que se chamava Kevin, continuou a trazer-lhe bebidas e Marisa não as recusou, temendo parecer indelicada. Foi ficando cada vez mais ansiosa com o facto de poder não ser capaz de pagar a conta, mas depois lembrou-se do cartão de crédito do pai, que este lhe dera para emergências e para pagar as aulas de condução, e descontraiu. Na verdade, após o quarto rum e cola, começou a sentir-se muito descontraída. Desatou a rir com algo que Kevin disse, algo que envolvia um cavalo com uma cara alongada que pedira uma bebida, e havia também uma avestruz na piada porque ele falara sobre uma ave com pernas até ao rabo, e Marisa achou tanta piada que não conseguiu parar de rir durante um minuto inteiro.

A determinada altura, o casal mais velho e os dois homens foram embora, apesar de Marisa não se conseguir lembrar de os ver sair, e

ficou só ela com Kevin, que puxara uma cadeira e estava agora sentado ao seu lado. Quando Marisa lhe perguntou se não devia estar a trabalhar, Kevin encolheu os ombros e disse:

– Seja como for, o meu turno está quase a acabar.

Nesse momento, Marisa reparou que Kevin trouxera a garrafa de rum com ele, ou talvez já ali estivesse desde o início, não se conseguia lembrar, mas ele continuou a encher-lhe o copo, até ter só rum e nada de *Coca-Cola*, e ela continuou a beber, não por estar ansiosa agora, mas por não estar e querer preservar a preciosa sensação de não ter de se preocupar com nada. Mais uma bebida e depois iria embora. Mais uma antes de pagar a conta e sair para fazer o que a trouxera ali e que era.. o que era exatamente? Havia algo importante… e ainda assim… porque não se conseguia lembrar? O motivo escapava-lhe, afastava-se do seu alcance como um colar pesado a espiralar até ao fundo do mar. Ah, sim, era isso. Estava ali para encontrar a mãe.

– Estou aqui para encontrar a minha mãe – disse ela a Kevin. E, quando as palavras lhe saíram da boca, soaram estranhamente alegres.

– O quê, querida?

Quando é que a começara a tratar por «querida»? Talvez fosse a primeira vez, embora lhe soasse familiar, como se já o tivesse feito, como se talvez ela se tivesse cruzado com ele numa vida passada, e não seria esquisito, não seria realmente esquisito se, no final contas, Kevin conhecesse a sua mãe e essa fosse a razão por que tinha sido conduzida até ali, àquele bar, que via agora que não era nem acolhedor nem seguro, mas sombrio e sujo, e a casa de banho, como comprovou quando precisou de ir lá, cheirava a urina rançosa e *Red*

Bull, mas ela não se importava. Era divertido. Estava a divertir-se. A divertir-se muito! Não estava?

Por mero hábito, Marisa verificou a sua imagem no espelho. Parecia algo desfocada, mas bem. Aplicou um pouco mais de brilho nos lábios porque essa nunca era uma má decisão e, quando voltou da casa de banho, viu que Kevin tinha o blusão de ganga dela esticado nas mãos, à espera de a ver enfiar os braços nas mangas, o que Marisa fez sem perguntar porquê, e Kevin conduziu-a então até à rua, que lhe parecia oscilar debaixo dos pés, tanto que, de súbito, teve dificuldade em manter o equilíbrio, algo que lhe pareceu ainda mais engraçado do que a piada de Kevin, que agora lhe viera à memória e, vendo bem as coisas, não tinha assim tanta piada, sendo mais sinistra do que engraçada, mas isso não importava, porque ele tinha sido muito simpático para ela quando lhe trouxera todas aquelas bebidas.

– Não paguei – afirmou, com as palavras a embaterem uma na outra como carrinhos de choque.

– Eu disse-te, querida. Por conta da casa. Agora vamos levar-te para casa.

– Tenho de encontrar a minha mãe.

Kevin riu-se.

– Certo, querida. Isto não irá demorar muito. Depois podes ir tentar encontrar quem quiseres. Combinado?

Marisa assentiu.

– Combinado – disse, porque confiava nele.

Kevin era australiano, tudo o indicava, como os rapazes da telenovela *Home and Away*, e usava camisa, e era agradável à vista quando virava a cabeça e ficava de perfil. Marisa sentiu o aperto do braço dele à volta do seu corpo e lembrou-se de uma jiboia, cujas

características aprendera nas aulas de biologia, um animal frio que se contraía e fletia com tal força que era capaz de fazer parar a corrente sanguínea e o coração de um rato.

– És uma serpente? – perguntou Marisa, e ergueu a cabeça para o encarar.

Reparou que ele transportava a sua mochila, onde havia guardado o telefone após a segunda ou a terceira bebida, e apercebeu-se então de que não tinha forma de comunicar a alguém onde estava. Na verdade, nem sabia onde estava porque era Kevin quem a guiava através de ruas escuras e desconhecidas, e já estavam a caminhar há dez ou quinze minutos, ou talvez há um par de horas, não sabia ao certo. E depois viu-o diante de uma porta a tirar um molho de chaves e reparou que Kevin tinha uma tatuagem de uma âncora na parte interior do pulso quando ele abriu a porta. E então deu por si num corredor enquanto ele acendia as luzes e a ajudava a subir um lanço de escadas, em direção a outra porta, que ele também acabaria por abrir, antes de lhe começar a tirar a roupa, incentivando-a a deitar-se na carpete. Os joelhos de Marisa cederam à pressão e Kevin afastou-lhe então as pernas com as mãos – deixando-as fisicamente muito separadas, como se fosse uma boneca – e, nesse momento, tentou resistir e dizer que não, mas era demasiado tarde e estava demasiado embriagada, e era demasiado jovem e, subitamente, sentia-se demasiado assustada. Kevin agigantou-se sobre ela, ficando tão perto que Marisa conseguia ler a etiqueta na parte de dentro do colarinho da camisa dele, e foi nisso que decidiu focar-se, naquelas duas palavras, «River Island», cosidas com linha branca num fundo preto, enquanto Kevin lhe prendia o braço direito e desapertava as calças de ganga com a mão livre. Marisa ficou

parada. Os seus músculos, traindo-a, tornaram-se submissos. Houve um segundo de absoluto silêncio e de absoluta quietude.

E, então, ele violou-a.

Depois de tudo acabar, depois de Marisa deixar o apartamento de Kevin na manhã seguinte, não podia contar a ninguém. Mentira no colégio para ter aquele tempo livre. O pai não estava a par dos seus planos e, em todo o caso, não eram suficientemente chegados para que pudesse desabafar com ele. Marisa censurou-se por ter passado a noite na casa de Kevin, mas não tivera outro sítio para onde ir. Posicionara-se na ponta do colchão de casal para que ele não lhe voltasse a tocar, mas não precisava de ter tido essa preocupação. Kevin perdera o interesse assim que saíra de cima dela. Ao ver as manchas de sangue na carpete, dissera:

– Foda-se, podias ter-me dito.

E Marisa ficara sem perceber se ele se referia ao facto de ela lhe dever ter contado que era virgem ou se assumira que se tratava do seu período.

Marisa levantara-se, sentindo os fluídos dele a escorrerem-lhe pela parte de dentro das suas coxas, e dirigira-se à casa de banho, onde se sentara na sanita, curvada, numa tentativa de travar a dor aguda e brutal que sentia na região inferior do abdómen. Marisa sabia que, no dia seguinte, lhe apareceriam nódoas negras. Ficava facilmente com hematomas, lembrara-se a si própria, ainda a tentar minimizar o sucedido, ainda a tentar convencer-se de que desejara que aquilo acontecesse.

Mais tarde – muito mais tarde –, Marisa viria a aprender que os sobreviventes de agressões sexuais costumavam falar de coisas que lhes tinham sido arrancadas – a dignidade; a virgindade, como no caso dela; e até mesmo a identidade –, mas Marisa sempre sentira o

contrário, como se algo indesejado tivesse entrado nela à força, algo semelhante a estilhaços, e todo o seu ser tivesse crescido à volta deles ao longo dos anos seguintes, arqueando os músculos e a pele até a cicatriz se tornar uma parte deformada de si mesma, uma parte que tinha simplesmente de suportar.

Marisa nunca contou a ninguém. Nunca falou sobre como não pregou olho naquela noite, sobre como chorou em silêncio até a luz cinzenta do dia se infiltrar no quarto, sobre como Kevin ressonou com uma aparente consciência tranquila – sendo esse o aspeto mais anormal e chocante de tudo – ou sobre como, quando se levantou para ir embora, teve tanto medo de o acordar que sentiu náuseas e quase vomitou, ou sobre como, quando se vestiu, sentiu que as suas roupas já não lhe pertenciam, parecendo antes pertencer a um ser estranho, a uma pessoa ainda tão desconhecedora da fealdade da vida que se deixara violar. A culpa, pensara Marisa naquela altura, era sua, não dele. Kevin atacara-a, mas ela tinha permitido que tal acontecesse.

Ao longo do tempo, Marisa foi revisitando o episódio sempre que, vez após vez, sentia os músculos indolentes. Nos seus pesadelos, era sempre a este ponto que regressava: a carpete áspera contra as costas, os maxilares rígidos, o corpo inteiro tenso e, de seguida, como o vento que deixa de enfunar uma vela – nada. É engolida pela vergonha.

Marisa nunca contou a Jake. Embora pensasse todos os dias naquele episódio, já não pensava nele de uma forma que as restantes pessoas pudessem compreender a não ser que tivessem passado por ele. Tudo mudara depois de ter sido violada e a única opção era aceitar a nova realidade por inteiro. Fora isso que fizera. E quando, a partir dos vinte anos, começou a sair com homens, fê-lo com uma

ferocidade de intenções. Estava determinada a tapar as fendas que Kevin deixara na sua alma com novas experiências íntimas. Isso significava que era difícil de compreender; um pouco intensa no primeiro encontro; uma pessoa complicada que não conseguia dominar o namoro *online* precisamente porque ele possuía uma simplicidade subjacente. Era tudo tão direto, pensava ela; tão confuso na sua perigosa inocência.

Marisa nunca encontrara a mãe. Contudo, em Jake, tinha encontrado alguém que a aceitava como era sem fazer demasiadas perguntas e, quando se apaixonara por ele, o sentimento não fora acompanhado por fogo de artifício ou por uma sensação no estômago semelhante à gerada pelas montanhas-russas. Não se sentira atingida por um raio. Sentira-se aliviada.

7

Kate estava a preparar o jantar. Insistira em cozinhar, argumentando que era o mínimo que podia fazer, pois tinham sido muito generosos com ela, e pedira a Marisa que lhe permitisse mostrar-lhes o seu apreço. O pedido tinha sido articulado com uma gargalhada, uma espécie de beicinho cómico e um tom brincalhão, meio sarcástico e irritante. Mal me conhece, enfureceu-se Marisa. Jake ficou encantado, sobretudo quando Kate disse que ia fazer macarrão com queijo, o prato que sabia ser o favorito dele.

Kate só podia ter conhecimento desta predileção por macarrão com queijo se Marisa ou Jake lha tivessem confidenciado. Marisa certamente não o fizera e, portanto, assumiu que devia ter sido Jake. Quando teriam tido a oportunidade de falar um com o outro? Marisa estava quase sempre em casa. Não lhe agradava a ideia de os dois terem conversas sem ela.

Por mais ridículo que pareça, Marisa sentiu-se possessiva em relação ao macarrão com queijo. Na sua cabeça, imaginou que dizia a Kate que o seu prato de massa não seria necessário e que o macarrão com queijo era um dos pratos especiais que ela própria fazia quando o *seu* namorado, de quem estava a tentar engravidar, precisava de ser animado, muito obrigada. Mas é claro que não disse nada e, de seguida, teve de suportar o espetáculo de Kate na cozinha – a *sua* cozinha –, a andar de um lado para o outro como se esta lhe pertencesse.

– Ora bem, onde é que o Jake deixou a paprica? – perguntou Kate, enquanto Marisa a observava a partir do sofá.

– Está no armário à direita do lava-loiça – respondeu Marisa, apenas para provar que sabia tão bem quanto Jake onde estavam os

condimentos.

– Oh, sim! Desculpa. – Kate olhou para ela de forma estranha. – Não percebi que estava a falar em voz alta.

Marisa fingia estar a ver o noticiário da noite. No ecrã, um político com o rosto corado e olhos estreitos era entrevistado sobre os seus planos de despesas relacionadas com o desenvolvimento internacional, enquanto o pivô, com uma gravata azul e verde, reagia com crescente incredulidade.

– Não estará certamente a falar a sério…? – perguntou o entrevistador, embora todos soubessem que o político *estava* a falar a sério e que não valia a pena começar uma pergunta desta forma a não ser que estivéssemos a tentar deliberadamente antagonizar alguém.

– Se me permitir falar… – respondeu o político.

Marisa pensava cada vez mais que era nisto que a política se tinha transformado: dois homens, demasiado interessados na pompa e circunstância das suas próprias vozes, a despejarem falácias retóricas até um deles ganhar um ponto espúrio que tinha uma ligação muito residual com a realidade diária das pessoas. Numa situação normal, Marisa teria desligado a televisão, no entanto queria ser capaz de ver o que Kate estava a fazer sem o tornar óbvio. Portanto, manteve-se a olhar para o ecrã, tentando abstrair-se da confusa troca argumentativa e desviar o seu foco de atenção discretamente para Kate, que se mostrava atarefada em redor do fogão e tirava uma quantidade desnecessária de tachos e panelas. Kate trauteava uma música, e era isso – o trautear – que Marisa considerava mais desagradável por razões que não conseguia explicar muito bem, nem mesmo a si própria.

Kate verteu água a ferver da chaleira para uma panela e misturou a paprica com algo que parecia uma gema de ovo numa tijela. Que raio está ela a fazer com paprica e uma gema de ovo?, questionou-se Marisa. Bom, pelo menos o macarrão com queijo dela não será tão bom quanto o meu se puser toda aquela porcaria.

Desde a aula de ioga, esta antipatia para com Kate foi crescendo nela, como uma bruma sobre uma maré que enchia, e agora não havia como lhe escapar. Além disso, estava prestes a ter o período, pelo que as suas hormonas a deixavam mais irritadiça e intolerante. Na cozinha, Kate revolveu o bolso e tirou um gancho. Marisa observou-a a prender o cabelo, curto e preto, numa pequena espiral entrelaçada sobre a cabeça, colocando o gancho no ponto mais alto e deixando alguns fios cabelos penderem sobre as suas bochechas vermelhas. Usava uma camisola Breton às riscas e calças de ganga à boca de sino que Marisa nunca conseguiria vestir sem parecer absurda ou desproporcionada. Mas as ancas estreitas de Kate e a sua figura arrapazada prestavam-se a roupas da moda. Marisa avaliou as suas próprias roupas: um vestido sem mangas, ocre e gasto, que havia comprado numas férias numa ilha grega e que era largo e confortável, estando cheio de manchas de tinta do trabalho da tarde. Não tinha maquilhagem porque passara o dia inteiro em casa. O cabelo estava preso com um pincel e precisava de ser lavado. Num dos pulsos, usava uma pulseira que nunca tirava e da qual pendiam ferraduras da sorte e bússolas em miniatura. A pulseira fora uma prenda que o pai lhe oferecera quando ela tinha feito dezoito anos e, embora Marisa já se tivesse ido embora naquela altura e pouco se esforçasse para se manter em contacto, o pai enviara-lha num envelope almofadado, desajeitadamente embrulhada em papel de seda, com um cartão escrito na sua familiar caligrafia bonita, dizendo

que a pulseira pertencera à mãe de Marisa e que esta teria querido que a filha mais velha ficasse com ela.

Em cada um dos lóbulos das orelhas, Kate tinha vários *piercings*, mas os brincos que usava eram delicadas argolas douradas, entrecortadas com minúsculos diamantes cintilantes, pelo que o efeito geral era suave e elegante. No pescoço, usava três fios de ouro polido e, no terceiro – o maior –, encontrava-se um medalhão volumoso cuja inscrição era um simples «K». Marisa questionou-se sobre o que Kate guardaria no interior. Paprica, provavelmente.

– Desculpa, disseste alguma coisa? – Kate olhou para ela e Marisa apercebeu-se de que a gargalhada que pensara ter existido apenas dentro de si, na realidade, se fizera ouvir.

– Não é nada. Foi só um comentário que este tipo fez – e acenou para o ecrã da televisão.

– Oh, meu Deus, ele é fodido da cabeça – disse Kate, lançando com descontração o palavrão na sala, que se ia enchendo de vapor e de um cheiro a queijo derretido.

Mais uma vez, não era que Marisa fosse particularmente puritana e não costumasse praguejar, porém, ainda assim, se fosse a nova inquilina da casa de outra pessoa, certamente não o faria com aquela falta de autoconsciência. Talvez estivesse a ser injusta. Talvez.

– O Jake deve chegar por volta das sete e meia – disse Marisa, ainda sentada no sofá.

– Sim, eu sei – declarou Kate, sem levantar a cabeça do fogão.

Por fim, às vinte para as oito, ouviram a chave na fechadura da porta da rua. Por essa altura, já Kate tinha deixado o macarrão com queijo no forno, posto a mesa com guardanapos e copos de vinho e enchido um jarro com água e folhas de hortelã colhidas nos vasos do jardim.

– Acho que dão um sabor mais fresco – explicou. – Não achas?

Marisa, que não tinha uma opinião formada em relação à hortelã na água, murmurou uma concordância evasiva.

– Cheguei! – gritou Jake no corredor.

Entrou na cozinha e dirigiu-se diretamente a Kate, parecendo não ver Marisa ao passar por ela.

– Oh, meu Deus, Kate, tem um cheiro fantástico – comentou ele, espreitando para dentro do forno.

– Nada de abrir a porta do forno antes de estar terminado, por favor – disse Kate. E, em modo de brincadeira, afastou-lhe a mão com uma palmada.

– Está bem, está bem, prometo.

– Olá – disse Marisa. Ao observar os dois, lado a lado, ficou com a sensação, bastante curiosa, de que era ela quem estava a mais.

– Oh, olá, Marisa. – Jake dirigiu-lhe um sorriso rasgado, levantando uma mão em forma de cumprimento.

Nem sequer se aproximou para a beijar. Marisa percebeu que, se não saísse da sala, ficaria envergonhada por ter começado a chorar. Avançou rapidamente para a porta, subiu as escadas à pressa e foi diretamente para o seu estúdio, fechando a porta atrás de si e encostando-se a ela. As lágrimas surgiram então, como tinha previsto, e não as limpou. Deixou-se dominar por um momento de autoindulgência piegas, sabendo que, na realidade, não havia razão para chorar, que o problema era o facto de estar desgastada, ansiosa e cansada. Tão cansada. Há dias que se sentia cansada e não se conseguia libertar daquele estado.

Bateram à porta.

– Marisa? – Era Jake, com um tom de voz preocupado e suplicante. – Estás bem?

– Sim, estou. A sério. Só preciso de um momento.

Houve um silêncio do outro lado da porta.

– Bem, se tens a certeza.

Marisa ouviu-o a respirar fundo e imaginou no rosto de Jake a expressão que conhecia tão bem: amor, preocupação e receio de ter estragado as coisas sem saber porquê. Em muitos aspetos, Jake ainda era o rapaz de sete anos que fora enviado para um colégio interno. Precisava tanto de amor como de atenção, pensou Marisa. E o mesmo se aplicava a ela. Era por isso que se revelavam perfeitos um para o outro.

– Não te preocupes, Jake. Não se passa nada. Daqui a pouco já desço, depois de ter… depois de… acabar… de responder a este *e-mail* – concluiu ela, de forma pouco convincente.

– Está bem. Vemo-nos lá em baixo. Sem pressas.

Ela ouviu os passos de Jake a retrocederem e deixou-se escorregar até ao chão. Estava tão cansada que a última coisa que lhe apetecia fazer era manter uma amável conversa de circunstância com Kate, que vestia aquela camisola Breton informal, elegante e bem escolhida. Pensou em dar a si mesma alguns minutos para se restabelecer. Caminhou até à casa de banho, lavou a cara com água fria e foi então que viu o teste de gravidez no seu estojo de higiene. Pensou no período, que já deveria ter chegado há alguns dias, e no facto de ter vindo a sentir-se tão cansada, e pensou também sobre como tinham vindo a tentar tão diligentemente que ela engravidasse, e ficou então espantada por ter demorado tanto tempo a perceber qual poderia ser a explicação.

Marisa sentou-se na sanita para urinar e, quando começou a esvaziar a bexiga, levou a ponta do teste de gravidez ao fluxo de urina. Depois de terminar, voltou a colocar a tampa de plástico cor-de-

rosa e pousou o teste na ponta do lavatório, deixando-o repousar aí durante o tempo previsto, e assim que o seu relógio lhe disse que estava na hora de verificar o resultado, olhou a medo para a abertura que revelava duas linhas – duas riscas verticais de tom vermelho-escuro, bem visíveis, que lhe transmitiam com incontestável certeza que estava grávida.

Marisa gritou de alegria e o grito foi tão sonoro que Jake subiu as escadas a correr. Desta vez, Marisa deixou-o entrar.

8

Depois de o entusiasmo inicial ter passado, Marisa começou a perceber que as primeiras semanas de gravidez eram fatigantes. Sentia-se esgotada, com uma lassidão que lhe percorria as veias e se alojava no fundo do estômago, onde gorgolejava e roncava em momentos inoportunos. Passou o primeiro trimestre numa constante falta de ligação, como se não habitasse realmente o seu corpo. As suas inclinações alimentares mudaram de um dia para o outro. Pensar em vegetais verdes fazia-a querer vomitar. Conseguia comer húmus, pão e outros alimentos de cor bege, mas ficava-se por aí. Não sentia a calma interior que previra ao ler todos os livros sobre bebés e revistas de saúde que falavam sobre o brilho da gravidez. Em vez disso, ficou dominada pela gestão da mesma: os folhetos que lhe começaram a aparecer na caixa do correio assim que informou o médico de família, os panfletos em letra *Comic Sans* que a aconselhavam a marcar aulas pré-natais e enalteciam os méritos da amamentação. Marisa foi a todas as consultas hospitalares necessárias, com Jake sentado a seu lado, cheio de entusiasmo. Voltou às aulas de ioga para grávidas e não deixou de ranger os dentes quando ouvia Carys falar sobre a Mãe Terra, as energias maternais e a deusa dentro de todas nós.

Em casa, passou muito tempo na cama ou reclinada no sofá. Via os programas televisivos diurnos e acabou por subscrever um serviço de internet que lhe permitia acompanhar os mais recentes *reality shows* dos Estados Unidos. Havia um, dedicado a seguir a vida da tripulação de cabina de um iate de luxo, que a deixou inexplicavelmente agarrada. Deu por si mesma a abrir o portátil ao pequeno-almoço para ficar a par dos últimos desenvolvimentos

românticos entre o marinheiro e a marinheira, ou da labuta árdua do chefe de cozinha depois de ter recebido uma folha de preferências que listava os requisitos dietéticos sem glúten do cliente oligarca que se seguia.

– Não sei como consegues ver isso! – disse, certa manhã, Kate.

Kate proferiu as palavras em tom de brincadeira, mas Marisa percebeu a crítica subjacente. Kate via o *Newsnight* e ouvia a Radio 4. Kate comia uma simples torrada de pão de centeio barrada com uma pequena camada de *Marmite* todas as manhãs antes de sair para o trabalho. Ao pequeno-almoço, Marisa só conseguia comer *croissants*. E preocupava-se, estupidamente, com a possibilidade de ganhar peso.

Marisa trabalhava um pouco todos os dias, mas as suas pinturas careciam de energia. Não parecia conseguir manejar os pincéis de forma a dar vida às crianças e ficava frustrada, rasgando mais folhas do que aquelas que guardava e atirando punhados de papel para o cesto do lixo.

Jake não conseguia compreender a indiferença de Marisa. Como de costume, saía para o trabalho e, quando voltava a casa à noite, trazia-lhe pequenos presentes: uma nectarina perfeitamente madura, por exemplo, que ela não quis, pelo que foi ele quem acabou por comê-la, enquanto Marisa observava o sumo que lhe escorria pelo queixo e se irritava com o facto de ele ser tão distraído e tão cheio de si na sua distração. Imaginem ser capaz de comer uma nectarina e nem sequer limpar o sumo! Uma colega de escola dela, de origem norte-americana, descrevera em tempos um tio obeso como sendo «palermóide» e era esta a palavra que lhe vinha à cabeça quando via Jake andar pesadamente pela casa, deixando um rasto de canecas por lavar em mesas de centro e bancadas, certo de que seria ela a

pô-las na máquina de lavar loiça. Jake estava habituado a ter pessoas que fizessem as coisas por ele, apercebeu-se Marisa. Pertencia àquele grupo de homens ingleses que nunca tinham tido a necessidade de se preocupar em aprender as regras porque eram eles que as criavam.

À noite, na cama, Marisa era invadida por uma aversão a si própria e pelos remorsos em relação aos seus pensamentos indelicados. Jake era encantador, lembrava-se ela. Era gentil. Era bom. Podia confiar nele. Além de a apoiar, estava entusiasmado e queria ter aquele bebé com ela. Por vezes, Marisa apanhava-o a olhá-la do outro lado da sala, com o rosto inundado de prazer.

– Parece-me que a tua barriga está um bocadinho mais saliente – declarou ele, uma manhã, enquanto bebiam café no jardim.

Marisa passara a tomar apenas um café por dia e a bebê-lo tão lentamente quanto podia para o fazer durar. O sol do final do verão começava a esgotar a sua derradeira luz pálida e as pedras do chão adquiriam o tom amarelo-esbranquiçado de uma peça de flanela outrora limpa.

Ela baixou os olhos para observar a barriga. Não conseguiu ver qualquer diferença, o que lhe reforçou a sensação de irrealidade. Como poderia estar a gerar uma pessoa no seu interior se não existiam indícios externos? Olhou de relance para Jake e conseguiu perceber que ele queria conferir existência a uma barriga de grávida. Estava ansioso, quase desesperado. Nunca fora bom a esperar. A impaciência, dissera-lhe ele uma vez, era o seu defeito mais óbvio. No banco, Marisa sorriu, pousou a chávena de café no chão e depois mudou de posição, subtilmente fazendo com que a barriga ficasse um pouco mais proeminente.

– Sim – mentiu ela. – Também me parece.

Jake inclinou-se para a frente e aproximou os lábios do umbigo de Marisa.

– Olá, meu pequenino – murmurou então. – Mal posso esperar para te ver.

Marisa olhou para baixo, para a cabeça de Jake, e seguiu a linha de cabelos curtos que formavam elegantemente um V na nuca. Conseguiu cheirar o seu aroma fresco a sabão e sentiu uma onda de amor por ele.

– Amo-te – disse Jake ao umbigo de Marisa.

– Também te amo – murmurou ela.

Portanto, tudo voltou a ficar bem e, quando Jake saiu para o escritório, Marisa sentiu um acesso de motivação e finalizou o conto das princesas por volta da hora de almoço, esquecendo-se de que estava grávida durante cinco horas seguidas. Parte dela estava preocupada com a possibilidade de as coisas mudarem depois de terem o bebé e de Jake não ter capacidade suficiente para a amar tanto quanto a amava naquela altura. Apercebeu-se de que a atormentava o cenário em que, ao dar-lhe a coisa que ele mais desejava, Jake já não visse utilidade nela.

– Estás a ser pateta – disse em voz alta, no estúdio onde não estava mais ninguém, e a segurança da sua própria voz reconfortou-a.

Lá em baixo, a porta da rua bateu com força. E depois, nitidamente, Marisa ouviu a voz de Kate.

– Está alguém em casa?

Marisa avançou até ao patamar das escadas, com o pincel ainda na mão.

– Kate – disse ela. – Não esperava que viesses a casa a esta hora.

No corredor, Kate deteve-se e a sua silhueta ficou recortada contra os azulejos. A partir de uma posição privilegiada no piso de cima, Marisa viu a outra mulher em perspetiva reduzida, na qual se salientava a cabeça demasiado grande para o corpo. Kate vestia um macacão às pintas, com as mangas arregaçadas para revelarem os seus pulsos finos. À volta da cintura delgada, bem apertado, trazia um cinto de couro com uma fivela dourada desproporcionada. Marisa nunca conseguira usar cintos. Não os entendia. Pareciam estranhos e deixavam-na insegura, como se tivesse feito um esforço para ser alguém que não era. Também jamais usaria roupa às pintas, cautelosa em relação aos padrões e à forma como lhe acentuavam as curvas, fazendo-a sentir-se tosca e rústica, quando queria ser feminina e leve, em piqueniques organizados de modo espontâneo em campos de flores silvestres. Como Kate, na verdade. Kate parecia vestida da maneira certa para um piquenique. Um piquenique da moda, claro, num jardim da zona leste de Londres, com amêndoas salgadas e cerveja artesanal.

– Não – respondeu Kate. Sacudiu o cabelo e a franja caiu torta sobre a sobrancelha esquerda. – Tenho uma reunião e queria vir trocar rapidamente de roupa. Estes – Kate apontou para os sapatos pretos brilhantes – não são próprios para andar depressa. Na verdade, não são próprios para andar, ponto final.

Nos pés de Kate, encontravam-se sapatos de salto alto com tiras e uma frente bicuda. Como não costumava usar calçado assim tão elegante, Marisa espantou-se por parecer tão chique.

– Fixe – disse Marisa, arrependendo-se imediatamente da escolha da palavra. – Estou no meio de uma coisa, portanto…

– Queres um café?

Kate ergueu a cabeça para a encarar, exibindo uma expressão algo suplicante.

– Oh, bem. – A pior parte de trabalhar em casa era nunca conseguir arranjar uma desculpa adequada. – Já tomei o meu único café do dia, portanto…

– Uma tisana então? – Houve uma pequena pausa. – Adoraria conversar. – Continuou Kate. – Mas, se estiveres ocupada, compreendo perfeitamente. Desculpa.

Começou a tirar os sapatos com movimentos abruptos, apoiando-se com a mão na parede para manter o equilíbrio, e Marisa conseguiu perceber que a deixara transtornada.

– Não, seria bom. Uma tisana. Vou só guardar isto. – Apontou para o pincel, que estava a gotejar uma água esverdeada para a palma da mão.

No rosto de Kate surgiu um sorriso rasgado.

– Ah, que bom! Vou ligar a chaleira.

De regresso ao estúdio, Marisa voltou a pôr o pincel no frasco de água, desatou o avental de pintura e pendurou-o no gancho atrás da porta. Era melhor despachar de uma vez aquela estúpida chávena de chá. Fingir apreciar a circunstância como desenvolvimento de laços femininos, sorrir, assentir com a cabeça e esperar que Kate se fosse embora mais depressa do que iria de outra forma.

Lá em baixo, Kate estava sentada no banco junto à ilha da cozinha. Tinha preparado uma cafeteira para ela própria e curvara-se sobre a superfície de mármore a folhear o suplemento de um jornal de domingo. Deixara a gabardina nas costas do sofá, com as mangas abertas como o contorno de um cadáver desenhado pela polícia. Estava a cantarolar.

Põe-te à vontade, que razão haveria para não o fazeres, pensou Marisa. Desde que engravidara, a sua irritação tinha vindo a tornar-se mais vincada, um ardor que subia por ela como seiva perante as coisas mais triviais. No dia anterior, enfurecera-se com um transeunte que havia atravessado a rua quando a luz do semáforo demorara demasiado tempo a ficar vermelha.

– Oh, olá – disse Kate, endireitando-se e afastando a revista. – Não sabia que chá querias.

– Pode ser de camomila. Eu faço.

– Não, não, eu trato disso.

Antes de Marisa a poder deter, antes de poder responder que se tratava da sua casa e que era perfeitamente capaz de preparar um chá, Kate pôs-se a andar pela cozinha, retirando um saco de chá do frasco, pegando numa caneca que se encontrava no armário da loiça e esperando que a chaleira fumegasse e desse um estalido. Marisa arrastou-se até um dos bancos, com os membros pesados. Observou Kate enquanto esta deitava a água na caneca, reparando na economia de cada ação, na agilidade de movimentos. Já havia notado que ela tinha um declive entre o ombro e a parte de cima do bíceps. Não era possível vê-lo naquele dia porque Kate usava mangas compridas, mas Marisa sabia que estava lá: o aspeto compacto dos músculos, a autoconfiança gerada por ele. Quando Kate batia palmas, não havia gordura a pender sob cada um dos braços. Não havia excesso de gordura nela. Parecia que tinha sido moldada a partir de barro castanho-claro.

– Aqui tens.

Kate passou-lhe uma caneca de chá e um pequeno pires com uma colher, no qual devia, aparentemente, colocar a saqueta de chá. Marisa nunca teria pensado naquilo. De forma propositada, deixou a

saqueta dentro da caneca, até a camomila cozer e adquirir um tom amarelo-escuro.

– Queres mel? – perguntou Kate.

– Não, obrigada.

– Então – começou Kate, inclinando-se para a frente e encarando-a. – Como é que te estás a sentir?

– Bem. – Marisa bebeu um pouco de chá, que lhe queimou a língua.

– Quero dizer, com a gravidez e tudo o resto. Como é que estão a correr as coisas? Quero saber *tudo*.

Marisa riu-se.

– A sério?

Mas o rosto de Kate manteve-se aberto e expectante. Era estranho, pensou Marisa, que Kate tivesse tanto interesse naquela gravidez. Tinham-se visto na obrigação de lhe contar a este respeito na noite do teste positivo porque Kate ficara à espera no piso de baixo, com o macarrão com queijo e a mesa posta para o seu jantar especial, tinha ouvido o grito e quisera saber o que havia acontecido. Quando lhe contaram, Kate ficara quase tão radiante como Jake. A dada altura, ficara com os olhos marejados e Marisa chegou a pensar que ela iria chorar.

Parecia haver o mesmo tipo de emoção agora, na cozinha, em torno das canecas que arrefeciam.

– Como é? – perguntou Kate. – Estar grávida, quero dizer.

Então Marisa sentiu pena dela. Ficou menos irritada. Devia ser muito triste observar uma mulher mais nova grávida e apaixonada, quando se tinha uma vida dominada pelo trabalho.

– É extraordinário – mentiu Marisa. – É tudo o que sempre quis. Em certa medida, sinto que é a razão por que aqui estou. Enquanto

mulher, quero dizer.

Kate piscou os olhos.

– Não que não se possa ser uma mulher verdadeira sem estar grávida – apressou-se a acrescentar. – Não era isso que queria dar a entender.

– Eu sei.

Kate sorriu, mas o sorriso não lhe subiu aos olhos.

– É estranho sentirmos que há um ser a crescer dentro do nosso corpo e que não temos qualquer controlo sobre ele. Sinto-me um pouco esquisita.

– Como se estivesses desligada de ti própria?

Kate inclinou a cafeteira para se servir de novo.

– Sim, exatamente – respondeu Marisa, surpreendida com a perspicácia da pergunta. Jake não conseguira entender de todo esta sensação.

– Deve ser um pouco assustador. É em ti que está a acontecer, mas ao mesmo tempo… imagino que… não seja em ti, será isso? Desculpa, expressei-me mal…

– Não, quero dizer, não me interpretes mal, estou a adorar – interrompeu Marisa. – Adoro saber que estou a trazer uma nova vida ao mundo e ver o quão feliz o Jake está.

– Eu também estou! – exclamou Kate, inclinando-se para a frente e apertando a mão de Marisa. – É tão especial.

Marisa pensou que era precisamente esta faceta que fazia com que fosse tão desconfortável estar com ela: Kate não distinguia os limites. Estava sempre a tentar imiscuir-se em situações com as quais nada tinha que ver, a impor uma intimidade que não existia e que precisava de ser conquistada. Havia um desespero naquela proximidade. Marisa não queria ser amiga dela.

Afastou a mão.

– Obrigada pelo chá – disse ela. – É melhor voltar…

– Sim, sim, claro. E eu preciso de ir para o trabalho. Eu arrumo a cozinha… podes subir.

Kate pegou nas canecas e levou-as para a máquina de lavar loiça. E Marisa poderá ter imaginado, mas quase podia jurar que vira os olhos de Kate repletos de lágrimas não confessadas. Não consigo lidar também com isto, pensou Marisa enquanto subia as escadas. As emoções de Kate eram um assunto só dela. Marisa sentou-se à secretária, pegou no pincel e tentou acalmar os pensamentos. Respirou fundo e regulou a expiração pela contagem de quatro segundos. No entanto, durante o resto da tarde, sentiu uma inquietação sombria, aninhada como um gato ao canto do estúdio, e não a conseguiu ignorar, por mais que tentasse.

9

Mais tarde, quando Jake regressou do trabalho, Marisa contou-lhe o episódio.

– E então a Kate apareceu a meio do dia quando eu estava no estúdio – declarou ela, enquanto Jake abria a mala: uma daquelas pretas, de tecido expansível, que continha o portátil, vários carregadores e, por vezes, roupas de ginástica húmidas, comprimidas numa bolsa separada.

– Oh, que bom.

Jake estava distraído e Marisa tinha de falar para as costas dele, vendo-o a andar de um lado para o outro, a tirar o casaco e a desapertar a gravata, antes de se afundar no sofá. Quase de imediato, começou a mexer no telemóvel.

– Sim, foi um pouco inesperado, na verdade. Deu cabo da minha concentração.

Jake olhou para ela, surpreendido.

– Lamento – disse ele, mantendo o telemóvel nas mãos, mas agora mais para baixo, com o ecrã negro.

Marisa fez um compasso de espera, acentuando o seu silêncio. Jake mudou de posição no sofá.

– Isso não devia acontecer – afirmou. – Esta é a tua casa. Devias poder trabalhar sem seres incomodada. Hei de falar com ela.

– Não o faças – disse Marisa. Não queria que Kate soubesse que tinham falado sobre ela. – É possível que esteja a exagerar. Com as hormonas e tudo isso… bom, talvez comece a perder a perspetiva.

– Sim. Como te estás a sentir, Marisa?

– Estou bem. Está tudo bem lá em baixo.

Olhou para a barriga, que ainda continuava lisa contra o cós das calças de fato de treino.

– Fico contente – disse Jake, voltando ao telefone.

Marisa percebeu que estava a perder a atenção dele. Jake começou a pressionar o ecrã, com os dedos a moverem-se numa fúria suave contra o vidro.

– Posso perguntar-te uma coisa?

– Mmm – disse Jake, sem levantar a cabeça.

– Sou só eu ou a Kate é um pouco… – Marisa procurou a palavra certa, uma que fosse exata e, ao mesmo tempo, não demasiado crítica, pois sabia que Jake odiava a maledicência e que, por isso, tinha de ter cuidado com o que dizia. – Carente?

Nesse momento, Jake pousou o telefone sobre as almofadas do sofá, encarou Marisa e cruzou os braços. Antes de responder, ficou parado e franziu ligeiramente o nariz.

– O que te leva a dizer isso?

Jake falou com uma voz fria e Marisa soube de imediato que tinha avaliado mal a situação. Em tempos, questionara-o sobre o que menos gostava no emprego e ele, sem ter de pensar muito, referira os «mexericos de escritório». Na altura, Marisa fizera uma nota mental para se lembrar de nunca lhe contar nada que pudesse ser englobado na mesma natureza de comentários.

– Algo que ela disse hoje – respondeu Marisa, tentando parecer calma e não sentenciosa. – Era como se estivesse a tentar entrar na minha cabeça. Perguntou-me uma série de coisas sobre a sensação de estar grávida e foi como…

– Sim? – A voz de Jake soava agora grave.

– Talvez tenha interpretado mal.

Marisa retrocedeu, remetendo-se ao silêncio.

– É provável – afirmou então Jake. – Como disseste, as hormonas têm efeitos muito estranhos.

Não foi bem isso que eu disse, pensou Marisa, mas limitou-se a assentir. A boca de Jake era uma linha achatada.

– Se lhe deres uma hipótese, tenho a certeza de que verás que a Kate é uma pessoa adorável. Está preocupada contigo, só isso. Estamos os dois.

A intimidade inerente a esta última frase atravessou-a como uma lâmina.

– O que queres dizer com «os dois»?

A raiva efervescia-lhe junto ao plexo solar.

– Não nos escapou – começou Jake, cuja linguagem se tornava mais formal quando estava transtornado ou zangado –, que te estás a comportar de uma maneira um pouco… – Parou e olhou para ela. Ficou com uma postura menos tensa. Aproximou-se de Marisa e afagou-lhe os ombros.

– Irracional? – perguntou ela.

– Não irracional, não diria isso.

– Acabaste de o dizer.

Jake riu e deu um passo atrás.

– Não, tu é que disseste. Eu disse *não* irracional – repetiu ele, enfatizando a partícula negativa –, mas talvez um pouco… errática. E estamos preocupados, só isso. Contigo e com o bebé.

Marisa assumiu uma atitude rígida.

– Estou perfeitamente bem.

– Ontem – continuou ele, parecendo não a ter ouvido –, vim cá abaixo e estava ao lume um fervedor de leite a transbordar.

– O quê?

– Um fervedor de leite…

– Não, eu ouvi-te. Simplesmente, não bebo leite. Por que razão haveria eu então de o ferver?

Era verdade. Marisa usava leite de amêndoa na sua mistura de flocos de cereais e frutos secos porque preferia o sabor. Era Kate quem comprava leite meio-gordo no supermercado.

– Certo, mas nem eu nem a Kate fervemos leite, portanto…

– Portanto devo ter sido eu? – A voz de Marisa era estridente.

– Não te quero transtornar – afirmou Jake, estendendo a mão com os dedos afastados, como se estivesse a tentar acalmar um animal selvagem. – Mas não foi só isso que aconteceu, pois não? – Olhou para ela. – Lembras-te de todo aquele desagrado com a música?

No fim de semana anterior, Marisa tinha tentado pintar, mas sem conseguir concentrar-se devido ao volume da música que vinha do piso de baixo. Fechara a porta e as janelas e acabara por enfiar nos ouvidos pedaços de papel de jornal enrolados como tampões improvisados, mas continuara a ouvir a música muito alta. Havia guitarras agudas e batidas graves que faziam o chão reverberar por baixo das suas sandálias. Ao atingir o seu limite, desceu as escadas e encontrou Kate e Jake na sala de estar. Jake estava encostado à cornija da lareira, rindo de algo que Kate tinha acabado de dizer, e Kate estava demasiado próxima dele, tão próxima que as suas cabeças quase se tocavam.

– Lembras-te desta? – Kate havia gritado por cima da música. – É um grande clássico.

Jake assentira com a cabeça ao ritmo da batida.

– Sim. Adoro-a.

Marisa tinha ficado espantada. Jake raramente ouvia música. Preferia ouvir *podcasts* e as notícias desportivas na rádio Five Live. Parecia que se estava a armar em bom para impressionar Kate, algo

que, na verdade, era patético. Mas a grande ira de Marisa havia ficado reservada para Kate, que começara a dançar pela sala com os braços no ar, como se estivesse num concerto.

– Olhem – dissera Marisa, dirigindo o seu comentário a Jake sem que este a ouvisse. – Estão a ouvir? – gritara.

Kate tinha parado abruptamente de dançar. Usava sabrinas com padrão de leopardo, calças de ganga justas e uma *T-shirt* com a mensagem *«Ciao Amour»* gravada em letras não serifadas na parte da frente.

– Ah, olá – dissera Kate, com um brilho nas bochechas.

Jake sorrira para Marisa junto à porta como se nada se passasse.

– Podem baixar a música? Estou a tentar trabalhar.

Dois pares de olhos fixaram-se nela, incapazes de a compreender.

– A música? – perguntou Kate.

– Sim.

Marisa havia olhado de relance, mas de modo claro, para Jake, tentando tornar percetível a sua frustração.

– Não está assim tão alta – comentara Kate.

Marisa arquejara. Como se atrevia ela?

– Está suficientemente alta para que tivesse de pôr tampões nos ouvidos.

– Está beeeem – dissera Jake, alongando as vogais desnecessariamente. – Desculpa lá.

Tinha-se aproximado da coluna de som e desligado a música.

– Obrigada – agradecera Marisa.

Kate mantivera-se na sua posição no meio da sala. Olhava para Marisa, quase sobressaltada, como se a estivesse a assustar, como se fosse ela quem estivesse a ser pouco razoável.

Ao sair, fechando a porta atrás de si, Marisa esperara um pouco e pusera-se à escuta junto à porta. Nada. No entanto, ao chegar às escadas, conseguira distinguir um riso feminino abafado e o «chiu» sussurrado por Jake. Depois, voltara a música, mas desta vez mais baixa.

– Lembras-te? – perguntou Jake. – Quando nos pediste para a baixar?

– Claro.

Jake franziu a testa, com uma expressão de profunda empatia, como se estivesse a tentar, realmente a *tentar*, ser compreensivo em relação às necessidades desta mulher grávida. Os seus olhos eram tão claros e azuis que pareciam irreais.

– Foi… desproporcionado, não te parece?

Marisa queria mandá-lo à merda. Em vez disso, virou-se de costas para ele, abafando a sua fúria.

– Desculpa – disse Jake. – Talvez tenha passado dos limites.

– Sim – devolveu Marisa, rígida da irritação. – Sim, passaste.

Jake respirou fundo e foi isso – aquela exalação audível cuja intenção era enfatizar a sua capacidade de ser infinitesimalmente paciente – que, por fim, a tirou do sério.

– Estás a tomar o partido da Kate, em vez de tomares o meu? É tão injusto! Eu disse-te que não fervi o leite. E a música estava realmente alta.

– Não estava.

– Estava, sim!

Marisa conseguia perceber o quão petulante soava, mas não conseguia parar. Sentiu a garganta apertada e, por um terrível momento, pensou que iria vomitar ali mesmo, na cozinha, para cima dos azulejos *Porcelanosa*, de tom bege de Málaga, impecáveis.

– Estão a unir-se contra mim!

– Não estamos.

Jake mantinha-se atrozmente calmo, o que a enfurecia ainda mais. Voltou a tentar alcançá-la, tocando-lhe com os dedos na manga da camisa.

– Desculpa – disse ele. – Não quero mesmo que sintas que nos estamos a unir contra ti. Vamos ter mais atenção no futuro.

– Podes parar de falar no plural? Vocês não são os meus pais.

– Ora aí está uma coisa que não somos de certeza – comentou Jake, rindo-se. Ficou novamente com os olhos bondosos, enrugados nos cantos. – Desde que estejas bem e tenhas tudo o que precisas… – continuou ele. – É-me difícil compreender o que é estar grávida. Nesse aspeto, sou apenas um tipo sem remédio.

Foi a vez de Marisa se rir.

– Não és nada. És um tipo muito bom.

– Não tenho a certeza disso.

A luz da cozinha começou a mudar. A extremidade do jardim da casa era contígua a um bloco de habitações municipais. No outro lado da cerca, existia uma torre alta e escura que albergava a escada de ligação entre uma série de apartamentos. As únicas janelas eram pequenas molduras de plástico com uma abertura oblíqua de apenas alguns centímetros, pelo que a torre tinha a aparência de um posto de controlo. Por vezes, Marisa imaginava homens a posicionarem os canos das suas armas através dessas janelas de vidro simples e a apontarem a mira diretamente para casa.

Marisa estremeceu.

– Tens frio? – perguntou Jake.

Marisa abanou a cabeça.

– Podes abraçar-me? – perguntou ela.

Jake arregalou os olhos e ficou com as faces coradas. Afinal, ainda conseguia embaraçá-lo, pensou Marisa, ainda tinha esse poder. Ele era tão tipicamente inglês, tão aprumado e decente e tão reprimido. Não lhe estava a pedir para se despir e a tomar sobre o balcão da cozinha, pois não? Passaram alguns segundos. Jake fingiu estar a ponderar seriamente o pedido. Era uma brincadeira entre ambos e, como todas as brincadeiras ou piadas partilhadas por um casal, nunca se revelava tão engraçada como parecera inicialmente.

– Claro – disse ele.

Marisa aninhou-se no peito de Jake, inalando-o, e ele cruzou os braços à volta das costas dela, segurando-a com força. Marisa fechou os olhos, deixando-se invadir por uma sensação de segurança. Encaixava nele na perfeição: o queixo de Jake ficava apoiado na cabeça dela como se os tamanhos de ambos tivessem sido especificamente concebidos para se complementarem.

– Vai ficar tudo bem – murmurou ele, e ela acreditou, abraçando-o pela cintura e deixando as mãos no fundo das costas dele. Marisa pressionou o corpo com mais força contra o de Jake e depois ouviu alguém tossir.

Jake afastou-se dela. Marisa ficou com alguns fios de cabelo presos no botão da camisa dele e gritou com o movimento brusco. Precisou de um momento para se aperceber do que estava a acontecer.

– Desculpem – disse uma voz que vinha da parte de trás do ombro esquerdo de Marisa. Era Kate.

Claro. Kate. Sempre presente.

– A Marisa estava apenas… – disse Jake, de forma atabalhoada. – Estava um pouco enervada e eu… – Passou com a mão pelo cabelo. – Estávamos abraçados. – Engoliu em seco, com a

protuberância da sua maçã de Adão a deslocar-se para baixo na garganta.

– Estou a ver que sim – declarou Kate.

Marisa soltou um risinho abafado. Não conseguiu evitá-lo. Jake ficava tão preocupado sem necessidade.

– Ele não é muito muito bom nas demonstrações públicas de afeto, pois não? – Marisa dirigiu a pergunta a Kate, decidindo generosamente incluí-la. E depois acrescentou: – Estava a pensar encomendar comida vietnamita para o jantar, caso te queiras juntar a nós.

– Claro – respondeu Kate, sem grande entusiasmo.

– Ótimo. Vou só terminar lá em cima e depois faço a encomenda.

Marisa virou-se para Jake e piscou-lhe o olho antes de sair. Jake desviou o olhar, tentando não sorrir. Ela sentiu-se como uma aluna desinibida, apanhada no ato por um professor reprovador. Não sabia, ainda assim, quanto tempo ali estivera Kate antes de a ouvirem tossir.

A ecografia das doze semanas. Apanharam um Uber para o hospital e, quando o ecografista lhe inseriu a sonda, uma imagem pixelizada a preto e branco apareceu no ecrã. Os contornos da imagem tinham o formato de um semicírculo delgado que deram a Marisa uma sensação de vertigem quando fixou o olhar neles. E ali, ao centro da curva monocromática, existia uma forma pouco nítida, cravejada na escuridão como uma estranha constelação. No ecrã, os pontos brancos pulsavam e piscavam e a mancha contraía-se como uma ameba.

– Ali está o batimento cardíaco – disse-lhes o ecografista.

Jake ficou hipnotizado e, enquanto olhava, a vista cobriu-se-lhe de lágrimas. Marisa não sentiu nada e ficou surpreendida e um pouco

assustada com o facto de não sentir nada. Queria ter as mesmas emoções de Jake, mas as células granulosas no ecrã hospitalar pareciam tão afastadas da ideia de um bebé vivo que respirava e gritava, tão distantes do que poderia estar a acontecer no seu útero, que não lhe permitiam colmatar esse fosso. Sabia que estava grávida, mas não o sentia. Quando se movia, era como se houvesse uma camada invisível de plástico bolha à sua volta e ela não se conseguisse mexer sem que existisse uma barreira entre si mesma e o resto do mundo.

O ecografista informou-os de que havia «grandes motivos para estarem felizes», e Jake disse «certo, certo», como se ainda estivesse em estado de choque.

– Estiveste muito bem – acrescentou ele, olhando com afeto para Marisa.

Mais uma vez, Marisa sentiu-se tratada com condescendência, mas mordeu o interior da bochecha e forçou um sorriso, sem que Jake parecesse ter notado. Conseguia ver a ideia de Jake enquanto pai a expandir-se até preencher todo o espaço disponível na mente dele. Deixava assim de existir espaço para ela. Marisa transformara-se num recetáculo. Era o seu maior receio: a possibilidade de, assim que tivessem o bebé, se tornar dispensável.

Finge que está tudo bem e tudo ficará bem, disse Marisa a si mesma. Desejou poder falar com Jas sobre aquilo, mas já não falavam havia muito tempo e a distância parecia intransponível. Marisa tinha insistido tanto na certeza de estar a tomar a decisão certa que admitir qualquer incerteza, por mais pequena que fosse, seria uma humilhação.

De regresso a casa, disse a Jake que estava cansada e foi-se deitar, enfiando-se debaixo do edredão sem tirar a roupa. Jake

perguntou-lhe se lhe poderia trazer alguma coisa, mas ela abanou a cabeça. No quarto, Marisa ouvia-o a cantarolar alegremente por entre dentes enquanto andava de um lado para o outro, com as tábuas da sala de estar a rangerem sob o seu peso. O som da presença de Jake acalmou-a e ela foi-se afundando no seu cansaço como se estivesse a entrar num lago frio e escuro. Depois, adormeceu.

Marisa sonhou com a obrigação de fazer uma viagem de avião. Sabia que não tinha reunido tudo aquilo de que precisava, mas não conseguia ter tempo de arrumar todos os seus pertences nas malas antes de o avião descolar. Ia perdendo voo atrás de voo e, de cada vez, sentia-se aliviada por ter passado o prazo, mas depois apercebia-se de que ainda tinha de apanhar um avião posterior e o tempo continuava a fugir e os seus pertences continuavam a proliferar, e via-se obrigada a escolher entre as coisas de que mais precisava e aquelas que estava disposta a perder para sempre.

Quase o conseguira fazer quando, no seu sonho, notou num par de botinhas de lã cor-de-rosa debaixo do canto de um tapete pesado. Levantou o tapete, libertou as botinhas, ergueu-as para a luz a fim de as ver melhor, percebeu com um baque que pertenciam à irmã, largou-as e depois fechou a mala, que já estava bastante cheia, sendo necessário forçar os fechos. Foi só quando finalmente entrou no avião e pôs o cinto de segurança que se sentiu assaltada pelo medo de as botinhas, afinal, não pertencerem à irmã, mas ao seu próprio bebé, de que se tinha esquecido com a pressa de arrumar tudo.

Marisa acordou sobressaltada e a arfar. A transpiração colara-lhe a parte de trás da *T-shirt* ao fundo das costas.

– Estou acordada, estou acordada – disse em voz alta.

Desviou o cabelo da testa e passou com os dedos sob os olhos para eliminar eventuais borrões de rímel. Lá fora, estava escuro. Não fechara os cortinados e, através da janela, a luz intermitente de um candeeiro de rua projetava retângulos estreitos no edredão. Destapada, começou a tremer.

Tirou um casaco de malha do roupeiro – um daqueles volumosos e largos com bolsos grandes – e apertou-o à volta do corpo. A sesta parecia não ter tido qualquer efeito discernível. Quando muito, estava ainda mais cansada do que quando se deitara. Tinha a garganta seca e ligeiros espasmos no estômago. Esticou-se, deitada de costas, e os espasmos desapareceram. Sentia-se fraca, mas não queria comer. Ainda assim, tinha de o fazer, caso contrário Jake ficaria preocupado.

– Precisas de energia adicional agora que estás a gerar um novo ser humano – tinha ele começado a dizer. – Precisamos de te alimentar!

Marisa não suportava a ideia de o ver a escrutiná-la durante o jantar, com um ar preocupado enquanto ela remexia os vegetais no prato. Deitada na cama, recapitulou um inventário mental de todos os alimentos que não a deixavam maldisposta. Todos os vegetais ficavam de fora. Os tomates também. Os abacates davam-lhe vontade de vomitar.

Cereais? Não tinha estômago para o leite.

Torradas? Demasiado secas. Pensar no mel repelia-a.

Acabou por escolher batata assada. Sem mais nada. Talvez apenas um pouco de húmus. Mas nenhuma manteiga. Nem queijo. Possivelmente, caso se atrevesse, algum sal.

Animada pelo pensamento, rolou até à ponta da cama e levantou-se. Sim, batata assada, pensou Marisa. Fá-la-ia sentir-se mais forte e mais ela própria. Usava uma *T-shirt* cinzenta gasta e as mesmas

calças de licra que tinha levado ao hospital. As calças eram velhas e confortáveis e a licra preta estava coçada nos joelhos. Não tomara banho naquele dia e um ligeiro odor metálico emanava dos seus sovacos, embora tivesse a certeza de que mais ninguém o conseguia detetar. O rosto tinha uma expressão indolente devido ao sono, mas não se deu ao trabalho de ver o próprio reflexo no espelho antes de descer as escadas. Tal abordagem descontraída em relação à sua aparência não era habitual em si. Nos primeiros dias com Jake, programara o alarme do telefone e pusera-o na vibração debaixo da almofada de modo a ser-lhe possível levantar-se meia hora antes dele para escovar os dentes e aplicar *blush*. Garantia assim que, quando Jake a visse, ela seria a versão mais bonita de si mesma.

Nos últimos tempos, vinha tendo pensamentos estranhos sobre o que poderia acontecer se lhe escorregasse a mão enquanto estivesse a enrolar as pestanas, visões esquisitas das pestanas a serem guilhotinadas pela pressão do metal. Pela mesma razão, não conseguia cortar as unhas. E se espetasse em si mesma a ponta afiada da tesoura? Como seria ferir as plantas dos pés e permitir que o sangue salpicasse os azulejos do chão da casa de banho? Estas imagens eram tão vívidas que quase a faziam desmaiar e, nesses momentos, tinha de se sentar e pôr a cabeça entre os joelhos.

Já há muito tempo que Marisa não tinha visões desta natureza. A última vez que acontecera… Na verdade, não queria pensar sobre isso. Recusava pensar sobre a espiral descendente, a sensação de ser engolida por areias movediças. Estava bem. Tinha Jake. Sentia-se feliz. Viviam numa casa perfeita. Iam ter um bebé.

Eram estas as coisas sólidas, os ganchos de claridade nos quais poderia pendurar a sua sensação de pavor. Eram factos bons e equilibrados. Eram tudo o que importava.

Marisa pensou que Jake se encontrava na sala de estar onde o havia deixado, mas quando espreitou lá para dentro, não o viu. Havia uma depressão na poltrona e um livro a meio na mesa de café, com a lombada dobrada, uma vez que Jake nunca usava marcadores. Marisa olhou para o título: *Rebecca*, de Daphne du Maurier. Era pouco provável que Jake lesse alguma coisa que não fosse um manual de negócios ou um jornal. Preferia a não ficção aos romances. Talvez o livro fosse de Kate.

Se Jake não estava ali, nem lá em cima com ela, então devia estar na cozinha. Marisa virou-se para as escadas que conduziam à cave. A sua mente ainda estava enevoada pelo sono, pelos persistentes resquícios do sonho, e não prestou muita atenção quando entrou na cozinha e ouviu um som farfalhante vindo do sofá. Por um instante, pensou na pega e perguntou-se se não teria entrado ali um pássaro novamente.

– Acho que vou fazer batata assada – anunciou, virando-se para a ilha onde imaginou que Jake estaria a preparar o jantar ou até, de modo diligente, a encher um copo de sumo de maçã por tê-la visto entrar.

Marisa pensou que ele teria sentido a sua falta. Jake quereria falar sobre a ecografia, partilhar o entusiasmo, sugerir nomes para a criança, debater as possíveis cores do quarto do bebé, decidir quando deveriam contar à mãe dele agora que haviam passado doze semanas, e Marisa preparou o rosto e a mente para esta eventualidade. Esforçou-se para não deixar que a exaustão ou as náuseas a dominassem e, no meio desse processo, acabou por focar a mente, notando que Jake não estava onde pensara que estaria e que o farfalhar vindo do sofá não era, na verdade, um pássaro errante, mas o som de duas pessoas juntas que se afastavam

rapidamente. Pelo canto do olho, viu duas sombras abraçadas num movimento de contração e separação, cada uma delas apartando-se da outra. Marisa pensou na ecografia, nas manchas pretas e brancas que se retraíam e depois expandiam.

– Merda – ouviu Kate murmurar.

Kate passou rapidamente para a ponta mais afastada do sofá, distanciando-se de Jake, que, reparou então Marisa, estivera sentado tão perto dela que as coxas de ambos tinham estado certamente em contacto.

– Ótimo – disse Jake, levantando-se e alisando o cabelo num movimento rápido. – Refiro-me à batata assada. – Tentou sorrir para ela e o peito de Marisa sofreu um aperto.

Com um zumbido a instalar-se-lhe nos ouvidos, Marisa sentiu-se como uma personagem de uns desenhos animados que costumava ver em criança: um coiote cujas pernas troavam enquanto ele corria e passava a extremidade de um penhasco, com a intensidade do movimento a garantir que ficava suspenso no ar durante vários segundos, até que a realidade o apanhava e ele caía no chão lá em baixo.

Dentro do peito, o coração de Marisa batia e saltava. Uma ligeira palpitação tomou-lhe conta da garganta, como se um espaço amplo se tivesse aberto no esófago.

Jake começou a ficar corado. O filho da mãe ficou mesmo corado. Vacilante, olhava para a direita e para a esquerda, incapaz de a encarar. Tinha a camisa fora das calças, com quatro botões desabotoados a partir de cima.

Kate, com o olhar esgazeado, cruzou entretanto as pernas no sofá a meia-luz. Fitava Marisa de uma forma que parecia um desafio. A luz era tão ténue que Marisa não conseguia distinguir os traços

particulares do rosto de Kate, apenas a centelha dos seus olhos escuros e os seus lábios, esborratados de cor-de-rosa, como se algo tivesse sido pressionado contra eles. Como se alguém a tivesse beijado.

Marisa, junto ao fogão, não se moveu. Questionou-se sobre se, na verdade, não estaria ainda a sonhar. Se esta situação não faria parte de um pesadelo. Ou se não seria uma daquelas visões violentas e surreais que tinham vindo a apanhá-la de surpresa nos últimos tempos. Em todo o caso, a resposta verdadeira – se houvesse, de facto, uma resposta verdadeira – ao que acontecera era demasiado avassaladora para que a pudesse digerir. Decidiu deixá-la para mais tarde. Lidaria com ela nessa altura. Para já, só desejava que as coisas fossem normais. Que fossem como eram antes de ter descido as escadas. Afinal de contas, não tinha visto nada. Imaginara simplesmente o pior. Sim, pensou Marisa, foi só isso que aconteceu. A imaginação fizera-a sair da realidade. Só isso.

– Sim – confirmou ela. – É a única coisa que me apetece comer.

Jake aproximou-se dela com o rosto radiante.

– Muito bem – disse Jake. – Então vais comer batata assada.

Kate continuou sentada no sofá. Marisa, como que respondendo ao desafio, fitou a inquilina e sorriu-lhe. Foi um sorriso letal. Kate desviou o olhar e, nesse preciso momento, Marisa percebeu tudo.

Vou destruir-te, pensou Marisa. Continuou a sorrir até Kate sair da cozinha.

10

Começou a segui-la. No início, foi quase como uma brincadeira. Marisa garantiu a si mesma que só o faria uma vez, com o intuito de apaziguar a mente, da mesma forma que, numa telenovela, se esperaria que uma mulher alvo de desprezo conjugal começasse a perseguir a suposta amante do marido. Marisa reconhecia o absurdo da situação, mas isso não a impediu de, no primeiro dia, enfiar um gorro na cabeça, quase até aos olhos, e usar um par de óculos e um casaco militar largo, comprados especificamente para este propósito numa loja de caridade. Sentiu-se envolvida pelo anonimato das suas novas roupas e, quando ao sair de casa olhou de relance para o espelho do corredor, ficou satisfeita com o que viu. Ao longe, seria difícil distinguir-lhe quaisquer traços característicos.

A partir do estúdio, ouviu o som dos passos de Kate e o estalido que a porta da rua fez quando a inquilina a fechou atrás de si. Jake, como sempre, tinha saído para trabalhar horas antes, pelo que não havia ninguém que lhe pudesse perguntar o que estava a fazer quando correu escadas abaixo até à rua. Marisa detetou Kate a duzentos metros de distância, num passo rápido em direção ao metro de Vauxhall. Esperou até que Kate chegasse ao fim da rua, virando à direita através do bloco de habitações municipais, e depois pôs-se em perseguição, num ritmo acelerado, mas não demasiado rápido. Seguiu-a ao longo da passagem pedestre na Fentiman Road e até ao Vauxhall Park, onde Kate atalhou pela relva. Havia obras no parque infantil e as escavadoras moviam-se pesadamente sobre o pavimento como dinossauros.

À saída do parque, Kate parou para verificar o sapato. Marisa, vários passos atrás, também se deteve. Puxou o gorro mais para

baixo sobre as orelhas. Estava ofegante. A excitação percorria-lhe o peito. Há semanas que não sentia tanta energia.

Entraram no mesmo metro, mas em carruagens diferentes. Marisa sentou-se perto do vidro para poder ver onde Kate iria sair. A janela estava aberta em cima e sentiu a brisa, ficando grata pela frescura sob o calor do gorro.

Após quatro paragens, Kate levantou-se e segurou-se a um varão quando o metro estremeceu ao entrar na plataforma da estação. Oxford Circus. Marisa saiu para a plataforma, ziguezagueando entre as pessoas, sem perder de vista a cabeça oscilante de Kate na multidão. O cabelo de Kate era brilhante, tinha sido cortado há pouco tempo e ela prendera-o atrás de uma orelha, onde ele se mantinha obedientemente, como se quisesse mostrar ao mundo que era um cabelo particularmente bom.

Por baixo do gorro, a testa de Marisa transpirava e o cabelo, frisado nas pontas, colava-se ao couro cabeludo. Não tomava banho há alguns dias. O asseio de Kate parecia uma afronta.

Na escada rolante, Marisa encostou-se à direita, escondendo-se atrás de um homem com ombros largos e casaco refletor. Kate encontrava-se alguns passos à sua frente, mas depois decidiu subir a pé o resto da escada rolante, o cabelo baloiçando de um lado para o outro, fiável como um metrónomo. Marisa não poderia arriscar fazer o mesmo. Daria imediatamente nas vistas caso Kate decidisse olhar para trás.

Em vez disso, deixou-se ficar na escada rolante, afastando os pés quando reparou que estava tonta e com falta de equilíbrio. Estendeu uma mão, mas não conseguiu encontrar algo sólido a que se pudesse agarrar.

– Está bem, querida?

A mulher atrás dela, uma senhora demasiado maternal que carregava um saco amarrotado da cadeia de supermercados Sainsbury, olhava-a com preocupação.

– Sim, estou bem, muito obrigada.

– Deve ter cuidado. Eu lembro-me dessa fase.

A mulher apontou para a barriga de Marisa e, quando esta olhou para baixo, apercebeu-se de que a gravidez começava a ser visível. O casaco abrira-se e a barriga ficara saliente: uma pequena protuberância inchada.

– Não se preocupe. Sentir-se-á melhor no segundo trimestre.

Marisa tentou sorrir. Chegaram entretanto ao topo da escada rolante e a mulher pareceu interessada em fazer conversa.

– Obrigada, tenho de… – Marisa fez um gesto na direção dos torniquetes.

– Sabe, eu já fui parteira.

Marisa assentiu com a cabeça.

– Oh, que interessante! Bem, de qualquer maneira…

Quando se livrou finalmente da mulher, não conseguiu encontrar Kate em parte alguma. Ao sair para a rua em Oxford Circus, olhou em redor e sentiu uma pontada de apreensão quando viu os contornos familiares da gabardina de Kate, que já tinha atravessado para o outro lado da Regent Street. Marisa lançou-se em frente, abrindo caminho entre as pessoas para chegar à passadeira antes de o semáforo mudar – «Ei, cuidado!», ouviu um homem gritar zangado –, mas sem sucesso. Na berma do passeio, viu a luz do semáforo passar de vermelha para verde e os automóveis e os autocarros começarem a circular. As pessoas amontoaram-se à sua volta, acotovelando-se por algum espaço, e Marisa viu Kate desaparecer na movimentada manhã londrina.

Os dias que se seguiram assumiram um padrão semelhante. De cada vez, Marisa foi conseguindo ir um pouco mais longe. Ao terceiro dia, seguiu Kate até um bloco de escritórios no Soho que tinha vidros escurecidos e uma área de receção com um letreiro de néon cuja mensagem, num agressivo azul brilhante, era esta: «Faz o que adoras». Ao fim de uma semana, Marisa começou a passar a manhã sentada no café em frente, um estabelecimento de comida rápida saudável que servia ovos em embalagens de cartão e pequenas caixas de húmus. As palhinhas eram de papel, com anéis vermelhos e brancos como as bengalas doces. De tempos a tempos, via o telemóvel e enviava um ou outro *e-mail*. Quando ficava entediada, tirava um caderno e começava a escrever: observações, pensamentos, ansiedades. Descobriu que o processo era catártico. Ao meio-dia, esperava ver Kate sair para almoçar, mas ela nunca o fazia, e a meio da tarde regressava a casa, desanimada.

O trabalho de Marisa começava a sofrer as consequências. As encomendas incompletas acumulavam-se.

Jake disse-lhe que a achava «distraída» e perguntou-lhe se se passava alguma coisa.

– Não se passa nada – respondeu Marisa. – Só o facto, tu sabes, de estar grávida.

A gravidez tornou-se a sua desculpa para tudo: para se deitar mais cedo e assim evitar conversas a três; para não ter relações sexuais com Jake; para deixar de cozinhar os pratos favoritos dele porque os alimentos crus lhe provocavam náuseas. Desta forma, retirou-se efetivamente da atmosfera desconfortável da casa quando Kate lá estava. Jake tinha vindo a ser mais atencioso desde o incidente na cozinha e Marisa notara que ele ficava o mais afastado possível de Kate quando se encontravam os três na mesma divisão,

dirigindo frequentemente a Marisa sorrisos tranquilizadores. Kate, por outro lado, ficava silenciosa e calma à noite, a ler os seus livros ou a ver televisão com o volume baixo.

– Não há problema se ficar a ver televisão? – perguntava ela, sentando-se no sofá da zona da cozinha.

Marisa encolhia os ombros.

– Porque haveria de haver?

– Bem, pensei… sabes… que podias preferir ver outra coisa – respondia Kate, mordendo a ponta de uma unha.

– Não.

– Então, está bem – dizia Kate, sempre com algo de passivo-agressivo no seu tom, como se a pessoa pouco razoável fosse Marisa.

Marisa observava as interações entre Jake e Kate com um fascínio mórbido. Dizia a si mesma que não queria descobrir mais nenhum indício da proximidade de ambos, porém, ao mesmo tempo, sentia-se impelida nesse sentido. Desejava que as suas suspeições fossem confirmadas, embora soubesse o que isso lhe iria fazer. Arruinaria tudo aquilo que sempre desejara. Destruiria a única relação em que alguma vez fora capaz de confiar. No entanto, continuava a voltar lá, à crosta recém-formada que começava a examinar com a ponta da unha, forçando as extremidades como que para testar a resistência das plaquetas secas da cor da ferrugem, a rede de pele nova e frágil.

Tentava convencer-se de que havia imaginado tudo. Afinal de contas, estava escuro e ela tinha acabado de acordar. Talvez tivesse tirado conclusões precipitadas devido a todas as hormonas da gravidez que corriam descontroladas dentro dela e intensificavam as

suas inseguranças. Não fora mais do que isso. Era evidente que nada se passava entre Jake e Kate.

Mas, por outro lado, havia também o episódio da música – os dois a dançarem como adolescentes no piso imediatamente inferior àquele em que se encontrava a trabalhar. Havia a intimidade descontraída de Kate com Jake, a estranha atitude possessiva que Kate revelara desde os primeiros momentos como inquilina, a forma como assumira a casa como sua e ocupara o espaço, deixando os seus pertences espalhados por várias divisões. Marisa via Kate tocar na mão de Jake quando se cruzavam no corredor. Pelo canto do olho, notava que Kate lhe apertava o braço quando ele lhe levava uma chávena de chá. Ambos pensavam erradamente que ela não reparava. Marisa deixava-os pensar que não suspeitava de nada. Permitia que o tempo passasse até conseguir chegar a uma conclusão quanto ao que fazer a seguir. Observava. Tirava notas. Sentia-se como se estivesse a reunir informação para um caso que, um dia, seria chamada a apresentar.

À noite, ficava acordada enquanto Jake e Kate iam dormir. Dizia que queria adiantar o trabalho antes de o bebé nascer, porém, em vez disso, sentava-se à secretária e escrevia furiosamente no seu caderno de apontamentos. «Penso que ele está a ter um caso amoroso com Kate», escrevia Marisa, vezes sem conta, na mesma página, até o papel ficar repleto de gatafunhos e ela se sentir melhor por se ter expressado de forma tão direta. Tal ideia, na transferência para o papel, perdia algum do poder que tinha de a magoar.

Durante a terceira semana no rasto de Kate, houve uma inesperada explosão de luz. Quando chegou a Oxford Circus, Marisa estava tão quente que tirou o gorro e lançou o cabelo para trás de modo a que este se soltasse. Desabotoou o casaco militar e prendeu-

o à volta da cintura. Kate, como de costume, saíra do metro antes dela. Marisa viu-a subir a escada rolante. E, como de costume, manteve-se no degrau em que seguia porque isso lhe dava o tempo exato para voltar a avistar Kate antes de ela sair da estação.

No topo da escada rolante, Marisa avançou para a multidão. Caminhava na direção dos torniquetes, procurando o telefone na mala, quando alguém a agarrou pelo braço, torcendo-o com tal força que Marisa rodou sobre os seus calcanhares e gritou de dor.

– Que merda é esta? Largue-me! – disse ela, tentando libertar-se. Quando levantou a cabeça, viu Kate a poucos centímetros do seu rosto.

– Porque é que me estás a seguir? – perguntou Kate, com a boca tão próxima que Marisa sentiu o cuspo contra as suas bochechas. O hálito dela era quente e cheirava a café. – Porque caralho me estás a seguir?

Marisa ficou demasiado chocada para pensar. Habituara-se de tal forma à sua rotina que se esquecera de a justificar para si mesma, quanto mais para Kate. Não tinha nada para lhe dizer, nenhuma forma de explicar.

– Quero que *pares*, percebes? – Os olhos de Kate ardiam, a pele à volta dos seus lábios franzia de raiva. Kate ainda lhe prendia o braço, com os dedos pressionados com tanta força contra a carne tenra por cima do pulso de Marisa que esta imaginou os hematomas a formarem-se: marcas cor-de-rosa, depois azuladas e, por fim, roxas. – Já *chega*.

Uma substância ácida subiu pela garganta de Marisa. Conseguiu perceber naquele momento o quão fácil seria dar a entender que era ela, e não Kate, quem estava a transpor limites.

– Sim, está bem, sim – disse Marisa calmamente. – Desculpa.

– Tens sorte por eu não chamar a polícia.

– Não faças isso, por favor.

Kate soltou-lhe a mão. Marisa sacudiu o braço para que o sangue voltasse a circular normalmente. Quando voltou a olhar para cima, percebeu que o rosto de Kate se tornara mais brando. As pálpebras tinham um tom castanho-escuro, com sombra nos cantos, e ela aplicara na perfeição lápis preto e rímel sem sinais de quaisquer grumos. Kate não pusera batom. Naquela manhã, Marisa tinha enchido a boca de brilho e vários fios de cabelo tinham entretanto ficado lá colados. Em comparação com a elegância destilada e distante de Kate, Marisa sentia-se estúpida e grosseira. O bebé pesava-lhe na barriga, desfigurando-a.

– Por favor, não contes ao Jake – murmurou Marisa. Ao pestanejar, deixou cair lágrimas que não sabia que lá estavam. Ficou com a voz presa. Parecia suplicante e patética.

Kate respirou fundo. Atrás dela, um homem fardado que pedia para uma instituição de caridade militar chocalhou a sua lata de donativos. O som desagradável tornou-se indistinguível do ruído na mente de Marisa.

– Não contarei – declarou Kate, apertando o cinto do casaco. Depois, passou com as palmas das mãos pelo tecido do casaco como se estivesse a livrar-se do pó. Como se estivesse a livrar-se de mim, pensou Marisa. – Não o quero aborrecer com isto.

Marisa mordeu a bochecha até sentir o sabor a sangue. As lágrimas foram substituídas por fogo nas suas veias. A fúria recuou dentro dela, como uma correia esticada e pronta a lançar o seu projétil contra o alvo. No entanto, assentiu com a cabeça, virou-se e voltou para trás, descendo a escada rolante, sem saber ao certo se seria a raiva ou a humilhação que sairia dali vencedora.

Quando entrou no metro, já sabia a resposta. A raiva. A raiva vencia sempre.

11

Marisa não conseguiu dormir naquela noite. Mais uma vez. Os sons do trânsito, nos quais nunca reparara até então, tornaram-se ruidosos. Começou a pensar que o sono era uma afetação, que conseguia funcionar perfeitamente sem ele. Interrogou-se sobre o motivo que a levara a ficar todo aquele tempo inconsciente debaixo do edredão quando poderia ter estado ocupada a fazer outras coisas. Imaginem as pinturas que teria produzido, as encomendas que teria completado. Poderia ter escrito o seu próprio livro infantil. O seu trabalho poderia ter sido exibido nas melhores galerias do mundo. Teria havido brindes com champanhe à sua arte em tardes de pré-inaugurações por convite, nas quais as conversas seriam educadas e murmuradas, e ela deslizaria graciosamente perante o olhar das outras pessoas, sabendo que falavam dela e a observavam com admiração pelo seu talento e sucesso.

– Estás a ver – teria dito à mãe, diante de uma obra de arte abstrata com salpicos de cor vermelha e laranja que escorriam pela tela como sangue de um talho. – Eu *sou* alguém.

Passou as primeiras horas do dia no estúdio, à secretária, esperando que o sol nascesse por cima do jardim e a escada do bloco de habitações municipais projetasse a sua sombra matinal sobre a relva. Pegou numa folha de papel e prendeu-a com fita-cola, porém, em vez de pintar como pretendera, Marisa desenhou nela palavras com um marcador preto. Queria experimentar com formas diferentes. Queria usar a tipografia nas suas pinturas, de modo idêntico ao que vira uma vez num artista conceptual americano, que tinha cortado tiras vermelhas e brancas de texto e as colara sobre fotografias em tons de cinza de mulheres com os olhos fechados, de

casas vazias em ruas delapidadas, de mares revoltos e céus ameaçadores e de prostitutas à entrada de edifícios urbanos.

Marisa lembrou-se de que o pai tivera uma namorada em tempos – a primeira de muitas. Fora alguns anos depois de a mãe e a irmã terem partido e pouco antes de Marisa ser enviada para o colégio interno. O pai trouxera-a para casa uma noite, muito provavelmente pensando que Marisa estaria a dormir a essa hora. Mas ela tinha ouvido o carro a parar lá fora, a porta do condutor a bater, seguindo-se a do passageiro, e depois a chave na fechadura, o tilintar de copos na cozinha e, passado algum tempo, os passos murmurados que levavam ao piso de cima, traçando um caminho pelo patamar das escadas.

O cheiro a fumo de cigarros. A tosse suave do pai. A forma como tropeçara ao chegar ao quarto, num indício de que estava bêbado.

Marisa ouvira-os através da fina parede do quarto. Um risinho feminino desconhecido, abafado do outro lado do estuque, e depois o riso grave, por entre dentes, do pai. O que poderia a mulher ter dito para o fazer rir daquela maneira, pensara Marisa, e por que razão não conseguia ela fazer o mesmo? O que levava o pai a ficar sempre tão triste na sua presença, se conseguia revelar esta felicidade diante de outra pessoa?

Deitada sob o edredão, Marisa ouvira os suspiros e os beijos, seguidos do ranger da cabeceira da cama, dos gemidos de adultos que se esforçavam em vão para não fazer barulho e, por fim, de um grito agudo e um aviso do pai, alertando para o facto de ter uma criança no quarto ao lado, antes de ambos voltarem a rir.

– Está tudo bem – dissera Marisa a si própria. – É só um sonho.

E, desta forma, apesar de saber que não se tratava de um sonho, caíra num estado próximo do sono. Marisa era boa a contar histórias

a si mesma e nessas histórias os desfechos eram sempre melhores do que na vida real. Na manhã seguinte, havia vestido o uniforme da escola e descido ao piso de baixo para tomar o pequeno-almoço. Como de costume, o pai estava sentado à mesa de pinho, a madeira gasta com marcas de canecas de outrora, e tinha-se virado para ela quando a ouvira entrar.

– Marisa – dissera ele, com uma voz formal. – Bom dia, querida.

Vestia uma camisa com gravata e um colete de malha e tinha sido isso – o esforço feito para parecer normal – que a alertara para a outra presença na cozinha. Marisa virara-se para a outra extremidade da cozinha e vira uma mulher agressivamente magra sentada na poltrona junto ao radiador. Tinha cabelo fino, preso por um elástico de veludo no topo da cabeça. O rosto da mulher era angular, com a pele esticada contra os ossos proeminentes, e os lábios estavam cobertos de batom vermelho. Usava uma camisa de seda branca sob um casaco frisado com pompons – era um daqueles casacos que pareciam uma imitação barata de um artigo de autor e o decote estava gasto, deixando que várias linhas soltas se lhe espalhassem pelo pescoço como ervas daninhas.

A mulher apertava uma chávena com dedos longos e pálidos, debruçada sobre o café como que procurando a ténue nuvem de vapor para se aquecer. A cabeça dela afigurava-se demasiado grande para o resto do corpo e este sugeria poder despedaçar-se a qualquer momento. A forma como se sentava – as pernas cruzadas, a coluna vertebral curvada, a cabeça atirada para frente – parecia deixá-la preparada para um impacto.

– Olá, meu doce – cumprimentara-a a mulher.

– Marisa – havia dito o pai, levantando-se e deixando cair ao chão o guardanapo que tinha no colo. – Esta é… hum… bem, esta é a

minha… amiga Jacqueline.

– Jackie, por favor! – pedira ela com uma réstia da excitação da noite anterior.

A chávena de café branca que segurava nas mãos estava manchada de batom. Era uma chávena que a mãe de Marisa tivera por hábito usar e exibia a imagem de um leão na parte da frente. Marisa não tinha bebido por ela desde que a mãe partira. Ficara guardada no armário da loiça como uma peça de museu, esperando pelo regresso da sua legítima proprietária. O pai nunca referira nada a esse respeito, mas Marisa havia reparado que também ele se recusava a tirá-la.

– Olá – dissera Marisa, baixando o rosto para não ter de olhar demasiado tempo.

Jackie tinha baixado a chávena e avançado na direção de Marisa, abrindo muito os braços magros, e Marisa apercebera-se, para seu horror, de que a mulher esperava contacto físico.

– Sou uma abraçadora – comentara Jackie, soltando uma gargalhada gutural, típica dos fumadores. – Vem cá, querida.

Marisa não tivera como escapar. E sentira-se a abraçar um varal giratório.

– Então, então – havia dito Jackie, dando-lhe palmadinhas nas costas. – Penso que nos veremos muitas mais vezes.

Com a cabeça pressionada contra o enjoativo aroma a pachuli da clavícula de Jackie, Marisa tivera a estranha sensação de que a mulher havia piscado o olho ao pai. Marisa tinha-se libertado do abraço e sentara-se à mesa com as bochechas a arder. O pai ficara em pé, sem energia no rosto. Parecia incapaz de compreender a situação, como se o mundo tivesse começado a girar a uma velocidade que ele já não conseguia entender.

Senta-te simplesmente, Marisa desejara dizer. Senta-te e começa a ser de novo o meu pai.

Olhou de relance para o pacote dos cereais e para a garrafa de leite gordo já a meio, com a marca de um polegar na tampa prateada, e sentiu repulsa. Empurrou a cadeira para trás e a mesa estremeceu.

– Não tenho tempo – afirmara ela. – Estou atrasada para a escola.

– São apenas oito e um quarto – havia protestado o pai.

– Meu Deus, fazem-nos trabalhar muito hoje em dia, não é verdade? – dissera Jackie para ninguém em particular. – Lamento por ti, minha querida.

Marisa virara-se para Jackie e depois sorrira.

– Vai-te foder – acabou por dizer, com as palavras, claras e poderosas, a aterrarem com precisão no silêncio do momento. Era a primeira vez que Marisa proferia o palavrão começado por «F» na presença do pai. Era tão nova que ele provavelmente julgava que ainda não o tinha aprendido. E, ainda assim, deixara-a sozinha em casa sem uma *baby-sitter* enquanto saíra para jantar com Jackie, pelo que, claramente, não a considerava assim tão nova.

Seguira-se um instante de choque. Jackie dera um passo atrás, tropeçando na poltrona. O pai de Marisa ficara rígido, transbordando fúria pelos olhos. Marisa nunca o tinha visto tão zangado. Abrira a boca, prestes a dizer algo que a filha já sabia vir a ser irreparável, mas esta saíra a correr para a rua, parando apenas junto à paragem do autocarro, onde se tinha apercebido de que não levara o casaco nem a mochila e de que precisava de se desenrascar de alguma forma. No autocarro, ninguém falou com ela. Sem saber como, passara a irradiar estranheza desde o momento em que a mãe se tinha ido embora. Era como se estivesse cercada por um campo de

forças de solidão e todos os outros percebessem que não valia a pena tentar conhecê-la.

Nunca mais viria a ver Jackie.

Ao longo dos anos, Marisa adotara uma postura de competição com todas as namoradas que o pai lhe havia apresentado. Saíra sempre vencedora e, no final, o pai acabou mesmo por desistir de procurar uma companhia amorosa. A última vez que o vira, ele tinha vindo visitá-la ao apartamento de Londres, usando uma gabardina gasta e uma gravata com nódoas de comida. Tinha as sobrancelhas hirsutas e carregadas. Estava um pouco mais franzino do que ela se lembrava e, apesar das nódoas, parecia malnutrido. Com os seus olhos remelosos e desfocados, observara o T1 minúsculo de Marisa num arrebatamento de fingido apreço. Marisa conseguira detetar o cheiro a *gin* no hálito do pai. Fizera-lhe chá e ele tinha-o bebido sentado no sofá, sem tirar a gabardina.

– Tens a certeza de que não queres que eu a pendure?

– Oh, não, não, não te quero dar trabalho.

O pai parecera-lhe muito fraco e velho. Marisa percebeu que ele provavelmente morreria em breve e, ao ter esse pensamento, sentiu a angústia súbita de uma perda incipiente. Não porque a morte do pai seria uma ausência na sua vida, mas porque a existência dele o fora.

Depois disso, não o voltara a contactar. Ignorara-lhe os telefonemas e os tristes cartões de parabéns, até que ele desistiu de tentar. E, por fim, Marisa mudara-se para uma nova casa com Jake, sem deixar um novo endereço.

No seu estúdio, Marisa contemplou o nascer do sol. O céu nublado adquiriu um tom amarelado semelhante ao da nicotina. Sob a luz, a sua secretária ganhou uma gradação sépia demasiado

brilhante. Marisa tirou o rolo de fita de pintor da gaveta e começou a colar tiras nos vidros da janela. Menos mal, pensou. O aquecimento central começou a trabalhar, com os canos a retinirem e rangerem como cordas náuticas retesadas. A casa parecia mais ruidosa do que antes, como se todo o seu funcionamento interior se tivesse tornado audível. Marisa levou as mãos aos ouvidos na tentativa de bloquear o som. Não funcionou. A casa parecia matraquear e vibrar à sua volta. Quando olhou para baixo, para o papel que tinha diante de si, viu que o tinha coberto de linhas pretas e brancas, uma teia de aranha espiralada com um padrão intricado.

Sentiu a barriga a forçar as calças de fato de treino. Não se conseguia lembrar de ter vestido aquelas calças, mas pensou que o teria feito havia já alguns dias. Pousou ambas as mãos na barriga grávida e pressionou-a ao de leve, numa tentativa de sentir algo – qualquer coisa – que a ligasse àquela crescente profusão de células dentro dela. Embora soubesse que era demasiado cedo, imaginou-se capaz de sentir os movimentos súbitos do bebé, semelhantes a um leve coçar interno. Os *websites* transmitiam-lhe oficiosamente que o bebé poderia «estar a desenvolver cabelo», «usar os músculos faciais para esboçar caretas ou sorrisos» e «ser do tamanho de um limão ou de um punho fechado».

Marisa cerrou o punho, posicionando-o sob o umbigo, e deixou-o ali, com os nós dos dedos brancos contra a pele. O tamanho de um punho. Imaginou que puxava o braço atrás, hábil como um arqueiro, e libertava o punho no rosto de Kate. Imaginou o ar de choque de Kate, a forma como ela levaria as mãos ao nariz e o pequeno fio de sangue que lhe escorreria lentamente por uma das narinas. Imaginou o medo de Kate ao virar-se de costas. Imaginou que a esmurrava de novo na parte de trás da cabeça, desta vez com tal força que ela cairia ao

chão. Imaginou que observava Kate de cima para baixo, vendo-a choramingar sobre as tábuas do soalho, e depois imaginou-a a esfumar-se – o seu corpo inteiro a desaparecer, como se o elástico do tempo tivesse estalado e rebentado e ela tivesse caído através dessa abertura.

No telefone, saltitou entre *websites* de desenvolvimento da gravidez.

«Os intestinos do bebé estão a produzir mecónio, os restos que darão origem ao primeiro movimento intestinal após o nascimento.»

«À décima quarta semana, os genitais completamente desenvolvidos fazem a sua grande entrada.»

Marisa visualizou um pénis e uma vulva em miniatura que chegavam a um luxuoso baile de gala e desciam com grande esforço umas escadas vermelhas e douradas até junto de um quarteto de cordas.

«Lave as mãos com frequência – e traga consigo desinfetante líquido para as alturas em que não tiver à mão um lavatório. Não partilhe bebidas, comida ou escovas de dentes e evite pessoas doentes como evitaria a peste. Não há problema em expulsar um cônjuge doente para o sofá.»

Um cônjuge. Ela não tinha um cônjuge. Tinha Jake, em cuja casa vivia, que tinha um caso com a inquilina, enquanto Marisa estava quase a completar quatro meses de gravidez. De súbito, apercebeu-se da precariedade da sua situação. Ficou com vontade vomitar. Pensou que devia chorar, porém, no sítio onde devia ter as emoções, havia em vez delas um buraco: uma escuridão através da qual se sentiu solta e em queda.

«À medida que muitas das angústias do primeiro trimestre de gravidez se forem esbatendo, é muito provável que se vá sentindo

menos agitada e muito mais humana. Mais boas notícias no horizonte: menos enjoos matinais e menos idas à casa de banho para fazer xixi.»

Marisa não sabia o que fazer em relação à situação. E, ainda assim, teria de fazer alguma coisa.

As horas passaram. Mais tarde, na cozinha, preparou um chá de ervas, uma vez que o café era apontado pelos *websites* de gravidez como uma das infindáveis substâncias perigosas que devia agora ingerir com extremo cuidado. Deixou a saqueta de chá em infusão e pressionou-a com a parte de trás da colher. Sentou-se à mesa e ficou a olhar para o jardim. A chuva da manhã deixara a relva molhada e o brilho de uma teia de aranha estendia-se pelo canto da porta de vidro. Marisa observou como os fios prateados refletiam a luz aquosa.

Tanto esforço para construir um lar, pensou ela. Sentiu a cabeça pesada. Deixou-a cair sobre o peito, massajando a nuca com a mão. Ao fazê-lo, saltou-lhe à vista um retângulo cinzento achatado no assento de uma das cadeiras da cozinha. Estava sob a mesa e ela não teria reparado nele se não tivesse baixado os olhos. Era o portátil de Jake. Por regra, levava-o para o emprego, mas naquele dia esquecera-se claramente dele.

Marisa levou a mão ao bolso do roupão para pegar no telemóvel. Mas depois, mesmo antes de lhe ligar, mudou de ideias. Pousou sobre a mesa o portátil, fino e com uma superfície ligeiramente granulosa ao toque. Abriu o computador. Sabia a palavra-passe de Jake. Observara-o uma vez a digitá-la no teclado, mantendo-se atrás dele enquanto fingia estar atarefada com a lavagem da loiça.

Marisa inseriu-a: ‘143Richborne’. Era a morada daquela casa. Talvez ainda significasse alguma coisa para ele – a casa, o lar de ambos, o bebé, ela?

O ecrã acendeu-se e apareceu a imagem de uma pintura renascentista. Uma Virgem Maria de faces rosadas, com longo cabelo dourado caído em torno do pescoço, e um Menino Jesus carnudo, com uma paisagem ao estilo italiano em segundo plano. Jake tinha uma queda por arte religiosa.

Marisa não sabia ao certo o que procurar. Disse a si mesma que ligara o computador porque queria ficar a par das notícias. Por ter ficado tão isolada nos últimos meses, tão distraída pelo necessário envolvimento na organização das suas vidas em conjunto, havia perdido a noção do que estava a acontecer no mundo exterior.

Mas antes que pudesse abrir o *website* da BBC, apareceu um alerta no canto direito do ecrã. Marisa viu surgir o nome de Kate, numa fonte preta não serifada dentro de um retângulo cinzento.

“Viste-a esta manhã?”

Marisa demorou um instante a perceber. Mas depois não teve dúvidas. O portátil estava ligado às mensagens de texto de Jake, e ela estava a testemunhar as comunicações dele em tempo real. Na parte inferior do ecrã, existia um ícone que consistia em dois balões de diálogo sobrepostos, um azul, o outro branco e contendo reticências. Havia um círculo com o número «1» a piscar como um olho sobre o balão maior.

Mensagem por ler.

Marisa clicou nos balões de diálogo e elas apareceram: mensagem atrás de mensagem de Kate para Jake e de Jake para Kate.

A primeira coisa em que reparou foi no número de beijos. Jake nunca se despedia com afeto nas mensagens que lhe enviava – era, assim pensava Marisa, um dos seus traços específicos. O seu estilo era muito profissional porque tinha de ser assim, porque tinha muitas

outras solicitações no tempo que passava no trabalho. Fora isto que Marisa dissera a si mesma.

Porém, na verdade, estava enganada. Quando enviava mensagens a Kate, adornava o texto com linhas inteiras de xis, como se o dedo lhe escapasse, como se compusesse poesia absurda. As linhas surgiam tão densas que era quase como se tivesse redigido parágrafo atrás de parágrafo de um documento ultrassecreto.

Havia centenas de mensagens. Marisa fê-las andar para trás para ver onde começavam, mas no ecrã continuava sempre a surgir a informação «carregar mais». Sentiu o coração a colapsar sobre si mesmo. Ficou com o peito vazio.

«Amo-te», escrevera Kate no dia 2 de junho. Teria sido algumas semanas depois de ter ido viver com eles, calculou Marisa. Mas havia mensagens ainda mais antigas. Jake e Kate já se conheciam. Tudo aquilo – fingir que Kate era uma inquilina, dizer a Marisa que já não conseguia pagar a renda sem ajuda – tinha sido um esquema. Marisa caíra numa armadilha. Jake tinha explorado o amor inquestionável que ela sentia por ele para conseguir instalar a sua amante em casa. Como poderia ter sido tão estúpida?

Marisa sentiu um sabor metálico a invadir-lhe a garganta. Engoliu em seco e ficou maldisposta. Não comia há horas, talvez dias, quem sabia, quem realmente se importava? O vómito seco não trouxe nada do seu estômago, mantendo tudo lá dentro, calcando o medo como grãos de café num filtro.

«Querida, não consigo deixar de pensar em ti», escrevera Jake no dia 15 de julho. «Veste aquela *lingerie* hoje à noite.» Despedira-se com um rosto estilizado a piscar o olho e um *emoji* beringela.

«Ahahah, está bem, mas e a Marisa?»

«Arranjaremos uma solução.» Outro *emoji* de um rosto a piscar o olho.

«Só quero ter a certeza de que ela está bem.»

«Está ótima», escrevera Jake. «Confia em mim. Não nos precisamos de preocupar.»

Tudo se reduzia a lugares-comuns, e essa era a pior parte. Marisa considerara Jake melhor do que aquilo. Tinha acreditado que ele era diferente: honesto, claro, direto. Desprovido de paixão, mas fiável. Afinal, não o conhecia de todo, este homem que supostamente amava. Afinal, não passava um adolescente crescido no auge de uma paixão ilícita, que fazia questão de comunicar com insinuações sexuais grosseiras e *emojis*. Afinal, tinha vindo a ser condescendente para com Marisa da pior maneira possível. Tinha vindo a tratá-la como uma idiota porque ela tinha sido isso mesmo, uma idiota cega e incapaz de perceber as evidências, enquanto ele andava embrulhado com a inquilina. Durante todo aquele tempo, Marisa vira-o como inibido e distante em termos emocionais, mas inquestionavelmente apaixonado por ela – tanto que estava grávida do filho dele! Era tudo o que Jake dissera que queria. Mas agora surgia a avassaladora perceção de que aquele distanciamento não era um sinal de firmeza ou integridade, mas o resultado de a andar a enganar há meses. Talvez até desde o momento em que se haviam conhecido.

Qual era o propósito daquilo? Mostrar que podia ser feito? Usá-la como fêmea de procriação enquanto se satisfazia com outras? Talvez fosse psicopata – Marisa lera em tempos um livro sobre psicopatas e sabia que um dos principais fatores era a falta de empatia, a par do charme superficial e verboso. A descrição correspondia a Jake. Marisa acreditara que ele era muito profundo, mas, na verdade, não

passava de um holograma de uma pessoa. Uma falsificação. Uma fraude. Um dissimulado que não se importava com quem magoava.

O pulso de Marisa começou a doer. Quando olhou para baixo, viu que o tinha arranhado com as unhas da outra mão até começar a sangrar. De modo automático, levantou-se e dirigiu-se ao armário do lava-loiça, no qual havia uma caixa de lenços de papel. Pressionou um lenço contra o pulso. Através do papel branco surgiram pintas de um tom vermelho acastanhado. Ao ver o seu próprio sangue, Marisa sentiu um acesso de pura raiva violenta. Diante dela, encontrava-se uma fruteira de cerâmica pintada num padrão intricado, que continha quatro limões. A fruteira fora trazida por Jake numa das suas viagens de mochila às costas a Marrocos quando era estudante e Marisa sabia que ele a adorava porque o fazia sentir-se jovem.

Sem pensar, Marisa ergueu a fruteira e atirou-a contra a parede oposta. Os limões voaram e ressaltaram no chão. A peça partiu-se no forte impacto, produzindo um ruído semelhante a um grito, porém depois Marisa percebeu que o grito era seu. Berrou, mas sem palavras. Gritou, agarrando-se à barriga distendida e sentindo o peso imaginado da gravidez nas suas mãos, e depois gritou de novo, até ficar com a garganta arranhada pelo esforço, até lhe surgir nos ouvidos o zumbido da dor que sofria. Dor pelo amor em que tão insensatamente acreditara. Dor pela criança que carregava e que não iria ser acolhida no abraço de dois pais unidos. Dor por ter sido ridícula ao ponto de se julgar digna do amor de Jake, por ter acreditado em tudo aquilo. Por fim, compreendia a lição que a vida lhe tinha vindo a tentar ensinar. Como pessoa, nunca seria suficiente. O mundo ria-se dela por se ter julgado, ainda que brevemente, capaz de o ser.

– Cabra de merda! – gritou Marisa, prolongando a vogal fraca da última sílaba até esta se transformar num eco miado do som original. Quando gritou, não sabia se a ofensa era dirigida a si mesma, a Jake ou a Kate.

Marisa deixou os cacos da fruteira espalhados pelo chão negro. Lembrava-se da primeira vez que vira esta cozinha e de como ficara impressionada com a sua dimensão. Sentira-se intimidada pela sua beleza amadurecida: as superfícies lisas, o chão com acabamento mate, a máquina de lavar loiça na qual era preciso bater duas vezes com vigor para abrir a porta. Agora parecia irreal, como um sonho mau. A cozinha ofendia-a. As paredes fechavam-se sobre os seus pensamentos febris, comprimindo-os num minúsculo e doloroso cubo. Uma dor de cabeça aguda instalou-se-lhe nas têmporas. Os livros de culinária, empilhados de forma organizada nas prateleiras junto ao fogão, derramavam a repugnância que sentiam por ela. Os copos de vinho no armário da loiça, arredondados e brilhantes, tiniam em celebração por a terem enganado. E, lá fora, a alta escada do bloco de habitações municipais parecia ainda maior, absorvendo os raios da luz interior de Marisa – aquelas pixelizações dinâmicas de esperança cravadas contra a escuridão da sua mente, cada uma extinguindo-se a si mesma à medida que a escuridão se infiltrava nos seus pensamentos. Quem era ela para ter esperança? Quem era ela para acreditar que a vida estava do seu lado?

Marisa expirou o ar dos pulmões, descerrou os punhos e contou até dez.

– Quando fico zangada ou perturbada ou penso que ninguém me ouve, conto até dez – dissera-lhe uma vez a mãe. Marisa, que devia ter cinco ou seis anos, estava deitava na cama e respirava

pesadamente com as bochechas a arder. – Tenta fazer o mesmo, querida.

Marisa lembrou-se da mãe enquanto contava – seis, sete, oito – e, ao compor o rosto dela, intocado pela idade na sua memória, ficou mais calma.

Voltou ao portátil aberto sobre a mesa. A fúria que sentia tinha sido substituída por um estado de desligamento. Era agora impelida por uma frieza chocada e percebia que conseguia examinar as mensagens de texto mais calmamente, quase como objetos de curiosidade histórica.

«Viste-a esta manhã?»

A última mensagem de Kate, suspensa no éter. E depois: três pontos, surgindo em rápida sucessão. Jake estava a escrever.

«Não. Ficou no estúdio dela. Não a quis incomodar. x»

Mesmo quando era infiel, Jake respeitava os pontos finais e a sua sensibilidade gramatical.

Depois: mais três pontos, oscilando pelo ecrã como uma lagarta. Jake estava a escrever.

«Não te preocupes», escreveu ele. «Vai correr tudo bem. Em breve, seremos uma família como deve ser. Amo-te. xxxxx»

Marisa sentiu-se enojada. Não era, portanto, apenas uma aventura. Jake e Kate planeavam, sem dúvida, um futuro em que seriam uma «família como deve ser». Mas como? Era Marisa quem estava grávida, com o bebé dele… A não ser… não… a ideia era demasiado perversa. Não podiam querer… ou podiam?

«Mal posso esperar», respondeu Kate. «Também te amo x»

A não ser que planeassem esperar até Marisa dar à luz e então livrarem-se dela. Não seriam capazes. Seria demasiado cruel. Depois de tudo o que contara a Jake sobre sentir-se abandonada pela mãe, a

ideia de que ele estaria disposto a fazer com que o seu filho ainda por nascer passasse pelo mesmo deu-lhe vontade de lhe arrancar o escalpe. Que filho da puta insensível.

Tinha de pensar bem. Pensa, Marisa. Pensa, pensa, pensa.

Mas, uma e outra vez, voltava às mensagens de texto.

5 de julho

JAKE: «És uma pessoa incrível e eu amo-te. Aconteça o que acontecer, por favor não te esqueças disso.»

Ao ler estas palavras, pareceu a Marisa que o seu coração se expandia e retraía na boca do estômago.

20 de agosto

KATE: «Vou chegar tarde esta noite. Não fiques acordado à minha espera.»

A informal pretensão de posse espantou Marisa. A ideia de que ele ficaria acordado – para quê? Para que pudessem dar uma queca no sofá lá de baixo enquanto ela dormia profundamente lá em cima?

12 de setembro

KATE: «Estou preocupada com a Marisa. Ela parece agitada.»

JAKE: «Está tudo controlado. Não precisas de te preocupar tanto. xxxxx»

KATE: «Está bem.»

15 de outubro

KATE: «Meu Deus, Jake. Ela acabou de aparecer no meu emprego.»
JAKE: «O QUÊ?»
KATE: «Vou ligar-te.»

Marisa deslocou para baixo as mensagens até chegar às últimas. Ficou com os olhos presos no ecrã, questionando-se sobre se aquelas reticências iriam aparecer de novo, se um deles iria escrever mais alguma mensagem incriminatória. Pensou em Kate, nas suas ancas estreitas e na sua figura franzina, na forma como, vista de determinados ângulos, parecia uma bailarina. Kate era só disciplina, desde a quantidade de comida que ingeria e a natureza rigorosa da sua rotina de exercício físico ao modo como insistia em verificar a sua agenda todos os domingos à noite para rever os compromissos e reuniões. Marisa não tinha uma agenda no telemóvel. Tinha um velho caderno de apontamentos, cujo papel gasto estava cheio de rabiscos e pensamentos apagados.

O que iria ela fazer? Num filme de má qualidade – daqueles que via nos canais por cabo nas tardes em que se deitava no sofá, em vez de ir trabalhar, e que tinham títulos como *O Assassínio do Meu Marido* ou *A História de Heidi Brown* – não haveria dúvidas. A mulher enganada faria as malas e sairia de casa num acesso de justa indignação. Mas Marisa não tinha para onde ir. Abdicara do seu apartamento arrendado assim que fora viver com Jake. Não recebia há semanas porque havia negligenciado o trabalho. Parecia ter perdido o desejo de o realizar. Seguir todos os movimentos de Kate tinha-lhe tomado mais tempo do que previra inicialmente e o pouco que lhe sobrava era passado a dormir a sesta ou a olhar para o vazio, perdida nos seus pensamentos.

Marisa não queria abrir mão da boa casa e do bom nível de vida que possuía. Habituara-se a ambos. Perdera o contacto com Jas, embora talvez a pudesse voltar a contactar e pedir-lhe para ficar em casa dela. Jas provavelmente diria que sim. Mas a humilhação de ter de explicar tudo o que acontecera era incomportável para Marisa. Quanto ao pai, não falava com ele há anos. E, ainda assim, não podia ficar com Jake, pois não? Teria de o confrontar, ao que se seguiria uma discussão e… depois o quê? E se ele respondesse às suas inconsequentes ameaças com a vontade de acabar a relação e viver com Kate? Marisa seria mãe solteira, num pequeno apartamento merdoso, com as visitas de Jake de quinze em quinze dias, ao fim de semana. Não lhe parecia algo aceitável. Contudo, não eram sequer casados. Era Jake quem pagava a renda. Marisa não tinha direitos legais.

«Conta até dez», imaginou a mãe a dizer-lhe. A mãe inclinava-se sobre ela na cama, deixando cair parte do seu longo cabelo loiro – igual ao de Marisa agora – para a frente, fazendo cócegas na clavícula da filha. «Conta até dez, minha querida, e depois vê como te sentes.»

Marisa decidiu que era isso que iria fazer. Contaria até dez, várias vezes, até conseguir encontrar uma solução para o que fazer a seguir.

SEGUNDA PARTE

12

Kate regressa primeiro. A casa está às escuras, com as janelas expostas, quando roda a chave na porta de entrada. A temperatura é baixa. O aquecimento central ainda não tinha começado a trabalhar. Não se pode esquecer de pedir a Jake que o reprograme agora que o inverno se aproxima. Jake é bom naquele tipo de coisas.

A primeira coisa que faz quando entra em casa, mesmo antes de tirar o casaco, é correr as cortinas da sala de estar. Não gosta de pensar que os transeuntes podem espreitar para dentro do seu lar a partir da rua, com a luz de dentro a espalhar-se para fora e, desse modo, a exibir os habitantes da casa.

Ela pendura a sua parca num dos ganchos alinhados no corredor, ainda sem ligar as luzes. É então, ao tirar o cachecol e libertar o cabelo do gorro, que ouve os sons: um arrastar de pés e depois o ranger do chão.

Kate fica imóvel, sustém a respiração e tenta escutar atentamente enquanto a escuridão sintoniza os seus ouvidos numa frequência mais alta. Um carro distante buzina. Lá fora, alguém liga o rádio e ela consegue distinguir a ténue música dos anúncios.

Não chegam mais ruídos. Kate pensa que talvez sejam apenas os barulhos típicos de uma casa antiga. Ainda se está a habituar a eles. Antes, tinha vivido num bloco de apartamentos novos com porteiro. Não gostara da esterilidade dos interiores, mas sentira-se segura ali.

A casa de Richborne Terrace, pelo contrário, respirava história pelos seus tijolos. Kate pesquisara-a uma vez, usando os censos *online*, e descobrira que, em 1901, fora ocupada por J. Humphrey, um arrais reformado, a sua mulher e três filhos e – surpreendentemente – outra família de quatro elementos, cuja figura tutelar era um carteiro

chamado Patrick Lancton. Encontrava-se do lado oposto a um bloco de habitações baixas e pequenas, resultantes do facto de as bombas da Segunda Guerra Mundial terem obliterado as casas originais. Kate não acreditava em fantasmas, mas também não os negava por completo. Por vezes, perguntava-se se o que sentia não era uma outra presença a seu lado, uma figura idosa que se arrastava, com as mãos endurecidas pelos anos passados no rio a impelir barcas através das águas turvas do Tamisa.

No corredor, sente um calafrio.

Lá fora, o céu perdera por completo a cor. A hora havia mudado no mês anterior e os dias tinham ficado mais pequenos desde então. São seis da tarde, mas parece que é meia-noite. Até a lua, que Kate consegue vislumbrar através do vidro sobre a porta, está tapada por nuvens cinzentas.

Pousa a mala no chão e tira o telefone do bolso para ver se tem mensagens novas. Jake enviara-lhe uma a dizer que tinha saudades dela e que chegaria por volta das sete e meia. Sente um pequeno estremecimento familiar ao ver o nome dele ali. Desbloqueia o ecrã e começa a escrever uma resposta.

«Não há problema.» Usa os polegares para escrever, com os ombros arqueados sobre o telefone. Envia a mensagem, volta a guardar o telefone no bolso das calças e depois vira-se e tateia a parede em busca do interruptor da luz.

Os seus olhos, confusos pela forte luminosidade do telefone, esforçam-se para se ajustarem à escuridão e o interruptor não está onde ela pensava que estaria. Avançou às apalpadelas ao longo do estuque, tropeçando um pouco.

O telefone vibra contra a sua coxa. Leva a mão ao bolso e, quando se vira, vê-a: uma bola de sombra, caindo sobre ela,

expandindo-se como uma mancha de tinta. Não tem tempo de levantar os braços para se defender. Compreende, tarde de mais, que o ruído que ouvira de algo a arrastar-se não tinha sido apenas o ranger dos canos antigos ou a presença residual de fantasmas inacabados, mas uma coisa que lhe deseja mal.

Antes de Kate poder reagir, um objeto pesado e informe bate-lhe no crânio com um baque e com tal força que o pescoço cede e a cabeça cai para a frente. Os seus pensamentos pulverizam-se e depois fundem-se num branco brilhante e ofuscante. Kate desaba no chão. Sempre pensara que gritaria se fosse atacada. Mas, perante o horror, afinal fica em silêncio. Ao desmaiar, pensa numa água castanha e viscosa a subir-lhe pelo rosto. Imagina a luz fraca de um barco lento a recuar para a escuridão de sedimentos e tenta, em vão, alcançá-la enquanto a corrente a suga para o fundo do leito do rio.

Quando recupera os sentidos, tem a perna direita dormente e pressionada contra uma superfície dura e fria. Sente as pálpebras pegajosas e precisa de se esforçar para as abrir. Com a visão desfocada, percebe que uma das suas lentes de contacto deslizou no olho, ficando com as extremidades ásperas e secas. Pisca os olhos – uma, duas, três vezes – e a lente de contacto volta ao sítio. Surge então um padrão caleidoscópico, peças de mosaico castanhas e brancas que se agitam levemente e depois solidificam num chão de azulejos. Tem a face esfolada e fria. Está deitada de lado, com o rosto contra os azulejos e o ombro direito dobrado desconfortavelmente sob o peito. O tornozelo esquerdo está esticado para trás num ângulo incómodo. A cabeça palpita-lhe. Kate tem a desagradável sensação de que um líquido lhe coagula na nuca. A ideia de sangue fá-la ter tonturas e, para se livrar dessa imagem, fecha os olhos por uns instantes.

– Kate.

Era o seu nome.

– Kate.

Lá estava ele outra vez. O seu nome proferido numa voz reconhecível, mas que ainda não consegue identificar.

– Abre os olhos, Kate.

Sente-se ainda desorientada. Alguém tinha virado ao contrário um globo de neve e espalhara os seus pensamentos como purpurinas.

– Kate.

É uma voz feminina. Uma voz que conhece, mas não intimamente. É alguém com quem se tem vindo a preocupar. E depois, subitamente, lembra-se. Marisa. Graças a Deus. Marisa está lá. Deve ter chegado depois dela, afugentado o intruso e encontrado Kate ali deitada no chão.

– Mrsssa – balbucia Kate. Tem um dente solto na boca e a língua inchada. Tenta dizer que está contente por ver Marisa, mas os sons que emitiu são ininteligíveis.

– Não fales – diz Marisa.

Kate abre completamente os olhos. Vê as pontas das pantufas de Marisa: botas fofas de cor bege que Kate sempre odiara. Parecem tão típicas de uma matrona, embora Marisa seja ainda muito jovem. Não sabe beneficiar a sua imagem. Mas por que razão está ela a pensar nisso agora? Precisa de se concentrar. Precisa de se levantar do chão e obter cuidados médicos. Marisa chamará uma ambulância, não tem dúvidas. Mas por que razão está Marisa de pantufas se acabou de vir da rua?

Kate tenta endireitar o ombro e pressionar a mão contra o chão de modo a conseguir elevar-se e ficar sentada junto ao rodapé. No

entanto, até mesmo esse movimento faz com que uma onda de dor choque contra as suas costelas e nade pela sua espinha abaixo.

– Ahhh! – grita ela. O dente solto desprende-se por completo. Flutua-lhe na boca e aloja-se sob a língua. Kate sente náuseas e pensa que vai vomitar. Cospe o dente, que aterra num azulejo branco, sobre salpicos de sangue.

Kate volta a descansar a face na frescura do chão, permitindo que as náuseas passem. O que leva Marisa a ficar simplesmente ali sentada? Porque não a ajuda?

– Senta-te, Kate.

A voz de Marisa é monocórdica, quase robótica. Talvez seja apenas amor duro, pensa Kate. Talvez Marisa considere que esta é a melhor maneira de a resgatar ao estado de choque em que se encontra.

– Ambulância – pede Kate. Sem o dente, é mais fácil fazer-se entender.

– Não precisas de uma ambulância, Kate. Estás perfeitamente bem. Só quero falar contigo.

Este é o primeiro sinal estranho que chega às sinapses afetadas de Kate. Ah, pensa ela, afinal Marisa não a vai ajudar. Marisa não está a agir como seria expectável. Ah, pensa ela. Ah.

Depois, Kate repara que não consegue mexer as pernas. Parecem estar fundidas uma na outra, num peso impossível de levantar. Baixa a cabeça. Ao olhar para baixo, ao longo do chão do corredor, vê que há uma corda enrolada com firmeza à volta das suas coxas. Reconhece a corda como sendo uma das aquisições de Jake para fazer exercício físico em casa. Aos fins de semana, Jake ata-a no portão do jardim das traseiras e estica a corda para cima e para baixo a partir de uma posição agachada para queimar gordura abdominal.

Agora, a corda encontra-se imóvel, com o seu peso entrançado a apertar-lhe as pernas. Kate segue-a com os olhos ao longo do chão do corredor. Na fração de segundo antes de realmente o constatar, percebe que é Marisa quem segura a ponta da corda.

– Então, olá.

Marisa está sentada numa cadeira de cozinha, direita e séria na semiescuridão, com a corda enrolada várias vezes à volta da mão e do pulso. O seu cabeço loiro está solto em torno dos ombros. Veste um casaco de malha cinzento, uma *T-shirt* suja e não usa sutiã. Há um desprendimento insólito na sua postura. Faz Kate lembrar-se de um retrato da Virgem e do Menino que viu no portátil de Jake: um fragmento de um retábulo tardo-medieval, com a mãe a parecer monumental e imperturbável contra um fundo de talha dourada. O único sinal da relação que possuía com o menino de aparência adulta que tinha ao colo era a ligeira inclinação da sua cabeça, envolvida num tecido azul-dourado. Até as mãos da mãe, elegantemente posicionadas à volta do filho, pareciam não o tocar na realidade.

– Há quanto tempo é que tu e o Jake andam a dormir um com o outro?

Marisa faz a pergunta num tom calmo, mas surge-lhe um rubor nas bochechas, uma mancha vermelha ao centro de cada uma que sugeria um interior de raiva ardente. Kate fica tão surpreendida com a pergunta, tão abalada pela estranheza surreal da situação, que precisa de alguns instantes para registar o que lhe havia sido perguntado. Durante um momento, esquece-se de que está com medo.

– O quê?

– Ouviste bem.

Kate ri-se. Tenta erguer-se de novo e acaba por conseguir. Dobra ambos os braços sob o peso morto das pernas, meio a puxar, meio a carregar, até elas ficarem num ângulo de aproximadamente noventa graus em relação ao resto do seu corpo. Senta-se com as costas contra a parede, esgotada pelo esforço. O suor pinga-lhe da ponta do nariz. Tenta limpá-lo com as costas da mão e, quando a retira, vê que está coberta de sangue.

– O que… me… fizeste? – pergunta Kate.

Marisa arqueia uma sobrancelha.

– Oh, Kate, Kate, Kate. O que quer que eu te tenha feito não se compara com o que tu me fizeste.

– Não sei ao que te referes. – Kate começa a chorar. Odeia-se por isso. – Porque estou a sangrar?

– Não te preocupes. Sobreviverás. É apenas um pequeno traumatismo craniano.

Nunta tinha visto Marisa assim, fria e distante. Mesmo a sua linguagem adquiriu uma frieza médica. Por regra, Marisa era bastante caótica, desorganizada e rudimentar. Kate sempre a vira um pouco como um caso perdido. É, sem dúvida, uma pessoa estranha. Nos últimos tempos, o seu comportamento tornara-se errático e preocupante. Mas isto – *isto* – vai para além de qualquer coisa que Kate possa ter imaginado.

Olha diretamente para Marisa e depois para o colo dela, onde parece segurar algo nas mãos. O corredor continua escuro, mas surge agora alguma luz, filtrada por uma porta aberta mais ao fundo do corredor. A luz reflete frouxamente entre as mãos de Marisa e Kate percebe que ela tem uma faca. Marisa está a segurar uma faca.

Kate sente o peito a ser invadido pelo pânico. Olha em volta para tentar identificar uma via escapatória, mas não encontra nenhuma.

Não há janelas. Nem forma de se mover com as pernas amarradas. Um calor líquido infiltra-se-lhe nas calças e percebe que se urinou. Continua a chorar, soluçando agora também, com a garganta inflamada. Começa a gritar, na esperança de que alguém a ouça. Mas sabe que as paredes daquela casa são espessas. Nunca tinham ouvido ruídos dos vizinhos. Nem uma única vez.

A gritaria perturba Marisa.

– Chiu, Kate, chiu.

Mas Kate não para porque os gritos são uma garantia de que ainda está viva, de que ainda há esperança. Por isso, continua a gritar. Sem palavras, apenas sons. E percebe que quanto mais o faz, mais Marisa fica agitada.

– Kate, não faças isso, por favor. Chiu, chiu. Vá, cala-te agora. Estás bem. Está tudo bem. Não te vou magoar. Prometo.

Marisa chega-se para a frente na cadeira e pousa a faca no chão com cuidado. Kate nota que se trata de uma faca do bloco de madeira da cozinha, uma das que precisa de ser afiada. Há uns dias, usara-a para cortar um tomate e a faca estava tão embotada que tivera dificuldade em perfurar-lhe a pele. Tal constatação acalma-a. Marisa não a conseguirá magoar com aquela faca. É apenas para a assustar, nada mais.

– Só quero falar – diz Marisa, num tom de voz diferente, menos impessoal e mais febril. – Sinto que estou a enlouquecer e só quero falar.

Kate tem vontade de lhe dizer que ela está mesmo a enlouquecer. Aquelas não são ações de uma pessoa sã. Há meses que se preocupa com Marisa, com o facto de ela mal dormir ou comer, com a forma como se esgueira pela casa como se a estivesse a perseguir. E um dia, algumas semanas antes, tinha reparado que Marisa a seguia

na estação de metro de Oxford Circus. Ficara assustada o suficiente para contar o sucedido a Jake.

– É como se ela estivesse obcecada contigo – dissera ele, afastando-lhe o cabelo dos olhos. – Uma paixoneta feminina ou algo assim.

No entanto, Kate percebeu, mesmo então, que não se tratava de uma paixoneta inofensiva. Era algo mais obscuro. Era como se Marisa quisesse realmente *ser* Kate, habitar a sua forma, fazer roupas a partir da sua pele.

– Não é bom para o bebé, tudo isto – Kate tinha dito a Jake. – Estou mesmo preocupada com ela. E ambos sabemos que vai além dela. O bebé é a minha principal preocupação.

Ambos tinham planos para o que aconteceria depois de o bebé nascer, para o que iriam fazer. Seriam muito felizes assim que Marisa saísse das suas vidas.

– Eu sei – respondeu ele. – Vou falar com ela.

E Kate acreditou que o faria. Sempre acreditara nele.

13

Jake e Kate tinham-se conhecido seis anos antes. Jake sempre brincara com o facto de ela nunca se lembrar dos pormenores. Era ele quem se lembrava dos aniversários e dos dias de São Valentim com pequenas prendas e cartões profundos que remetiam para piadas privadas de longa data, mas Kate sabia que se tinham conhecido seis anos antes porque acontecera na festa do seu trigésimo aniversário. Na altura, ela estava a trabalhar na publicidade de um filme independente de baixo orçamento realizado por um dos seus amigos – na realidade, era um favor, pois não contava fazer dinheiro com o trabalho, embora acreditasse no filme, que tinha planos interessantes e uma história que precisava de ser contada, sobre uma rapariga de doze anos que fora acolhida numa instituição e abusada sexualmente por um dos orientadores. Kate tinha convencido alguns críticos dos jornais de referência a assistirem a uma exibição do filme e eles tinham-no adorado, escrevendo críticas de cinco estrelas em que pareciam expectantes e que ajudaram à expansão da distribuição do filme por mais do que apenas um punhado de salas de cinema. O amigo de Kate, Ajesh, começara então a ser cortejado pelos diretores dos grandes estúdios, tendo um deles mostrado interesse em desenvolver um guião sobre uma adolescente que nascera sem sentido moral. O título provisório era *Madolescente*.

Ajesh fora ao trigésimo aniversário de Kate, cuja festa havia decorrido no andar de cima de um bar de Wandsworth que ficava perto do seu apartamento, e tinha levado com ele dois homens que Kate não conhecia. Era algo típico de Ajesh. Não perguntava se podia levar alguém, mas era uma pessoa tão amável que jamais o

podíamos levar a mal. Essa característica permitia-lhe levar as pessoas a fazerem coisas por ele.

– Katie! – berrara ele do outro lado da sala. Ajesh era também a única pessoa que lhe podia chamar Katie.

Kate embebedara-se com champanhe. Usava um vestido justo de cetim azul, comprado para a ocasião na Topshop, e saltos que eram ainda mais altos do que o habitual porque era a sua festa e, por isso, podia vestir-se como uma galdéria. Sorriu abertamente para Ajesh, elegante num fato de bombazina e com os seus familiares óculos de armação malhada, e caminhou até junto dele.

– Parabéns, querida – dissera Ajesh, abraçando-a. – Porra, estás deslumbrante!

Tinham dormido juntos uma vez, na universidade. A experiência revelara-se boa, mas não boa o suficiente para que lhe fosse dada continuidade, e parecia não ter prejudicado a sua estreita amizade, embora ela ainda pensasse nele de vez em quando, ficando por vezes excitada, algo que nunca lhe confessara. Ajesh cheirava a tabaco e *Red Bull*.

– Obrigada – dissera ela, recuando um pouco para fazer uma pequena vénia e desequilibrando-se. Estava mais bêbeda do que pensara.

Ajesh pusera então o braço à volta da cintura de Kate para a amparar.

– Apresento-te os meus amigos – dissera ele, fazendo sinal para que os dois homens avançassem. Estavam ambos de fato.

– Estão de fato – comentara Kate, estupidamente.

– É porque são muito importantes e, ao contrário de nós, adultos a sério com trabalhos a sério, não é verdade, companheiros?

O homem mais alto tinha-se inclinado para frente e oferecido a Kate uma caixa amarela brilhante que continha champanhe de uma marca cara.

– Espero que não te importes com o facto de não termos convite – declarara ele. Tinha um rosto agradável e o sorriso chegava-lhe aos cantos dos olhos, que enrugavam de uma forma atraente.

– Obrigada. Isto é muito melhor do que aquilo que costumo beber.

– Eu disse-te, Katie. São pessoas com uma grande classe.

– Então como é que *tu* os conheces?

Ajesh mantivera a mão à volta da cintura dela e afagara-lhe a anca com a mão. Kate gostara, ciente do bom aspeto que tinha e de que aquela era a sua noite.

– Bem, o Jake e aqui o Steve – o homem mais baixo piscara-lhe o olho – vão financiar o meu próximo filme.

– Não o filme todo – tinha dito Jake, ainda a sorrir. – Apenas o suficiente para sermos convidados para o trigésimo aniversário de uma mulher bonita.

Kate franzira a testa. Sentira-se solta, como se todos os seus músculos tivessem ficado relaxados sob o peso fixo do olhar de Jake. Cuidadosamente, para não quebrar o momento, pegara na mão de Ajesh e retira-a da sua anca. Movendo-se na direção de Jake, dera um único passo em frente. Percebera de que precisava de estar próxima dele. O fato de Jake, que anteriormente lhe parecera preto, era afinal azul-escuro. Ele não usava gravata – mais tarde, Kate descobriria que a tinha tirado e guardado dobrada no bolso do casaco. Os dois primeiros botões da sua camisa estavam abertos, revelando um triângulo de pele que ela sentira imediatamente vontade de lamber. Kate desejara pôr-se em bicos de pés, inclinar-se sobre o volume compacto e seguro do corpo de Jake e beijá-lo por

inteiro. Nunca havia sentido uma ânsia física tão flagrante e, naquele preciso e rápido momento, apercebera-se de que todas as relações sexuais que tivera até então, todos os namoricos e relacionamentos e beijos, tinham sido uma mera fase precursora daquilo. Kate tinha vindo a fazer as coisas mal. Tinha vindo a brincar num buraco na areia quando havia uma praia enorme para explorar. Estranhamente, porém, não existira muita conversa entre ambos. Fora como se tivesse havido um acordo tácito prévio e, assim que Jake entrasse no bar e na festa de Kate, as coisas passassem simplesmente a ser assim, inevitáveis na sua imprudência.

Kate não se conseguia lembrar de muito mais do que se seguira àquela onda de excitação. O resto da noite surgia-lhe em fragmentos. Os dois a dançarem ao som da música «Mr. Brighside», a saltarem, transpirarem e rirem, a camisa de Jake desfraldada, o casaco do fato abandonado há muito. Ao beberem pelo gargalo o champanhe que ele trouxera, Jake tinha virado a garrafa ao contrário para que Kate pudesse ficar com as últimas gotas e, nesse momento, ambos se tinham entreolhado através do vidro com rótulo amarelo. Kate fizera um discurso e ficara com lágrimas nos olhos ao ver-se diante de todos os amigos, porém, na realidade, apenas quisera impressionar Jake com as palavras que proferira, notando que ele se mantivera ao fundo da sala, alto o suficiente para ver sobre as cabeças de todos os outros. A certa altura, Kate lambera a ponta do dedo depois de Ajesh lhe ter passado uma pequena saqueta de pó na qual ela o tinha mergulhado. Kate lembrava-se das luzes, da música e da sensação de perfeito bem-estar. E, depois de todos ficarem drogados ou embriagados ou ambos, lembrava-se da sensação de Jake a levá-la pela mão até ao corredor, encostando-a à parede e segurando-lhe a

nuca com a sua grande mão enquanto a beijava, com a língua, e pressionava o peso do seu corpo contra o dela.

O beijo tinha sido longo e Jake, ao afastar-se, segurara o rosto de Kate, percorrendo-lhe a pele suave sob os olhos com a ponta dos polegares.

– Aí estás tu – dissera ele. – Olá.

Jake começou então a passar muito tempo no apartamento dela. Kate vivia num T1 no qual não havia realmente espaço para albergar em permanência um homem de 1,95 metros. Jake dizia que não se importava e deixava as roupas numa pilha bem organizada na parte de baixo do roupeiro de Kate, nunca se queixando de que tinha as camisas amarrotadas quando pegava nelas pela manhã e se vestia para ir trabalhar. Kate observava-o a vestir as calças, apertar o cinto e enfiar os braços no casaco antes de fazer um nó Windsor perfeito na gravata, e ficava espantada com o quão adulto ele parecia ser.

Havia apenas três anos de diferença entre ambos, mas o trabalho de Kate não requeria que ela usasse roupas formais ou sequer que agisse como um adulto. Muito pelo contrário, na verdade. Na indústria cinematográfica, era uma mais-valia parecer que tínhamos perpetuamente vinte e poucos anos. Os escritórios de Kate situavam-se no coração do Soho e, na maioria das noites da semana, ela continuava a sair para beber copos com os colegas do trabalho – os homens de óculos com armações pesadas e ténis imaculados que pensavam ser estrelas de *hip-hop*; as mulheres em calças de combate com cabelos esticados que pensavam ser modelos de roupa atlética e de lazer. Uma ou duas vezes por semana, as saídas transformavam-se quase em diretas e alguns deles acabavam no Groucho de madrugada, com um brilho nos olhos e comichão no

nariz, por se empilharem num único cubículo da casa de banho e partilharem linhas de coca, apesar de um aviso pendurado na parede dizer: «Este estabelecimento proíbe expressamente o consumo de drogas.»

Depois, cambaleavam pelas ruas de braço dado, andavam no meio da estrada com fanfarronadas juvenis ao mesmo tempo que os táxis lhes apitavam e lhes gritavam para saírem do caminho. Esperavam pelo autocarro noturno enquanto os varredores de rua começavam a limpar os passeios e regressavam a casa, dormiam algumas horas e voltavam para o trabalho, usando óculos escuros, estampados de leopardo e *eyeliner*, ainda afetados pela noite anterior. Nos seus rostos resistiam pequenas manchas brilhantes, cravadas como cardos na bainha de uma saia.

Eram invioláveis. Estavam a divertir-se: uma *diversão* tão consciente, declarativa e necessária que aquela parecia a única forma de viver. Desprezavam os homens de fato e gravata, os «gatos gordos», os executivos, os escravos assalariados, os banqueiros e os consultores de gestão, e definiam-se a si mesmos por oposição a eles. Não importava que recebessem menos, que não tivessem subsídios, que os seus chefes os usassem como vulgares estagiários. Era o princípio da coisa que contava, qualquer que ele fosse. O pessoal era político, diziam uns aos outros, assentindo com fervor, mas sem saberem ao certo o que isso significava. Eram anarquistas que reescreviam as regras do trabalho, da vida, do mundo que os seus pais tinham herdado. Só que também produziam filmes e comercializavam o faz-de-conta e iam a exibições privadas com garrafas miniatura de água mineral e sanduíches triangulares da *Pret* em tabuleiros de plástico onde pediam aos jornalistas que assinassem acordos de não divulgação, enviando-lhes depois *e-mails*

a perguntar o que tinham achado. No entanto, o valor moral do seu trabalho ou as inerentes contradições das suas posições nunca pareciam questionáveis desde que votassem no Partido Trabalhista e fizessem reciclagem.

Parte do papel de Kate quando começara a trabalhar na produtora consistia em ajudar a organizar as viagens promocionais, para as quais era reservada uma suíte num hotel durante dois dias e os atores, acompanhados por uma comitiva de assistentes, instrutores e acendedores de velas aromáticas, se sentavam numa volumosa poltrona, envoltos numa névoa de *glamour* inverosímil, enquanto os entrevistadores que trabalhavam para os jornais, as revistas, a rádio e a televisão entravam e faziam as mesmas perguntas vezes sem conta.

«Como é trabalhar com fulano tal?»

«Como se preparou para o papel?»

«Como é que se separou da [inserir o nome da cônjuge da celebridade]?»

E, exclusivamente para as mulheres com filhos: «Como consegue gerir tudo?»

E, exclusivamente para as mulheres sem filhos: «Deseja constituir família?»

Kate ouvia tudo discretamente a partir da casa de banho, sentada na ponta da bancada em mármore do lavatório, prestando atenção a perguntas específicas que tinham sido previamente proibidas pela equipa da celebridade. Era algo estranho. Não era suposto que Kate assistisse às entrevistas, mas todos sabiam que ela o fazia e que, se ouvisse um jornalista a resvalar para um território desconfortável, teria de sair da casa de banho como um holograma e dar a entrevista por terminada. Kate odiava aquela tarefa e ficava sempre

antecipadamente nervosa. Muitas vezes, os jornalistas eram muito mais velhos do que ela e sentia-se mal quando os repreendia, como se lhes negasse a liberdade de expressão, ainda que não desejasse aprofundar muito a questão. Mas porque não poderiam eles perguntar o que quisessem, e porque não seriam as celebridades capazes de dizer que não queriam responder?

Kate tinha questionado a sua chefe, Mica, diretora do departamento de *marketing*, a este respeito e ela olhara-a fixamente antes de dizer:

– Porque as celebridades são como bebés crescidos e precisam que as outras pessoas lhes façam tudo. Perderam a capacidade de tomar as suas próprias decisões.

Kate soltara uma breve gargalhada nervosa.

– Não será isso uma generalização?

Mica ficara a observá-la. Usava grandes argolas douradas nas orelhas, batom coral mate, o cabelo muito curto e, à sua maneira, era intimidante.

– Querida, o teu trabalho não é questionar a razão por que se faz da forma que se faz – afirmara Mica. – O teu trabalho é fazê-lo. Está bem?

– Está bem. Mas…

– Não. Vê se percebes, isso é o que *não* vamos fazer, querida. Não vamos transformar isto numa conversa. Não queremos que a publicidade ao nosso belo filme seja indevidamente apropriada por uma qualquer cabeça oca a dizer… sei lá… que Hitler não era assim tão mau.

– Como se tal fosse possível – bufara Kate.

– Ficarias surpreendida, querida – garantira Mica, levantando-se da secretária e cruzando os braços de um modo que fizera tilintar as

suas pulseiras de ouro. – Ficarias surpreendida.

Kate tinha seguido o conselho de Mica e agido como esta a instruíra, assumindo gradualmente funções de maior relevo no departamento de *marketing*, até acabar por substituir a sua antiga chefe, que se despedira para fundar uma marca de *lifestyle* que produzia *leggings* sofisticadas e rolos faciais de cristal, argumentando que estava «esgotada» e precisava de viver uma existência mais significativa num ritmo mais lento. Kate tinha comprado alguns artigos no *website* da marca uma vez. Eram bons, embora caros. As *leggings*, quando chegaram, tinham fechos verticais dourados na zona dos tornozelos.

Alguns meses mais tarde, um dos filmes da produtora viria a afundar-se nas receitas de bilheteira depois de o realizador ter dado uma conferência de imprensa na qual atribuíra «alguns méritos» a um livro escrito por uma conhecida personalidade que negava o Holocausto e Kate lembrara-se do que Mica lhe havia dito. Nem sequer ficara chocada com os comentários do realizador ao esboçar um memorando de gestão da crise para as distribuidoras do filme. Toda a atenção de Kate se centrara em controlar as repercussões, distrair a comunicação social e redigir um pedido de desculpas que o realizador viria a assinar sem sequer o ter lido. O pedido de desculpas tinha sido publicado no Twitter e obtivera 25 mil gostos.

Depois disso, Kate fora vendo as raparigas como ela a entrarem com o mesmo tipo de idealismo e desconhecimento, apercebendo-se do quão irritante Mica a teria considerado e de que também ela havia ficado endurecida pela indústria – ao princípio, de modo imperceptível, depois, muito rapidamente, pelo que parecera ter acontecido da noite para o dia. Kate perdera o amor pelos filmes populares e esquecera-se das suas antigas crenças no poder da arte para mudar as

pessoas, tornando-se cínica em relação aos truques publicitários, às despesas promocionais com suítes de hotel, ao incessante exercício de pressão em festivais de cinema e aos estúpidos pedidos das celebridades de Hollywood, como por exemplo encontrar um *chef* de comida macrobiótica às três da manhã no Soho. Por isso, quando Ajesh lhe pediu para ela o ajudar com o *Madolescente*, Kate agarrou a oportunidade. Tinha gostado de voltar a sentir carinho por alguma coisa e trabalhara noite dentro na mesa rebatível da sala que se dobrava e ficava como uma secretária. Deixara de sair tantas vezes com os colegas e percebera que não sentia falta dessas saídas. Estava mais velha, tinha menos energia, a coca começava a ser cansativa e sentia-se preparada para mudar, como se estivesse a jogar um jogo de computador e à espera da revelação do nível seguinte. Quando Jake apareceu na festa do seu trigésimo aniversário, Kate soube de imediato. Soube que era aquilo por que esperara. Não se tratava apenas de Jake, mas de tudo o que ele representava. A idade adulta. A união. A vida mais recatada. A possibilidade de se afastar do resto.

Jake era bastante sincero e Kate gostava particularmente desse aspeto. Ele não operava no mundo dela, não o compreendia. Não se deixava influenciar pela ostentação ou impressionar pelos nomes. Gostava de números, folhas de cálculos e somas matemáticas que fizessem sentido. Mas também gostava muito dela, algo que era notório. Ao fim de três meses, Jake tinha-lhe pedido para ir viver com ele. O apartamento de Kate era apenas arrendado, mas Jake, sendo sensato, comprara o dele antes de o mercado imobiliário ter disparado. Era um apartamento numa moradia de pisos divididos num quarteirão de mansões em Battersea, perto do parque. A antiga Kate teria torcido o nariz, julgando tratar-se de uma zona demasiado

sofisticada e de pessoas afetadas: uma parte do sudoeste de Londres povoada por jovens de calças vermelhas e coletes pomposos que estudavam avaliação imobiliária com o expresso propósito de, um dia, gerirem as propriedades da família. No entanto, a Kate de trinta anos decidira não ser tão crítica quanto a Kate de vinte e cinco anos havia sido. Além disso, o salário de Jake era muito superior ao seu e ele oferecera-se para pagar a maior parte da prestação, pedindo-lhe apenas uma contribuição nominal.

O apartamento propriamente dito era melhor do que Kate imaginara: tetos baixos, mas janelas altas; dois quartos e uma suíte; tapetes marroquinos a cobrirem o chão; uma cozinha com prateleiras suspensas cheias de louça com padrões que a mãe de Jake lhe oferecera. A casa de banho principal possuía um enorme chuveiro a que Jake chamava «cabine de duche».

– É um chuveiro, Jake – insistira Kate ao mudar-se para o apartamento.

– É uma cabine de duche – respondera ele, agarrando-a suavemente pelos ombros e pressionando os polegares nas costas dela para lhe massajar os nós da tensão. – Foi o que o agente imobiliário lhe chamou.

Kate soltou uma gargalhada.

– Ah, está bem, *nesse* caso… Quero dizer, os agentes imobiliários dizem sempre a verdade, portanto…

Jake curvou a cabeça e beijou-a, enquanto Kate se apertou contra ele, sentindo o calor de Jake e o batimento fiável do seu coração.

– Amo-te – disse ela, e nunca o exprimira com tanta convicção.

O sexo era bom. Não era, para ser brutalmente honesta, o melhor sexo que Kate já tivera, porém, considerando o contexto, funcionava bem. O contexto consistia no facto de Jake ser um homem bom que a

amava. Quando Kate tivera sexo incrível no passado, fora sempre com narcisistas que não inspiravam confiança e se gabavam do seu desempenho, mostrando pouco interesse na ligação emocional. Kate interpretara mal as bolhas de ansiedade no seu estômago, considerando-as uma paixão romântica ardente, acreditando erradamente que o amor gerava uma sensação de inquietação, como uma mala por fazer à espera de uma viagem que nunca chegava.

Jake, pelo contrário, era como um lar. Gerava uma sensação de segurança. Revelava-se solícito no quarto, perguntando sempre o que ela desejava, sempre preocupado com a possibilidade de a estar a magoar ou deixar desconfortável ou de não a satisfazer de alguma forma, embora Kate, na verdade, apenas quisesse ser dominada e fodida, com assertividade e sem conversas. Kate já tinha demasiadas conversas na sua vida normal para que as pretendesse prolongar no quarto. Estava farta de negociar, farta de pessoas que não tinham ideia do que precisavam. Mas sentia vergonha desse sentimento e a sua consciência feminista ficava chocada com tais desejos secretos. Nesse sentido, a normalidade do sexo com Jake transformara-se numa outra espécie de alívio.

O que a mais excitava em Jake era o facto de ele a querer tanto, algo que a fazia sentir-se sensual e desejada. Quanto mais tempo passavam juntos, mais o sexo melhorava. Jake começava a aprender como o corpo dela respondia ao seu toque, enquanto Kate tentava desligar os próprios pensamentos até existir, tanto quanto podia, como uma pura entidade física, e, dessa forma, o ato funcionava bem. Pelo menos, assim fora durante algum tempo.

14

Mais tarde, ao olhar para trás, Kate tentou identificar o momento em que tudo começou a correr mal. Não teve noção da importância da circunstância na altura, porém, em retrospetiva, acabaria por chegar à conclusão de que tinha sido quando conhecera a mãe de Jake. Essa foi a primeira vez em que existira alguma tensão entre ambos, e ali ficara, aquele desconforto, como um caco de um copo partido há muito no chão da cozinha: impercetível, até o pisarmos pela manhã com os pés descalços e o vidro aguçado ficar alojado sob a nossa pele.

Estavam juntos há seis meses quando Annabelle endereçou o convite. A mãe de Jake ligava-lhe todos os domingos às cinco da tarde para «pôr a conversa em dia». Kate conseguia ouvir o tinido estridente da voz de Annabelle do outro lado da linha quando Jake falava com ela sentado no sofá da sala e parecia uma pessoa diferente. Mais carente, de alguma forma, como se ainda ansiasse pela aprovação materna.

Kate considerava estranho que um adulto tivesse uma relação tão disciplinada e, ainda assim, enjoativamente sentimental com a mãe. Nas poucas vezes em que Jake se esquecera do compromisso das cinco da tarde, Annabelle ficara magoada e na defensiva. Uma vez, Kate e Jake tinham ido ao cinema num domingo à tarde e depois do filme, já de noite, ao ligar o telemóvel, Jake deparara com quatro chamadas não atendidas e três mensagens de Annabelle, cada uma mais enervada do que a anterior em relação ao paradeiro do filho.

– Foda-se – tinha exclamado Jake. – É melhor ligar-lhe, caso contrário vai ficar preocupada.

– OK – respondera Kate, largando-lhe o braço. Deste modo, dava a entender que, embora não fosse seu desejo interferir, considerava aquilo esquisito.

Jake ligara à mãe, serenara-a e, no dia seguinte, enviou-lhe um ramo de flores, o que Kate considerou, sem dúvida, um exagero.

– Talvez devesse ficar feliz por a outra única mulher da tua vida ser a tua mãe – brincara ela, apesar de não ser verdadeiramente uma brincadeira.

– És a única com quem quero fazer sexo.

Não era propriamente tranquilizador. Jake, reparara Kate, não tinha criticado Annabelle nem procurara distanciar-se dela.

– Bem, isso é um alívio.

– Ela vai adorar-te.

Mais uma vez, não era o que Kate precisava de ouvir.

Acabaram por abandonar o tema. Jake disse-lhe que a proximidade com a mãe resultava do facto de ser o único filho homem, e o mais velho, e de Annabelle, por isso, recorrer a ele. Mas parecia estranho que não se virasse para as filhas ou para o marido, o pai de Jake.

– Oh, o Chris não é muito bom nesse tipo de coisas – declarou Jake, com uma indiferença que sugeria que estava a papaguear a opinião de longa data de outra pessoa. Tratava o pai pelo nome próprio quando o queria diminuir.

– Que tipo de coisas? – perguntou Kate.

– Bom, ele é muito afável e simpático e tudo isso, mas pouco decidido. Nesse aspeto, a minha mãe é a mais forte.

– Pensava que ele era médico.

– Médico de clínica geral aposentado. Nunca foi propriamente uma pessoa muito bem-sucedida.

– E as tuas irmãs?

Jake hesitou.

– É complicado. Duas delas vivem no estrangeiro, e a Millie nunca telefona…

– A tua mãe poderia, ainda assim, ligar-lhes.

– E liga. Mas nós sempre fomos mais chegados.

Neste ponto, Jake regressara sempre ao que quer que estivesse a fazer – ver um jogo de râguebi na televisão com os braços à volta dos ombros dela; folhear um livro sobre estratégia de gestão de negócios – e ficara-se por ali. Nunca pareceu detetar qualquer tipo de subtexto ou segundas intenções nas perguntas de Kate. Sempre pensara o melhor dela, assumindo o que dizia como algo genuíno. Fazia parte do seu charme inconsciente e Kate sabia que não poderia ter isso e o seu contrário.

Portanto, a família de Jake era um tópico a evitar. Como, na realidade, Annabelle e Chris viviam a centenas de quilómetros, em Tewkesbury, desde que Kate não tivesse de passar tempo com eles, não via nisso um problema.

Mas depois chegou o convite, através de um dos telefonemas de domingo à tarde. Jake estava sentado no sofá como de costume e Kate tinha ido para o quarto folhear o suplemento de um jornal. Ouvira a parte dele da conversa:

– Sim, mãe.

– Tudo bem, obrigado.

– Oh, na verdade, não estive demasiado ocupado esta semana. O negócio foi aprovado, o que é bom.

– Sim.

– Hum, pois.

– Ah. Está bem. Certo.

– Ela não está aqui comigo. Deixa-me perguntar-lhe.

Jake tinha entrado no quarto, dirigindo-se à cama com o telefone estendido.

– É a minha mãe – informou Jake. – Quer falar contigo.

Kate teve a estranhíssima sensação de que iria ser repreendida, como se Annabelle lhe fosse transmitir, em termos inequívocos, que ela não era suficientemente boa para o seu adorado filho. Não pegou no telefone, mas pôs o capuz da sua camisola, afundando a cabeça no algodão suave como uma criança. Não soube porque o fez. Jake tinha agitado o telefone na sua direção, irritado.

– Pega nele!

Kate estendeu o braço e levou o telefone ao ouvido.

– Estou?

– Olá. Kate?

A voz surgiu nítida e imperiosa.

– Sim.

– Fala a Annabelle, a mãe do Jake.

– Sim, eu sei.

Annabelle riu de forma ríspida e Kate apercebeu-se de que tinha sido rude.

– Como está? – perguntou ela, assumindo um tom de voz falsamente alegre. – É um prazer falar consigo!

– Também é um prazer falar consigo, Kate, e poder juntar uma voz ao nome de que tanto tenho ouvido falar. Pelo que sei a Kate e o Jake… – Annabelle fez uma pausa ligeira, mas significativa – *namoram* há cerca de três meses, não é?

– Na verdade, há seis meses, mas…

– Seis! Meu Deus!

Kate olhou para Jake, encostado à moldura da porta, com os braços cruzados e a testa um pouco franzida, e perguntou-se sobre se ele não teria deliberadamente encurtado a duração do relacionamento deles para que a mãe não se sentisse ameaçada.

– E estão a passar tanto tempo juntos – continuou Annabelle. – A Kate parece estar sempre no apartamento dele quando eu telefono.

– Bem, eu… – Portanto, Jake não tinha contado à mãe que viviam juntos. – Sim – concluiu ela, de forma apagada.

– Ouça, preciso de ir porque tenho uma paelha ao lume, mas acabei de dizer ao Jakey que adorávamos que viessem almoçar connosco num fim de semana. Quando quiserem. Eu sei o quão atarefados andam os jovens como vocês, por isso escolham uma data oportuna e nós trataremos de nos organizar nesse sentido. Com a exceção do dia vinte. Não posso no dia vinte por causa da associação coral. E, na verdade, no dia trinta também não, mas qualquer outra data seria *maravilhosa*.

– Obrigada – dissera Kate, apesar de esta ser a forma de convite que menos lhe agradava. A não ser que alguém sugerisse uma data específica, não havia forma de arranjar uma desculpa. – Seria muito bom.

– Ótimo. Mal posso esperar.

Um silêncio demasiado prolongado instalou-se entre ambas. Kate olhou para os pés ao fundo da cama. Usava meias de malha castanhas. Para além delas, conseguia vislumbrar as copas das árvores no parque e um fino trilho de nuvens com um tom vermelho rosado.

– Pode passar-me de volta ao Jakey?

– Ah, sim, claro, desculpe.

Kate devolveu o telefone. Jake arqueou as sobrancelhas, mas ela virou-se de costas e fingiu voltar à leitura da sua revista. Kate não gostava da ideia de ter de conhecer os pais de Jake. E, por isso, nunca lhe sugerira o mesmo. Os pais dela eram o tipo de pessoas perfeitamente simpáticas, discretas, votantes do Partido Conservador, com casas geminadas, embora fossem também, em grande medida, irrelevantes para quem ela passara a ser. Não a compreendiam e ela não os compreendia, e ambas as partes respeitavam isso. Kate sempre desconfiara dos adultos que não se conseguiam inventar fora do contexto familiar. Não via com bons olhos ter de obedecer às convenções e deslocar-se à província para mostrar deferência à presunçosa Annabelle e ao apagado Chris simplesmente porque escolhera ter um relacionamento com o filho deles.

A cama afundou-se com o peso de Jake, que viera deitar-se ao lado de Kate. Ela sentiu o corpo dele a encaixar-se no seu, os joelhos dele a curvarem-se na parte de trás dos seus. Os ombros de Kate relaxaram.

– A minha mãe vai adorar-te. Tenho a certeza.

Kate virou-se para ele e beijou-o na boca.

– Irei por ti.

E viria a cumprir o prometido.

Três semanas depois, viajaram de carro até Tewkesbury. O carro tinha sido a primeira compra a sério em conjunto, tendo Jake passado dias a fazer pesquisas no *AutoTrader* antes de encontrar uma opção adequada: um *Volkswagen Polo* prateado com uma quantidade razoável de quilómetros, vendido por 2400 euros por ter um arranhão na parte da frente ao qual nenhum dos dois dera importância. A

descrição, porém, alertara-os para o facto de o automóvel só ter sido «conduzido por mulheres», algo que Kate considerou hilariante.

– Podemos enviar-lhes um *e-mail* a perguntar que *tipo* de mulheres são elas? – perguntou Kate, coçando a nuca de Jake da forma que ele gostava.

– Que tipo de mulher te levaria a não comprar o carro dela? – questionou Jake, sorrindo.

– Uma mulher perdida. Uma mulher descontrolada. Uma mulher que usasse demasiada licra e fumasse cigarros no lugar do passageiro do carro da melhor amiga.

Jake soltara uma gargalhada, sem perceber a referência à música «No Scrubs» das TLC. Nunca ouvia música, preferindo os comentários desportivos e os programas de entrevistas na rádio, embora ambos gostassem da banda Oasis.

– Vamos investigar as mulheres em questão – disse Jake, puxando Kate para o seu colo de modo a ficar sentada sobre ele com uma perna para cada lado. – E, se concluirmos que são fracas de espírito, não compraremos o carro delas.

Beijaram-se e, quando se afastou e olhou para aquele rosto belo e sincero, Kate pensou para si mesma que nunca havia gostado tanto de alguém. Amava-o, claro, porém, muitas vezes, amar uma pessoa não significava gostar dela. Mas de Jake ela gostava muito.

Quando se deslocaram a um bloco de apartamentos de poucos pisos da década de 1950 em Lambeth para comprar o carro, não tinha aparecido nenhuma mulher. Foi um homem que recebeu o dinheiro e lhes passou as chaves.

– E é assim, meu amigo, que funciona o patriarcalismo – afirmara Kate, sentada no lugar do passageiro, enquanto Jake fazia marcha-atrás no lugar de estacionamento.

– Será possível não me preocupar com o patriarcalismo apenas por um dia se isso nos permitir fazer um bom negócio com um carro? – perguntara Jake, deixando o volante girar de volta à posição de origem.

– Não sei se é, mas não farei queixa de ti desta vez.

Kate passou com a ponta dos dedos pela linha de sardas do antebraço descoberto de Jake e, mais tarde, durante o sexo, imaginara-se estendida no capô do carro, a sentir o calor do motor contra a parte inferior das costas enquanto se vinha.

Voltou a pensar nisso na viagem para conhecer os pais de Jake. Na verdade, não tinham ainda feito sexo no carro. Kate sabia que seria demasiado apertado e desconfortável, mas não deixava de gostar da ideia. Contudo, ficaria envergonhada se a sugerisse a Jake e ele começasse a rir ou a achasse pervertida. A postura dele em relação ao sexo era semelhante à visão que tinha da vida: quanto menos complicações desnecessárias, melhor.

Kate virou-se para o ver de perfil no lugar do condutor – era sempre ele que conduzia porque o fazia melhor. O rosto de Jake estava ligeiramente bronzeado do piquenique do dia anterior no Battersea Park, para o qual tinham levado um cobertor, uma garrafa de vinho *rosé*, uma baguete e um tubo de húmus de supermercado, tendo ficado tocados no calor da tarde.

– Estás bem – perguntara Jake.

Kate assentira com a cabeça.

– Não fiques nervosa. Tens um ótimo aspeto.

Não estava nervosa, embora supusesse que deveria estar. Conseguia ser educada, encantadora e desempenhar o seu papel, mas, além disso, sentia que era mais prudente não tentar conquistar a mãe de Jake ou estabelecer com ela uma falsa intimidade. Tinha

um pressentimento de que seria melhor manter uma certa distância de Annabelle.

Kate ligou o rádio para evitar mais conversas. A voz de uma estrela *pop*, com grandes efeitos de distorção, infiltrara-se no carro. No entanto, apesar de não se sentir nervosa, tinha escolhido a sua roupa com muito cuidado. Não tanto para impressionar Annabelle, mas para se sentir o mais confiante possível, e, por isso, vestira as suas calças de ganga curtas preferidas, complementadas com um par de sapatos de tacão grosso e uma camisa de seda de tom mostarda, desabotoada para exibir um espesso colar de ouro. Usara o secador naquela manhã, pelo que o seu cabelo ficara mais suave do que o habitual, o familiar estilo irregular agora domado, liso e lustroso. Batom vermelho, rímel escuro, um toque de *blush* nas maçãs do rosto e nada mais. Kate sabia que Jake gostava de batom vermelho. Ele disse-lhe que a fazia parecer parisiense e, de cada vez que o repetiu, Kate riu-se perante a cega clareza do desejo masculino.

Demoraram três horas a chegar lá, através das Colinas Chiltern e das intermináveis rotundas de Swindon, e depois pela paisagem salpicada de casas com meias-portas das Cotswolds, até Jake apontar e virarem num pequeno caminho de acesso, emergindo no pátio de uma imponente casa de tijolo vermelho. Quando Jake falou sobre o seu lar de infância, apelidou-o de «casa de quinta», porém, ao olhá-la, Kate apercebeu-se de que não se tratava de uma verdadeira casa de quinta, mas da versão que as pessoas finas tinham do que seria uma casa de quinta. Conseguira contar quatro chaminés no telhado e cantarias esculpidas em redor de todas as janelas. A porta da rua tinha duas árvores em miniatura perfeitamente podadas em cada um dos lados da entrada, com os ramos frondosos obedientemente cortados em esferas verdes vistosas. A gravilha do

caminho de acesso possuía uma aparência tão limpa que parecia encenada. A casa encontrava-se rodeada de campos e bosques e Kate saiu do carro para o som do canto de pássaros.

– Estás a brincar – disse, quando Jake lhe estendeu a mão.

– O quê?

– Isto é lindo.

– Obrigado. – Jake corou.

Kate não pretendeu dizê-lo de forma calorosa. «Lindo» não era a palavra certa, apercebeu-se nesse momento. Era intimidante e ela odiou-se por se ter sentido intimidada.

A porta abriu-se antes que pudessem pressionar o botão da campainha vitoriana ornamentada.

– Querido!

Annabelle apressou-se a sair e abraçar Jake com força, afundando a cabeça no pescoço dele. O abraço apertado manteve-se durante vários segundos e só depois largou o filho.

– E esta deve ser a Kate.

Annabelle deu um passo em frente, tomando nas suas as mãos de Kate.

– Deixe-me olhar para si – disse Annabelle, permitindo que o seu olhar percorresse o corpo de Kate. – É muito *magra*, não é?

Jake soltou uma gargalhada.

– Mãe, deixa-te disso! És tão obcecada com o peso.

– Oh, estou apenas a brincar. É um elogio para nós mulheres, não é, querida?

Annabelle forçou Kate a um abraço ossudo. Ela teve de fechar os olhos para não os revirar.

– É tão bom vê-los – declarou Annabelle, olhando para Jake por cima do ombro de Kate. – Entrem, entrem.

O abraço terminou abruptamente e Annabelle dirigiu-se para o interior da casa.

– Também é um prazer conhecê-la – respondeu Kate, com Annabelle já de costas e a afastar-se.

O corredor era fresco e o chão, coberto de azulejos com um padrão vermelho-acastanhado, fez Kate lembrar-se do seu colégio interno. À ténue meia-luz, conseguiu olhar devidamente para Annabelle pela primeira vez. Era uma mulher alta, muito direita e elegante. Possuía um corpo mais robusto do que esbelto. Tinha mãos grandes, com dedos longos cingidos por finos anéis de ouro. Estava muito bronzeada e, no lado direito do rosto, duas manchas hepáticas tinham formado um pálido arquipélago castanho. Os seus olhos eram de um azul muito claro, como as águas do mar pouco profundas através das quais é possível ver a areia. Usava um casaco de linho esvoaçante sobre uma camisola de alças de tom verde acinzentado, calças de linho brancas e chinelos marroquinos arroxeados, com o couro dobrado na parte de trás para que os tornozelos ficassem expostos.

– Olá, pai – cumprimentou Jake, e Kate reparou numa figura franzina a surgir por uma porta.

Chris deu um aperto de mão ao filho e depois aproximou-se de Kate e beijou-a ao de leve em ambas as faces. Tinha olhos bondosos e usava uma camisola de lã *bordeaux* com cotoveleiras.

– Foram simpáticos em fazer a viagem – declarou ele, com a sua voz a ficar imediatamente perdida na obscuridade ecoante da casa. Fez-lhes sinal para entrarem no «salão», como ele lhe chamou, que era claro e floral, com sofás volumosos estofados num padrão de lírio-do-vale. – Agora: bebidas.

Chris avançou para o armário das bebidas sob uma parede com prateleiras de livros. Kate identificou uma cópia de *Civilização*, de Kenneth Clark, e várias fotografias em molduras prateadas de crianças com cabelos hirsutos. Apercebeu-se então de que ainda segurava o ramo de túlipas que havia trazido da florista de Battersea. Os caules tinham ficado comprimidos contra o papel de embrulho castanho, encharcando-o.

– Ah, esqueci-me de lhe dizer, Annabelle. Estas são para si.

Annabelle olhou para ela de modo esquisito. Estendeu os braços no seu linho ondulante e pegou nas flores, segurando-as a uma certa distância, como se a pudessem manchar. Depois, sorriu, embora o sorriso não lhe tivesse alcançado os olhos.

– Kate, obrigada – ronronou. – Estava prestes a dizer-lhe que não somos de cerimónias e que me devia chamar pelo meu nome próprio, mas fico contente por se ter sentido suficientemente confortável para o fazer de imediato. – Baixou a cabeça para cheirar as flores. – Não lhe deve ter sido fácil encontrá-las. Normalmente, não me dou ao trabalho de cortar flores. Temos tantas belezas no jardim, sabe. Oh! – Esboçou uma pequena gargalhada. – Claro que não sabe. Nunca aqui esteve antes, pois não? Desculpe-me, querida, às vezes perco a noção de todas as amizades do Jakey. – A forma como disse «amizades» implicou o uso de aspas. – Sou uma idiota. Teremos de lhe mostrar a propriedade mais tarde, não é verdade, Jakey? Poderá ver a pequena casa de campo que acabámos de restaurar numa das dependências. Sim. Encantadora. – Ergueu o ramo de túlipas, que haviam definhado sob a pressão do seu olhar. – Mas estas são… *lindas*. Agora tenho de ver se me lembro de onde estão as jarras. Sentem-se, sentem-se, por favor! – Gesticulou na direção dos cadeirões e sofás.

Sentaram-se. Annabelle retirou-se da sala, apertando o ombro do filho ao sair e beijando-lhe a cabeça como se ele fosse uma criança. Kate olhou para Jake, que lhe piscou o olho. Lentamente, Kate respirou fundo. Só teria de aguentar mais algumas horas até poderem ir embora.

– Aqui tem. – Chris passou-lhe um copo gigante, sem pé, de *gin* e água tónica.

Kate deu um longo trago no preciso momento em que Annabelle reentrou na sala com um copo de vinho branco e se lançou num brinde improvisado. Kate engoliu o *gin* o mais silenciosamente que conseguiu.

– Só quero dizer que é um *gosto* ter o Jakey em casa, e conhecer a sempre-tão-cheia-de-estilo Kate.

– Saúde – disse Chris, erguendo um copo ainda maior de *gin* em direção ao centro da sala e sorrindo com uma impressão que sugeria que a sua bebida não era a primeira do dia.

Annabelle sentou-se no sofá ao lado de Jake e pousou a mão possessivamente no joelho dele. Kate, num cadeirão de costas direitas, no outro lado da sala, observou Chris a dobrar-se para se sentar num banco de couro gasto junto à lareira e a ser interrompido por Annabelle:

– Os frutos secos, querido!

– Ah, sim, desculpa – disse ele, endireitando-se e estalando os ossos no processo.

Chris regressou ao armário das bebidas, tirou um saco de amendoins enorme e deitou um mero punhado deles numa pequena taça de cristal, que trouxe de volta com grande cerimónia e pousou numa mesa de café baixa cheia de cópias da revista *House & Garden*. A mesa encontrava-se fora do alcance de Kate, pelo que se

limitou a beber o seu *gin*, tendo ficado com a cabeça leve. Chris fizera-o excecionalmente forte.

– Então – começou Annabelle, recostando-se no sofá, com as pernas cruzadas num ângulo gracioso. Kate tinha lido algures que as mulheres da alta sociedade cruzavam as pernas daquela forma para não deixarem manchas vermelhas na pele. – Como é que vocês se conheceram?

– Fui, sem ser convidado, à festa do trigésimo aniversário da Kate – respondeu Jake, olhando através da sala para Kate com um sorriso aberto.

– Meu Deus – disse Annabelle. – Que indelicadeza!

– Não houve problema, Annabelle. Ele levava champanhe e, por isso, deixei-o entrar.

Kate decidiu usar o nome da mãe de Jake sempre que possível durante a conversa.

– Foi sensato – comentou Chris, num riso abafado.

Annabelle não se riu, mas fitou Kate com um ligeiro sorriso a obscurecer-lhe a boca. Não disse mais nada e parecia haver pólvora no seu silêncio. Kate sentiu um formigueiro na nuca. Bebeu mais *gin* e não tentou continuar a conversa como provavelmente faria noutras circunstâncias. Percebeu que Annabelle a estava a testar e recusou-se a ceder. O silêncio prolongou-se até que Jake se inclinou na direção dos amendoins e se levantou para dar alguns a Kate.

– Não lhes consegues chegar daí – declarou Jake, e Kate ficou contente por ele ter notado.

Almoçaram na cozinha (por sugestão de Annabelle, pois esta considerou que, sendo apenas quatro, não valia a pena usarem a sala de jantar), numa mesa de pinho comprido com uma toalha da cor da lavanda que, como Kate ficou a saber, tinha sido trazida de uma

das muitas viagens da família à Provença. As loiças eram ainda mais floridas do que a sala de estar e uma baguete de sementes fora servida já fatiada numa tigela com a palavra «TIGELA» escrita no rebordo. As facas e os garfos tinham cabos de marfim gasto com um tom amarelado semelhante ao da nicotina.

Annabelle fez questão de prender o seu longo cabelo loiro acinzentado e vestir um avental antes de retirar uma travessa fumegante de pernas de galinha e limões em conserva do fogão *Aga*. O prato fora servido com puré de batata que ainda tinha alguns grumos e brócolos demasiado cozidos.

– Tinto ou branco – perguntou Chris, apresentando garrafas de cada. – O tinto é um vinho barato relativamente bom. O branco é um *Sancerre* com um final fresco e seco…

– Ou *rosé*. Sei que algumas pessoas gostam de *rosé* – acrescentou Annabelle, como se tal fosse uma preferência algo detestável.

– Tinto, por favor – respondeu Kate, e depois viu todos os outros escolherem o branco.

A conversa foi dominada pelas perguntas intermináveis de Annabelle sobre o trabalho de Jake e como estava determinado colega e quais eram os planos dele para o futuro e como estava o apartamento e se ele tinha comprado aquela estante de que gostava e por aí diante, tudo concebido, sentiu Kate, para mostrar quão bem conhecia o filho e quão intimamente estava envolvida em cada aspeto da vida dele, não sobrando assim espaço para mais ninguém.

Jake, que não era pretensioso, que não conseguia detetar um motivo oculto mesmo que este o atacasse e o atirasse ao chão, conversou com ligeireza e serviu-se uma segunda vez, com Annabelle a elogiar-lhe o apetite.

– Quer um pouco mais, Kate? – perguntou Annabelle, empurrando a travessa de galinha na direção dela. – Por favor – gesticulou. – Bem pode alimentar-se.

– Estou bem, obrigada, Annabelle. Mas estava delicioso.

Annabelle endireitou-se, com os ombros para trás, e puxou novamente a travessa.

– É uma pena ficar com sobras. Vocês vão levar alguma desta comida, Jakey.

– Hum, sim, por favor. Obrigado, mãe.

Por baixo da mesa, Kate cerrou um punho e enterrou as unhas na palma da mão.

– Mais vinho – perguntou-lhe Chris, e começou a servi-la mesmo antes de ela dizer que sim.

Kate percebeu rapidamente que a sua relação com a mãe de Jake seria suportada pelo álcool e questionou-se sobre quanto tempo demorou Chris a chegar à mesma conclusão.

Tomaram os cafés no salão, acompanhados por uma caixa de chocolates bafienta, provavelmente retirada do fundo de um armário onde guardavam presentes de que não gostavam muito. Kate, por educação, escolheu uma trufa de pralina, mas notou que a trufa tinha uma cobertura de sedimentos brancos em toda a volta, sugerindo que a data de validade expirara vários meses antes. Engoliu-a em duas dentadas rápidas para não lhe sentir o sabor.

Annabelle continuou o seu ataque conversador, enquanto Chris, que passou entretanto do vinho para o *whisky*, assentia com a cabeça em vários momentos para mostrar que estava a ouvir. Annabelle descreveu as linhas gerais dos seus planos para o verão (Provença, depois talvez um «salto» a Sevilha, embora esta cidade fosse muito quente naquela altura do ano) e fez um exaustivo ponto da situação

das irmãs de Jake (Millie tinha acabado de de ser promovida, Julia estava a gostar mais de Hong Kong do que pensara e Toad[2] encontrava-se a chefiar o departamento da sua universidade em Dublin).

– Porque é que se chama Toad? – perguntou Kate.

Annabelle, apanhada de surpresa por ter sido interrompida em pleno relato, tossicou.

– Bom, é a alcunha de família que lhe demos e nunca lhe chamámos outra coisa, pois não, Jakey?

– Para dizer a verdade, agora costumo chamar-lhe Olivia.

– Mas porquê?

– Porque parece esquisito chamarmos à nossa irmã o nome de um anfíbio na companhia de pessoas educadas.

Kate riu-se.

– É afetuoso! – protestou Annabelle. – Seja como for, Kate, em resposta à sua pergunta, é porque ela, em bebé, costumava fazer um som muito estranho quando arrotava. Na verdade, parecia mais um coaxar e, como a Julia era demasiado nova para conseguir dizer o nome Olivia, Toad pareceu-nos mais fácil e muito carinhoso… bem sabe como são estas coisas.

Annabelle acenou com a mão, mostrando que aquilo que quis dizer com «estas coisas» poderia englobar todos ou nenhuns dos objetos da sala.

Em bom rigor, Kate não sabia de todo como estas coisas eram. Nunca havia conhecido uma família disposta a apelidar de Toad a sua filha adulta. Era um privilégio peculiar da classe alta dar aos seus descendentes alcunhas muito pouco lisonjeiras e sem que isso lhes afetasse as oportunidades de vida. Kate nunca tivera uma alcunha e

considerava-as infantilizadoras e estúpidas. Chegava mesmo a estremecer quando Jake lhe chamava «bebé».

A conversa depois do almoço arrastou-se por mais duas horas, durante as quais Annabelle fez a Kate uma única pergunta sobre o seu trabalho, falando por cima da resposta. Por fim, Jake conseguiu encontrar uma pausa na conversa para dizer:

– É melhor pormo-nos a caminho. Está a anoitecer.

E então caminhou na direção de Kate, pegou-lhe na mão e, quando ela se levantou, beijou-a brevemente nos lábios ali mesmo, em frente aos pais.

– Obrigado – murmurou-lhe ao ouvido.

Jake não largou a mão de Kate e conduziu-a ao corredor para vestirem os casacos. Annabelle andava agitada à volta de Jake e passou-lhe um velho saco da Waitrose repleto de caixas com comida, enquanto Chris sorria benignamente junto à porta. Era provável que já estivesse a ver a dobrar, pensou Kate, ao sorrir-lhe de volta.

– Querido – disse Annabelle, e apertou Jake num abraço prolongado. – Foi maravilhoso ver-te. – A voz dela começou a fraquejar. – Sinto a tua falta, sabes. Tens de vir cá mais vezes. Não gosto de te imaginar lá em Londres sozinho.

– Não estou sozinho – respondeu Jake, libertando-se do abraço. – Tenho a Kate.

– Claro que tens, mas não é… – Annabelle deteve-se.

Respeitosamente, envolveu Kate com os braços. Ela conseguiu sentir o medalhão do colar de Annabelle a pressionar-lhe a clavícula, porém mal tocou nos ombros de Annabelle.

– Foi um prazer conhecê-la, Kate – disse ela, e soou mais sincera do que havia parecido durante todo aquele dia.

– Obrigada. Foi realmente… bom conhecê-la também, Annabelle.

– Tome conta do meu filho, sim?

– Oh, claro. Não se preocupe que o farei.

Depois de entrarem no carro, acenaram pelas janelas durante todo o trajeto inverso no caminho de acesso. Jake acionou o pisca e virou à esquerda na estrada.

– Obrigado. Foste fantástica – declarou ele. – Nunca tinha visto a minha mãe tão… – Maldosa, pensou Kate. Fria. Condescendente. Possessiva. – … impressionada.

Kate olhou para Jake a fim de lhe distinguir um sorriso no rosto ou um trejeito na boca indicativo de uma gargalhada contida ou um qualquer sinal discreto de que ele não estava a falar a sério. No entanto, não viu nenhum.

– O quê?

– Eu sabia que ela te iria adorar.

– Espera, estás a dizer que… pensas que.. a tua mãe agiu daquela maneira porque *gosta* de mim?

Jake virou-se para ela por momentos, surpreendido.

– Sim. Não há dúvida de que ela gosta de ti.

Kate esteve prestes a fazer uma piada, algo que desmontasse o absurdo daquela conversa e fizesse Jake admitir que apenas se estivera a meter com ela, e sim, a mãe dele era péssima, e não, não teriam de se sujeitar àquilo de novo. Mas deteve-se. O perfil de Jake alertou-a. Ele limitou-se a relatar os factos como os interpretou. Não conseguia ver que a mãe se havia comportado como uma harpia possessiva, e explicar-lhe isso implicaria desmantelar trinta anos de influência maternal tóxica. Annabelle infiltrara-se na psique do filho como uma glicínia entrelaçada.

– Oh – disse, por fim, Kate. – Ainda bem. Para ser sincera, não tinha ficado com essa ideia.

Kate escolheu as palavras com uma cautela pouco familiar, tentando tatear o caminho através do nevoeiro.

– Penso que ela conseguiu perceber que as minhas intenções em relação a ti são sérias e é algo a que não está habituada.

– Não está? – perguntou Kate, pousando a mão na zona do joelho de Jake onde, horas antes, Annabelle tinha pousado a dela. – E então todas aquelas *amigas* que lá levaste e a quem mostraste o jardim?

Jake pestanejou.

– Não sei ao que se estava a referir. Só levei a casa um par de raparigas e nenhuma delas se comparava a ti.

– Não se comparavam a mim?

– Não, nada – disse ele, inclinando a cabeça a fim de olhar para Kate.

Depois, Jake voltou a pôr os olhos na estrada e instalou-se entre eles, durante alguns minutos da viagem, um silêncio cúmplice. Kate inclinou-se então para ligar o rádio, mas, no momento em que carregou no botão, Jake começou a falar.

– Amo-te e quero passar o resto da minha vida contigo – declarou.

Kate fixou a vista nele e sentiu no coração um baque de esperança.

– Eu sei que não te queres casar – acrescentou ele apressadamente.

Era verdade. Kate informou-o logo no início de que não queria ficar enclausurada numa tradição patriarcal, dada a sua ausência de fé religiosa e o seu feminismo. Jake riu de tal seriedade.

– Por mim, tudo bem – dissera ele então. – Felizmente, nunca tive a ambição de ser um patriarca religiosamente zeloso. Não ficaria bem no meu currículo.

Entretanto, no carro, Jake declarou:

– Quero ter uma família contigo. A nossa própria família.

Kate encostou a cabeça ao braço dele e sentiu a suavidade da camisa, frequentemente lavada, contra a própria pele.

– Eu também quero.

Ficou admirada com a verdade subjacente àquela afirmação: queria ter filhos com Jake. Era uma nova sensação e, ainda assim, parecia que estava alojada no seu íntimo há uma vida. O que sentia em relação a Annabelle ou Annabelle sentia em relação a ela era irrelevante. Kate e Jake eram agora uma família.

Naquela altura, parecia mesmo assim tão simples.

---

[2]Em português, *toad* significa «sapo». (*N. do E.*)

15

Planearam tudo meticulosamente. Kate esperaria até ao final do ano para deixar de usar contracetivos. Por essa altura, um par de grandes filmes teria saído e estaria menos atarefada no emprego. Começariam a procurar uma casa maior assim que Kate ficasse grávida. O apartamento não era mau para os dois e talvez também para um bebé, mas queriam expandir a família em breve e tinham dinheiro para um espaço maior (ou melhor, como Kate fazia questão de se lembrar, Jake tinha).

Começaram a ir passear pelo parque aos fins de semana e falavam sobre os nomes de que gostavam (Matilda para uma menina, Leo para um menino) e como seriam pais diferentes dos seus e o que pensavam a respeito das escolas privadas – Kate era veementemente contra; Jake acreditava que, se tivessem dinheiro suficiente, deveriam tentar dar aos seus filhos a melhor educação possível; mas concordaram em discordar enquanto tal fosse possível, pois só teriam de tomar uma decisão vários anos depois do nascimento do bebé.

Sabia muito bem ter este projeto conjunto, algo a cuja discussão podiam sempre regressar quando a conversa se esgotava, um quadro que podiam pintar juntos, acrescentando detalhes aqui e ali no primeiro plano, escolhendo uma cor diferente para determinada parte do céu e um pincel mais fino para a pequena figura que os esperava. Kate sentia-se segura por estar numa relação com um homem que não tinha medo de compromissos a longo prazo, que acreditava no companheirismo, na partilha e na comunicação. Ao fim de tantos anos de relacionamentos com homens que a tinham alimentado com migalhas de ligação emocional, era uma verdadeira revelação receber

um alimento tão abundante. Jake não a desiludira uma única vez, nem mesmo quando a mãe dele se esforçou ao máximo para os separar.

Depois daquele tenso almoço de domingo, Annabelle sujeitara Jake a uma onda de telefonemas, perguntando-lhe se ele tinha a certeza em relação a Kate, se realmente a conhecia bem e se não estariam a avançar depressa de mais, mas garantindo que apenas levantava aquelas questões porque o amava, algo que esperava que ele compreendesse, e mais isto e mais aquilo, até que Jake, apesar da sua tendência para dar sempre o benefício da dúvida à mãe, se vira forçado a começar a ignorar o número dela quando este lhe aparecia no telemóvel. Até mesmo Jake – o bondoso, dedicado e filial Jake – deixara de ter tempo suficiente durante o dia para dar a Annabelle toda a atenção que ela exigia. E, por isso, Annabelle começara a ligar para Kate, deixando mensagens de voz a convidá-la para um café na próxima vez que fosse à cidade:

– Vou passar pelos armazéns Peter Jones e adorava vê-la. Apenas nós, as mulheres.

Kate ia respondendo com mensagens de texto em que evitava comprometer-se e, gradualmente, a comunicação entre ambas foi esmorecendo.

– Ela simplesmente não gosta da ideia de me perder – disse Jake uma noite.

Estavam sentados no peitoril da janela da cozinha a beber *Aperol Spritz* e a olhar lá para fora, para os telhados de Londres.

– Hum. – Kate pensou que era uma maneira imprópria de uma mãe se sentir, mas não disse nada.

A alguns metros deles, um pombo dava bicadas numa telha. Kate observou o modo como o pombo chegava à conclusão de que não

havia comida ali, antes de encher o peito, como se tivesse ficado envergonhado, e encenar uma saída pomposa.

– Ela vai amar-te, espera e verás. Há uma parte dela que já te ama. É que vocês as duas, na verdade, são…

– Não digas isso, Jake.

– O quê?

– Estavas prestes a dizer que nós as duas, na verdade, somos muito parecidas.

Jake riu-se e passou a mão pelo cabelo, alisando-o como as penas do pombo.

– Pois estava.

– E isso a) não é verdade e b) se fosse verdade, faria de ti um tipo esquisito com um grave complexo de Édipo.

– É justo.

– Assumamos que nunca iremos ser muito chegadas, embora isso não seja mau porque ela vive em Tewkesbury.

Jake assentiu com a cabeça.

– Foi por isso que as minhas irmãs se foram embora – acrescentou ele.

– Sensatas.

Nesse momento, Jake ergueu o copo para fazer um brinde.

– A nós.

– A nós.

– Não precisamos de mais ninguém – declarou ele, olhando diretamente para Kate, daquela maneira tão sua.

– Pois não.

Brindaram com extremo cuidado para manterem o contacto visual porque, como toda a gente sabia, de outra forma seriam sete anos de

mau sexo e eles pretendiam fazê-lo com grande regularidade dali para a frente.

Kate deixou de tomar a pílula em janeiro, após uma alcoolizada quinzena de festas e almoços de trabalho e um dia de Natal particularmente embriagado, passado pelos dois sozinhos no apartamento a abrir garrafas de *cabernet* em frente à televisão e a comer demasiada manteiga de *brandy*. Tinha sido uma bênção. Mas, de regresso ao trabalho, instalou-se a familiar letargia do Ano Novo. Kate decidiu abster-se de bebidas alcoólicas durante o mês de janeiro, numa altura em que as temperaturas começavam a cair para números negativos e as noites cresciam. Apesar de se lembrar de que estava a proceder a uma desintoxicação por um bom motivo, os dias pareciam longos e os seus padrões de sono demasiado curtos.

Em fevereiro, ao perceber que não estava grávida, não deu grande importância ao facto. Considerou que os seus níveis hormonais estavam a reequilibrar-se depois de um ano a tomar a pílula e que janeiro tinha sido esgotante. Em março, ficou mais tranquila ao pesquisar na internet o tempo médio que uma mulher da sua idade demora a ficar grávida e concluiu que tinha criado expectativas demasiado elevadas. Aparentemente, era possível que fosse necessário, pelo menos, um ano.

Abril chegou e partiu. Depois maio. Em junho, zangou-se quando ficou com a roupa manchada de sangue e teve de voltar a tirar os tampões do armário da casa de banho. Quando teve novamente o período em julho, chorou. Não se apercebera do quanto desejava ficar grávida até ter começado a tentar. Mas tinham discutido o tema durante tanto tempo e feito tantos planos que agora se sentia

frustrada com o facto de o seu corpo estar a atrasar tudo. Não falou com Jake sobre o assunto e ele também não fez perguntas.

Em vez disso, comprou testes de ovulação na Boots e, com sentido de dever, urinou neles todas as manhãs para verificar os seus níveis de GCH e, desse modo, monitorizar quando poderia estar prestes a libertar um óvulo. Aprendeu na internet que a sigla GCH queria dizer «gonadotrofina coriónica humana». A internet também lhe revelou que esfregar a protuberância nas calças de uma certa estátua parisiense, furar a narina esquerda e fazer sexo no Gigante de Cerne Abbas tinham o potencial de a ajudar a engravidar. Kate riu-se das sugestões, mas, ainda assim, não as esqueceu.

Em agosto, foram de férias para Míconos e Kate deu a si mesma um mês de folga. «Relaxa» era o que toda a gente dizia quando ela confidenciava que estavam a tentar ter um filho. «Vão de férias, embebedem-se uma noite, façam sexo e ficarás grávida em três tempos. Só precisas de aliviar a tensão.»

Contudo, no esforço para aliviar a tensão, Kate acabou por ficar mais preocupada. Sentiu-se tensa durante todo o período de férias e, quando Jake lhe perguntou o que se passava, não lhe quis contar. Tinha vergonha de si mesma e acreditava que a culpa era dela.

De regresso a casa, perderam o hábito de ter relações sexuais com regularidade e setembro e outubro passaram numa vaga de oportunidades perdidas. Kate trabalhava até tarde, embora sem qualquer paixão pelo que estava a fazer. Em novembro, determinou que iria iniciar a atividade sexual em todos os momentos mais férteis do seu ciclo, mas foi difícil levá-la a cabo de uma forma aparentemente natural ou sensual porque não conseguiu abandonar os seus pensamentos na maior parte das vezes em que realmente fizeram amor. Seria desta que conceberiam, questionava-se Kate

enquanto Jake a penetrava, e conseguiria ela perceber, sentir-se-ia de algum modo diferente, haveria algum sinal cósmico de que era aquele o momento? E será que, como lera algures, se devia manter deitada durante meia hora depois do ato para que o esperma tivesse tempo de fazer o caminho ascendente até ao colo do útero? E será que devia levantar as pernas para ajudar o processo? É que isso iria parecer ridículo e ela continuava a não querer dar a entender a Jake o quanto se estava a esforçar. Não queria que ele ficasse tão obcecado como ela ficara e, ao mesmo tempo, preocupava-se com a possibilidade de Jake querer muito um bebé e ela o estar a dececionar. Tudo isto passava pela mente dela quando faziam sexo e, quando Jake estava prestes a vir-se, Kate, por vezes, fingia que também estava para que aquilo acabasse rapidamente, para que ele ejaculasse dentro de si sem uma prolongada tentativa de a excitar, algo que agora parecia desnecessário. O que contava o seu próprio prazer se falhava de forma tão evidente a concretização daquilo que as outras mulheres faziam sem pensar?

Dezembro chegou então mais uma vez, tendo passado um ano inteiro, e eles combinaram ir pelo Natal a casa de Annabelle e Chris. Kate sentia-se receosa, mas arrumaram as malas no carro e fizeram a viagem até à casa de quinta que não era realmente uma casa de quinta e, ao chegarem, Kate estava tão destroçada que pediu desculpa e foi diretamente para a cama. Sabia que Annabelle preferia não a ter no caminho e chorou contra a almofada com enfeites de renda pela solidão que sentia.

Depois, adormeceu profundamente, acordando meia hora mais tarde com alguém a bater à porta. Jake entrou com uma chávena de chá na mão, pousou o pires na mesa de cabeceira e foi sentar-se ao

seu lado. Afagou-lhe o cabelo, retirando-o dos olhos, e Kate sentiu-lhe a mão fria na sua testa quente.

– Estás bem?

Kate limitou-se a assentir com a cabeça, não confiando em si mesma para falar sem chorar.

– Não pareces bem, Kate. Pareces triste. Há meses que pareces triste.

Kate não disse nada. Da sua almofada conseguia sentir o aroma terroso que o chá emanava.

– Queres falar sobre o que se está a passar?

Kate ia responder que não, mas deteve-se ao perceber que queria falar. Queria muito falar sobre o que se estava a passar.

– Não estou grávida.

– Não. – Jake pegou-lhe na mão sobre o edredão. – É isso que te tem vindo a incomodar?

Kate voltou a assentir. Jake suspirou.

– Lamento, meu amor. Lamento que te sintas triste. Mas… – Kate conseguia perceber que Jake tentava encontrar as palavras com extremo cuidado. – Ainda só passou um ano. Precisas de ser mais branda contigo mesma. Vai acontecer. A seu tempo.

Kate apoiou-se nas almofadas para se erguer e bebeu um pouco de chá. Era doce.

– Juntaste açúcar ao chá?

– Sim. Pensei que precisavas de algo doce. Para te dar energia.

– Foi porque pensaste que eu já não sou suficientemente doce?

Jake percebeu a manobra de diversão e recusou-se a rir para não ceder.

– Penso que és perfeita.

Kate pressionou os nós dos dedos contra os olhos.

– Achas mesmo que vai acontecer? – perguntou Kate.

Jake levou as mãos às faces dela e disse-lhe para olhar para ele.

– Sim. Tenho total confiança. Não interessa que demore mais seis meses ou até um ano ou seja que tempo for porque temos a vida inteira juntos.

– Bem, eu gostaria muito de ter um filho antes dos oitenta e cinco anos.

Jake deixou cair as mãos. A luz lá fora começava a desvanecer e Kate viu o perfil dele recortado pela semiobscuridade, o movimento da maçã de Adão quando engoliu em seco.

– Desculpa – disse ela. – Não queria ser frívola. Não sou frívola em relação a isto.

– Eu sei que não és. – Jake continuava a olhar para o chão, fixado no tapete gasto com padrões vermelhos e dourados. – Falas como se estivesses às portas da morte. Tens trinta e um anos. Não é como se não houvesse tempo.

– Não, eu sei. Tens razão.

Foi bom terem falado sobre o assunto. Kate sentia-se aliviada e mais próxima de Jake do que se sentira em meses. Atirou o edredão para trás e subiu-lhe para o colo, envolvendo-lhe o pescoço com os braços e descansando a cabeça no ombro dele. Jake afagou-lhe as costas.

– Vai correr tudo bem.

Kate acreditou nele. Sempre acreditara.

O Natal não foi tão mau como Kate receara. Os cozinhados de Annabelle relevaram-se horríveis como sempre, mas ela pareceu ter um discurso menos agressivo, como se tivesse desistido de lutar. Desta vez, fez várias perguntas a Kate para saber mais sobre ela,

incluindo qual era o seu livro preferido, e, quando Kate respondeu que era *Middlemarch*, Annabelle desfez-se em arrebatamentos de concordância.

– Aquela parte quando estão na lua de mel – começou Annabelle, com as bochechas reluzentes do *brandy* bebido depois do jantar – e a Dorothea diz que pensava que o amor iria ser como um oceano, mas afinal não passava de uma bacia… oh, é *perfeita*.

Chris, que estava sentado no seu canto habitual do salão, abstraído de quase tudo o que acontecia em redor, ficou subitamente animado.

– Calma aí – disse ele.

Começaram todos a rir e Kate ficou surpreendida, não só pelo gosto literário de Annabelle, mas pelo afeto que sentiu naquele momento.

Naturalmente, Annabelle não deixou de pôr em prática todos os seus truques habituais, insistindo em sentar Jake ao seu lado em todas refeições, contando histórias familiares antigas que excluíam Kate e, a certa altura, trazendo um velho álbum cheio de fotografias de Jake com a sua ex-namorada.

– Oh, que engraçado, não me lembrava de que tínhamos tantas fotos de ti e da Charlotte – declarou Annabelle. – Só queria mostrar-lhes aquela fotografia muito engraçada da Toad… ora bem, vejamos onde está… – Pousou o álbum na mesa de jantar, inclinado de forma a que Kate o pudesse ver bem, e continuou a folheá-lo, parando para dizer: – A Charlotte era uma rapariga tão doce, não era? – E mais à frente: – Jakey, aqui parecias tão novo, bonito e feliz! – E ainda: – O que será que aconteceu à Charlotte? Ainda manténs contacto com ela?

Jake abanou a cabeça.

– Não faço ideia, mãe.

– Que pena. Adoraria vê-la outra vez.

Por baixo da mesa, Jake apertou a mão de Kate.

Mas Kate considerou tudo aquilo mais cómico do que ofensivo. As tiradas de Annabelle eram tão pouco subtis que seria quase estúpido ficar transtornada.

Quando os dois regressaram a Londres, carregados mais uma vez de embalagens de alumínio com o que sobrara do peru e de uma caixa de gelado reconvertida para conter uma dúzia de rolinhos de presunto recheados, Kate espantou-se por concluir que se tinha divertido. E, mais do que isso, sentia-se descontraída.

– Não foi assim tão mau – confessou a Jake na viagem de regresso.

– Eu bem te disse. A minha mãe pensa que és ótima – reafirmou ele. E depois, com um sorriso rasgado, acrescentou: – Só não conseguiu ainda admiti-lo para si mesma.

16

Passaram-se meses e Kate continuava sem engravidar. Em abril, com o período atrasado alguns dias, comprou um teste na farmácia local e, ao sentar-se na sanita, tentou não ficar entusiasmada, tentou não se deixar levar antecipadamente pela ideia de que chegara o momento deles. Voltou a pôr a tampa no teste e esperou que as linhas aparecessem. Os minutos passaram e Kate ficou a olhar fixamente para pequena abertura oval. A certa altura, ficou visível uma linha, uma marca pálida semelhante a um risco de carvão em papel mata-borrão. Kate susteve a respiração na garganta ao esperar por uma segunda, mas ela nunca chegou e, em vez disso, a marca solitária foi ficando cada vez mais escura, até a sua presença parecer atormentá-la com a indisputável ausência a seu lado, como uma árvore, numa rua iluminada pelo sol, que não projeta uma sombra. Parecia tão errado, pensou Kate. Não parava de verificar a caixa em que viera o teste, cuja legenda visual informava que uma linha significava «não grávida» e duas significavam «grávida», com o receio de, na pressa de tirar o teste, ter interpretado mal as instruções. Tal não era o caso. A verdade estava diante dos seus olhos.

Kate começou a chorar e deixou-se consumir pelo que considerava ser estupidez sua ao ter acreditado que daquela vez iria ser diferente. De que valia ter esperança quando ela existia apenas para ser aniquilada, mês após mês de dor? Atirou o teste para o caixote do lixo e não contou a Jake. Na manhã seguinte, veio-lhe o período. Nessa noite, embebedou-se, juntando tequila a uma mistura de margarita pré-preparada, com o álcool a atingir-lhe a parte de trás da garganta como um soco bem desferido.

Jake encontrou o teste de gravidez na casa de banho, questionou-a e, quando Kate lhe contou, abraçou-a e acariciou-lhe o cabelo, embora ela se sentisse entorpecida.

De forma lenta mas percetível, Kate foi começando a esconder as suas emoções sob uma capa de cinismo. Era uma forma de autoproteção. Quando uma outra amiga anunciou que estava grávida, publicando no Facebook a ecografia desfocada das doze semanas, Kate resmungou e partilhou uma piada amarga com Jake. Na rua, passava para o outro lado da estrada para evitar as mulheres que passeavam crianças pequenas, os seus pequenos punhos com covinhas segurados por mãos maiores, adultas. Começou a queixar-se dos bebés que choravam nos restaurantes e a evitar os encontros sociais em que sabia que iriam estar recém-nascidos com os quais era suposto interagir infantilmente. Era tudo demasiado doloroso.

Foi Jake quem sugeriu que começassem a ver casas como forma de se abstraírem.

– Não devíamos suspender as nossas vidas enquanto esperamos pela gravidez – disse ele. – Está a causar mais tensão do que devia.

– É, genuinamente, um sinal de grande desespero pensar que comprar uma casa será *menos* desgastante do que isto – afirmou ela, sem expressão.

Ainda assim, Kate concordou e passaram algumas semanas em visitas, a avaliar a dimensão relativa de casas de banho e jardins, a perguntarem um ao outro se realmente precisavam de um espaço de escritório separado e se deviam investigar as escolas da zona envolvente e, por fim, encontraram uma casa que adoravam e a compra avançou sem praticamente quaisquer percalços ou atrasos, e depois mudaram-se e escolheram um esquema de cores e

compraram um sofá de veludo roxo e todo o processo demorou cerca de quatro meses e então ficaram sem mais nada que os distraísse.

Kate subia e descia as escadas da nova casa, pouco habituada a todo aquele espaço, entrava na divisão que pretendiam usar como quarto do bebé e sentava-se no chão, imaginando o móbile que penduriariam no teto e o alfabeto animal emoldurado que penduriariam na parede. Também se imaginava a ser saudada pelo sorriso no rosto do seu bebé quando viesse à noite alimentá-lo ou alimentá-la.

No entanto, nada aconteceu. E passou mais um ano. Marcaram então uma consulta com o médico de família, que tirou sangue do braço de Kate. Alguns dias mais tarde, a análise não revelou nada digno de nota, no entanto, como tinham sido dois anos a tentar conceber, foram encaminhados para o hospital local para discutirem as suas opções com um especialista chamado Cartwright.

Quando conheceu o doutor Cartwright, Kate gostou dele. O médico falava bem, tinha cabelo grisalho ondulado e era bonito de uma forma sisuda que o fazia parecer um detetive da televisão. O doutor Cartwright falou-lhes dos testes complementares que iriam fazer, das amostras de esperma, das ecografias e do processo que envolveria injetar líquido corante no ventre dela para «nos mostrar o que lá se está a passar», e Kate imaginou o decorrer de uma festa tumultuosa no seu útero, cheia de convidados desmaiados pelos degraus, como na pintura *Gin Lane* de William Hogarth.

Quando os resultados dos testes chegaram, não havia nada de errado. O doutor Cartwright informou então que a infertilidade deles (a incapacidade de Kate ficar grávida agora tinha um nome) era «inexplicável». O médico apontou-lhes as opções possíveis e eles decidiram tentar a FIV, embora Kate não tenha percebido de imediato que envolvia a autoadministração diária de injeções de hormonas

para levar o seu corpo a pensar que estava a atravessar a menopausa.

– Essa é a fase de supressão – transmitiu, de forma técnica, o doutor Cartwright. Kate sentiu que os seus reflexos naturais precisavam de ser domados, como se se tivessem portado mal durante demasiado tempo.

Depois, seguiram-se mais injeções para estimular os ovários, até produzirem o necessário número de óvulos. Porém, de dois em dois dias, quando Kate ia fazer as ecografias, era informada pela serena enfermeira portuguesa de que não existiam tantos óvulos quantos os que seriam desejáveis. Saía do hospital sempre triste e desanimada, parando para um chá de camomila (a cafeína era desencorajada) no café à saída. Sentava-se no banco junto à janela, rodeada de homens de roupão e pele pálida que passeavam sacos de soro intravenoso sobre rodas e de famílias inteiras aglomeradas em torno de alguma criança de cadeira de rodas a comer um queque de chocolate, e olhava para a rua e ficava espantada com a azáfama do mundo, com a forma como ele continuava a funcionar tão facilmente, ao passo que ela não conseguia desempenhar a função biológica mais natural da condição feminina.

E, ainda assim, não chorava. As hormonas deixavam-na mais aturdida do que emotiva, como se vivenciasse o mundo apartada dele, através de lentes manchadas e ouvidos tapados com algodão. Por isso, quando a enfermeira lhe disse que havia apenas um folículo que parecia suficientemente maduro para conter um óvulo e lhe perguntou se tinha a certeza de que queria continuar com a recolha de óvulos, em vez de mudar para um procedimento menos invasivo, não houve lágrimas. Kate respondeu apenas que queria seguir com o tratamento até ao fim. Afinal, na prática, bastava um óvulo.

No entanto, por qualquer motivo, aquele não era o óvulo certo. Não fertilizou com o esperma de Jake numa caixa de petri. Estava destinado ao fracasso. Não avançou para a muito falada fase blastocitária, na qual as taxas de sucesso de implantação eram muito superiores. Não tinha o material necessário. Prometera muito, mas não cumprira.

Nessa noite, entre si, Kate e Jake despejaram duas garrafas de vinho.

– Vamos tentar de novo – disse Jake. – É por esta razão que dizem que demora, em média, três ciclos. Não é algo com que nos devamos preocupar.

Sentada à mesa na cozinha nova, com a luz esmorecida lá de fora a entrar pelas janelas de vidro do jardim, Kate não conseguia olhar para Jake. Embora percebesse que ele estava a tentar fazê-la sentir-se melhor, Kate também conseguia perceber por aquele tom de voz que Jake começava a entrar em pânico. Estendeu o braço e pôs a mão sobre a dele. Estava demasiado arrasada para dizer alguma coisa.

17

Avançaram para um segundo ciclo com o doutor Cartwright. Desta vez, o médico *buscou* sete óvulos (foi essa a palavra que usou, como se fosse um cão de caça a vasculhar a vegetação rasteira em busca de faisões mortos). Três deles fertilizaram, mas apenas dois embriões continuaram a dividir-se no indispensável número de células e apenas um obteve do embriólogo uma avaliação suficientemente alta para ser transferido. Os outros óvulos, não tendo alcançado os padrões certos, foram excluídos, como se tivessem chumbado num exame, e Kate, que sempre fora uma aluna consciente e competente, levou isso a peito. Sempre pensara que, se agisse bem, trabalhasse arduamente, obtivesse bons resultados, encontrasse um emprego estável e, de modo geral, tentasse ser uma pessoa decente, a vida lhe correria da forma que previra. A maternidade e os filhos faziam parte desse cenário. Era simplesmente o que acontecia, não era?

Kate imaginou os seus óvulos descartados num caixote de lixo médico e questionou-se sobre o que fariam com eles.

O embrião solitário foi transferido para o seu útero e, nos gloriosos doze dias que se seguiram, durante os quais as enfermeiras a encorajaram a levar as coisas com calma, a levantar os pés e a não fazer quaisquer esforços ou tomar banhos quentes, Kate sentiu-se incontestavelmente grávida.

– Porque estás – disse Jake, com o rosto vermelho de prazer. – Não há dúvida. – Beijou-lhe a ponta do nariz. – Estou tão orgulhoso de ti, meu amor.

Kate não se sentia assim tão feliz e em paz há muito tempo. Durante aqueles doze dias, deixou de mudar de passeio para evitar carrinhos de bebé, escolhendo antes sorrir abertamente para as

mães, como se já partilhassem entre si uma afinidade secreta. Kate imaginou que as outras mulheres conseguiam perceber, que havia uma feromona especial que apenas as outras mães podiam detetar umas nas outras através do olfato. Fez grandes caminhadas ao longo do rio, enquanto ouvia audiolivros e tirava fotografias com o telemóvel às garças que caçavam nas águas pouco profundas. Comeu alimentos saudáveis: grandes taças de verduras folhadas e batata-doce cortada aos cubos, começando cada manhã com um sumo de aipo preparado na sua liquidificadora *NutriBullet*. Sentia-se em sincronia com o corpo, envolta numa sensação de unidade: ela e o seu embrião, as células dele a dividirem-se e multiplicarem-se enquanto ele se implantava na sua parede uterina mais espessa, tal como devia ser.

Ao décimo terceiro dia, começou a sangrar. Não muito. Umas pintas da cor da ferrugem que optou por ignorar. As pintas ficaram um pouco mais abundantes nas horas seguintes e, por isso, Kate virou-se para a internet, pesquisando obsessivamente em fóruns de fertilidade as histórias que queria encontrar, e descartando todas as que alertavam para más notícias. Leu que poderia ser uma hemorragia relacionada com a implantação e, ao mesmo tempo, um sinal de que tudo estava a progredir de forma positiva. Kate agarrou-se a esta ideia ao longo da noite em branco que se seguiu, mas de manhã havia uma mancha vermelha nos lençóis.

Jake, a dormir ao seu lado, não deu por nada até o despertador o acordar uma hora mais tarde. Quando abriu os olhos, encarou-a e soube de imediato. Kate conseguiu percebê-lo e o facto de ele não ter mais fé em si deixou-a zangada.

– Não funcionou – declarou ela, e depois virou-se para o outro lado, ficando a fitar a parede.

Kate pensou que Jake se iria aproximar e abraçá-la como normalmente fazia, mas ele não se mexeu. Os minutos passaram. Houve um som abafado do outro lado cama. Kate virou-se e percebeu, com um peso no coração, que ele estava a chorar. Jake apertava a parte de cima do nariz com o polegar e o indicador, na tentativa de não fazer barulho, porém, quando ela o abraçou e pediu desculpa, começou a soluçar – soluços grandes e dolorosos que soavam como se estivesse com falta de ar.

Jake permitiu que ela o confortasse e depois esticou o braço para tirar um lenço da mesa de cabeceira e assoou o nariz.

– É uma merda, não é? – disse ele quando conseguiu falar.

Kate acenou com a cabeça. Era a primeira vez que o otimismo de Jake esmorecia e Kate apercebeu-se de que ele tinha vindo a fazer boa cara por ela durante todo aquele tempo.

Sentiu-se mal por não ter sido capaz de manter o bebé dos dois.

Sentiu, mais uma vez, que era a culpada.

Aproximando-se, Jake agarrou-lhe a mão.

– Amo-te, Kate. Nós vamos ter um bebé, mesmo que demore mais tempo do que julgávamos. E, quando tivermos o nosso bebé, vamos amá-lo ainda mais porque passámos por muito para chegar lá.

A mão de Jake começou a ficar quente sobre a de Kate. Lá fora, surgiu o som do escape de uma moto a começar a trabalhar. A luz do sol deslizou pelas ranhuras dos estores e Kate desejou que se fosse embora outra vez, que chovesse e que o tempo se sintonizasse com os seus pensamentos.

Kate beijou a face molhada de Jake e depois beijou-lhe os lábios. Jake devolveu-lhe o beijo com uma paixão enérgica, agarrando-lhe a nuca e pressionando a cabeça dela contra a sua. Era como se

tentasse provar alguma coisa. Mas o quê, e porquê, foi algo que Kate preferiu não tentar saber.

Na consulta seguinte, o doutor Cartwright disse-lhes que deviam tirar alguns meses antes de voltarem a tentar.

– Permitam-se recuperar. Vão de férias.

As paredes do gabinete do doutor Cartwright estavam cobertas de fotografias de bebés ao colo de mulheres com olhos brilhantes e de homens com aspeto cansado mas feliz. O médico aparecia em várias das fotografias, de sorriso rasgado, como que satisfeito consigo mesmo. Numa delas, segurava um par de gémeos, com as mangas da camisa aos quadrados arregaçadas e um dos bebés idênticos aninhado na curva de cada braço.

– Valerá a pena? – deixou escapar Kate.

Na cadeira de plástico ao lado, Jake pareceu surpreendido. O doutor Cartwright olhou-a de frente.

– É uma decisão que vos cabe tomar – disse ele. – Pela minha experiência com centenas de pacientes, posso dizer que eles seguramente pensam que valeu a pena.

A voz do doutor Cartwright era calma, enquanto a sua postura parecia concebida para levar Kate a sentir que era uma mulher cada vez mais histérica. Os modos do médico especialista tinham mudado desde a primeira consulta, na qual fizera algumas piadas e evidenciara um animado otimismo. Agora, o doutor Cartwright mostrava-se frustrado por ela não estar a cumprir a parte do acordo que lhe cabia. Afinal de contas, ele fizera aquilo a que se propusera. Mais de uma vez, informara Kate de que ela «não estava a reagir aos fármacos», como se não fosse possível culpar os próprios fármacos, quanto mais a eficácia do médico na sua prescrição.

– Obrigado, doutor Cartwright – agradeceu Jake. – Vamos tirar algum tempo para pensar sobre o nosso próximo passo.

Desceram e beberam um café no piso térreo. Não foram de férias, no entanto, durante os meses seguintes, tentaram ocupar-se com outros projetos. Convidaram amigos para jantar. Foram ao cinema, a galerias de arte e a restaurantes recomendados por outras pessoas. Annabelle visitou-os e ficou durante o fim de semana no quarto que seria o do bebé, mas que, até lá, tinham decidido mobilar com uma cama de casal. A mãe de Jake foi amável em relação à casa e deu a Kate um grande ramo de peónias em forma de agradecimento por terem-na acolhido. Apenas por uma vez voltou à sua forma antiga, perguntando por que razão tinham optado por uma casa tão grande.

– É palaciana – afirmou ela, apesar de não o ser, sobretudo quando comparada com a enorme residência que a própria Annabelle tinha no campo. – Vocês os dois não precisam certamente de tanto espaço, pois não?

Estavam sentados no sofá em forma de L na extensão da cozinha. Kate e Annabelle partilhavam uma garrafa de *Chablis*, enquanto Jake bebia uma cerveja *Peroni* diretamente da garrafa, apesar de a mãe o ter aconselhado vivamente a ir buscar um copo.

– Então não gostas da casa? – perguntou Jake.

– Ah, não, não disse isso. É encantadora. E a forma como a decoraram é muito… bem, é muito agradável. Apenas perguntei se não teriam mais espaço do que precisam, só isso.

Annabelle inclinou o rosto na direção do filho. Usava outro dos seus casacos finos e esvoaçantes e, no pulso, tinha uma grossa pulseira de ouro com pendentes que chocalhavam sempre que levava o copo à boca.

Kate serviu-lhe mais um pouco de vinho, ficando em silêncio.

– Não temos espaço a mais – declarou Jake. – E não seremos sempre só nós, não é verdade?

– Não compreendo.

– Bom, quando tivermos filhos…

Annabelle começou a rir.

– *Filhos*? – perguntou ela, pronunciando a palavra como se Jake tivesse delineado uma disparatada teoria da conspiração. – Mas certamente não podem estar a pensar… vocês… bom… eu não tinha… vocês nem sequer são casados, querido!

Kate resmungou. O pescoço de Jake ficou com manchas vermelhas.

– Não estamos no século dezanove, mãe.

– Não, eu sei, mas…

– Na verdade, temos vindo a tentar engravidar e não tem sido fácil, e eu.. nós… agradecíamos um pouco mais de sensibilidade nessa frente.

Quando ficava furioso, a sintaxe de Jake tornava-se formal e de meia-idade.

Annabelle parecia ter sido esbofeteada. Por baixo dos círculos aveludados de *blush*, ficou com o rosto pálido.

– Lamento ouvir isso – disse ela, pousando o copo na mesa de café. Levantou-se do sofá e retirou-se, deixando um rasto de perfume *Christian Dior*.

Kate acabou de beber o seu próprio copo de vinho.

– Não há dúvida de que correu bem – disse, secamente.

Jake aproximou-se do balcão da cozinha e atirou a sua garrafa de cerveja vazia para dentro do caixote de reciclagem com tal força que ficou surpreendida por não ouvir o som de vidro a partir-se. Kate sabia que devia ir ter com ele e tentar, de alguma forma, fazer as

pazes com Annabelle, mas estava demasiado cansada. Disse a Jake que ia para a cama e deixou os copos de vinho na mesa de café para ele os arrumar.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, Annabelle, sentada com uma torrada por comer diante de si, manteve-se muito quieta e direita. Kate notou que não aplicara a maquilhagem habitual. Parecia velha e pálida, querendo claramente mostrar a sua dor.

– Quer café, Annabelle? – perguntou Kate.

Jake estava sentado em frente à mãe, a ler pomposamente a revista *The Economist* para não ter de interagir.

Annabelle abanou a cabeça, pousando uma mão na clavícula enquanto o fazia.

– Lamento se disse o que não devia – comentou ela, por fim, com clareza na voz. – Não sabia… que era um assunto tão *difícil* para vocês.

Jake não respondeu, mas levantou a cabeça da revista e encarou a mãe. Bem, pensou Kate, parece que terei de ser eu a explicar.

– Sabe, Annabelle, temos vindo a tentar a FIV.

Annabelle ficou inexpressiva.

– É um tratamento de fertilidade – explicou Kate. – Pelos vistos, eu não consigo conceber naturalmente.

– *Nós* não conseguimos – corrigiu-a Jake, com brandura.

– Ah, estou a perceber. E quais são as hipóteses que os médicos dão? – perguntou Annabelle de forma polida.

– Cerca de trinta por cento – respondeu Kate.

– Tivemos dois ciclos – acrescentou Jake. – Sem sucesso. Eles aconselham três.

Annabelle alcançou a marmelada e começou a espalhá-la pela torrada fria. Voltou a pôr a sua faca com cuidado no prato e deu uma

pequena dentada na torrada, mastigando pensativamente. Kate e Jake esperaram que ela engolisse e que o seu inevitável comentário seguinte cortasse a atmosfera.

– Estou apenas preocupada convosco, só isso.

– Ficaremos bem – declarou Jake.

– É preferível que não se encham de esperança porque depois é pior se ela for quebrada – continuou Annabelle, franzindo a testa com preocupação. Esticou-se por cima da mesa e pousou a mão no braço de Kate. – Conhece a minha grande amiga Trisha? A filha dela experimentou a FIV cinco vezes e não teve sorte. Não sabem porquê. Julgo que é apenas uma daquelas coisas. E deve ser terrível aquilo por que está a passar, querida Kate. Preocupa-me que os médicos sugiram todo o tipo de procedimentos médicos quando talvez não haja nada a fazer, sendo o procedimento em si mesmo muito esgotante, não é verdade? Pelo que ouvi dizer, claro, pois nunca passei por nada assim.

Kate tentou, tanto quanto possível, não se sentir afetada pelas palavras de Annabelle. Um ano antes, teria ficado justamente indignada com a natureza invasiva da opinião de Annabelle, mas agora já não parecia ter capacidade física ou mental para defender a sua posição. E na realidade, disse a si mesma, não era nada que dissesse respeito a Annabelle. Kate preferia que Jake não lhe tivesse contado.

– É esgotante, sim – disse Jake. – A Kate tem sido heroica.

Annabelle pestanejou lentamente, com aqueles olhos azuis muito claros a ficarem ainda mais claros quando voltou a falar.

– Pobre, Kate – comentou ela, dando-lhe palmadinhas no braço. – Deve ser tão duro. Li algures que o processo da FIV em mulheres que

não conseguem conceber é um pouco como fazer quimioterapia a um paciente com cancro terminal.

Durante um segundo ou dois, Kate não teve a certeza de ter ouvido bem. Afastou o braço e a mão de Annabelle caiu sobre a mesa. Levantou-se, empurrando a cadeira para trás tão depressa que esta bateu no chão. Jake estendeu-lhe o braço, mas ela não se quis aproximar dele. Não naquele momento. Estava furiosa com os dois. Com Annabelle por ter dito aquelas coisas e com Jake por estar ligado a ela.

– Isso não ajuda, Annabelle – disse Kate em voz baixa. Depois, saiu da cozinha e de casa, esquecendo-se do casaco, razão pela qual, quando voltou, duas horas mais tarde, estava fria e encharcada. Jake recebeu-a com um abraço no corredor.

– Foi-se embora – declarou. – Tivemos uma grande discussão. Desculpa. A minha mãe não voltará a falar assim contigo.

Kate permitiu-se ser abraçada, mas não disse nada. Ficou espantada com a forma como, mesmo naquela proximidade física do homem que amava, se podia sentir tão sozinha. Mas a verdade é que se sentia.

O terceiro ciclo produziu nove óvulos.

– O seu número está sempre a aumentar! – exclamou o doutor Cartwright com uma jovialidade que fez Kate ter vontade de o esmurrar.

Quatro deles fertilizaram e dois voltaram a ser colocados no seu útero, pelo que, tecnicamente, passou a estar grávida de gémeos, ainda que, desta vez, não se sentisse grávida de todo. Aceitou que o ciclo iria falhar com um fatalismo que parecia mais seguro do que a alternativa – a esperança – e, por isso, quando começou a sangrar de

novo, desta vez no último dia de uma espera de duas semanas, não ficou surpreendida ou sequer particularmente perturbada. Ao longo dos últimos dezoito meses, tornara-se imune à flutuação emocional. Kate era como um daqueles robôs que vira em tempos no Aeroporto de Seul durante a viagem de regresso de um festival de cinema. Os robôs percorriam rapidamente os pisos dos terminais com uma expressão amigável no rosto e um ecrã táctil que podíamos pressionar para encontrar as respostas certas. Era nisto que Kate se tinha transformado: no trabalho, em casa, com Jake. Respondia às perguntas e participava nas conversas, mas não tinha realmente sentimentos sob a superfície. Se Kate se permitisse sentir as mais pequenas coisas, sabia que isso a levaria inelutavelmente às coisas maiores e, por conseguinte, ao início de um desenrolar fatal, do mesmo modo que um único ponto solto numa peça de malha era capaz de arruinar todo o padrão.

Foram então a uma clínica privada. A clínica ficava situada na Great Portland Street, ao lado de uma mercearia de luxo que vendia fatias de bolo de polenta com limão e chá de cinórrodo. Acabaram-se os queques de chocolate e os homens com bolsas de soro intravenoso, pensou Kate na primeira vez que lá foram.

Na clínica, deram-lhes um cartão de plástico, como se os estivessem a inscrever numa biblioteca, e pediram-lhes que subissem para as consultas. Kate e Jake sentaram-se em salas de espera cheias de mobiliário acolchoado a imitar couro e mesas de café sobre pernas cromadas com números antigos da revista *Tatler* e folhetos com imagens ligeiramente desfocadas de pés de bebés nas mãos de adultos. Ao optarem pelo privado, tinham pensado que tal seria o equivalente a deixar de voar em classe económica e passar a fazê-lo em executiva, mas também ali as consultas se atrasavam e os

gabinetes eram exíguos e decorados com fotografias de mais bebés e cartões de agradecimento colados às paredes com massa adesiva, e Kate continuou a sentir-se na pele de uma fêmea disfuncional a quem diziam que possuía uma reserva ovárica demasiado baixa e que o seu útero era «inospitaleiro», como se estivesse a ser avaliada do mesmo modo que uma pousada terrível no TripAdvisor.

O médico deles – outro homem, desta vez um especialista israelita chamado Abadi – foi muito frontal em relação às hipóteses reduzidas que tinham, mas acrescentou que estavam no sítio certo para alcançarem «o vosso resultado preferido». Na primeira consulta, fez uma ecografia a Kate e não saiu do lugar, apenas desviando a vista quando ela tirou as calças e as cuecas e se esforçou para se cobrir com uma toalha de papel áspera antes de ele se virar.

Durante o quarto e o quinto ciclos, Kate continuou a não reagir aos fármacos e o doutor Abadi aumentou as doses, o que a fez sentir-se constantemente à beira de um ataque de choro. Estes ciclos não resultaram e, por isso, houve mais testes para coisas chamadas «células exterminadoras naturais», «fragmentação do ADN» e «sinequias uterinas», tendo ambos sido submetidos a longos períodos de antibióticos, durante os quais não podiam beber e foram ficando caprichosos um com o outro.

E depois – rejubilem! – a sexta ronda de FIV produziu uma gravidez. Kate saiu da espera de duas semanas sem ter sangrado e, quando fez um teste na décima quinta manhã, não chorou, mas manteve-se sentada na sanita, em estado de choque, durante vários minutos. Quando voltou ao quarto para contar a Jake, começaram os dois a chorar.

– Meu amor – murmurou-lhe ele ao ouvido. – Meu grande amor.

No entanto, apesar de Kate querer sentir uma alegria descomplicada, não conseguia. Estava demasiado consciente do que poderia correr mal, e todas as suas experiências prévias tinham-lhe roubado a felicidade ignorante que era concedida aos outros futuros pais. Desejou poder ter essa ingenuidade, conseguir desaprender todo o conhecimento indesejado e não solicitado que lhe fora impingido pelas circunstâncias. Contudo, sempre que ia à casa de banho, verificava se havia sangue e, sempre que sentia um espasmo ou uma pontada, temia o pior e tinha de se confrontar, mais uma vez, com a verdade essencial de que o mundo poderia desmoronar sem aviso.

O doutor Abadi receitou esteroides e anticoagulantes, que Kate passou a injetar no abdómen todas as manhãs logo após terminar o tratamento FIV. As picadas das agulhas deixavam pequenas nódoas negras de ambos os lados do umbigo como um mapa astral de uma galáxia por descobrir. Toda a gente lhe dizia que ela estava grávida, mas Kate não se sentia grávida. Não se sentia diferente. Apertava os seios para avaliar a sua consistência. Ansiava ficar nauseada com o cheiro do café. Questionava-se sobre o motivo de não estar tão exausta quanto os fóruns da internet a tinham levado a acreditar que estaria. Em busca de garantias, aderiu a um deles com um nome de utilizador anonimizado e perguntou se era possível ficar grávida sem se sentir grávida. Foi inundada de respostas.

«Não te deves preocupar querida. Eu não tive sintomas até à oitava semana e a minha qf [querida filha] está a dormir lá em cima. Tem cinco anos», escreveu @guerreirafiv.

«A ansiedade é 100 por cento um sintoma!», acrescentou @ttctlc.

«Se estás preocupada, fala com o teu médico», disse @unicorniociclista. «Mas ainda são os primeiros dias, portanto tenta

não ficar stressada!! Pede ao teu mais que tudo que te faça uma boa massagem relaxante! Levanta os pés! Estás a transportar uma carga preciosa!! Bjs»

Cada uma das mensagens vinha com uma longa adenda por baixo, ao estilo de uma assinatura de *e-mail*. Nela, as mulheres (e eram sempre mulheres) descreviam as suas próprias histórias de fertilidade em desconcertante pormenor, listando abortos e testes negativos, a par de ciclos de FIV fracassados, alguns deles com óvulos de dadoras. Dentro de cada nota de rodapé, existia uma história de exaustão e dor, reduzida a algumas frases mínimas, e, após algum tempo, a visão de Kate começou a ficar desfocada e ela desligou o portátil e foi-se deitar.

Conseguiu chegar à sétima semana. O doutor Abadi pediu-lhe para ir fazer uma ecografia antecipada e Kate ficou assustada mas esperançosa. Jake ficou aparentemente confiante e disse-lhe que tudo iria correr bem, no entanto ela não conseguiu acreditar nele. Quando o doutor Abadi lhe inseriu a sonda na vagina, Kate prestou atenção aos alarmantes segundos de silêncio antes de o médico falar e percebeu logo que não eram boas notícias.

– Há um saco gestacional. – O doutor Abadi apontou para o ecrã com as suas luvas de látex. – Mas lamento dizer que não existe um embrião, Kate – acrescentou ele, denunciando um ligeiro sotaque, os tês a soarem como pedras atiradas sobre água. – Nesta fase, seria de esperar vermos um embrião, e isso significa que a gravidez não se desenvolveu como devia.

– Poderá estar simplesmente a desenvolver-se mais lentamente? – perguntou Jake.

– No caso de uma gravidez natural, sim, essa poderia ser uma possibilidade. Há sempre uma margem de erro em torno das datas de

conceção. Mas no vosso caso sabemos exatamente quando foram introduzidos os embriões, por isso… – Abanou a cabeça. – Lamento muito.

– Não há problema – disse Kate, sem saber o que a levara a dizer aquilo.

Porque havia um problema. Havia um grande problema.

O médico explicou-lhe os passos seguintes. Kate poderia esperar para abortar naturalmente, embora não existisse forma de saber quando isso aconteceria, ou ele poderia administrar-lhe fármacos para induzir o aborto. Kate optou pela segunda hipótese, pois queria livrar-se da sua falsa esperança o mais rápido possível. A ideia de transportar dentro de si uma coisa morta durante um número incerto de dias e semanas parecia-lhe inumano. O doutor Abadi alertou-a para o facto de que a dor seria intensa, crescendo até ao seu ponto mais alto nas primeiras vinte e quatro horas, mas depois o pior já teria passado.

Foram para casa, beberam vinho e, na manhã seguinte, Kate preparou-se com uma toalha sobre os lençóis e um conjunto de séries da Netflix. Pôs o telemóvel no modo de avião e introduziu os primeiros comprimidos na vagina, de acordo com as instruções. E então esperou. Tomou paracetamol. E esperou mais um pouco. Cerca de duas horas depois de ter inserido os comprimidos, as contrações começaram. Era como se uma escavadora industrial estivesse a escavar no seu ventre. A dor era tão aguda que Kate pensou que ia desmaiar. Vinha em ondas, aumentando e recuando, e a determinada altura Kate vomitou numa bacia. Jake, que tinha tirado o dia no trabalho para cuidar dela, vinha ao quarto, pálido e preocupado, e perguntava se havia alguma coisa que pudesse fazer, embora não

houvesse, porque Kate sabia que, para ultrapassar aquilo, tinha de ir para um lugar onde mais ninguém a poderia acompanhar.

Durante a hora e meia seguinte, a dor surgiu em picos e depois diminuiu, tornando-se mais ligeira com espantosa rapidez. A perda de sangue aumentou e Kate não se permitiu olhar ao deitar na sanita coágulos e pedaços do que poderia ter sido. Não se permitiu pensar no que aquilo representava. Nos nomes que poderiam ter escolhido. Na criança que poderiam ter amado.

A perda de sangue e a dor demoraram uma semana a desaparecer por completo. A experiência tinha sido bárbara. Kate ficou chocada com o facto de as mulheres passarem por ela e zangada por ninguém lho ter dito e soube, sem sombra de dúvida, que não conseguiria aguentar outra vez o mesmo.

O doutor Abadi sugeriu-lhes delicadamente que começassem a pensar em opções alternativas.

– Já passaram quatro anos desde que começaram a tentar, não é verdade?

– Sim – respondeu Kate, pensando em tudo o que tinha acontecido durante esse período e no pouco que haviam alcançado. Parecia ter durado uma eternidade e, ao mesmo tempo, passado num ápice.

– Os óvulos de dadoras poderão ser algo que queiram explorar, embora, como já vimos, a Kate apresente algumas sinequias no útero que sugerem que não conseguirá ter um bebé.

Ter um bebé. Que expressão estranha. Temos coisas. Temos problemas. Temos doenças.

– Portanto, dependendo do que considerarem certo nas vossas circunstâncias particulares, poderão ponderar a gestação de substituição. Ou a adoção.

Quando o médico proferiu estas palavras, Kate ficou chocada por o seu primeiro sentimento ter sido de alívio. Alívio por não ter de o fazer de novo, por não esperarem que continuasse a tentar vezes sem conta e depois processasse a dor terrível e a tristeza que sentiria quando não resultasse. Olhou de relance para Jake, que massajava a nuca, sem expressão no rosto.

Agradeceram ao doutor Abadi, embora Kate não soubesse porquê. Saíram da clínica, deixando para trás as fotografias dos bebés e os vasos com plantas. Tinham visto a adoção sempre como uma opção final, aquilo a que recorreriam em último lugar, e foi estranho ouvir nomeá-la em voz alta enquanto parte da fase seguinte. Sentaram-se no café excessivamente caro, beberam *cappuccinos* e comeram os biscoitos *amaretti* que vinham com cada chávena.

– Como te estás a sentir? – perguntou Jake.

Kate estava debruçada sobre a mesa e notou que ele não lhe pegou nas mãos como teria feito em tempos. Os procedimentos tinham-no esgotado também. O rosto de Jake perdera o seu tom rosado e tinha linhas horizontais ao longo da testa nas quais Kate não havia reparado antes. A tensão não combinava bem com o resto do seu corpo, que era magro e musculado. Jake passara a fazer mais exercício físico como forma de lidar com o desgaste emocional, levantando pesos no ginásio, saindo para corridas longas e praticando boxe com um treinador pessoal todas as quintas-feiras de manhã. Foi investindo em roupas de ginásio cada vez mais sofisticadas: marcas atléticas que tinha de encomendar dos Estados Unidos, com logos discretos mas percetíveis, e sapatilhas de malha com solas leves que pretendiam recrear a experiência de correr descalço no Masai Mara. Bebia batidos de proteína e comia peitos de frango, deixando a pele de lado no prato, pelo que Kate, quando

despejava os restos no caixote do lixo, se sentia julgada por aquela presença de textura arrepiada. Objetivamente, Jake tinha uma ótima aparência, mas Kate sentia falta do seu peito mais macio. Agora, revelava-se duro quando ela pousava a cabeça sobre o coração dele, e, quando ele a abraçava, apertava-a com demasiada força.

O próprio corpo de Kate tornou-se estranho para ela. Sempre se mantivera tonificada, com bons músculos nos braços por causa do ioga e um ligeiro desenho de abdominais na pele abaixo das costelas. Mas agora sentia a barriga flácida e cheia de fluido. Convenceu-se de que as suas ancas tinham ficado mais largas. Não fazia exercício físico regularmente há meses. Julgava-se mais gorda e estava certa de que o esforço de ficar grávida e o sofrimento de perder cada gravidez tinham deixado marcas físicas. Só mais tarde percebeu que nada disso era verdade.

– Kate?

Apercebeu-se de que não tinha respondido à pergunta de Jake.

– Estou cansada – disse.

– O que te parece a gestação de substituição? Ou preferes falar sobre isto mais tarde?

Kate começou então a chorar, sem se sentir particularmente triste. Jake passou-lhe um guardanapo e ela manchou as bochechas com ele. No canto do café, um bebé desatou num pranto, como que fazendo eco da infelicidade de Kate, e a mãe desabotoou a camisa e começou a amamentá-lo. O bebé, instantaneamente apaziguado, mamou com avidez. Ao olhar para eles, Kate foi invadida por uma mistura de ciúme e profundo respeito. Estava desesperada. Não havia nada que quisesse mais do que um bebé. Era incapaz de ver alguma coisa para além disso. Sentia que iria morrer se não se tornasse mãe.

– Penso que poderá ser uma boa ideia – afirmou ela. – Só que… não esperava sofrer tanto com algo que não consigo fazer.

– Oh, meu amor – disse Jake. – Lamento tanto.

– E temos sequer dinheiro para isso?

– Claro que temos. Em último caso, poderemos fazer uma nova hipoteca da casa. Isto é mais importante, não é?

Kate assentiu com a cabeça e depois perguntou:

– Ainda me amas?

O rosto de Jake adquiriu uma expressão de surpresa.

– Porque é que me estás a perguntar isso? Amo-te mais do que tudo. E ultrapassaremos isto. Juntos. Está bem?

– Está bem.

Duas semanas mais tarde, contactaram um organismo que trabalhava na área da gestação de substituição e que os convidou para uma conversa. Carol, uma mulher competente de cabelo grisalho, com uma camisa de algodão lisa e sapatos discretos, sentou-se com eles.

– Tenho aqui muita informação para lhes dar – disse, soltando uma gargalhada que fez Kate lembrar-se da sua professora de Biologia. – Estão preparados?

Carol disse-lhes que era ilegal pagar para ter uma barriga de aluguer no Reino Unido, para além da cobertura das despesas inerentes; que qualquer barriga de aluguer teria de agir por instinto altruísta para querer ajudar; que, naquele momento, havia um período de conhecimento mútuo de três meses antes de alguém assinar alguma coisa; que teriam de decidir se usariam os óvulos de Kate ou da barriga de aluguer; que existia um *website* onde as potenciais barrigas de aluguer se podiam associar a casais como eles; que havia conferências regulares e eventos sociais nos quais os futuros pais

eram três vezes mais do que as potenciais barrigas de aluguer. Kate e Jake levaram para casa uma dúzia de folhetos e leram-nos na cozinha, sentados de frente um para o outro a beber canecas de chá. Era bom ter um projeto, ter algo que controlavam mais, em vez de deixarem tudo nas mãos de especialistas do género masculino que falavam uma linguagem médica concebida para alienar.

No mês seguinte, Carol convidou-os para um evento social que decorreria num hotel em Coventry.

– É uma festa temática. Bandidos e suas companheiras. Não sei se é o vosso tipo de coisa. Mas, se for, devem vir. Conhecerão muitos casais com percursos semelhantes ao vosso e poderá ser muito apaziguador partilhar histórias com pessoas que compreendem.

Tanto Kate como Jake odiavam mascarar-se, mas decidiram que valia a pena e, por isso, encomendaram disfarces na Amazon: um vestido dos anos vinte, em poliéster e barato, para Kate, tendo como acessórios pérolas falsas e uma boquilha; um fato largo às riscas para Jake. Foram de carro até ao Grand Eastern Hotel, em Coventry, um edifício de dois andares e tijolo amarelo, com carpetes de tom bege e padrões de diamantes *bordeaux*. O quarto era pouco mobilado e estéril: uma cama com colchão de espuma; uma chaleira com pacotes individuais de açúcar e natas; gel de duche e champô misturados no mesmo dispensador de plástico, que estava fixado à parede de azulejos da casa de banho. A vista pela janela era do parque de estacionamento. Prepararam vodcas tónicas com as bebidas do minibar e beberam-nas sentados na cama, e depois olharam um para o outro e começaram a rir com a estranheza da situação. Kate não se lembrava de rir assim há muito tempo.

– Achas que estamos a beber de mais? – perguntou a Jake, sem saber ao certo o grau de seriedade que queria empregar na pergunta.

– Se não podemos beber uns copos depois de tudo aquilo por que passámos, quando é podemos? – disse ele.

– Tens razão.

Depois de vestirem os disfarces, Kate pôs um batom vermelho-escuro e Jake disse-lhe que ela parecia tão sensual que teria de usar o mesmo vestido quando regressassem a casa para que pudessem ter sexo naqueles trajes. Kate, ligeiramente tocada pela vodca, sentiu-se novamente bonita. Depois, deram as mãos e caminharam pelo corredor até ao salão de conferências onde a festa decorria. O salão tinha sido decorado com balões dourados cheios de hélio e cartazes de Al Capone com a legenda «PROCURA-SE». O espaço já estava meio cheio de convidados. Dirigiram-se diretamente para o bar. Kate estava nervosa e não sabia porquê. Pediram vodcas tónicas ao empregado de balcão.

– Simples ou duplas?

– Duplas – responderam Kate e Jake em simultâneo.

Uma voz desconhecida surgiu atrás deles.

– Gosto do vosso estilo.

Voltaram-se os dois e viram uma mulher de cabelo loiro desgrenhado, preso por uma fita com uma pena, que usava um fato de homem sobre uma camisola interior de seda. Tinha a pele bronzeada e um sorriso agradável. Era bonita e acessível, o tipo de pessoa que poderia ser selecionada para o papel da irmã atraente do protagonista de um filme comercial.

– Olá – disse ela, estendendo a mão. – Sou a Marisa.

AGORA

18

– Sinto que estou a ficar louca – declara Marisa. – Só quero falar.

– Está bem – diz Kate, suavizando a voz o mais possível. – Eu compreendo. Falemos então. Posso contar-te tudo o que quiseres saber.

Os ombros de Marisa relaxam e ela parece imediatamente mais calma. Pousa a faca na mesa do corredor.

– Desculpa – diz Marisa. – Não a ia usar.

– Eu sei.

Marisa sorri para Kate, um sorriso torto que faz o resto do rosto parecer assimétrico. Tem o cabelo com nós e por lavar, e Kate consegue cheirar o odor do corpo da outra mulher, uma emanação acre sob as roupas.

– Oh, Marisa – diz Kate. – O que se passa?

O peito de Marisa está agora pesado e ela afunda-se na cadeira, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Ergue a cabeça e olha em frente através de fios de cabelo liso. Kate comprime-se contra a parede como se fosse capaz de desaparecer por mera força de vontade. Mas não há nenhum sítio para onde ir e as suas pernas ainda estão atadas com a corda.

– Marisa, querida, podes desatar a corda, por favor? Prometo que não vou a lado nenhum. É que estou um pouco desconfortável.

Marisa continua a olhá-la, com a boca aberta. Kate não tem a certeza de quanto ela terá percebido. Marisa parece quase inatingível. Como, pensa Kate, como é que nos deixámos chegar a isto? Como é que isto aconteceu? Kate insiste na postura suave, como se estivesse a domar um cavalo selvagem, encorajando-o a

aproximar-se com uma voz branda e um cubo de açúcar na palma da mão.

– Por favor, desata a corda, querida, e depois podemos falar. Podemos sentar-nos no sofá da cozinha com uma chávena de chá e tentar perceber tudo isto. Não estás em apuros. Eu estou bem. Não estou zangada contigo. Por favor, Marisa.

Após alguns minutos disto, Marisa endireita-se na cadeira e passa as mãos pelo cabelo, prendendo-o num nó frouxo na parte de trás da cabeça. Parece, de algum modo, ter o rosto menos carregado, os demónios internos momentaneamente controlados. Levanta-se, pressionando a palma da mão contra a barriga ao fazê-lo, num gesto protetor. Curva-se para desfazer os nós da corda e, quando os seus dedos não colaboram, pega na faca para terminar o trabalho. Gradualmente, a corda fica mais solta e Kate consegue sentir o regresso do sangue aos pés.

– Obrigada, Marisa.

– Não quero ir para a cozinha. Ficamos aqui sentadas.

Marisa escorrega pela parede para se sentar ao lado de Kate, com as costas contra a parede. Fica tão perto que ela sente o cabelo de Marisa a fazer-lhe cócegas na face e isso é, em certa medida, mais assustador do que quando a ameaçou com uma faca. Kate tenta bloquear o cheiro e o pavor para regular a sua respiração. Fecha os olhos por instantes, organizando os seus pensamentos.

– O que se passa, Marisa?

– Eu sei – diz Marisa.

– Sabes o quê?

– Não faças isso. Eu não sou estúpida. Não sou imbecil, mesmo que penses que sou, mesmo que nunca tenha sido tão inteligente

como tu. Já te perguntei uma vez. Vou perguntar-te de novo: há quanto tempo tu e o Jake andam a dormir juntos?

Kate fica confusa.

– Há seis anos – diz ela. – Tu sabes isso.

– Como é que o podes admitir tão descontraidamente? Convidámos-te para a nossa casa e é assim que pagas? Acabando com a minha relação?

– A *tua* relação?

Marisa assente com a cabeça e, de súbito, Kate tem um vislumbre de entendimento instintivo que, de imediato, preferia não ter tido.

– Mas… o que… Marisa… – Kate tropeça nas palavras. A voz sai-lhe enrouquecida, quase murmurada. Decerto não pode ser aquilo em que está a pensar. Não pode… – És a nossa barriga de aluguer – afirma ela. Marisa fica sem expressão, como se não tivesse ouvido. – És a nossa *barriga de aluguer* – repete Kate. – Estás a perceber?

Então, Marisa faz algo muito curioso. Pega na mão de Kate e começa a rir, devagar ao princípio, mas depois as gargalhadas ganham ritmo e transformam-se num ruído estridente e contínuo.

– Oh, Kate – diz ela, sem fôlego entre risadas. – Kate, Kate, Kate, coitadinha. Estás a ver tudo mal. Eu sou a companheira do Jake. Vamos ter um bebé juntos. Tu és a nossa inquilina.

Quando Kate era criança, o pai dela costumava ir de carro a uma feira de objetos usados todos os segundos domingos de cada mês. Por vezes, se Kate acordasse suficientemente cedo, o pai levava-a consigo. Viviam no fundo de um vale e a viagem levava-os pela estrada íngreme que passava ao lado da casa deles e depois descia até à povoação mais próxima. Havia poucos carros àquela hora da manhã e o pai de Kate costumava acelerar ao subirem a colina para

que ela sentisse na barriga o efeito da imponderabilidade quando o carro fazia uma curva.

– Cambalhota na barriga! – costumava gritar ela com prazer.

Havia uma espécie de terror alegre perante a ideia de que o carro poderia ficar descontrolado e, quando não ficava, as entranhas de Kate pareciam precisar de uma pulsação extra para acompanharem a velocidade do mundo exterior.

Ao ouvir Marisa agora, e compreendendo a profundidade do desequilíbrio mental dela, Kate sente novamente a cambalhota na barriga, só que desta vez não volta à posição normal. Desta vez, o carro não chega ao outro lado. Em vez disso, voa pelo ar, capota e embate no asfalto com uma força esmagadora e fatal.

– Marisa – começa Kate, tentando ser o mais clara e concisa possível. – O Jake é o meu companheiro. Estamos juntos há seis anos. Não conseguíamos ter filhos. Pedimos-te para seres a nossa barriga de aluguer e para vires viver connosco. É o nosso bebé que tens aí dentro. O nosso. Não o teu.

Marisa não diz nada durante algum tempo. Vira-se, fechando-se em si mesma, e Kate consegue vê-la a remexer nas cutículas irregulares da mão direita. Ficam ambas sentadas em silêncio durante vários minutos até Marisa abrir a boca para falar.

– Sabes, Kate…

É interrompida pelo som de uma chave na fechadura. A porta da frente abre-se. Jake entra em casa.

ANTES

19

Ao princípio, não conseguiam acreditar. Ninguém conseguia. Carol tinha dito que alguns casais demoravam anos a encontrar uma barriga de aluguer adequada. Era muito raro encontrar alguém compatível logo no primeiro evento social. Mas Kate e Jake tinham ambos sentido uma afinidade imediata com Marisa. Ao olhar para trás mais tarde, Kate questionar-se-ia sobre se não teria sido o desespero a fazê-los querer encontrar essa afinidade onde não existia nenhuma.

Ainda assim, naquela noite, os três conversaram descontraidamente sobre a estranheza (e o potencial cómico) do cenário em que se encontravam. Marisa fizera-lhes algumas perguntas sobre a sua «jornada de fertilidade», porque todos lhe chamavam isso, como um mau tema *rock* da década de 1980, mas as perguntas dela não tinham sido intrusivas ou inconvenientes. Na altura, ouviu, assentiu com a cabeça e pareceu genuinamente solidária. Contou-lhes que sempre desejara ter filhos, embora ainda não estivesse preparada para ser mãe. Disse que sabia em primeira mão, através de amigos mais velhos e da sua própria mãe, quão difícil poderia ser a luta contra a infertilidade.

– Há sete anos de diferença entre mim e a minha irmã – explicou Marisa. – A minha mãe teve uma série de abortos durante esse período. Foi horrível para ela.

Kate olhou para Marisa e perguntou-se se a infertilidade poderia ser herdada geneticamente. Marisa, como se lhe tivesse lido os pensamentos, disse:

– Mas eu fiz os testes todos e parece estar tudo bem comigo. E pensei que isto era algo que poderia fazer por outras pessoas,

enquanto ainda fosse jovem, como ninguém foi capaz de fazer pela minha mãe, estão a perceber?

Marisa tinha aquela forma de falar dos *millennials*, cheia de «tipo» e desnecessárias interrogações que deixavam as frases soltas.

– Se não for uma pergunta impertinente, que idade tens? – questionou Jake.

Jake tinha já bebido quatro vodcas e sentia-se mais descontraído do que o habitual.

– Tenho vinte e oito anos.

Marisa falou com tal abertura, com tal falta de artifício, que Kate ficou encantada. Estava habituada a falar com tipos da comunicação social cínicos, com uma visão do mundo entorpecida por muitos anos passados numa cidade grande onde ser sofisticado trazia mais recompensas do que ser entusiasta, e Marisa aparecera ali intocada, como uma boneca acabada de sair do seu invólucro de celofane. Segundo contara, tinha crescido na província e, para Kate, ainda parecia um pouco antiquada, como uma heroína saída de um romance de Thomas Hardy, com ossos saudáveis, cabelo aloirado, sorriso caloroso e em sintonia com o que a rodeava. Havia uma certa pureza nela. Kate podia muito facilmente imaginá-la com um bebé.

Marisa deixou a festa antes deles, dizendo que tinha de se levantar cedo na manhã seguinte, e Kate também gostou disso nela: o facto de ser sensata e suficientemente segura de si para ir embora quando a festa começava a aquecer.

– Adoraria manter-me em contacto convosco – disse Marisa. – Se acharem que é apropriado, claro. Sem pressões!

Jake olhou de relance para Kate, que acenou ligeiramente com a cabeça.

– Também gostaríamos disso – respondeu ele. – Talvez possas ficar com o meu número de telefone.

– Claro – disse Marisa, e sacou um velho modelo de *iPhone* com o ecrã rachado.

– Caramba – comentou Jake. – Deves tê-lo deixado cair de uma grande altitude.

Marisa riu-se.

– Tenho andado para o substituir, mas sabem como são as coisas.

Jake digitou o seu número e devolveu o telefone a Marisa.

– Foi um prazer conhecer-vos – disse ela.

Não se aproximou para os beijar na face e Kate ficou aliviada. Para aquela possibilidade poder avançar, as fronteiras teriam de ser claras desde o início.

– Também foi um prazer conhecer-te – declarou Kate, com convicção. Pela primeira vez em quatro anos, sentiu um pequeno fervilhar de esperança.

Carol, porém, aconselhou-os a não ficarem demasiado entusiasmados.

– Há um longo caminho pela frente – afirmou ela. – Agora, têm de se conhecer melhor, perceber se são realmente compatíveis e se têm confiança mútua neste objetivo incrivelmente precioso. E a Marisa é invulgar, não nos esqueçamos disso.

– Como assim? – perguntou Kate.

– Bom, é mais nova do que a maioria das barrigas de aluguer e ainda não teve filhos, algo que na verdade tendemos a preferir. Não é um fator decisivo, obviamente, mas é algo que devem ter em conta. Além disso, é solteira, razão pela qual não teremos o apoio de um parceiro. Precisam de garantir que ela terá uma boa rede de apoio ao longo do processo.

– Mas não é a relativa juventude dela um bónus? – perguntou Jake. – Em termos de fertilidade, quero dizer.

– Pode ser, sim. Mas é algo que têm de ter em conta – repetiu Carol. – Já falaram sobre que óvulos irão usar?

– Penso que preferimos os óvulos da barriga de aluguer, se isso for uma opção – respondeu Kate. Falou de forma clara e tentou que a voz não lhe falhasse. Estavam a seguir o conselho do doutor Abadi, que dissera que esta escolha lhes daria a maior hipótese de conceber no menor tempo possível. No entanto, apesar de tentar dizer a si mesma que não importava a forma como lá chegassem, que um bebé era nosso assim que estivesse nos nossos braços, Kate não deixava de se debater para aceitar o facto de que o seu filho não teria consigo qualquer ligação genética.

– Muito bem – concluiu Carol. – Então, também terão de considerar se não se importam que a Marisa tenha uma aparência diferente da sua, Kate.

– Ela é parecida com o Jake – respondeu Kate.

– Eu sei, mas ele irá fornecer o esperma, portanto…

– Sim, eu percebo isso. Pensei muito sobre o assunto.

E era verdade. Kate tinha analisado a questão vezes sem conta na sua mente, antes de chegar à conclusão de que todas as vantagens de Marisa superavam esta preocupação bastante egocêntrica. Na verdade, sabia que Jake estava desesperado por ser pai e ela já não conseguia suportar a ideia de o desiludir. Queria que aquela solução não a deixasse incomodada e, por isso, tentou convencer-se de que não estava incomodada. Gradualmente, esta tornou-se uma versão da verdade.

– Por mim, não há problema – disse Kate a Carol.

Na cadeira ao lado, Jake estendeu o braço e apertou-lhe a mão.

Por sugestão de Kate, Jake mantivera-se desde a festa em contacto regular com Marisa através de mensagens de texto.

– Não queremos arruinar as nossas hipóteses com ela – disse Kate, meio a brincar. – Naquela noite, deve ter recebido números de telefone vindos de todos os lados.

Estavam sentados no banco do jardim e contemplavam as hidrângeas, que tinham começado a florescer. O som de um jogo de computador com o volume muito elevado transpôs o muro da extremidade mais afastada. Viviam junto a um bloco de habitações municipais e uma caixa de escada de tijolo vermelho tapava um segmento retangular de céu ao fundo do jardim da casa. Era por isso que a tinham comprado por um preço tão bom – o agente imobiliário havia dito que a caixa de escada fizera desistir muitos potenciais compradores, mas nem Kate nem Jake se importavam particularmente com ela. Londres, afinal de contas, era uma manta de retalhos de habitações diferentes, com os blocos de torres a nascerem nos espaços em ruínas depois dos estragos causados pela Segunda Guerra Mundial, pressionados contra as casas mais velhas como novos enchimentos de ouro numa boca repleta de dentes amarelecidos. Viver ali fazia com que se sentissem a respirar a verdadeira cidade, em vez de uma versão retocada. Kate gostava da história daquela manta de retalhos.

– Sinto que estamos a namoriscar – disse Jake. Serviu-lhe um copo de *rosé*.

Kate olhou-o de soslaio.

– Como assim?

– É que estou sempre a analisar ao pormenor cada uma das mensagens dela porque quero mostrar que estamos interessados, mas não quero parecer muito entusiasmado.

Kate começou a rir.

– És um pateta.

O vinho e a luz do sol tinham gerado em Kate uma agradável sensação de leveza. Descansou a cabeça no ombro de Jake.

– A única pessoa que andas a namoriscar sou eu.

Jake abraçou-a, aproximando-a mais do seu corpo.

– Graças a Deus.

Combinaram reunir-se com Marisa num café nesse fim de semana, tendo um encontro durante o dia parecido apropriado e nada intimidante. Kate vestiu roupas apresentáveis, mas não demasiado em voga, pois queria transmitir a sua imagem mais confiável e estável. Escolheu uma camisa branca de linho e uma calças de ganga largas com sapatilhas. Jake vestiu uma *T-shirt* cinzenta e as suas calças de sarja preferidas. Chegaram trinta minutos antes da hora para que se pudessem ambientar e refrear a ansiedade, e escolheram uma mesa junto à janela para que Marisa os pudesse ver facilmente quando entrasse.

Quando Marisa chegou, sorriu-lhes e dirigiu-se à mesa deles.

Olá – disse ela.

Trazia o cabelo solto sobre os ombros. Sem o disfarce da festa temática, parecia ainda mais saudável do que Kate se lembrava. Usava um vestido sem mangas cor-de-rosa e as alças não paravam de escorregar pelos seus braços bronzeados. O botão de cima estava desapertado, revelando um triângulo de um sutiã azul-vivo. Ao observá-la, a única palavra que se repetia na cabeça de Kate era «madura». Soube, instintivamente, que aquela mulher iria ter o filho deles, que era a pessoa certa, e esta perceção acalmou-a. De súbito, fez sentido, de uma forma peculiar, que os seus esforços os tivessem

conduzido ali, como se o desejado bebé tivesse estado à espera para nascer até Marisa aparecer.

– É tão bom ver-te de novo – disse Jake, apertando-lhe a mão.

Pediram bebidas e o chá de Marisa veio acompanhado de toda uma parafernália desnecessária, incluindo uma pequena ampulheta, um tabuleiro ao estilo japonês e uma longa explicação por parte da empregada de mesa sobre o tempo que o chá devia ficar em infusão.

– Caramba – comentou Jake. – É uma chávena de chá complicada.

Começaram todos a rir.

– Quanto a mim, prefiro um bom pequeno-almoço inglês – continuou Jake.

Kate sentiu uma vaga de afeto pela forma como ele assumira a difícil tarefa de quebrar o gelo para que ela não o tivesse de fazer. Queria ficar em silêncio durante algum tempo e limitar-se a observar.

Jake e Marisa falaram sobre as suas respetivas famílias e raízes, e Marisa pintou um quadro idílico de uma infância contente. Segundo ela, os pais ainda eram casados e felizes («Para dizer a verdade, é muito difícil estar à altura do exemplo», acrescentou) e ela e a irmã, Anna, eram muito chegadas.

– E qual é a tua profissão? – perguntou Kate.

– Escrevo e ilustro livros infantis.

– Oh, isso é maravilhoso!

Kate ficou radiante com o facto de ela ser criativa. Esta fora uma das questões que a tinham preocupado: os seus genes mais artísticos não serem passados para o bebé.

– Obrigada! Bem, não é que eu seja o Roald Dahl ou algo parecido. Recebo comissões de pais ou de familiares para escrever histórias de encantar para as suas crianças.

– Como é que isso funciona?

Marisa sacudiu o cabelo para trás dos ombros. Era longo e ondulado, o tipo de cabelo que vemos em modelos que fazem publicidade a bronzeadores na praia.

– As pessoas enviam-me algumas fotografias e algumas características específicas e eu parto daí.

Marisa contou-lhes que o projeto se chamava Contar Histórias e eles elogiaram-na pela inteligência do nome. Sob a mesa, Jake roçou o seu joelho no de Kate e ela pressionou-lhe a coxa, quase sem acreditar que a conversa estava a correr tão bem.

Não mencionaram a barriga de aluguer até terminarem as bebidas e foi Marisa quem puxou o assunto.

– Sei que ainda estamos numa fase muito inicial, mas só queria dizer que gosto realmente de vocês e adoraria ser capaz de os ajudar sendo a vossa barriga de aluguer. Se quiserem que o seja, claro. – Soltou uma risada e ficou com o rosto corado. – Sem pressões!

Os olhos de Kate encheram-se de lágrimas.

– É uma… – Ficou com a voz embargada. – Uma coisa tão generosa e incrível de ouvir. Obrigada. Desculpem-me.

Não queria chorar diante de Marisa e, por isso, foi para a casa de banho, onde pôs o tampo da sanita para baixo e ficou sentada durante alguns minutos a limpar as bochechas com papel higiénico amarrotado. Respirou fundo algumas vezes. Na parte de trás da porta, havia um cartaz de ioga para bebés. «Liberte a sua deusa mãe interior», lia-se nele, junto a uma fotografia de uma mulher de ancas largas num cafetã a erguer um bebé rechonchudo em direção ao céu. Kate já vira antes o cartaz e sempre ficara irritada com ele. Parecia tão presunçoso, tão insensível, tão desalinhado com aquilo por que ela estava a passar que teve de se controlar para não o arrancar. Era

como uma daquelas publicações no Instagram de covinhas de bebé fotogénicas e recém-nascidos minúsculos que faziam Kate ter vontade de gritar e desejar a existência de um aviso para conteúdos relacionados com gravidez. Mas, naquele dia, olhou para o cartaz e acreditou que um dia poderia ser ela a ter aquela experiência.

Tirou o telefone do bolso das calças e enviou uma mensagem de texto a Jake.

«Acho que ela é a pessoa certa. E tu?»

Carregou na opção de envio e esperou. Houve um ruído junto à porta, pelo que puxou o autoclismo e lavou as mãos, pondo-as debaixo do secador para que a pessoa do lado de fora soubesse que não teria de esperar muito. O telefone vibrou.

«Sem dúvida x»

Kate deixou o cubículo, sorrindo abertamente para a mulher que esperava lá fora.

– Desculpe – murmurou ela.

Foi ao caminhar pelo café movimentado de volta à mesa que viu, numa fração de segundo, Marisa inclinar-se para a frente e passar ao de leve com a mão no pulso de Jake. Foi um gesto rápido, como que para enfatizar um ponto da conversa, e Kate não pensou mais nele ao regressar ao seu lugar, dizendo a Marisa como se sentiam sortudos por a terem conhecido.

20

Passaram muito tempo juntos durante os três meses seguintes, como tinha aconselhado Carol. Fizeram piqueniques. Assistiram a conferências sobre gestação de substituição. Visitaram galerias de arte e museus e foram a sessões de cinema, nas quais Jake e Kate se sentavam um de cada lado de Marisa para que ela não se sentisse incomodada. Tiveram dezenas de conversas sobre o que a gestação de substituição implicaria e como a fariam funcionar de modo a que tudo entre os três se mantivesse o mais claro possível. Discutiram a fundo um acordo de gestação de substituição entre os três, no qual Marisa Grover transferiria a parentalidade legal para Kate Samuel e Jake Sturridge depois do nascimento do bebé. Marisa referia-se sempre a ele como «o vosso bebé». Sabia tudo sobre os procedimentos médicos a que teria de se submeter para a remoção e fertilização dos óvulos com o esperma de Jake e assegurou a Kate que não estava assustada com essa perspetiva.

– Só quero ter a certeza de que te sentes bem com tudo. Perdoa-me todas estas perguntas – disse Kate uma noite, quando os três caminhavam ao longo do rio, através do Battersea Park.

– Oh, não há problema, compreendo perfeitamente – respondeu Marisa. – Mas a verdade é que refleti bastante sobre querer fazer isto ainda antes de vos conhecer, portanto acho que sei bem no que me estou a meter.

– É bom ouvir isso – disse Jake.

Tudo o que Marisa lhes dizia era perfeito. Em certos momentos, parecia que a tinham inventado, como se fosse boa de mais para ser verdadeira.

Havia apenas uma coisa que Kate queria mudar: o sítio onde Marisa iria viver. Ela contara-lhes que tinha arrendado um apartamento na zona norte de Londres, porém, quando a foram lá visitar, Kate ficara surpreendida ao verificar que o espaço se assemelhava mais a um estúdio do que a um apartamento. O quarto incluía a cozinha corrida e a casa de banho era pouco maior do que um guarda-roupa. Cheirava a comida e a más canalizações. Kate conseguia ouvir a batida surda de música alta vinda de cima. Era húmido e exíguo e a janela da frente dava diretamente para uma estrada principal. O vidro estava enegrecido pelos fumos dos escapes.

– E se a Marisa viesse viver connosco? – perguntou Kate a Jake nessa noite.

Estavam sentados no sofá diante da televisão, a beber vinho e a ver um documentário da Netflix sobre o escândalo do *doping* no ciclismo.

– Hum? – Jake não a ouviu à primeira. Pegou no comando e pressionou o botão da pausa. – O que disseste?

Kate ergueu o copo de vinho pelo pé, agitando-o suavemente de modo a que o líquido deixasse uma marca de lado.

– Estava a pensar se não faria sentido convidar a Marisa para vir viver connosco.

Jake, que se inclinara para tirar batatas fritas da taça sobre a mesa baixa diante deles, suspendeu o gesto a meio do percurso. Recostou-se e começou a rir.

– *O quê?*

Kate olhou-o sem expressão.

Jake percebeu que ela não estava a brincar e ficou sério de novo.

– Ah. Uau. Está bem. Não estava à espera dessa. Está bem. Deixa-me digerir isso um bocadinho.

A televisão mudou para o modo de proteção do ecrã e ficou repleta de imagens de golfinhos em movimentos lentos debaixo de água.

– Estive a pensar e não me agrada a ideia de ela estar tão longe de nós…

– Não é assim *tão* longe.

– Não, eu sei, mas nós trabalhamos até tarde e seria mais fácil tê-la por perto. Este é o argumento de ordem prática – afirmou Kate, sabendo como a mente de Jake funcionava. – O de ordem emocional é que também não me agrada a ideia de ela estar sozinha, sem um núcleo familiar de apoio. Vivem todos no campo, não é verdade? Além disso, seria assim muito mais fácil mantê-la debaixo de olho para ver se come alimentos saudáveis e toma os suplementos e tudo isso.

– Mas…

– E, tendo em conta que é ilegal pagar por uma barriga de aluguer, pelo menos além das despesas razoáveis, seria uma forma de lhe agradecermos por esta coisa enorme que ela está a fazer por nós.

Jake ficou calado, mas Kate conseguia ver que a disposição dele tinha passado da descrença à avaliação lógica.

– Podíamos dar-lhe o quarto vago e a Marisa podia montar o estúdio dela lá. O espaço é mais do que suficiente.

Jake decidiu servir-se de mais um copo de vinho, mas percebeu que a garrafa estava vazia. Levantou-se e foi à garrafeira, abriu um tinto e levou-o para o sofá, oferecendo um pouco a Kate ao voltar a sentar-se.

– Obrigada – agradeceu ela, erguendo o copo.

Kate ficou em silêncio, permitindo que a ideia se instalasse.

– Está bem – disse Jake.

– Concordas?

– Penso que é uma boa ideia.

Kate rebolou para junto dele e encheu-lhe o rosto de beijos.

– Oh, fico tão contente por achares o mesmo. Obrigada, obrigada, obrigada.

Jake riu-se e, com um sabor a taninos, beijou-a na boca.

– Assumindo que a Marisa está de acordo – disse ele, segurando-a pelos ombros. – O que vamos dizer às pessoas?

– Bom… que ela é uma inquilina?

– Até à minha mãe?

– Não, penso que devemos dizer a verdade à Annabelle.

Jake abanou a cabeça.

– Ela não vai entender.

– É verdade – Kate concordou. – Mas não tem de o fazer.

No final, foi uma decisão muito fácil. Kate falou dela a Marisa no dia seguinte ao telefone.

– Kate… oh, meu Deus… é tão generoso da vossa parte. Têm a certeza?

Marisa estava ofegante, como se tivesse acabado de correr.

– Sim, temos. Seria fantástico ter-te connosco. Mas não queremos que te sintas com qualquer obrigação. Porque não vens ver a casa e o teu quarto e depois decides?

– Adoraria fazê-lo.

Combinaram a visita para a tarde seguinte. Jake não conseguiu desmarcar uma reunião de trabalho, mas o horário de Kate era mais flexível e ela pôde facilmente estar lá para mostrar a casa. Sentiu-se empolgada enquanto esperava que Marisa tocasse à campainha da

porta da frente e, nessa manhã, dedicara algumas horas à limpeza e à tentativa de tornar tudo o mais acolhedor possível. No quarto vago, mudou a roupa da cama e deixou uma seleção dos seus livros favoritos nas prateleiras. No piso de baixo, acendeu velas aromáticas e limpou as superfícies da cozinha.

Quando Marisa chegou, abraçaram-se e Kate convidou-a a entrar, começando a mostrar-lhe o espaço como se fosse uma agente imobiliária. Salientou a existência de vidros duplos que tornavam a casa mais silenciosa, as duas casas de banho (o que significava que Marisa poderia ter uma só para si) e o facto de o quarto dela e de Jake ser num piso diferente, para privacidade adicional.

– Oh, é tudo tão bonito – disse Marisa, entusiasmada. – A luz é simplesmente magnífica.

Na cozinha, Kate abriu a porta de vidro que dava para o jardim e uma pega entrou a voar sem aviso, pelo que Kate teve de se desviar e baixar a cabeça. Na agitação que se seguiu, o pássaro bateu com a asa numa jarra, que acabou por cair ao chão e partir-se, e depois voou de regresso ao exterior. Kate, que nunca gostara de pássaros e os considerava cheios de todo o tipo de premonições sinistras, tentou aligeirar a situação.

– Boa viagem! – gritou ela, vendo o pássaro ganhar cada vez mais altitude no céu até desaparecer de vista. – Espero que isto não te tenha feito mudar de ideias.

Marisa disse que não, que Kate não precisava de ficar preocupada e que, se ela e Jake tivessem mesmo a certeza, adoraria ir viver com eles durante os meses seguintes para que, juntos, dessem continuidade à aventura da gestação de substituição. Kate voltou a abraçá-la, desta vez com tanta força que conseguiu sentir o batimento do coração da outra mulher. Quando a largou, Marisa olhou para ela

de forma estranha, como se os seus olhos tivessem perdido o foco, como se a mente a tivesse levado para outro lugar. Foi um momento fugaz, e o rosto de Marisa voltou quase de imediato ao normal.

Para onde teria ido ela, Kate questionou-se, ainda assim.

Acompanhou Marisa à porta, vendo-a caminhar até ao fundo da rua e tirar o telefone para enviar uma mensagem de texto a alguém a caminho do metro, e depois fechou a porta da rua e deixou-se ficar alguns instantes no corredor, satisfeita consigo mesma por tudo ter corrido tão bem.

Ambos ajudaram Marisa nas mudanças. Alugaram uma carrinha, arrastaram caixas pelas escadas estreitas do apartamento dela e empilharam-nas na parte de trás. Conduziram a carrinha pela cidade com o rádio ligado e Marisa parecia conhecer as letras de todas as músicas *pop*. Kate considerou que ela tinha uma boa voz, sendo esse outro aspeto que a fazia ficar feliz com a herança genética que Marisa iria transmitir à criança. Marisa desencaixotou os seus pertences de forma rápida e metódica e, nessa noite, tendo ficado tudo despachado, estava já lá em casa, sentada diante deles na mesa da cozinha, e parecia que sempre tinha sido assim. Parecia, apercebeu-se Kate, uma família.

Marisa montou uma mesa de desenho junto à janela do quarto e passou a trabalhar ali durante longas horas, emergindo para jantar com tinta no cabelo, usando sandálias e roupas de trabalho largas. Segundo ela, não dormia tão bem há anos e o rosto encheu-se-lhe, desaparecendo também as manchas escuras sob os seus olhos.

Jake e Kate, conscientes desta nova presença em casa, esforçaram-se ao máximo para que Marisa se sentisse acolhida. Eram solícitos, perguntando-lhe sempre se queria chávenas de chá

ou o esporádico copo de vinho, e concordaram que não agiriam de forma «conjugal» à sua frente. Deixaram de tocar um no outro e de mostrar afeto mútuo para que Marisa não se sentisse excluída. À noite, faziam sexo em silêncio, não querendo que ela os ouvisse.

E foi assim durante três semanas, talvez quatro. Mais tarde, Kate sentiria dificuldades em apontar o momento específico em que teve a primeira impressão de que nem tudo era o que parecia ser. Na verdade, começara com pequenas coisas – gestos e ações que teriam sido quase impossíveis de discernir na altura, mas que, em retrospetiva, pareciam todos conduzir a uma inevitável conclusão. Marisa começou a passar as suas canecas para a parte da frente do armário da loiça, empurrando para trás as chávenas de café preferidas de Kate, além de usar o lavatório da casa de banho contígua ao quarto principal para lavar os dentes, em vez de se dirigir à mais pequena, que lhe tinham atribuído no andar de cima. Gostava de tomar longos banhos na banheira deles antes de se ir deitar, mas nunca a limpava depois de a usar. Descarregava programas de televisão da conta Apple de Jake e Kate sem lhes pedir. Uma vez, Kate encontrara-a no seu quarto, sentada ao toucador, a experimentar as suas joias.

– Oh, desculpa, Kate! – havia dito Marisa, de uma forma ligeira, como se não tivesse grande importância. – É que adoro estes teus brincos e queria ver se me ficavam bem. Não te importas, pois não?

E Kate sentiu que só tinha uma forma de responder:

– Não, claro que não.

Kate disse a si mesma que estava a ser controladora. Por que razão não devia Marisa tratar a casa deles como o seu lar? Não fora isso que a tinham encorajado a fazer? Além disso, Kate tinha receio de a transtornar. Desesperada, não queria perder esta hipótese para

a qual tanto se haviam esforçado. E tentava convencer-se de que, para eles, Marisa era a barriga de aluguer perfeita. Independentemente do que Marisa quisesse fazer, e da maneira como quisesse agir, Kate teria de lidar com a situação do modo mais compassivo e generoso possível até terem o bebé. Este era o aspeto mais importante, e servia-lhe de guia para todas as ações. Não perturbar o estado atual das coisas. Não fazer nada que pudesse ofender. Não esquecer o quão frágil tudo era sob a superfície. No entanto, subtilmente, Marisa continuou a expandir o seu alcance pela casa. Perguntou se podia pôr alguns dos seus livros nas estantes e, de boa vontade, Jake concordou. Quando Kate desceu para a sala de estar, viu que Marisa tinha removido a sua amada coleção de romances de lombada cinzenta da editora Persephone e deixado os livros empilhados de forma desorganizada no chão. A prateleira estava agora ocupada por pesados tomos de arte sobre fotografia e o nu feminino – o tipo de livros que ninguém lia, mas que todos queriam mostrar que tinham.

Uma vez, Kate tinha uma reunião de trabalho nas redondezas e passou por casa a meio do dia. Mal abriu a porta, percebeu que as suas sapatilhas de corrida tinham sido retiradas do corredor, onde as deixava sempre. Com ar distraído, Marisa desceu as escadas.

– Oh – disse Marisa. – Não estava à espera de ninguém.

Kate tentou brincar com a situação.

– Eu vivo aqui!

– Eu sei. É que… estou habituada a ter o meu próprio espaço criativo durante o dia, sabes?

Peço perdão por respirar, pensou Kate, quando Marisa se virou e voltou a subir as escadas.

– Espera um pouco. Marisa, desculpa, sabes onde estão os meus ténis?

Kate não sabia por que motivo estava sempre a pedir-lhe desculpa. Receava muito cometer algum erro.

– Sim. Como estava sempre a tropeçar neles, deixei-os no armário debaixo das escadas.

– Ah, está bem.

Marisa sorriu-lhe com simplicidade. A luz da janela do patamar fazia brilhar o seu cabelo dourado, com o sol a rodear-lhe a cabeça como um halo. Marisa ficou parada naquela posição durante vários segundos, a sorrir para Kate, com os olhos bem abertos, os pés plantados firmemente e um pouco afastados. Kate ficou com a nítida impressão de que ela estava a ser desafiadora, mas não percebeu bem porquê.

– Obrigada – acabou por dizer Kate, odiando-se pela sua própria cobardia.

Podia ter dito que gostava de ter os meus ténis ali, pensou ela ao despir o casaco. Porque não o fiz? Na verdade, munida de toda a sua aparência de ancas largas, cabelo desgrenhado e um largo macacão de artista, Marisa conseguia ser intimidante. Não era que fosse propriamente assustadora. Era mais a questão de nunca ser possível prever aquilo em que estava a pensar ou a forma como iria reagir.

O tempo foi passando. Kate não falou com Jake sobre o assunto porque, afinal de contas, tinha sido ideia sua o acolhimento de Marisa e porque sentia que estava a dar demasiada importância a coisas relativamente triviais. Culpou a sua sensibilidade exacerbada, não tendo dúvidas de que o próprio raciocínio se encontrava enevoado pela tensão provocada por aquele triângulo pouco convencional. Portanto, Kate manteve-se em silêncio, repreendendo-se por não ter

sido razoável, e limitou-se, todas as manhãs, a tirar os ténis do espaço debaixo das escadas e a sua chávena de café favorita da parte de trás do armário da loiça, até isso se tornar um reflexo automático.

E, depois, Marisa começou a cozinhar para eles. Kate ainda a tentou dissuadir porque, por mais que apreciasse a sua companhia, não lhe agradava particularmente a ideia de a ter em todas as refeições. Contudo, Marisa garantiu que não havia problema e, quando Jake mencionou de passagem que costumava gostar do macarrão com queijo da mãe, ela assumiu a tarefa de confecionar o prato.

– O meu macarrão com queijo é lendário – disse, alegremente. – Acredita.

Quando se conheceram, Kate tinha-se sentido atraída pela segurança de Marisa. Agora, perguntava-se se não haveria ali um excesso de autoconfiança. Por vezes, quando falavam sobre o trabalho dela, Marisa recorria a termos grandiosos para se autodescrever, termos como «uma artista que trabalha com pinturas e outros meios», e Kate sentia que isso era um pouco exagerado, uma vez que ela ilustrava pequenos livros infantis e recebia a maior parte das encomendas através de mensagens privadas de pais na sua conta de Instagram. Kate vira umas quantas, e as histórias de encantar consistiam em imagens e narrativas simples. Para os olhos destreinados de Kate, todas as crianças eram muito parecidas. Jake tinha sido mais amável, fazendo perguntas a Marisa sobre a forma como ela pintava o cabelo e que cores misturava para obter determinado tom de pele e assim por diante.

– Terás de fazer uma para o nosso bebé quando nascer! – disse ele, animadamente.

– Gostaria muito – respondeu Marisa.

O macarrão com queijo, quando chegou, era bastante bom. Este era outro aspeto que a irritava: Kate considerava a cozinha o seu domínio e Jake apreciava a sua capacidade de confecionar uma refeição deliciosa a partir de quaisquer sobras, mas agora Marisa começava a roubar-lhe o protagonismo.

– Hum, isto está tão bom – elogiou Jake, comendo grandes garfadas de massa.

– É das tiras de toucinho – disse Marisa. – Disso e dos quatro tipos diferentes de queijo.

Kate notou que Marisa dirigia todos os seus comentários exclusivamente a Jake, como se Kate não estivesse lá. Mais uma vez, disse a si própria que estava a exagerar. Afinal, era uma situação delicada. Kate tivera de entregar a conceção do seu próprio filho a esta mulher mais nova e fértil. Fazia sentido que ela procurasse assumir as coisas que conseguia alcançar, desempenhasse as tarefas em que era boa.

– É saboroso – disse Kate, apesar de achar que o macarrão com queijo estava demasiado condimentado para o seu gosto. – Obrigada.

Marisa sorriu.

Jake, agora com o prato vazio, recostou-se na cadeira e observou alegremente a cena diante de si.

– Mal posso esperar para ter um bebé – deixou escapar. – Eu sei que parece esquisito.

Kate encarou-o e depois piscou-lhe o olho. Debaixo da mesa, procurou o joelho dele.

– Não parece nada – assegurou Marisa. – Por que razão haveria de parecer?

– Não é suposto que os homens digam coisas destas.

– Que patetice.

Marisa apoiou os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. O decote em forma de V da sua *T-shirt* tornou-se mais largo e revelou a parte de cima do seu peito. Kate estava tão perto que conseguia ver a marca do bronzeado que lhe restava dos banhos de sol das férias, a pele a ficar branca logo acima do sítio onde estariam os seus mamilos.

– Eu também mal posso esperar – declarou Marisa. – E não me importo se isso me fizer parecer esquisita.

Soltou um risinho abafado. Kate olhou para ela. A forma como Marisa falou tinha parecido tão possessiva, tão descontraída, como se aquela experiência fosse sua, quando não era. Era de Kate e Jake.

– Agradecemos o que estás a fazer por nós, Marisa – disse Kate, salientando isso mesmo.

Marisa, que tinha estado virada para Jake, reagiu a Kate com um ligeiro inclinar da cabeça na sua direção. A atmosfera tornou-se pesada e Kate, sentindo esse peso opressivo de tudo o que estava a acontecer entre os três, disse bruscamente:

– Vai ser ótimo.

E ergueu-se para começar a levantar a mesa.

Nessa noite, na cama, rolou no colchão e encaixou-se nas costas de Jake, envolvendo-o pela cintura com os braços. Jake pôs as mãos sobre as dela e ambos entrelaçaram as pernas. Kate pressionou o rosto contra a nuca dele e a parte mais macia do cabelo de Jake fez-lhe cócegas na boca.

– Amo-te – disse ele.

– Também te amo. – Fechou os olhos e tentou dormir, mas não conseguiu. – Jake?

– Hem?

– Achas que está tudo bem? Com a Marisa?

Jake virou-se para ela, agora mais desperto.

– Como assim?

– Ela… pode parecer uma tolice… mas…

– Estás a deixar-me preocupado.

– Oh, não, desculpa, não é nada que nos deva preocupar, é só que… ela pôs-se muito à vontade cá em casa, não foi?

– Bom, não era isso que queríamos?

– Talvez. É só que… tem mudado as minhas coisas de um lado para o outro.

Jake riu-se baixinho.

– Os teus ténis?

– Sim!

– A verdade é que não estavam nada bem junto à porta de entrada.

– Não tomes o partido dela!

Jake abraçou-a e adotou um tom divertido para dizer:

– Não há partidos! Não é uma competição. Estamos todos juntos nisto, não estamos?

Kate falou para o peito dele com a voz abafada.

– E tu não paraste de elogiar aquele maldito macarrão com queijo.

Jake riu-se.

– Então é isso? Vá lá, Kate.

– Ainda preferes os meus cozinhados?

Kate sabia que estava a ser infantil, mas não o conseguia evitar. Queria a garantia dele.

– Claro que sim. És a minha preferida. Mal posso esperar para ter um filho contigo. Gostava que não fosse preciso envolver mais ninguém, mas, uma vez que é, encontrámos alguém que parece ser

uma ótima pessoa e, se os hábitos irritantes dela se cingirem a mudar os teus ténis de um lado para o outro, julgo que conseguimos tolerar isso durante mais uns meses.

Kate aconchegou-se nele.

– Tens razão. Eu sei que tens razão. Desculpa.

– Não precisas de pedir desculpa. – Jake afastou-se um pouco e beijou-lhe a ponta do nariz. – Nem consigo imaginar como isto deve ser difícil para ti. Mas temos a transferência do embrião marcada para daqui a algumas semanas, não é verdade? Parece-me que nos sentiremos todos menos tensos nessa altura.

Kate sentiu-se contente por ter falado. Ao verbalizar os seus receios, dissipara-os. Via-os agora como aquilo que eram: uma paranoia desencadeada por uma compreensível insegurança face ao seu lugar naquele invulgar núcleo familiar. A terapeuta recomendada pela agência de gestação de substituição tinha-a alertado para a possibilidade de isso acontecer. Era importante separar o que o seu cérebro ansioso lhe dizia do que estava realmente a acontecer. Só porque tinha pensado algo, não significava que era real.

– Continuas a ser a mãe – disse Jake. – Não te esqueças disso.

Jake conseguia sempre acalmá-la e fazê-la ver as coisas de forma mais lógica. Kate fechou outra vez os olhos. Lá fora, estava tudo silencioso e, dali por pouco tempo, Jake estava a ressonar ligeiramente. Kate encontrava-se no limiar do sono quando ouviu o ranger de uma tábua do chão, seguido por alguns sons secos, como os de passos em retirada.

No dia seguinte, Kate não conseguiu concluir se tinha sido um sonho ou se alguém estivera realmente a escutar atrás da porta.

21

O aniversário de Annabelle estava a aproximar-se e Jake sugeriu que levassem os seus pais a almoçar num bom restaurante londrino e lhes oferecessem uma estadia num hotel requintado.

– Ela adora esse tipo de coisas – disse ele, ao explicar o plano a Kate. – E assim não tem de ficar connosco.

– Seja como for, não podia. Não com a Marisa aqui.

– Eu sei, mas deste modo podemos apresentar a solução como um presente e ela não se sentirá melindrada.

Era domingo de manhã e Jake aquecia *croissants* no forno enquanto a chuva caía com força lá fora, transformando-se brevemente em granizo arremessado contra as portas de vidro, num som semelhante ao de berlindes deixados cair ao chão.

– Claro. É uma ótima ideia – concordou Kate. – Temos dinheiro para isso?

– Bom, não propriamente, mas gostava de fazer alguma coisa para assinalar o aniversário da minha mãe. E depois teremos a hipótese de lhe contar sobre a gestação de substituição num cenário neutro.

– Está bem.

Kate não apreciava esta forma de «lidar» com Annabelle, como se fosse uma criança demasiado sensível. Quando contara aos seus pais, Kate tinha sido direta e eles tinham-na apoiado, compreendendo o que gestação de substituição efetivamente era e a razão por que a estavam a realizar. A principal preocupação da mãe tinha sido o nome que pensavam dar ao bebé e se a criança teria o apelido de Jake ou de Kate, tendo em conta que não eram casados.

– Abordaremos esse assunto quando lá chegarmos – respondera Kate. – Ainda há um longo caminho pela frente.

– Não o deixes para demasiado tarde, querida – respondera a mãe, e depois pusera a chaleira ao lume. – Uma chávena de chá?

Mas Annabelle era uma pessoa completamente diferente e Jake mostrava-se receoso em contar-lhe desde que tinham começado a procurar uma barriga de aluguer. Para Kate era difícil compreender o porquê de lhe importar tanto o que a mãe achava dele, visto que era um homem de trinta e nove anos capaz de tomar as suas próprias decisões sobre a vida. Kate questionava-se sobre se o facto de Jake ter sido enviado para um colégio interno muito cedo não o fizera subconscientemente sentir sempre que a mãe não o aprovava, levando-o desde então a tentar compensar essa falta. Kate tinha mencionado esta teoria a Jake pouco tempo depois de se conhecerem, mas ele descartara-a e pedira-lhe para o poupar de «tretas psicanalíticas sobre o colégio interno», ficando a questão por aí.

O telefonema foi feito, Annabelle ficou encantada com os planos de aniversário e, quando o respetivo sábado chegou, Jake vestiu um fato de linho e Kate um vestido florido com sapatos de salto baixo. Desceram as escadas e tiraram as chaves da taça sobre a mesa do corredor. Ao pegarem nos casacos, ouviram Marisa atrás deles.

– Onde vão os dois? – perguntou ela. Segurava um pincel numa mão e um frasco de água turva na outra.

– A minha mãe faz anos e vamos levá-la a almoçar fora – respondeu Jake.

– Ah, muito bem. Então, divirtam-se.

– Duvido muito que isso vá acontecer – declarou Kate.

– Kate – disse Jake, com um ligeiro tom de reprovação. – Sim, vai acontecer.

Marisa ficou parada a ver Jake abrir a porta da rua e segurá-la para que Kate pudesse passar por baixo do seu braço e sair de casa.

– Adoraria conhecê-la um dia – comentou Marisa.

No patamar da entrada, Kate olhou-a com perplexidade. Era uma coisa estranha de se dizer, não era? Ou era perfeitamente normal que uma barriga de aluguer quisesse conhecer a mãe do que viria a ser o pai legal da criança?

– Tem cuidado com o que desejas – respondeu Jake, secamente.

Kate enfiou os braços nas mangas da sua gabardina.

– Até logo, Marisa – disse, mantendo um tom de voz descontraído, mas marcando o fim definitivo da conversa.

– Sim, até logo! A que horas pensam estar de volta?

– Não sei. Julgo que vamos demorar algumas horas. Adeus – despediu-se Jake, fechando a porta. – Diverte-te – gritou ele através da caixa de correio.

– Diverte-te? – Kate riu-se enquanto caminhavam pelo Vauxhall Park. Havia trabalhadores a plantarem arbustos de lavanda e a construírem um novo caminho de asfalto através da relva. – Porque é que disseste aquilo? Ela não é uma criança.

– Não sei. Parecia que tinha feito algo errado por não a ter convidado. Não ficaste com a mesma sensação?

– Sim. Foi esquisito.

Desviaram-se para um dos lados a fim de evitarem um ciclista.

– Talvez se sinta sozinha. Não parece que tenha muitos amigos, pois não?

Kate encolheu os ombros.

– Tem-nos a nós.

– É verdade.

Apanharam o metro de Victoria Line para o Green Park, onde percorreram a pé a pequena distância até ao The Wolseley. Foram os primeiros a chegar e o chefe de sala acompanhou-os à mesa na zona da ferradura central, onde se sentaram lado a lado na banqueta para observar as pessoas. O chefe de sala ofereceu-lhes um jornal para lerem, mas eles recusaram. O chefe de sala foi-se embora, voltando com um jarro de água e Jake pediu-lhe um Bloody Mary.

– Um também para mim, por favor – disse Kate. – Muito picante.

Cada vez mais, Kate dava por si a desejar a cuidadamente regulada libertação narcótica do álcool. Convenceu-se de que precisava dela para relaxar e, após todos aqueles meses sem beber durante o tratamento de fertilidade, sentia que ela lhe era devida.

Kate examinou a mesa. As ementas eram espessas ao toque e o saleiro e o pimenteiro eram prateados. Havia uma cortina em torno da porta para evitar que as correntes de ar chegassem aos clientes, algo que Kate considerava ser sempre um toque de verdadeira classe.

Os pais de Jake chegaram quinze minutos atrasados. Annabelle avançou rapidamente para a mesa, parecendo transtornada. Assemelhava-se a uma onda de seda cerúlea e pediu desculpa pelos comboios. Chris apareceu alguns segundos depois, tendo deixado os sobretudos na entrada, exibindo um casaco de *tweed* e um sorriso vago.

– Lamento muito – disse Annabelle, quando Jake se levantou para a deixar sentar-se na banqueta ao lado de Kate. – O comboio atrasou-se devido a um intruso na linha. Foi horrível! Todos os lugares ocupados. Pessoas em pé. Mesmo em primeira classe. – Fez uma pausa. – Enviei uma mensagem.

– Oh, desculpa, mãe, não estava a ver o telefone. Seja como for, não te preocupes, estão aqui agora. Foi um belo tempo de espera.

– Bem vejo – comentou ela, olhando de relance para os copos de Bloody Mary vazios.

– Quero um desses – declarou Chris, chamando um empregado de mesa. – Mais alguém?

Kate assentiu com a cabeça, agradecida.

– Eu quero um copo de champanhe, querido – afirmou Annabelle –, uma vez que é a *minha* festa de anos.

– Claro! Vamos pedir uma garrafa – disse Jake ao empregado de mesa.

Annabelle apertou-lhe o braço.

– Obrigado, amor. A tratares bem a tua mãe. Que bom rapaz.

Kate tentou não revirar os olhos.

– E como está, Kate? – Annabelle virou-se para ela. – Desculpe, mal disse olá com toda esta pressa! – Soltou uma pequena gargalhada.

Annabelle usava brincos com pingentes de safira e um diamante discreto numa corrente à volta do pescoço. Parecia tensa e, sempre que se mexia, os brincos oscilavam com ela.

– Estou bem, obrigada. É bom…

– Querido, passas-me a minha *pashmina*? – Annabelle gesticulou para Chris, que tirou um lenço azul-claro de um saco de alças com a insígnia do National Trust gravada em relevo. Ao pôr o lenço sobre os ombros, Annabelle tremeu e encolheu-se. – Estou gelada, a Kate não? – Agarrou na mão dela. – Veja bem como estou fria!

– Oh, meu Deus – respondeu Kate. – De certeza que aquecerá rapidamente. Quer que lhe vá buscar o casaco?

– Não, não, não, demorará demasiado tempo. – Annabelle recolheu a mão, aborrecida. – Vamos pedir a comida, sim? Estou esfomeada. Tu não, Jakey?

Quando a comida chegou, Annabelle adicionou sal à sua salada de frango, agitando o saleiro sobre as folhas durante vários segundos, com o argumento de que o prato estava «um pouco insípido». Comeu metade e depois deixou o resto de parte, sem lhe tocar. A conversa centrou-se na preocupação de Annabelle em relação a Toad, que se envolvera recentemente numa qualquer disputa com uma aluna na Universidade de Dublin, onde lecionava. A estudante em questão queixara-se de que Toad tinha feito um comentário transfóbico numa aula e Toad estava agora suspensa das suas funções enquanto as autoridades da universidade investigavam o caso.

– Na minha opinião, as pessoas são demasiado *sensíveis* nos dias que correm. Não podemos dizer nada com receio de sermos linchados.

Kate resmungou, levando o guardanapo à boca para fazer a reação passar por uma tosse.

– Com todo o respeito, Annabelle, essa não é a melhor metáfora.

Annabelle fitou-a, como se estivesse a uma grande distância.

– Ah, então estou a usar a linguagem errada agora, é isso? Bom, parece que não acerto uma.

Jake lançou um olhar reprovador a Kate, mas ela fingiu não o ver. Kate sabia que ele lhe diria mais tarde que os pais eram o produto de uma era diferente, que estava tudo relacionado com o contexto e que, embora não apoiasse o racismo casual deles, não era possível ensinar-lhes novos hábitos. Kate não concordava e sentia a obrigação de salientar as atitudes discriminatórias. Este era um dos seus

diferendos de longa data e provavelmente nunca seria resolvido. Afinal de contas, pensava Kate indignada, Jake só tinha deixado de votar no Partido Conservador quando a conhecera.

À mesa, houve um silêncio constrangedor, que Chris quebrou ao pedir uma garrafa de vinho *Picpoul*.

A refeição reavivou-se depois desse momento. Kate mordeu a língua quando Annabelle introduziu na conversa o tópico do Brexit, argumentando que, em casa da sua amiga Trisha, conhecera uma «empregada de limpeza imigrante» formidável que a tinha convencido de que era «errado para este país deixar a UE. As pessoas trabalhadoras como ela merecem uma oportunidade, é isso que eu penso. Ela não está a exigir subsídios, apesar do que o Farage e os seus seguidores nos querem fazer acreditar…»

Jake continuou a encher o copo da mãe, levando-a a ficar gradualmente mais branda e alegre com o decorrer do almoço. Quando a sobremesa chegou, já Annabelle tinha sido desarmada com sucesso e começava a perguntar a Kate que filmes ela recomendava para ver no cinema (esta era sempre a forma de Annabelle quebrar o gelo, como se conhecesse apenas um único facto sobre o trabalho da namorada do filho e claramente o pretendesse usar com frequência para mostrar o quanto se preocupava).

– Na verdade, temos uma coisa para lhes contar – disse Jake, pousando a colher e o garfo de cada lado de um *soufflé* quente de chocolate.

Annabelle, que tinha o copo a meio caminho da boca, voltou a pô-lo sobre a mesa.

– Oh, esperava que o fizessem! – disse ela, piscando o olho a Chris e murmurando-lhe do outro lado da mesa: – Eu bem te disse.

Kate apercebeu-se de que Annabelle pensava que eles iriam anunciar o seu noivado.

– Não nos vamos casar – deixou escapar.

Houve uma pausa aturdida. Annabelle aproximou a *pashmina* um pouco mais do corpo, parecendo magoada.

– Muito bem – disse ela. – Então o que é?

– Desculpe – acrescentou Kate, com um atraso de alguns segundos. – Eu só… – Não fazia ideia do motivo por que Annabelle a conseguia deixar sempre tão alterada.

– Não nos vamos casar – declarou Jake, sem expressão. – Mas temos notícias animadoras. Pelo menos, achamos que são animadoras.

– Está grávida! – gritou Annabelle com uma voz esganiçada. – Oh, Kate, que maravilha, eu sei o quanto significa para si e tenho vindo a rezar… *a rezar*… todas as noites por isso.

Pôs o braço à volta dos ombros de Kate e puxou-a para um abraço. Quando Kate se libertou, ficou espantada por ver lágrimas nos olhos de Annabelle.

– Annabelle – disse Kate. – É tão amável da sua parte.

– Eu sei o quão maravilhoso é ser mãe e quero muito que tenha a mesma experiência.

Esta sinceridade era tão inesperada que a própria Kate se sentiu à beira do choro. Todo o desgaste dos últimos anos, e a tensão mais recente devido à presença de Marisa em casa com eles, começou a fermentar dentro dela e Kate teve de espetar as unhas na palma da mão para evitar que transbordasse.

– Infelizmente, não estou grávida – conseguiu dizer. – Mas espero… esperamos… ser pais.

– Ah-ha! – exclamou Chris, e depois remeteu-se ao silêncio.

O empregado de mesa veio nessa altura, precisamente no momento errado, perguntar se queriam chá ou café. Jake pediu-lhe para lhes dar um minuto e o empregado de mesa afastou-se, ofendido.

– Não entendo – disse Annabelle.

– O que se passa é que – começou Jake de forma tremida –, como sabem, temos vindo a tentar e, para falar sem rodeios, nada tem funcionado. Tem sido um esforço terrível para a Kate, que tem tido muita coragem… – Olhou para Kate e ela abanou ligeiramente a cabeça. Não queria que entrasse naquilo por que ela havia passado. – Mas, por conselho médico – continuou Jake, percebendo a mensagem –, decidimos explorar uma nova opção, a gestação de substituição.

– Gestação de substituição? – perguntou Annabelle, como se tentasse verbalizar uma expressão estrangeira pela primeira vez.

– Sim, é quando uma outra mulher gera o nosso filho…

– Eu sei isso.

– E, com muita sorte, encontrámos uma barriga de aluguer. – O tom dele era agora mais alegre, esforçando-se para mostrar alguma descontração, sem o conseguir realmente. – O nome dela é Marisa. Com grande generosidade, aceitou ajudar-nos e ainda não acreditamos bem na nossa sorte, mas a verdade é que a tivemos.

Annabelle olhava de modo fixo para Jake, como se tivesse sido esbofeteada. Kate nunca a vira ficar sem palavras. Tinha as bochechas cavadas e a boca ligeiramente aberta. Mantinha-se sentada em perfeita imobilidade, com a exceção das mãos, que se mexiam no colo como pequenos pássaros.

Chris pegou no seu guardanapo e, dobrando-o com cuidado, pousou-o na mesa.

– Bem, parece-me que é outra coisa para celebrar, não é? – disse Chris, tendo esta sido a frase mais longa que proferira desde o início da refeição. Começou a encher os copos e, quando chegou ao de Annabelle, inclinou-se sobre a mesa e sorriu-lhe, acenando com a cabeça, como se estivesse a encorajar uma criança pequena.

– Obrigada, Chris – agradeceu Kate.

– Sim, obrigado, pai.

– Não deve ter sido fácil – disse Chris. – Admiro-vos por não terem desistido.

– Estás bem, mãe? – perguntou Jake.

– O quê? Ah. Sim. Sim. Perfeitamente. Desculpem. Estava só a… absorver tudo.

Kate esticou a mão e pressionou-a tenuemente contra o antebraço de Annabelle. Sob a palma da mão, sentiu a seda fria, suave e um pouco pegajosa.

– É preciso algum tempo para nos habituarmos à ideia – afirmou Kate. – Peço desculpa por termo-la lançado assim sobre vocês.

Annabelle virou-se para ela.

– Mas… estão mesmo a falar a sério? – perguntou, com aqueles olhos aguçados de falcão. – De onde conhecem essa Marisa?

– Conhecemo-la através de uma rede de gestação de substituição – respondeu Jake, apesar de Annabelle continuar a olhar diretamente para Kate, com a sua aversão evidente na forma como tinha a boca torcida.

– É tudo legal e transparente – disse Jake. – Assinámos um acordo e seremos os pais legais…

Annabelle interrompeu-o.

– Legalmente, talvez, mas como será geneticamente? Estas coisas são *importantes*. Sobretudo para os homens. Li algures que

precisam que os seus bebés sejam parecidos com eles para que possam estabelecer elos afetivos.

Kate quase soltou uma gargalhada. Depois, quase chorou.

– Não é o que teríamos escolhido – declarou ela em voz baixa.

– Mas é o que temos – contrapôs Jake com delicadeza. – Além disso, a educação é muito mais importante do que a natureza. – Fez uma pausa e Annabelle levou o punho à boca como se fosse tossir, mas não produziu nenhum som. – Há semelhanças onde importa – continuou Jake, falando um pouco sobre Marisa e enfatizando o facto de ela ser artista, algo que sabia que apelaria ao snobismo cultural de Annabelle.

– Uma artista? – perguntou Annabelle com uma voz esganiçada. – Deve estar desesperada por dinheiro. Quanto é que lhe estão a pagar?

– Não lhe estamos a pagar nada – disse Jake – porque isso seria ilegal. – Deixou um vazio intencional na conversa antes de retomar a linha de raciocínio. – Pagamos-lhe as despesas razoáveis.

– O quê, por exemplo? A renda? Quanto é que isso vos custa?

– Annabelle – chamou Chris gentilmente. Fez um som sibilante para que ela se calasse e agitou a mão para cima e para baixo, como se estivesse a pressionar o botão de um concurso de perguntas.

Annabelle respirou fundo. Expirou com impaciência e depois serviu-se de um pouco de água com gás.

– Não lhe pagamos a renda…

– Já é alguma coisa, suponho – interrompeu-o Annabelle.

– Porque ela está a viver connosco.

Annabelle pousou o copo tão depressa que entornou alguma água.

– Ela está a *viver* convosco? Será que… quero dizer… perderam os dois o juízo? Não acham que é uma proximidade demasiado problemática? Isso não é parentalidade, é um *ménage à trois*! A ideia é que tu – a sua voz baixou para um sussurro – a *engravides*?

Kate sentiu-se capaz de a agredir. Em vez disso, levantou-se e dirigiu-se rapidamente à casa de banho. Quase tropeçou na escada de pedra em espiral no caminho para a cave. Trancou a porta do cubículo e tentou regular a respiração. Quando saiu, havia uma mulher mais velha no lavatório ao seu lado a reaplicar batom de um violento tom rosa.

– Está bem? – perguntou-lhe a mulher.

No espelho, Kate reparou que tinha as faces pálidas e que o rímel escorrera.

– Sim, obrigada. Desculpe.

– Não peça desculpa.

A mulher acabou de pôr o batom e esfregou os lábios um no outro.

– Almoço de família? – perguntou.

– Sim. – Kate sorriu enquanto lavava as mãos.

– São os piores.

Kate secou as mãos numa espessa toalha de papel enquanto a mulher punha a tampa no batom e o guardava na mala de mão, a qual, como Kate reparou, era um clássico da *Chanel*.

– Boa sorte.

– Obrigada – disse Kate, mais calma. – Já agora, gosto da sua mala.

– Oh, é muito simpática. Foi a minha filha que ma ofereceu.

Depois, a mulher fez a pergunta. A pergunta que Kate sabia que acabaria por chegar sempre. Por vezes, conseguia contar o número de segundos até ser proferida em voz alta:

– Tem filhos?

Kate abanou a cabeça. *Não*, pensou ela, *não tenho filhos. Mas, se soubesse quanto me custa responder a isso, não teria perguntado.*

– Não – disse Kate, enrolando a toalha de papel e enfiando-a no buraco circular recortado no tampo de mármore.

– Ah, bem. Ainda tem tempo.

Kate considerava extraordinário o poder opinativo que pessoas desconhecidas sentiam que tinham em relação ao seu útero. Pessoas que acabara de conhecer imaginavam que sabiam a sua idade, as suas inclinações sexuais e os seus instintos maternais. Havia a assunção, implícita na pergunta, de que todas as mulheres deveriam querer ter filhos e que aquelas que não queriam estavam, de alguma forma, em falta. Este aspeto costumava enfurecê-la. Agora, apenas a deixava vazia.

Esperou que a mulher deixasse a casa de banho primeiro para não terem de subir as escadas juntas. Regressou à mesa num momento em que se havia chegado a um impasse. Claramente, tinham sido trocadas palavras na sua ausência. Era provável, pensou Kate, que Jake tivesse contado aos pais o quão desequilibrada ela era e como tinha vindo a ser guiada obsessivamente pelo desejo de ser mãe e pelo fracasso em conceber. Era injusto da sua parte pensar assim, bem o sabia. Mas tinha de dirigir a sua dor para algum lado.

Annabelle levantou-se quando Kate chegou à mesa e caminhou na direção dela de braços abertos, com as mangas azuis a penderem como botões de açafrão suspensos.

– Querida Kate. Lamento muito ter sido insensível.

Annabelle abraçou-a. O afeto foi administrado como a dor contundente de uma massagem muscular profunda: desconfortável, mas, em última análise, um alívio.

– Sou muito antiquada e estou mal-informada no que diz respeito a estas questões, e o Jake explicou-me tudo e eu compreendo, a sério que compreendo. É tremendamente corajoso da sua parte fazer isto, sabendo que o bebé não será geneticamente seu. Suponho que estava apenas preocupada com os dois, só isso. Peço desculpa se me expressei de maneira errada.

Kate afastou-se, porém Annabelle não a queria largar.

– Obrigada, Annabelle.

– Será que alguma vez me conseguirá perdoar? – perguntou Annabelle, caindo num exagero tal que não restava outra opção senão a de dizer que sim, que claro que a perdoava, e não, não precisava de se preocupar, não tinha ficado ofendida, e sim, ela percebia que se tratava de um acordo pouco convencional, e não, Annabelle não se devia apoquentar, era tudo transparente e legal, e sim, ela estava naturalmente contente por Annabelle estar entusiasmada com a possibilidade de vir a ser avó.

Kate passou o resto do almoço numa espécie de desorientação, bebericando o seu café e comendo as suas trufas de chocolate numa série de movimentos automáticos que pareciam teleportados de outra galáxia. Chris mandou vir um *brandy* para ela e, embora não se lembrasse de o ter pedido, Kate bebeu-o em três tragos. Ficou grata por ele e, depois de Jake pedir e pagar a conta, depois de terem saído para a rua a fim de chamarem um táxi preto que levasse os pais dele ao hotel, sentiu-se desligada do mundo em redor.

Kate pensou que estava triste, mas a tristeza era agora tão profunda que ela se tinha esquecido de como a compreender.

22

Agora era Marisa quem se injetava com fármacos para a fertilidade de modo a estimular a produção de óvulos. Era Marisa quem armazenava os pequenos frascos de vidro no frigorífico, misturando o pó com a necessária quantidade de líquido, perfurando o topo com uma agulha e sugando-o para o interior da seringa. Era Marisa quem se sentava no sofá da cozinha, levantava a camisola do pijama para espetar a agulha numa parte firme da sua barriga e pressionava o êmbolo da seringa. Era Marisa quem largava o domínio sobre o seu corpo no momento em que os fármacos lhe entravam na corrente sanguínea. Era Marisa quem deitava as agulhas usadas no contentor amarelo e vermelho de agulhas e lâminas usadas disponibilizado pelo hospital e que eles mantinham em cima do frigorífico. Kate via-a sempre que abria a porta para tirar o leite e lembrava-se de todas as vezes que tentara e não conseguira levar a cabo o mesmo processo. Era Marisa quem se havia transformado no objeto das perguntas solícitas de Jake, que queria saber como ela se estava a sentir, se precisava de ajuda e se lhe podia trazer alguma coisa do supermercado. Era Marisa a pessoa valiosa, a escolhida, a fértil, aquela que faria com que todos os sonhos de Kate e Jake se concretizassem, ainda que os seus sonhos originais não envolvessem uma terceira pessoa, ainda que tivessem de adaptar os seus sonhos, cortar o tecido estrelado do futuro imaginado para o ajustarem às circunstâncias da realidade. E, apesar de nunca terem falado sobre o assunto um com o outro, ambos sentiam falta daquela inocência desconhecedora em que os afortunados se podem banhar: aqueles que conseguem engravidar, manter a gravidez e acreditar que é simplesmente assim que acontece; aqueles que nunca têm de pensar

nas alternativas; aqueles que não verificam se há sangue sempre que vão à casa de banho; aqueles que encaram a maternidade como um dado adquirido, como apanhar maçãs de uma árvore que nunca deixará de dar fruto.

Kate tentou fazer parte do processo de várias maneiras, pequenas mas significativas. Disse a Marisa que queria estar lá para todas as injeções, chegando mesmo a oferecer-se para pressionar o êmbolo da seringa.

– Não tens de fazer isso – disse Marisa. – Eu estou bem, a sério.

Mas eu quero, acabou por não dizer Kate.

Passou a incluir Marisa nas conversas deles, perguntando-lhe se estava a dormir o necessário ou a beber água suficiente. Queria expressar uma preocupação atenciosa, ainda assim conseguia perceber que Marisa ficava incomodada quando o interesse vinha dela e não de Jake, achava-o até intrusivo, pelo que Kate começou a censurar-se a si mesma, a parar os próprios pensamentos antes de os verbalizar. Tinha receio de fazer alguma coisa que irritasse ou perturbasse Marisa, que devia ser protegida e mantida longe de qualquer stresse. Tal significava que, durante as refeições, Kate costumava ficar quase em absoluto silêncio, enquanto Jake e Marisa conversavam de modo descontraído. Jake era sempre muito melhor nesse tipo de coisa.

A disposição de Jake em relação a tudo aquilo era boa, mostrando-se extremamente esperançado e otimista quanto à possibilidade de terem um bebé em breve. Assobiava pela casa e passou a fazer mais exercício físico no jardim, com o peito esguio e reluzente de suor quando fazia levantamentos romenos e elevações laterais com halteres cada vez mais pesados. À medida que o tempo ficava mais quente, Marisa sentava-se lá fora, enquanto ele rugia e

gemia, a ler um livro, com o argumento de que gostava da companhia. Kate, observando-os através das portas de vidro da cozinha, pensava no quão parecidos eram: ambos louros, radiantes, saudáveis e enérgicos. No espelho, todas as manhãs, Kate encontrava um rosto estreito e olhos escurecidos. Havia uma magreza notória nas suas clavículas e as calças estavam a ficar-lhe largas na cintura. O seu natural aspeto esguio transformara-se numa aparência esquelética que não lhe agradava. Fazia-a parecer mais velha, embora ela se visse incapaz de a alterar. Já não sentia que o corpo lhe pertencesse. De facto, ele parecia possuir o seu próprio conjunto de regras impermeáveis. E ela fora estúpida em alguma vez ter pensado o contrário.

Um dia, mencionou o ioga para grávidas a Marisa, contando-lhe que tinha lido um artigo sobre como estar próxima de mulheres grávidas poderia potenciar a fertilidade. Kate perguntou-lhe se ela não queria ir.

– Sim, claro – respondeu Marisa, dirigindo-lhe aquele sorriso luminoso que levava Kate a sentir que toda a estranheza anterior fora imaginação sua. – Vou experimentar.

– Ótimo. Depois diz-me quando é que vais para eu ir contigo.

Marisa arqueou as sobrancelhas uma fração de milímetro e, logo de seguida, suavizou a expressão facial, como se nada tivesse acontecido. Contudo, Kate havia visto a reação. Ou pensava que a vira, não tinha a certeza. Marisa nunca chegou a informar Kate de quando iria ao ioga. Foi por mero acaso que, uma manhã, Kate a viu sair de casa com um tapete enrolado debaixo do braço. Telefonou para o escritório para informar que iria trabalhar a partir de casa e depois mudou de roupa, vestindo umas calças de fato de treino e uma *T-shirt*. Tentou apanhar Marisa, mas não foi a tempo. Quando chegou

à aula, todas as outras mulheres já se encontravam posicionadas nos respetivos tapetes e estava a tocar uma música ambiente.

Era uma aula aborrecida, com todas as posições destinadas às fases avançadas da gravidez, e Kate não via a hora de acabar. Marisa estava na parte da frente da sala, esforçando-se ao máximo para acompanhar a instrutora, mas movia-se de uma maneira pesada e deselegante que sugeria que era uma novata. Kate sentiu uma ponta de orgulho por ser melhor no ioga do que Marisa. Parecia uma das poucas coisas em que realmente o era.

Quando a aula terminou, Kate esperou que Marisa enrolasse o tapete e saísse. Disse-lhe olá e ficou surpreendida com a frieza de Marisa, com o aparente espanto que pareceu evidenciar por tê-la visto. Kate tentou aligeirar a situação, preenchendo o silêncio incómodo com conversa fiada destinada a melhorar o humor.

– Pensei que poderia ser uma coisa boa para fazermos juntas, sabes?

– Mas a verdade é que não o fizemos – respondeu Marisa.

– O quê?

– Não fizemos a aula juntas. Tu escondeste-te no fundo da sala.

Kate forçou-se a soltar uma gargalhada.

– Não me estava a esconder! Só te queria dar o teu próprio espaço.

Saíram para a rua juntas e Kate perguntou se Marisa queria ir tomar um café para que pudessem pôr a conversa em dia. Marisa recusou o convite, argumentando que tinha um prazo de trabalho a cumprir, e nada mais se passou. Kate ficou no passeio a vê-la afastar-se e depois virar-se, olhando sobre o ombro. Ergueu um braço e acenou a Marisa, esperando não a ter ofendido.

Procederam à extração dos óvulos numa quarta-feira. Tiraram a tarde no trabalho para irem à clínica com Marisa. Ela encontrava-se de bom humor, tendo aparentemente esquecido o episódio da aula de ioga. Usava uma camisa azul brilhante, enfiada dentro de umas calças de bombazina largas que tinham uma pinta de tinta branca num dos joelhos. Havia sempre algo nela que parecia incompleto, inacabado – como se não tivesse tido tempo para se vestir adequadamente. Mas pelo menos, pensou Kate, não tinha calçado aquelas horrorosas sandálias com as quais costumava andar ruidosamente de um lado para o outro quando estava a trabalhar.

O doutor Abadi ficou agradado com os progressos de Marisa.

– Muito bem – disse ele, verificando os registos dela. – Parece, de facto, muito bem. – Sorriu abertamente para Marisa como nunca o tinha feito com Kate.

Jake dirigiu-se a outra sala para fornecer a sua amostra. Reapareceu meia hora mais tarde, com as mãos nos bolsos. Kate não conseguiu olhá-lo de frente. Por mais que tentasse racionalizar o processo, continuava a ser desarmante pensar no esperma dele a ser utilizado para fertilizar os óvulos de outra mulher. No que teria Jake pensado enquanto se masturbava?, questionou-se Kate. Teria pensado nela? Noutra pessoa? Ou folheara as revistas pornográficas com as páginas gastas que a clínica disponibilizava?

Antes do processo de recolha propriamente dito, Kate e Jake foram direcionados para uma zona de espera.

– Prometo que sairei para lhes contar quantos conseguimos assim que possível – disse o doutor Abadi, conduzindo Marisa para trás de uma tela.

– Adeus – disse Marisa ao sair. – Esperemos que tudo corra bem – acrescentou, fazendo figas e levando-os a fazer o mesmo.

– Estás a ser fantástica – comentou Kate, forçando-se a parecer positiva. Disse a si própria que devia ter em mente a generosidade de Marisa e não as suas memórias tristes naquela mesma sala daquela mesma clínica. Era assim que tinha de acontecer.

Jake apertou-lhe a mão com força.

– Estás bem? – perguntou-lhe Kate.

Jake assentiu com a cabeça, embora evidenciando uma rigidez nos maxilares.

– Vai correr tudo bem – disse ela, inclinando-se para o beijar na face.

Marisa produziu catorze óvulos. O doutor Abadi ficou extasiado.

– É um número muito bom. Muito bom – não parava de dizer. – Um tamanho muito bom.

Catorze, pensou Kate. Era excessivo. Era como se Marisa estivesse a tentar provar um ponto.

Ao lado dela, os ombros de Jake ficaram menos tensos e o rosto abriu-se-lhe num sorriso.

– É maravilhoso – disse ele, levantando-se para apertar a mão ao doutor Abadi.

– Sim – acrescentou Kate em voz baixa. – Maravilhoso.

No dia seguinte, o telemóvel de Kate tocou com um número desconhecido. Era o doutor Abadi, para lhe dizer que oito dos óvulos tinham sido fertilizados. Kate telefonou a Jake, que estava a trabalhar, e ambos concluíram que as notícias eram boas, embora fosse preciso esperar até poderem ter a certeza. Os óvulos fertilizados precisavam agora de se dividir e multiplicar as suas células a um determinado ritmo durante cinco dias até poderem ser considerados aptos para a transferência. Ao quinto dia, o doutor Abadi voltou a ligar a Kate e transmitiu-lhe que tinham «seis blastocistos perfeitos». Um

blastocisto, como Kate já sabia, significava que as células estavam a começar a separar-se naquelas que iriam formar o bebé e naquelas que se iriam transformar na placenta. Kate sabia que o blastocisto teria, como um pintainho num ovo, brotado do seu invólucro protetor para formar a zona pelúcida. Tinha pesquisado a etimologia deste termo durante o seu ciclo de FIV e descoberto que significava um anel claro e transparente. Imaginou este anel agora como um círculo brilhante em torno do seu planeta de três pessoas, um escudo protetor feito de luz.

O doutor Abadi sugeriu a transferência de dois embriões, «mas, com embriões desta qualidade, devo deixar o aviso: preparem-se para gémeos!» Ao telefone, soou quase estonteado, cheio de um entusiasmo avuncular que Kate nunca ouvira antes. «E depois ser-nos-á possível congelar os quatro restantes e vocês poderão ter mais filhos do que imaginam.»

Como sempre, Kate e Jake seguiram o conselho do médico. Era agora uma força do hábito, como se, no desespero para serem pais, tivessem perdido o poder do pensamento crítico. Foram transferidos dois embriões mais tarde nesse mesmo dia e os três apanharam um táxi para regressarem da clínica a Richborne Terrace. Nenhum deles falou no carro. O condutor ia a ouvir a Magic FM, pelo que a parte de trás do táxi era inundada por melodias *pop* facilmente audíveis. Marisa, sentada ao lado de Kate, recostou-se e suspirou. Jake, empoleirado no assento rebatível diante dela, perguntou-lhe se estava cansada.

– Um pouco, sim. Deve ser dos sedativos. O doutor Abadi disse que seria como beber dois *gins* tónicos e não estava errado.

O doutor Abadi havia usado a mesma imagem com Kate, mas ela não disse nada. Pelo canto do olho, viu Marisa a passar a mão pela

barriga. Um exagero, pensou, com pouca indulgência.

Houve uma espera de quinze dias, durante os quais Marisa foi aconselhada a não tomar banhos demasiado quentes ou a fazer quaisquer exercícios extenuantes.

– Acabou-se o ioga – disse ela a Kate. – Que pena!

– Não me parece que essa aula possa alguma vez considerada extenuante – respondeu Kate. – Mas não há dúvida de que deves descansar.

Todos os dias, ao longo de duas semanas, Kate levou-lhe o pequeno-almoço à cama.

– Não precisas de fazer isto – afirmava Marisa, e pegava na torrada quente barrada com manteiga.

Kate, sentada na ponta do colchão, bebia o seu café enquanto Marisa comia. Conversavam um pouco sobre as pinturas de Marisa, sobre os filmes que Kate andava a promover, sobre tudo menos sobre o que, na verdade, as consumia. Kate sentia-se mais próxima de Marisa do que se tinha sentido nas semanas anteriores. Começou a permitir que um pequeno filamento de otimismo existisse dentro de si. Sentiu de novo vontade de cozinhar e confecionou os pratos preferidos de Jake. Frango assado com molho de pão caseiro. O clássico *ratatouille* de Nigel Slater. Uma receita marroquina de *tagine* de borrego e ameixas que vira numa revista de supermercado gratuita.

E depois: macarrão com queijo, que cozinhou uma noite com Marisa sentada no sofá a ver televisão. Era o décimo terceiro dia da espera de duas semanas. No dia seguinte, Marisa iria fazer um teste de gravidez pela manhã, a primeira coisa depois de acordar, pois seria nessa altura que os níveis hormonais estariam nos seus valores mais altos. Assim, não se daria o caso de haver falsos positivos.

Kate estava nervosa, mas também entusiasmada, e, enquanto esperava para ouvir a chave de Jake rodar na fechadura, foi invadida por uma sensação esvoaçante no estômago, idêntica à que tivera nos primeiros dias de namoro. Queria estar perto dele e senti-lo a abraçá-la. Quando Jake chegou a casa, entrou na cozinha, sentiu o cheiro a queijo derretido que emanava do forno e foi diretamente para junto de Kate, tentando abrir o forno e recebendo dela, em modo de brincadeira, uma palmada na mão e o aviso de que não devia abrir a porta do forno porque ainda não estava pronto.

– Está bem, está bem, prometo – disse ele, tirando o casaco e desapertando a gravata.

– Olá – saudou Marisa a partir do sofá.

– Oh, olá, Marisa – respondeu Jake, acenando-lhe alegremente com a mão.

Virou-se para se servir de um copo de água e, ao fazê-lo, Marisa saiu rapidamente da sala, de cabeça baixa.

Kate tirou as luvas de cozinha e pousou-as na bancada.

– O que foi aquilo? – perguntou Jake.

– Não faço ideia – respondeu Kate, encolhendo os ombros.

– Terá sido alguma coisa que eu disse?

Kate riu-se para ele, antes de se aproximar e de o abraçar pelo pescoço, beijando-o profundamente na boca.

– É provável – brincou ela. – A culpa é provavelmente toda tua.

Jake olhou para ela, prendendo-lhe, com a ponta dos dedos, uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Era um gesto familiar e zeloso de que Kate gostava.

– É melhor ir vê-la – disse ele. – Perceber se está bem.

– Sim, faz isso. Eu acabo isto aqui em baixo.

Jake subiu as escadas e Kate tirou o macarrão com queijo, permitindo que ele crescesse e crepitasse na bancada, enquanto preparava uma salada. Cortou os pepinos às fatias, descascou um abacate e, quando Jake regressou à cozinha, estava prestes a terminar de fazer um vinagrete.

– Tudo bem?

– Sim, tudo normal – respondeu ele, tirando da tábua de cortar uma fatia de pepino e levando-a à boca.

Alguns minutos depois, no preciso momento em que Jake estava a pôr a mesa e a acender as velas, ouviram Marisa gritar. Jake deixou cair as facas e os garfos com estrondo e correu até lá acima, enquanto Kate, com o coração a bater desenfreadamente, foi logo atrás. Quando chegaram à casa de banho do primeiro andar, a porta abriu-se e Marisa saiu rapidamente, com as bochechas molhadas, segurando no ar um teste de gravidez.

– Estamos grávidos! – disse ela, meio a gritar no corredor.

– O quê? – perguntou Kate, sentindo-se quase a desmaiar. – O quê?

Os ombros de Jake tremeram e ele começou a chorar.

– Não consigo acreditar – não parava ele de dizer. – Não consigo acreditar.

Jake aproximou-se de Marisa, abraçou-a com força e depois também Marisa começou a chorar, enquanto Kate, encostada à parede para estabilizar o súbito estremecimento do mundo, sentiu os joelhos a cederem e deslizou até ao chão. Apertou a cabeça com as mãos e questionou-se sobre quem estaria a soluçar, até perceber que o som vinha de si própria.

23

Começaram os três a desenvolver uma rotina conjunta. A gravidez tornara-se o ponto central em torno do qual a vida doméstica era gerida. Marisa tinha de dormir tanto quanto o seu corpo lhe dizia que era necessário, pelo que Kate e Jake não faziam barulho de manhã, saindo de casa em bicos de pés e fechando a porta da rua devagar para que não batesse. Kate comprou ácido fólico e suplementos vitamínicos para grávidas, empilhando-os no armário por cima do lavatório. Pesquisou na internet os melhores alimentos para a fase inicial de uma gravidez e preparou refeições saudáveis e coloridas, cheias de verduras e peixes gordos. Marisa, pálida devido às náuseas, não conseguia comer a maior parte dos alimentos, sendo Kate a comê-los por ela, como se, por osmose, lhe conseguisse transmitir todos os nutrientes necessários.

Durante o primeiro mês, Kate não se permitiu acreditar inteiramente no que estava a acontecer. Pedia com frequência a Marisa que fizesse novos testes de gravidez e ela acedia com delicadeza.

– Aqui tens – dizia Marisa, passando-lhe o teste com as duas linhas cor-de-rosa ou a abertura digital com uma única palavra: «grávida».

– Obrigada – agradecia Kate.

Marisa abraçava-a.

– Não me importo.

Kate acumulou uma coleção relativamente substancial de testes de gravidez positivos, guardando cada um deles na gaveta do móvel da casa de banho junto ao lavatório. Por vezes, abria a gaveta só para olhar para eles, empilhados de forma organizada uns ao lado

dos outros, de forma a poder lembrar-se daquela verdade essencial: *estavam* grávidos. Ao fim de tanto tempo, depois de tanta ânsia e perda, ali estava o facto irrefutável.

Marisa encarou o seu novo estado com simplicidade. Parecia mais calma do que nunca e Kate começou a pensar que não tinha sido justa na forma como a julgara. Tinham todos vivido com os nervos à flor da pele durante demasiado tempo. Agora, com o atenuar da pressão, a sensação era a de uma brisa fresca e rumorejante a atravessar um relvado depois de uma onda de calor.

À noite, na cama, Kate adormecia nos braços de Jake, só despertando de manhã. Não sonhava, dormia profundamente e acordava descansada. Jake começou a enviar-lhe de novo mensagens durante o dia, frases curtas para lhe transmitir que estava a pensar nela ou que a amava ou que mal podia esperar para fazer sexo com ela à noite. Ao ler estas mensagens sentada à sua secretária, Kate apercebia-se do quanto sentira falta delas. Quando faziam amor em silêncio, faziam-no com grande urgência, como se, em termos físicos, não se conseguissem aproximar o suficiente, como se ambos desejassem consumir-se.

No segundo mês, Kate começou a pensar outra vez em nomes para a criança. Era uma discussão que ela e Jake haviam tido inúmeras vezes, mas, com o início do fracasso dos ciclos de FIV, a questão tinha sido arrumada sem observações adicionais. Era demasiado doloroso imaginar um bebé com um nome porque lhes gerava expectativas, e a expectativa era o mais cruel quando não se estava estava à espera de um filho.

Desta vez, porém, com Marisa a carregar no seu ventre os embriões gémeos de alto nível, Kate estava mais confiante. Gostava de Maya e Eva para meninas e Leo e Oscar para meninos, mas não

disse nada a Jake porque ambos sabiam que o destino era demasiado imprevisível para ser tentado.

Depois de terem esperado tanto, mais nove meses pareciam agora impossíveis de aguentar.

Começaram a dizer aos bebés que os amavam, curvando-se diante da barriga de Marisa e murmurando, uma e outra vez, «amo-te», diretamente para o ventre dela. Marisa sorria ternamente quando os via fazer isso, gracejando que o seu abdómen nunca tinha sido alvo de tanta atenção.

Durante algum tempo, foi perfeito. Foi importante para Kate lembrar-se disso, mais tarde, depois de tudo o que aconteceu. Durante algum tempo, parecia estar a correr muito bem.

Ao princípio, foram as pequenas coisas que se infiltraram desconfortavelmente na consciência de Kate, como o distante embate surdo de uma vespa contra uma janela.

Aos fins de semana, Marisa ficava no quarto até ao final da tarde. Kate batia-lhe à porta, na tentativa de saber se ela não desejaria um chá de ervas, mas não havia resposta. Quando Marisa saía do quarto, mostrava-se muito pouco comunicativa, dando respostas lacónicas às perguntas que lhe faziam, e jantava sem participar na conversa. Jake e Kate perguntavam-lhe se ela estava bem, se precisava de alguma coisa e o que poderiam eles fazer.

– Estou apenas cansada – respondia Marisa. – Está tudo bem, a sério.

Durante a semana, não havia forma de a acompanhar. Kate começou a ligar do escritório para casa a meio do dia, mas Marisa nunca atendia o telefone. Como também nunca via o telemóvel, não valia a pena tentar. O zumbido da vespa aproximava-se e tornava-se mais ruidoso. Marisa passava cada vez mais tempo no quarto e,

quando Kate lhe perguntou porquê, respondeu que estava a trabalhar, a tentar cumprir prazos apertados.

– Adoraria ver algumas das tuas novas pinturas – declarou Kate, na tentativa de iniciar uma conversa.

Marisa olhou para ela de forma esquisita.

– Não estou a pintar muito. Neste momento, é mais escrita – disse ela.

– Oh! – continuou Kate, animada. – Conseguires fazer as duas coisas revela muito talento.

Era verdade que via Marisa a escrever mais. Quando estava sentada no seu sítio habitual, no lado mais afastado do sofá da cozinha em frente à televisão, enquanto Kate ou Jake cozinhavam, Marisa escrevinhava rapidamente num caderno de apontamentos, com o ruído da caneta no papel a proporcionar um ritmo irregular à conversa dos dois. Kate queria perguntar-lhe o que estava a escrever, porém havia algo no humor de Marisa que a deixava demasiado assustada para o fazer.

– Estou a ser estúpida? – perguntou ela a Jake num sábado em que tinham ido passear ao Battersea Park.

– Não. Eu também notei claramente uma mudança nela. – O sol irrompeu numa daquelas inesperadas vagas de luz tão comuns em Londres e Jake tirou os seus óculos *Ray-Ban* do bolso do casaco. – Falei com ela sobre algumas questões.

– Como assim?

– Bem, aquele episódio com o leite a ferver, e não sabia se te devia contar, mas…

Jake olhou na direção do rio, recusando-se a encará-la.

– O quê? – perguntou Kate. – Vá, desembucha.

– Hum. A minha mãe fez-lhe uma visita não programada.

– A Annabelle?

Jake sorriu.

– Só tenho uma mãe.

– Graças a Deus – disse Kate.

Jake contou-lhe então que Annabelle tinha aparecido lá em casa e que Marisa a convidara para um café, e Kate não sabia se havia de ficar furiosa pela imposição ou grata pelo interesse mostrado por Annabelle.

– Parece-me – continuou Jake, enquanto passavam diante do pagode –, que ela achou a minha mãe um pouco dura.

– Acredito. Pobre Marisa. Faz sentido que tenha ficado algo agitada desde então.

Jake levou à boca o seu copo de café descartável e, quando o baixou, havia sobre o seu lábio superior uma pequena linha de espuma de *cappuccino* semelhante a um bigode.

– Não me parece que seja motivo de preocupação – disse ele. – É possível que seja apenas uma questão hormonal, não é?

– Coisas do primeiro trimestre – respondeu Kate.

– Exato. É expectável que uma pessoa fique um pouco desorientada, certo? Ela está provavelmente a sentir-se maldisposta e exausta e não nos quer aborrecer com isso.

– Tens razão. – Kate ficou aliviada com aquela garantia.

– Na verdade – disse Jake, pondo o braço à volta dos ombros dela –, até pode ser um *bom* sinal.

No entanto, quando regressaram a casa, o desconforto perdurou. Kate tivera a esperança de que, ao convidarem Marisa para ir viver com eles, essa realidade rapidamente se normalizasse. Em vez disso, começava a assemelhar-se a viver com uma inquilina adolescente que tinha alterações de humor imprevisíveis, mas a quem era preciso

fazer as vontades para manter a paz. Quando Kate lhe perguntou o que tinha achado de Annabelle, Marisa pareceu chocada.

– Como é que sabes?

– O Jake contou-me.

Kate não conseguia compreender a razão que levara Marisa a não querer tocar no assunto.

– Eu sei que a Annabelle pode ser… intensa – afirmou ela, tentando atenuar a descrição.

– Eu achei-a maravilhosa – respondeu Marisa. – Gostei muito dela.

Kate não insistiu. Disse a si mesma que era positivo que Marisa tivesse aquela opinião e que talvez isso encorajasse Annabelle a apoiar também aquela decisão. Portanto, Kate e Jake continuaram a tratar Marisa como uma pequena ave, frágil e preciosa, que precisava de ser mimada e tratada com muito cuidado. Marisa estava a escudar o bebé deles e eles, por sua vez, tinham de a escudar a ela. Kate atribuía a indiferença e a ocasional distração de Marisa ao cansaço provocado pela gravidez, tendo-se virado para os fóruns de fertilidade na internet para procurar as provas de que precisava para suportar esta assunção.

«Nunca me senti tão cansada», escreveu @ondeestaogin42. «Todas as tardes, ia para a cama dormir três horas.»

«Quando estava grávida da minha filha, andava sempre maldisposta», acrescentou @mamaursa. «Era como a pior ressaca, mas sem ter bebido vinho, lol. Valeu a pena!»

«Faz isso, rapariga», respondeu @princesadonortedelondres. «Nós as mamãs precisamos de tempo para nós!!!!»

No fim de semana anterior à ecografia das doze semanas, Kate e Jake tinham estado na sala a ler os jornais, enquanto Marisa se

encontrava no andar superior. Era confortável, os dois assim, como sempre tinha sido no apartamento de Battersea, e Kate queria pôr algumas músicas que os fizessem recordar aqueles anos iniciais, antes de a vida se ter tornado tão séria. Percorreu as coleções de músicas que tinha no telemóvel até encontrar um velho álbum dos Oasis, ligou o telemóvel às colunas, aumentou o volume e permitiu que a bateria fizesse a sua entrada.

Começou a cantar, saltando de um lado para o outro e deixando que o seu cabelo caísse sobre o rosto como se estivesse num festival, e então Jake juntou-se-lhe e pôs-se a dançar com uma mão no ar, como fazia sempre, até chegarem ao refrão, no qual sentiram a vibração dos graves sob os pés levá-los a sacudir o corpo. Era tão bom deixarem-se ir assim, permitirem que o ar lhes entrasse nos pulmões, mexerem-se à vontade, esquecerem as seus identidades adultas por um breve momento. Kate sorria com grande alegria para Jake, até que a canção parou e houve uma pausa antes de o tema seguinte começar.

Estavam ambos sem fôlego e encostaram-se à cornija da lareira para descansar um pouco, permitindo que o álbum e as suas memórias os invadissem, enquanto abanavam a cabeça ao ritmo da música.

– Lembras-te desta? – perguntou Kate. – É um grande clássico.

– Sim. Adoro-a.

Não viram Marisa junto à porta. Só quando ela gritou «estão a ouvir?» é que se aperceberam de que ela estava ali. Kate ficou sobressaltada. Olharam os dois para Marisa, cujo cabelo desleixado lhe caía como serpentes sobre os ombros, e Kate reparou num brilho elétrico nos seus olhos que não vira antes.

– Podem baixar a música? – perguntou Marisa, com um tom de voz ainda elevado, como se não se conseguisse controlar, como se nem sequer reparasse em como estava a falar alto. – Estou a tentar trabalhar.

Tinha as mãos entrelaçadas, com as unhas de uma a arranharem as costas da outra. Parecia inquieta e perdida, como uma bola tinindo contra uma placa de metal.

– A música? – perguntou Kate.

– Sim.

– Não está assim tão alta.

– Está suficientemente alta para que tivesse de pôr tampões nos ouvidos – argumentou Marisa.

Kate ficou com a garganta apertada. Sentiu-se como uma criança que tinha acabado de ser repreendida por um professor. Devia mostrar-se arrependida, porém, em vez disso, quase soltou uma gargalhada. A dança tinha libertado algo em si. Era livre e jovem de novo.

Kate olhou para Jake e percebeu que ele também se esforçava para não se desmanchar a rir. Havia algo no modo como Marisa se especara ali, agora com os braços cruzados sobre o casaco de malha rugoso, que tornava a situação ainda mais divertida.

– Está beeeem – disse Jake. – Desculpa lá.

Jake desligou a música. Marisa deixou-se ficar no mesmo sítio durante mais alguns segundos, dirigindo-lhes uma expressão carrancuda. Depois, virou-se e saiu da sala. Kate esperou até conseguirem ouvir os passos nas escadas e depois não foi capaz de se conter. Começou a rir de forma tão descontrolada e prolongada que as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Tapou a boca com as mãos, na tentativa de abafar o riso, enquanto Jake lhe sussurrava para não

fazer barulho, embora também se estivesse a rir. E então, tão inesperadamente como tinha surgido, o riso parou e a sala ficou vazia e silenciosa, a tarde parecia de súbito arruinada, tal qual um derrame de petróleo em água limpa que se infiltrara nas penas das aves aquáticas e lhes provocara o afogamento.

Na ecografia, Marisa voltou ao seu estado normal: sorridente, educada e tão simpática para o doutor Abadi que Kate quase a considerou atiradiça. Os olhos de Marisa brilharam quando falou sobre todos os sintomas da fase inicial da gravidez que tinha vindo a vivenciar: cansaço, sensibilidade mamária, aversão a vegetais.

– O Jake tem-me preparado muitos jantares encantadores – declarou Marisa, olhando para Jake. – Tem sido muito prestável.

Kate ficou surpreendida. Fora ela quem preparara a maior parte das refeições. Talvez Marisa não se estivesse a lembrar bem.

– Boa, muito bem – disse o doutor Abadi, bem-humorado.

Kate e Jake sentaram-se ao lado de Marisa quando ela se recostou na cadeira reclinável. Deram as mãos enquanto o doutor Abadi espalhou o gel na barriga de Marisa, cuja ligeira saliência era percetível se soubéssemos onde procurar, e depois posicionou o transdutor à esquerda do umbigo dela.

– Ora então – disse ele, virando um pouco o ecrã para que Kate e Jake o pudessem ver melhor. – Vejamos o que temos aqui.

Kate sentiu-se maldisposta e preparou-se para as más notícias que recebera tantas vezes no passado. Fechou os olhos perante a insustentável escuridão do ecrã.

– E aqui está o batimento cardíaco…

Abriu os olhos e viu a cara sorridente do doutor Abadi.

– Um batimento cardíaco forte e saudável.

O peito de Kate expandiu-se e ela gemeu, deixando o som escapar antes de perceber que estava prestes a fazê-lo. Viu um belo ponto branco pixelizado a bater. Sentiu-se engolida por uma onda de amor.

– Mas – disse Jake – onde está o segundo?

Não havia um segundo batimento cardíaco.

O doutor Abadi explicou-lhes que um dos gémeos tinha «desaparecido». Foi esta a palavra que ele usou, como se estivesse a falar-lhe de um número de magia que envolvia caixas cortadas a meio ou cortinas desviadas que revelavam um espaço vazio onde antes tinha estado uma pessoa inteira.

– Está bem – disse Jake. – Está bem.

Claro, pensou Kate. É claro que teria de existir tristeza também, perfurando como uma farpa um momento de alegria. Era isso o que passara a esperar da fertilidade. Nunca havia uma razão descomplicada para ficar feliz.

Na cadeira, Marisa ficou com os olhos vidrados e virou o rosto para o lado oposto ao deles.

– Lamento – disse o senhor Abadi. – Mas aqui – apontou para o ecrã – há muitas razões para ficarem felizes. Estou bastante agradado com isto.

Deixar o hospital foi uma mistura de emoções. Kate estava surpreendida com a tristeza que sentira pela perda de um dos embriões, mas, por outro lado, havia uma gravidez saudável e não conseguia evitar sentir-se simultaneamente eufórica com a ideia de ter um bebé nos braços. O *seu* bebé. Deles.

Estranhamente, foi Marisa quem ficou mais abatida. No regresso a casa de táxi, pediu várias vezes desculpa e disse que sentia que os tinha dececionado. Kate e Jake tentaram reconfortá-la o melhor que

conseguiram, porém, quando chegaram a Richborne Terrace, Marisa disse que queria ficar sozinha e que ia dormir uma sesta.

Jake perguntou-lhe se lhe podia levar alguma coisa, mas Marisa abanou a cabeça e subiu para o quarto, onde ficou a dormir o resto do dia. Embora Kate e Jake tivessem ficado preocupados, também se sentiam entusiasmados e abraçaram-se no corredor. Jake disse que deviam abrir uma garrafa de champanhe, mas Kate achou que seria precipitado, como se estivessem a desafiar o destino, pelo que optaram por beber vodcas tónicas. Jake preparou-as, vertendo medidas triplas de vodca e mal acrescentando água tónica. Espremeu sumo fresco de lima em cada uma, encheu os copos com cubos de gelo, passou uma das bebidas a Kate e sugeriu que se fossem sentar no jardim.

Levaram os copos lá para fora e ficaram em silêncio durante alguns instantes, não sentindo a necessidade de falar e também cientes de que o quarto de Marisa se situava por cima de onde estavam sentados, pelo que não deviam fazer muito barulho.

Depois da primeira rodada, Jake preparou mais duas bebidas e Kate começou a sentir-se um pouco zonza e quente.

– Esta é uma das vantagens da gestação de substituição – comentou ela, erguendo o copo. – Poder beber.

– Temos de aproveitar os prazeres da vida – concordou ele. – Já passámos por muito.

– Sim, é verdade.

Na extremidade do jardim, a torre do bloco de habitações municipais erguia-se alta no céu. As luzes acendiam-se e apagavam-se nas janelas estreitas. Passou um avião, deixando um rasto de vapor pelo céu crepuscular, como algodão em rama a desdobrar-se. Quando a luz do dia começou a desvanecer, voltaram para dentro e

levaram as bebidas para o sofá. Kate tirou os sapatos e as meias e pôs as pernas sobre o colo de Jake de forma a que ele percebesse a deixa e lhe massajasse os pés, o que acabou por fazer.

Jake começou pelos dedos dos pés de Kate, passou para os tornozelos e depois percorreu-lhe as calças de ganga até às coxas e à cintura. Nesse momento, a respiração dele alterou-se e Kate sentiu uma pontada de prazer ao imaginar o que iria acontecer a seguir. Jake afastou-lhe as pernas, deslizou entre elas e ergueu o rosto para pressionar a boca contra a de Kate. Ela, por sua vez, agarrou-lhe o pescoço com uma mão e levou a outra ao pénis dele, que ficou obedientemente duro através das calças.

– Não devíamos – murmurou ela. – Não aqui.

– Tens razão – disse Jake, mas continuou a beijá-la, e ela continuou a acariciá-lo, com o peso do peito dele a impossibilitá-la de se desviar, pelo que continuou a beijá-lo de volta, sabendo que não deviam continuar, mas ficando excitada com aquela restrição e depois permitindo que a restrição se transformasse numa obrigação.

Estavam a beijar-se quando Marisa entrou na cozinha sem repararem nela. Estavam ainda a beijar-se quando ela anunciou:

– Acho que gostava de comer uma batata assada.

Nesse momento, Kate afastou-se de Jake, que se tentou compor rapidamente, levantando-se demasiado depressa e vacilando um pouco ao ajeitar o cabelo. Tentou comportar-se como se nada tivesse acontecido, enquanto Kate apertava os botões da camisa e sorria para Marisa, procurando atenuar o constrangimento mútuo.

No entanto, Marisa não parecia constrangida. Parecia enojada, com o rosto pálido e agarrada à barriga. Kate abriu a boca para pedir desculpa, no entanto deteve-se. Afinal de contas, a casa *era* deles. E eles eram um casal. Podiam mostrar afeição um pelo outro. Durante

meses, tinham sido muito cuidadosos e discretos para que Marisa não se sentisse excluída, mas não podiam continuar assim indefinidamente.

Jake lançou-se em alguns comentários de circunstância sobre batata assada e queijo gratinado, tentando minimizar o desconforto como sempre costumava fazer, mas Kate, alimentada pelo álcool, não se mostrou arrependida. Já estava farta de Marisa fazê-la sentir-se como uma visita indesejada na sua própria casa. Por isso, permaneceu ali a olhar fixamente para ela e sem querer ceder. Ficou espantada com a raiva que a outra mulher parecia irradiar, como se estivesse a ser desafiada para um duelo de propriedade ou posse. Kate continuou a fitá-la, esperando que fosse Marisa a desviar o olhar primeiro. Era importante para Kate que isso acontecesse e que o seu poder como dona daquela casa e mãe daquele bebé fosse restabelecido. Marisa acabou por piscar os olhos e preparou-se para sair da cozinha.

Jake, com uma batata recheada na mão, perguntou-lhe se ela ainda a queria.

– Não tenho fome – disse Marisa, parando junto à porta.

– Devias comer alguma coisa – implorou ele.

– Que merda, já te disse que não tenho fome!

– Eh – reagiu Kate.

Jake abanou a cabeça, incapaz de compreender.

Marisa saiu da cozinha, sem pedir desculpa e sem se arrepender.

– Pelos vistos, o dia de hoje foi mais duro para ela do que pensávamos – declarou ele, voltando a pôr a batata no frigorífico.

Jake tinha uma interminável capacidade de pensar o melhor das pessoas e, por vezes, Kate preferia que não fosse assim.

– Talvez – disse ela, embora houvesse uma parte profunda e silenciosa bem enterrada no seu íntimo que sabia que algo não estava certo.

Kate serviu-se de outra bebida e ignorou a crescente inquietação.

AGORA

24

Jake entra em casa.

Sentada no chão do corredor ao lado de Marisa, Kate sabe que não deve esboçar nenhum movimento na direção dele. Acabou de acalmar Marisa, conseguindo levá-la a pousar a faca na mesa do corredor e a desapertar a corda que tinha à volta dos tornozelos. Não quer fazer nada que possa pôr em causa este equilíbrio precário. Junto a ela, Marisa está a choramingar, com os ombros curvados para a frente e a cabeça caída, num aparente colapso interno, parecendo aqueles edifícios que vemos nos noticiários a implodirem de dentro para fora em câmara lenta. O terror inicial passou e Kate apercebe-se agora de que estão a lidar com uma pessoa que não se encontra no seu perfeito juízo e que tudo o que tentarem fazer terá de ser realizado com extrema cautela. Por isso, exibe uma calma mortal. A coisa mais importante é a segurança do bebé deles. Tudo o resto poderá ser resolvido depois disso.

Kate olha fixamente para Jake, desejando que ele compreenda.

– Que raio…? – diz ele ao examinar a situação: as duas mulheres sentadas com as costas contra o rodapé, a faca de cozinha, a corda, o rasto húmido ao longo do chão, a mancha ensanguentada do dente de Kate nos azulejos com padrões. – Estão as duas bem? Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. O bebé está bem? O que aconteceu? Vou chamar a polícia.

Jake deixa cair a pasta e as chaves e está prestes a correr para junto de Kate quando esta, com a maior frieza possível, lhe pede:

– Não, Jake. Não chames ninguém.

Jake detém-se, atordoado por uma corrente invisível.

– Toma conta da Marisa – pede Kate. – Ela está transtornada.

Marisa está agora a soluçar, mas os soluços sobrepõem-se uns aos outros e soam mais a gemidos. Tem de se esforçar para recuperar o fôlego porque está a chorar intensamente.

Kate vira-se novamente para Jake em desespero, tentando transmitir-lhe algum sentido através do seu olhar fixo, tentando comunicar telepaticamente a gravidade do que está a acontecer.

Jake parece compreender a situação. Ou, pelo menos, uma versão da situação.

Ajoelha-se ao lado de Marisa e põe o braço à volta dela.

– Tem calma – diz-lhe. – Estás segura. Estás bem. Vai tudo ficar bem.

Marisa encosta o rosto molhado ao ombro de Jake e, ao fazê-lo, o cabelo desprende-se-lhe do elástico e o decote da sua *T-shirt* suja fica mais aberto.

– Oh, Jake – diz ela, engolindo ar. – Porque me fizeste isto?

– Eu… o que fiz…?

Jake olha para Kate por cima da cabeça de Marisa. Kate sorri-lhe de modo inseguro.

– Confia em mim – diz ela com os lábios. – A Marisa pensa que nós estamos a ter um caso – acrescenta abertamente, mantendo a voz o mais firme e clara que consegue. Contudo, deixa a língua deslizar para o espaço deixado pelo dente e articula mal a última palavra.

– Vocês *estão* a ter um caso – afirma Marisa, balançando-se contra o peito de Jake. – Eu vi as mensagens. Não sou estúpida.

– A Marisa está transtornada porque eu sou a inquilina – diz Kate, muito lentamente, para que Jake possa ter uma noção da mudança de cenário. Numa fração de segundo, tomou a decisão de alinhar com a história de Marisa, na esperança de que isso a mantenha estável o

tempo suficiente para obterem ajuda externa. – Foi por isso que me seguiu até ao emprego daquela vez. – Faz uma pausa para se certificar de que Jake a está a acompanhar. Jake inclina ligeiramente a cabeça num sinal de que está. – E eu garanti-lhe que poderíamos resolver tudo isto quando tu voltasses para casa.

– Só te queria ver – queixa-se Marisa. – Porque vou ter o teu bebé.

– Pois vais – diz Jake.

Kate sente-se mais aliviada. Jake está também a alinhar com a história, embora ainda não perceba porquê. Tem os maxilares rígidos e os tendões do pescoço salientes. É evidente que não gosta daquilo, mas ela não pode fazer nada a esse respeito. Ainda não. A prioridade de Kate tem de ser a segurança do bebé e, por extensão, também a de Marisa.

– Vou buscar uma chávena de chá para todos nós – diz Kate.

Lentamente, consegue levantar-se. Uma das suas pernas está dormente e tem de sacudir as picadas do pé direito, mas, tirando isso, considera-se relativamente ilesa. Limpa o suor do rosto e, quando olha para mão, repara no sangue. O sangue parece quase totalmente apartado do seu ser físico. Caminha até à cozinha algo aturdida, separada da realidade da situação. Observa-se a si mesma enquanto enche a chaleira elétrica na torneira e pressiona o botão para a ligar. Depois, pega no telefone sem fios que costumam deixar junto à caixa do pão e tira as chaves da porta do jardim da gaveta de cima. Abre as portas de vidro o mais silenciosamente que consegue. Sai para o pátio.

Kate não quer chamar a polícia, uma ambulância ou qualquer autoridade que possa pôr em perigo o futuro daquela gravidez. E se Marisa for detida? E se a tensão a levar a abortar? E se forem feitas

demasiadas perguntas e Marisa acabar por ficar com o bebé? O acordo que os três assinaram não é juridicamente vinculativo. Só o poderá ser quando Marisa assinar a cedência da parentalidade legal depois do nascimento do bebé.

Kate não quer ligar para Carol ou para a organização de gestação de substituição pois, também elas, podem insistir em reportar o que aconteceu. Não tem a certeza de qual seria o protocolo, mas recusa-se a assumir o risco. O assunto tem de ser gerido com rapidez, calmamente e de forma privada, com alguém que tenha experiência médica e em cuja discrição possam confiar. E então lembra-se de Chris. Médico de clínica geral aposentado. Seria uma pessoa capaz de os aconselhar sobre a condição médica de Marisa e verificar se estaria tudo bem com o bebé, não seria? Saberia o que fazer. Mas, para chegar a Chris, terá de telefonar a Annabelle e explicar tudo. Não é o ideal, mas terá de ser assim. Não há muito tempo. Kate consegue ouvir a água da chaleira quase a ferver. Precisa de agir depressa.

Segura o telefone com uma das mãos e marca o número de Annabelle.

Depois de fazer a chamada, Kate volta para dentro, põe mecanicamente as saquetas do chá em canecas e verte nelas água fervida e leite, acrescentando uma dose extra de açúcar para todos. Lava a cara no lava-loiça, enxugando-a com o pano de cozinha. Repara no seu reflexo no painel antissalpicos espelhado. Tem o cabelo espetado em várias direções e o rímel deixou indícios de trilhos escuros pelo seu rosto. Há sangue seco no canto da boca e um corte na testa. Kate esfrega as marcas e as pontas dos seus dedos ficam cinzentas. Quando alisa o cabelo, parece quase normal

outra vez, com a exceção da inexpressividade no seu olhar. Põe as canecas num tabuleiro e coxeia de volta ao corredor. Sente agora as pernas a tremer e dores nos músculos.

Jake e Marisa ainda estão sentados no chão. Jake tem o braço à volta dela e Marisa está mais calma, tendo parado de chorar.

– Chá! – diz Kate, com uma vivacidade que não sente. Pousa o tabuleiro junto deles.

– Obrigado – agradeceu Jake. – Não vamos…

Kate abana a cabeça, num movimento tão discreto que passaria despercebido a qualquer outra pessoa.

– Marisa – diz ela. – Bebe um pouco de chá. Vai fazer-te bem. Vai fazer-te sentir melhor.

Kate estende-lhe uma caneca e Marisa pega nela, olhando para cima a fim de ver Kate a partir do chão, e inclina a cabeça na direção da luz. Parece cautelosa, desconfiada, mas bebe o chá como lhe foi dito e depois volta-se e descansa a face no peito de Jake.

– Estou tão cansada – diz Marisa.

– Fecha os olhos um bocadinho – aconselha Kate. – Já não há nada com que tenhas de te preocupar. Precisas de conservar a energia. Estás confortável aí ou preferes ir para o sofá?

– Aqui – responde Marisa. – Quero ficar aqui.

A cabeça de Marisa escorrega até ficar no colo de Jake. Este descruza as pernas, endireitando-as no corredor estreito, com os sapatos a tocarem na parede do lado oposto.

– Estás bem? – articula com os lábios na direção de Kate, por cima da cabeça apoiada de Marisa.

Kate assente com a cabeça. Ainda tem o telemóvel dentro da mala, que está em cima da mesa. Tenta agora alcançá-lo sem fazer barulho. Não quer fazer nada que assuste Marisa. Se a outra mulher

conseguir adormecer, muito melhor. Kate abre a aplicação Notas e começa a escrever. Quando acaba de o fazer, segura o telemóvel diante de Jake para que ele possa ler.

«M atacou-me quando cheguei a casa. Perdeu o juízo. Está louca. Pensa que tu e ela estão juntos. Pensa que nós estamos a ter um caso. Telefonei aos teus pais. Estão a caminho. Chris tem sedativos. Precisamos de a manter calma durante as próximas três horas.»

Jake lê o texto e, ao perceber tudo, a sua boca adquire um aspeto sinistro. Kate recolhe o telefone e escreve de novo: «Deixamo-nos ir na fantasia dela até conseguirmos falar a sós?»

Jake assente com a cabeça e depois agarra na mão de Kate, que aperta também a dele, dirigindo-se depois ao piso de cima. Não tem tempo para emoções. Deixa Jake a dar palmadinhas no ombro de Marisa, que está agora mais calma, tranquilizada pela presença de Jake. *Boa*, pensa Kate, *é disso que precisamos*.

Em romances policiais vendidos nos aeroportos ou em filmes baratos produzidos para a televisão, Kate cruzou-se repetidas vezes com a ideia de que as mães são capazes de fazer qualquer coisa pelos seus filhos. Havia aquelas histórias efabuladas sobre mulheres que encontravam uma força sobre-humana e levantavam carros capotados que encarceravam os corpos feridos da sua progénie; sobre mães que lutavam por justiça e faziam campanhas a favor de alterações na lei depois de um filho adorado ter morrido às mãos de um criminoso que havia beneficiado de libertação antecipada. Mas Kate nunca entendera por inteiro o poder desta ideia até este momento. Com uma intensa e inegável convicção, apercebe-se de que fará tudo pela sua criança, mesmo que ainda não tenha nascido. Foi isso que lhe possibilitou aguentar as duras rondas do tratamento de fertilidade. Foi isso que a levou a tolerar o comportamento errático

e assustador de Marisa durante tanto tempo, fingindo não o ver, porque desejava desesperadamente ser mãe. É isso que agora lhe dá força para fingir perante Marisa que está tudo bem, mesmo tendo sido atacada, mesmo com a dor aguda e pesada que sente no lado da cabeça em que Marisa lhe desferiu o golpe, mesmo depois de ter lavado o sangue do rosto e visto a água avermelhada no lava-loiça. É isso que permite a Kate enterrar tanto a raiva como o terror nestes minutos cruciais. É esta força implícita que lhe mostra exatamente o que tem de fazer. A irrefutável clareza facilita todas as decisões.

Kate vai ao quarto de Marisa. Há várias semanas que não entra nele. Marisa tem mantido quase sempre a porta fechada. Quando Kate lhe perguntava se queria que a empregada de limpeza lhe tratasse do quarto, Marisa respondia que preferia ser ela a limpá-lo. Kate assumia que Marisa estava a trabalhar e a dormir e não a queria perturbar. Nos últimos tempos, era mais fácil assim.

Kate roda a maçaneta da porta e entra no quarto. As cortinas estão corridas e, de início, não vê a desorganização. Quando acende a luz, fica sobressaltada. O chão está coberto com roupas sujas, lenços usados, cotonetes e caixas velhas de comida encomendada. Uma caneca de chá meio bebida tem bolor a crescer na superfície. Ao canto, junto às tomadas, vê o que parece ser uma espessa serpente bege. Quando se aproxima, percebe que se trata de um amontoado de *noodles* podres. Kate engasga-se. O quarto cheira a terebintina, suor e comida estragada misturada com uma indefinível doçura podre tão enjoativa como as gotas de pera. Kate tapa a boca com a mão, o que a faz respirar com maior dificuldade. Contorna os obstáculos até à janela e, quando a abre, o ar puro entra de rompante.

O que tem feito Marisa?, questiona-se Kate. Volta a ficar assustada, desta vez não pelo que lhe aconteceu, mas pelo que aconteceu a Marisa. Está perante os sinais de alguém com um profundo desequilíbrio. Está perante um colapso.

Depois, vê a secretária. Na velha mesa de desenho encontram-se vários frascos de compota cheios de pincéis mergulhados em água suja acastanhada. Mas não há vestígios de qualquer pintura. Em vez disso, há folhas e mais folhas de papel cheias de gatafunhos escritos com marcador permanente. As palavras estão tão perto umas das outras que, ao princípio, não fazem sentido. Quando Kate as examina mais de perto, repara que, na verdade, são nomes. Kate e Jake e Marisa escritos inúmeras vezes, sobrepostos e entrelaçados como um matagal de ervas daninhas, espalhando as suas raízes por todo o espaço disponível até o papel ser mais preto do que branco.

O quadro de cortiça sobre a secretária, no qual Marisa costumava afixar as fotos das crianças que pintava nas suas histórias de encantar, está cheio de fotografias de Jake. Foram tiradas de um ângulo elevado, mostrando-o a fazer exercício físico no jardim com o suor a escorrer-lhe pelo peito, e Kate apercebe-se de que Marisa o tem vindo a fotografar a partir da janela do quarto. Jake não sabe que está a ser fotografado, com a exceção de uma em que está voltado para a câmara de olhos semicerrados, protegidos do sol por uma mão. Uma outra foto, à primeira vista, parece mostrar Marisa e Jake juntos, ambos a rirem. Examinando-a mais de perto, Kate repara num canto rasgado e percebe que se trata de duas fotos distintas que foram unidas para dar a impressão de uma proximidade que não existe.

Kate arranca o quadro de cortiça da parede e, sem pensar, atira-o pela janela, fazendo-o cair com um ruído surdo no relvado lá em

baixo. Sente-se furiosa. E, ao mesmo tempo que está furiosa, também está consciente de que essa fúria tem de ser controlada. Aquela cabra maluca, pensa ela. E depois: aquela cabra maluca tem no ventre o nosso bebé.

Como poderiam ter sido enganados daquela maneira? Ao princípio, Marisa parecia tão perfeita. Parecia doce e disposta a ajudar; uma mulher de um meio rural com uma admiração ingénua pelo mundo. Até ganhava a vida a escrever histórias de encantar, pelo amor de Deus. E todo o processo tinha sido tranquilo, como se, de alguma forma, estivesse destinado a existir. Como podia isto estar a acontecer? Porque é que não intervieram mais cedo, quando ela começou a agir de forma estranha?

Contudo, vinha sendo complicado determinar com exatidão o motivo pelo qual o comportamento de Marisa era estranho, admite Kate a si mesma. E eles haviam desejado tanto que resultasse, não é verdade? Como se, através da força do desejo, conseguissem fazer com que tudo corresse bem. Se simplesmente deixassem passar algumas das excentricidades de Marisa e as minimizassem ao conversarem um com o outro sobre elas, então não haveria problema, pois não? Talvez não tivessem questionado os motivos de Marisa tão profundamente quanto deviam. Talvez não tivessem feito a devida investigação prévia que a agência sugerira. Talvez não tivessem querido ouvir Carol quando ela dera a entender que deviam ter cuidado com a rapidez a que estavam a avançar. Mas teria isso sido errado? Com tudo aquilo por que haviam passado, seria assim tão errado permitir que a esperança silenciasse qualquer momento passageiro de dúvida? Porque não poderia algo ser fácil por uma vez que fosse? Por que razão haveriam eles de ser os que se viam eternamente forçados a arranhar a superfície das certezas? Por que

razão teriam de desesperar enquanto outros casais tinham a sua enfatuada fé recompensada com gravidezes fáceis, nascimentos simples e famílias felizes? Porque não poderiam eles também acreditar que Marisa era a resposta para as suas preces. Porque não lhes poderia calhar desta vez essa sorte?

Kate começa a chorar e limpa as lágrimas com a manga da camisola. Lembra-se do motivo por que veio a este quarto. Sabe exatamente aquilo que procura. Não está na secretária. Portanto, Kate põe-se de gatas e vira o rosto a fim de espreitar para debaixo da cama. É o mais básico e óbvio dos esconderijos e Kate já sabe que é aí que Marisa terá deixado o seu diário. Durante semanas, viu Marisa a escrever num caderno *Moleskine* preto e sente-se impelida por uma forte necessidade de saber o que o diário contém.

A carpete debaixo da cama está coberta, em intervalos irregulares, de bolas de pó. Está escuro ali e Kate não consegue ver bem, pelo que estica o braço e começa a passá-lo pelo chão. Nada. Está prestes a levantar-se quando tem outro pensamento. Agora, em vez de percorrer a carpete com braço, repete o mesmo movimento, mas ao longo do colchão e do estrado da cama. Os seus dedos tocam nos cantos macios de algo aprisionado entre a parte inferior do colchão e as ripas do estrado. Ali está ele. O caderno de apontamentos.

Pega nele e leva-o para fora do quarto, inclinando-se sobre o corrimão do patamar das escadas para confirmar se está tudo bem com Jake. Este vê-a e sorri. Kate ergue o polegar e ele assente com a cabeça. Marisa ainda está deitada no seu colo e respira de modo mais regular. Jake afaga-lhe o cabelo com a mão e, apesar de ser exatamente isso o que ele deve fazer, Kate sente uma pontada de ciúmes tão forte que fica sobressaltada. Tenta ignorá-la, senta-se no topo das escadas e começa a folhear as páginas do diário de Marisa.

Começa assim: «A casa é perfeita». E, ao continuar a leitura, Kate apercebe-se de que Marisa está a contar o dia em que veio visitar Richborne Terrace e Kate lhe mostrou a casa, tendo ambas sido interrompidas por uma pega que entrara a voar pelas portas da cozinha. No entanto, Marisa recorda-se deste episódio de forma diferente. Mal refere Kate, não usa o seu nome e não menciona a gestação de substituição. Ao virar as páginas, Kate vê o padrão a repetir-se vezes sem conta: cenas inteiras da vida deles contadas a partir da perspetiva distorcida de Marisa, nas quais retirou Kate da narrativa, referindo-se-lhe como «a inquilina» na sua própria casa. Marisa inventou toda uma relação que não existe com Jake. A reunião que tiveram no café é descrita como se fosse um encontro amoroso. Marisa até escreveu sobre Jake a foder, o que não pode ser verdade, pois Kate tem a certeza, mesmo sem verificar, de que em todas as noites referidas no diário Jake esteve na cama com ela, não com Marisa.

Quanto mais lê, mais Kate sente o chão a desaparecer-lhe debaixo dos pés. Fica chocada com o que descobre e é simultaneamente impelida a continuar a ler. Há um caráter mórbido neste fascínio. Kate não consegue acreditar no quanto Marisa se esforçou para proteger a integridade das suas mentiras. A história que inventou é tão convincente que, a determinada altura, Kate começa a perguntar-se se em parte não será verdadeira. Talvez Jake se tenha apaixonado por ela, pensa Kate. Poderiam eles estar a ter um caso? No entanto, afasta esse pensamento também, quase tão rapidamente como ele tinha vindo à superfície. Que disparate, pensa para com os seus botões. É o melodrama da situação que a está a levar a pensar desta forma. Jake nunca faria uma coisa daquelas. É

um homem bom. Além disso, onde e como encontraria ele o tempo ou a oportunidade? Kate e Jake estavam sempre juntos.

Não, é Marisa a pessoa perigosa, a perturbada, a histérica. Estas eram as alucinações de uma mulher louca. Kate folheia as páginas restantes e o humor passa do choque à pena. Quão infeliz devia estar Marisa para ter feito aquilo. Não só infeliz, corrige-se Kate, mas *doente*. Precisam de lhe arranjar ajuda para que fique melhor. Ou, pelo menos, para que fique estável durante os restantes cinco meses da sua gravidez. E precisam de o fazer em privado, com a menor quantidade possível de interferência externa.

Kate olha para o seu relógio. São nove e meia da noite. Annabelle e Chris devem chegar na próxima hora. Está prestes a pousar o diário e a descer as escadas quando algo cai das últimas páginas. Kate apanha-a do soalho. É uma margarida espalmada, com as pétalas mosqueadas e achatadas a adquirirem um tom acastanhado nas pontas. Kate fica emocionada com ela, com aquela pequena flor e o valor que alguém lhe atribuiu, as memórias que deve inspirar. Questiona-se então sobre o passado de Marisa e sobre se alguma coisa do que ela lhes tinha contado era verdade. Marisa afirmara que era muito próxima dos pais e que a sua própria mãe tinha sofrido vários abortos antes do nascimento da irmã, sete anos mais nova do que Marisa. Kate e Jake tinham ficado sensibilizados com esta história e também mais seguros, concluindo que Marisa, apesar da sua relativa juventude, sabia em primeira mão o que a infertilidade significava e o custo que exigia a um casal. Marisa dissera que ela e a mãe tinham falado sobre o assunto como adultas. Mas seria também isso inventado? Talvez nada do que eles pensavam que sabiam sobre ela, ou que a agência pensava que sabia sobre ela, fosse verdade. Talvez Marisa tivesse mentido em todos os formulários

e forjado os documentos que detalhavam as suas origens, a sua educação e o seu historial médico. Talvez eles tivessem convidado uma desconhecida desequilibrada para viver em sua casa e gerar o filho deles, não havendo agora maneira de voltar atrás no terrível erro que tinham cometido.

A bílis sobe à garganta de Kate e ela sente que vai vomitar. Volta a enfiar a margarida no caderno e, ao fazê-lo, as folhas abrem-se outra vez. Kate repara num pequeno bolso na parte interior da contracapa, que se expande quando ela o puxa e revela um quadrado de papel, dobrado várias vezes. Quando o desdobra e estica, Kate vê que se trata de uma receita médica. Semicerra os olhos para perceber as letras digitadas.

Risperidona, consegue ler, *comprimidos de 1 mg*.

Não é um fármaco de que tenha ouvido falar e, por isso, pesquisa-o no seu telemóvel. Sente os dedos desajeitados e falta de ar ao escrever no motor de busca. Depois, os resultados aparecem: «A risperidona está autorizada para tratar os seguintes transtornos: esquizofrenia, psicose, mania.» Kate procura o nome na receita. Está passada a Marisa Grover e data de seis meses antes.

– Foda-se – diz Kate.

A receita não foi usada. A transferência dos embriões tinha sido há pouco mais de quatro meses e, quando o comportamento de Marisa se havia tornado mais volátil, Kate e Jake tinham atribuído a mudança – ingenuamente, percebe agora Kate – às hormonas próprias da gravidez. Será que Marisa precisava de tomar este medicamento antipsicótico e que tinha parado de o fazer para não interferir com a gravidez?

– Foda-se – repete Kate.

A campainha da porta toca.

Os pais de Jake chegaram.

25

Kate desce as escadas a correr, com o caderno ainda na mão. O som da campainha agitou Marisa, que está agora completamente desperta e, sentada a chorar e a gritar, pergunta a Jake de forma repetida o que se está a passar.

Quando Kate, cautelosa, passa por eles, Marisa agarra-se ao pescoço de Jake.

– Não deixes que ela me magoe, não deixes que ela me magoe.

– Não te vou magoar – diz Kate, tão calmamente quanto o medo e a fúria lhe permitem. – Tu é que *me* magoaste, lembras-te?

Jake faz um som sibilante a pedir silêncio, embora Kate não perceba a quem é dirigido, se a ela ou a Marisa. Entretanto, Kate abre a porta. Chris está do outro lado com o seu familiar casaco de *tweed* e esboça um ligeiro sorriso no rosto quando a vê, o que a faz ser invadida por um sentimento de gratidão e alívio tão grande que sente as pernas a cederem.

– Entre, entre.

– Sente-se bem? – pergunta Chris, em voz baixa, enquanto avança. – Esse corte parece feio. – Aponta para a testa de Kate.

– Oh, isto… não é nada. Parece pior do que é. Onde está a Annabelle?

– A estacionar. Pensei que a devia deixar a tratar disso e vir logo para aqui. Pelo que nos disse ao telefone, trata-se de uma urgência.

No átrio, Kate estende o braço e agarra-lhe a manga do casaco.

– Obrigada, Chris.

– Não há problema – diz ele, dando-lhe uma palmadinha na mão. – É para isto que serve a família. Vamos acalmá-la, mantê-la estável e deixar o bebé em segurança, não se preocupe.

Kate conta-lhe rapidamente sobre a receita que encontrou, o diário e o atual estado mental de Marisa, e Chris assente com a cabeça.

– Hum. Faz sentido. Está bem. Vamos perceber tudo em breve.

Kate leva Chris para o corredor, onde este estuda a cena num exame visual experiente. Jake, que ainda segura a cabeça de Marisa junto ao peito, diz:

– Olá, pai. Desculpa por tudo isto.

Chris abana a cabeça e leva os dedos aos lábios, fazendo sinal a Jake para que fique em silêncio.

– Marisa – diz Chris, e a sua voz é gentil, mas firme. Kate apercebe-se de que nunca o tinha ouvido falar tanto. – Eu sou o doutor Sturridge e vou ajudá-la agora, sim?

Marisa vira-se para olhar para ele. Tem as pupilas dilatadas e a pele cerosa da transpiração. Exibe uma expressão de confiança, com uma ponta de admiração nos olhos. Parece estar outra vez mais calma, disposta a ser ajudada por este novo homem mais velho que se baixou à sua altura e lhe está a verificar a pulsação com o polegar e o indicador.

– Vamos tratá-la com muito cuidado. Não tem de se preocupar com nada. Mas, primeiro que tudo, que tal outra chávena de chá?

– Sim, por favor – diz Marisa, rouca.

Chris faz sinal a Kate, que volta à cozinha, deixando os três ali. Entretanto, a campainha toca de novo. É Annabelle. Alguém a deixa entrar e, de imediato, Kate ouve os gritos agudos e o choro de Marisa, com o volume a ficar cada vez mais alto e agudo. Chris mantém as suas intervenções apaziguadoras, sendo a voz dele um apontamento de tom grave para a voz de soprano de Marisa, e Kate, enquanto prepara este segundo chá, nota que o ruído vai desvanecendo gradualmente até se impor um silêncio quase total.

Kate, transportando a caneca com chá, volta ao corredor. Annabelle está de pé junto à porta. Tem o cabelo coberto por um lenço de seda e um casaco castanho desbotado com o cinto apertado à volta da cintura. Não tem maquilhagem. O rosto, desprovido da sua habitual armadura, parece desarmado e indefeso, enquanto as pestanas pálidas fazem lembrar uma toupeira a piscar os olhos perante a luz. Kate apercebe-se de que ela devia estar a preparar-se para se deitar. Annabelle tinha deixado tudo para vir ali, apesar de desaprovar o que eles estavam a fazer.

– Algumas coisas são mais importantes do que as pequenas discordâncias – dissera Annabelle ao telefone. – Faremos qualquer coisa por vocês os dois e pelo bebé, tem de saber isso.

Kate não o sabia, mas agora sabe. Hesitante, sorri para Annabelle, que lhe acena com a cabeça, como se compreendesse e nada mais precisasse de ser dito.

No chão do corredor, Jake tenta posicionar cuidadosamente a cabeça de Marisa sobre o seu casaco de fato enrolado. Chris continua a segurar-lhe o pulso, monitorizando-lhe a pulsação e olhando para o relógio a fim de contar os batimentos. Marisa respira de forma profunda e pesada. Tem os olhos fechados. A agitação diminuiu.

Jake desliza da sua posição no chão e depois dirige-se para junto de Kate. Abraça-a com força, murmura-lhe ao ouvido que a ama muito, pergunta-lhe vezes sem conta se está bem e ela começa a chorar, responde que sim e acrescenta que só quer que o assunto se resolva para que o bebé deles fique em segurança.

– Vai correr tudo bem – diz Jake. – O meu pai tem tudo controlado. Não tens, pai?

– Sim – responde Chris. – Dei-lhe dois miligramas de *Lorazepam* que parecem tê-la acalmado. Vamos esperar uma hora e depois logo veremos o que acontece e se será necessário dar-lhe outra dose.

– Devemos levá-la daqui? – pergunta Kate. – Para o sofá ou para a cama?

– Não. É melhor deixá-la como está do que arriscar… – faz uma pequena pausa – perturbá-la.

– Certo – diz rapidamente Annabelle. – Nós os três precisamos de conversar. Temos um plano – conta ela a Jake. – A Kate e eu já o discutimos, não foi, querida?

– Sim.

– Mas, antes de mais, vou pôr uma ligadura nessa ferida.

Annabelle alcança a mala médica de Chris e tira uma garrafa de antissético TCP, uma gaze e um grande penso rápido. Aproxima-se de Kate, pega-lhe na mão e leva-a para a sala de estar, onde lhe pede que se sente no sofá. Annabelle aplica na testa de Kate o antissético, que arde, e depois posiciona por cima do corte o penso rápido, fazendo-o com tal ternura maternal que Kate fica novamente com vontade de chorar.

– Obrigada – diz ela.

– Não tem de agradecer, querida. Assim parece muito melhor. – Annabelle desaperta o cinto do casaco e senta-se na poltrona junto à janela de sacada. Baixa o lenço e o seu cabelo, à luz das lâmpadas, parece ralo. – Jake, tens *whisky*? Julgo que precisamos todos de uma bebida forte.

Jake dirige-se ao aparador onde guardam as bebidas. Estas encontram-se mesmo por baixo das colunas de som e Kate lembra-se daquele sábado, três semanas antes, em que tinham estado a ouvir música e Marisa entrara de rompante na sala a queixar-se de que o

volume estava demasiado alto. Agora fazia sentido. Um tipo de sentido irracional. *Como me deve ter odiado*, pensa Kate, e estremece.

– Tem frio? – pergunta bruscamente Annabelle.

– Não, estou bem. O *whisky* vai aquecer-me.

Recebe um copo de Jake, que passa outro à mãe. Jake serve-se de vodca simples e senta-se ao lado de Kate no sofá.

– Beba isso – diz Annabelle. – Será bom para o choque.

– Kate, deves ter ficado apavorada – afirma Jake. – Lamento muito não ter estado cá.

– Não há tempo para isso agora. – Annabelle fala com um certo grau de urgência. – Enquanto ela está calma ali fora – gesticula na direção do corredor –, temos de falar sobre os próximos passos.

– Sim – diz Jake.

– Pensamos que a melhor coisa a fazer é levar a Marisa para a nossa casa, não é verdade, Kate?

Kate assente.

– Podemos mantê-la calma durante a viagem. O Chris tem todos os medicamentos necessários para o efeito. E depois podemos instalá-la na casa de hóspedes. Deixará, portanto, a vossa casa, algo que me parece absolutamente necessário, tendo em conta o que a Kate contou.

Kate, apercebendo-se de que Jake e Annabelle ainda estão vários passos atrás, informa-os, tão depressa quanto consegue, sobre o que encontrou no quarto de Marisa, o conteúdo do diário, a receita médica que nunca tinha sido aviada.

– Que merda – diz Jake. – É maluca.

Annabelle endireita-se, pouco convencida da necessidade de recorrer a palavrões, mesmo nestas condições extremas.

– Bom, olhem, vocês sabem que eu demorei algum tempo a… compreender o vosso envolvimento com uma barriga de aluguer que mal conheciam, mas agora esta é a situação que temos. E tenho a certeza de que, com o tratamento médico adequado, esta mulher…

– Marisa – interpõe Kate.

– Sim. Tenho a certeza de que ela se sentirá perfeitamente bem. Acima de tudo, devemos mantê-la segura, estável e longe de vocês enquanto durar esta gravidez. Assim que o bebé nascer, lidaremos com tudo o resto.

– Ela pensou que nós estávamos a ter *um caso*? – Jake está incrédulo. – Pensou que *tu* eras uma inquilina?

Kate leva a mão à nuca e sente o calor contra a palma da mão.

– Parece que sim.

– Como é que nós… ou melhor, como é que ela… como é que isto aconteceu?

Kate encolhe os ombros. O mais importante não é o que está a acontecer, apetece-lhe gritar, mas o que podem fazer para salvar a situação.

Bebe de um trago o resto do *whisky* e pousa o copo vazio na mesa de café. Lembra-se do seu dente no chão do corredor. Ainda nem sequer pensou sobre o que fazer em relação a ele. Deveria apanhá-lo e guardá-lo em gelo como se costuma fazer com os membros amputados?

A voz de Annabelle trá-la de volta.

– Ouve – diz Annabelle –, se tiveres de fingir que estás numa relação com ela, Jake, que assim seja, muito francamente. Não significará nada. Poderás argumentar que tu e ela precisam de ficar algum tempo afastados para que possas resolver as coisas com a Kate. Arrasta um pouco o processo, diz-lhe que os teus pais vão

tomar conta dela até que vocês possam voltar a ficar juntos, se tal for necessário…

– Mãe, por favor. Não podes estar a falar a sério.

Annabelle fita-o com aqueles olhos muito azuis.

– Estou a falar muito a sério. Meteram-se nesta embrulhada. Agora têm de fazer o que for preciso para saírem dela.

– Não me parece ético…

– Ético? – Annabelle solta uma breve gargalhada. – Vais falar-me de ética depois de tudo o que sofreram por causa dela? É do meu neto que estamos a falar.

Kate, sentada em silêncio no sofá, fica surpreendida por se sentir tão equilibrada. A ansiedade e o medo dissiparam-se. Percebe que, à sua maneira, Annabelle está certa. Têm de fazer tudo o que for preciso. Todos aqueles traços de Annabelle que Kate antes considerara tão frustrantes – a frieza para com elementos externos, a inabalável convicção na justeza das suas próprias opiniões, a perspicácia para detetar o ponto mais fraco de uma pessoa e a devoção quase obsessiva ao filho – surgem-lhe agora de uma forma positiva.

– O que achas? – pergunta-lhe Jake.

– Acho que a tua mãe tem razão.

E Jake – o bom, gentil e sensato Jake – concorda com o plano, tal como ambas as mulheres sabiam que faria. Isto porque, apesar das suas qualidades, Jake é também fraco. É dirigido por ventos mais fortes e predominantes, e iça as suas velas em conformidade. Em parte, é por isso que Kate o ama tanto. Kate sabe que ele a apoiará sempre porque confia nela para lhe dizer o que fazer a seguir. Ainda a admira, mesmo ao fim de todos estes anos. Agora, precisa que ela

oriente o caminho. E Kate, tal como Annabelle, sabe exatamente o que tem de fazer: proteger o bebé deles a todo o custo.

26

Kate vai buscar uma mala de viagem à cave e leva-a para o quarto de Marisa, abrindo-a e pousando-a na cama. Depois, dobra as roupas de Marisa – *T-shirts* largas, macacões de artista, calças de ganga rasgadas, um vestido de alças com um padrão estranho, gasto e com borbotos – e arruma-as na mala. Fica surpreendida com o reduzido número de pertences: encheram pouco mais de metade da mala. Encontra nas prateleiras um coelho de peluche com um 'x' cosido no lugar do nariz, bem como dois livros de poesia, e arruma-os também. Acondiciona blocos de desenho, canetas e uma caixa de lápis de grafite embotados, mas as pinturas e a secretária terão de ficar para trás. Vai à casa de banho para reunir os produtos de higiene pessoal de Marisa, que incluem uma escova e pasta de dentes, vaselina, um pequeno boião de creme para a pele, frascos de champô do tamanho de amostras de hotel e, na parte de trás do armário, uma caixa semivazia de comprimidos de risperidona. Também os guarda. Chris referira pouco antes que queria que ela voltasse a tomar este medicamento o mais rápido possível.

– Os riscos para o bebé são mínimos e superados de longe pelas vantagens – disse ele. – Se ela continuar a não tomar os comprimidos, as consequências poderão ser mais graves.

– Tais como? – perguntou Jake.

– Suicídio materno.

Kate fecha a mala e puxa-a para fora do quarto. Jake sobe a fim de a ajudar a transportá-la para a rua. Kate fica com o diário e um caderno de endereços que encontrou na gaveta de cima da mesa de cabeceira de Marisa. Os pais de Jake vieram no velho *Volvo* maltratado, em vez de no mais eficiente *Vauxhall Corsa* («o utilitário»,

como lhe chama Annabelle), e Kate sente-se grata por tal clarividência ao acomodar as coisas no porta-bagagens. Decidiram que Jake irá no banco de trás do carro com Marisa, que se poderá esticar e apoiar a cabeça nos joelhos dele. Kate põe um cobertor de tartã e uma garrafa de água na zona dos pés.

Na rua, beija brevemente Jake nos lábios e ele segura-a com força. É agora quase uma da manhã e a rua está às escuras, salvo uma única luz numa janela aberta no bloco de apartamentos em frente. Há um cheiro a erva no ar e ouvem-se os sons graves e monótonos de uma música indistinguível.

Regressam os dois a casa, onde Annabelle, Chris e Marisa estão à espera. Kate passa por eles no corredor, olhando de forma grata para Chris, que acena com a cabeça, e depois sobe as escadas para ficar a observar a partir do patamar do primeiro andar.

Chris já deu a Marisa a segunda dose de *Lorazepam* e ela mostra-se maleável e recetiva, semelhante a uma criança.

– Vamos levar-te para casa dos meus pais – diz-lhe Jake – para que possas descansar um pouco enquanto eu resolvo as coisas com a Kate.

Marisa ergue o rosto, olha para ele e sorri.

– Está bem – assente ela.

Jake leva-a gentilmente pelo braço até à rua, sendo seguido pelos pais. Kate continua a pensar em algo, no limite da sua consciência; uma memória à qual não quer ainda ceder. Mantém-na afastada até a porta da rua se fechar e o motor do *Volvo* começar a trabalhar e depois o seu som se dissipar na distância. Quando Kate tem a certeza de que já se foram embora, surge-lhe então a memória. Trata-se de uma cena de um filme a preto e branco que vira na universidade, a adaptação de Elia Kazan de *Um Elétrico Chamado*

Desejo, em que Vivien Leigh, interpretando a condenada beldade sulista Blanche DuBois, ergue o rosto com os olhos a brilhar para o doutor de fato escuro e, quando ele tira o chapéu, lhe diz: «Seja o senhor quem for, eu sempre dependi da bondade de estranhos.»

A casa parece muito grande e silenciosa sem mais ninguém nela. A cabeça de Kate dói-lhe e ela apercebe-se de que está bastante cansada. Não imaginava que seria possível sentir-se assim com tanta adrenalina a percorrer-lhe o corpo, mas é tomada por uma exaustão tão intensa que a única coisa que consegue fazer é cambalear até ao quarto de casal, enrolar-se no edredão e fechar os olhos. Deita-se vestida, com os sapatos ainda calçados desde que regressou do emprego e entrou em casa. É curioso pensar que foi apenas há algumas horas, reflete ao cair no sono, e que foi tudo o que bastou para a vida se deformar e precipitar no caos.

Quando acorda, são as primeiras horas da manhã e ouve a barulheira dos camiões do lixo lá fora. Levanta-se num ápice, com o coração aos saltos contra a caixa torácica. Sente a boca a latejar. Tira dois comprimidos de paracetamol da mesa de cabeceira e engole-os. Tenta convencer-se de que, para já, consegue viver sem um dente. Não foi um dos dentes da frente. Não se nota quando fala.

Pega no telefone e vê que tem várias chamadas perdidas de Jake, seguidas de uma série de mensagens de texto em que ele lhe diz que já chegaram ao Condado de Gloucester e tudo está calmo, pergunta-lhe onde está, pois começa a ficar preocupado com ela, e pede-lhe para telefonar quando puder.

Kate liga a Jake e este atende de imediato.

– Estás bem? – pergunta ele.

– Sim, sim, desculpa. Adormeci.

Kate consegue ouvi-lo a respirar fundo do outro lado da linha.

– Graças a Deus. Estava tão preocupado contigo. Estive prestes a conduzir de volta, mas a minha mãe disse-me para não o fazer. Disse-me que já te devias ter ido deitar.

– Ainda bem que lhe deste ouvidos. Desculpa – diz ela de novo. – Como estás tu? Como está tudo?

Kate ouve-o a andar de um lado para o outro, os passos no chão, e imagina-o na sala de estar da família Sturridge onde conheceu os pais dele, com sofás demasiado estofados e molduras de prata com fotografias de batismos e conclusões de cursos.

– Está sob controlo – declara ele. – Sinto-me esquisito com isto.

– Porquê?

– Não sei, parece que a estamos a explorar. Estamos… a mentir-lhe, não é?

Kate belisca a ponte nasal.

– Não tanto quanto a Marisa nos mentiu – afirma ela, tentando manter a voz calma. – Seja como for, é apenas até ficar mais estável.

– Sim, tens razão. Desculpa. Eu sei que tens razão. Ela está na casa de hóspedes, instalada em segurança. A viagem correu bem. Dormiu durante a maior parte do caminho.

– Como tem sido ela com os teus pais?

– Hum. Não estou certo de que esteja ciente de quem são, para ser sincero. Tenho-a deixado pensar o que quer pensar e disse-lhe que vou regressar a Londres em breve para falar contigo.

– Boa – diz Kate. – Mas fica aí o tempo que for preciso.

– Não devo demorar mais do que um dia ou dois – diz ele.

– E parece estar tudo bem com o bebé? – A voz de Kate altera-se nesta última palavra.

– Sim – responde Jake com firmeza. – O meu pai diz que não há nada com que nos devamos preocupar e, por isso, tu também não te

deves preocupar. Vai tudo ficar bem. Mais do que bem.

Kate permite-se ser apaziguada, apesar de saber que Jake não pode ter aquela certeza. No quarto, abre as cortinas com uma mão, enquanto segura o telemóvel com a outra. A janela ainda se encontra aberta no apartamento em frente e há um jovem ali sentado, inclinado sobre o parapeito a fumar um charro. Ele olha para ela e dirige-lhe um sorriso indolente. Kate, insegura, sorri de volta. *E se ele viu ou ouviu alguma coisa*, pensa, *o que irá acontecer?*

Kate não comenta nada disto com Jake. Em vez disso, informa-o de que vai tomar um duche e começar a resolver as coisas, embora não especifique que «coisas» são essas. Dizem então um ao outro que se amam e ela, antes de desligar o telefone, promete que lhe ligará mais tarde.

Kate não toma um duche. Ainda está a surfar a onda de energia nervosa da noite anterior. Desce com o diário e o caderno de endereços de Marisa para a cozinha, onde prepara um café forte e se força a comer uma torrada. Apercebe-se de que não come desde o almoço do dia anterior. Senta-se à mesa e fica a olhar para o jardim e para a torre além dele. O sol ainda está baixo no céu, parcialmente tapado por uma magnólia alta. No topo de um muro, vê uma pega e ergue automaticamente a mão para a saudar, tal como a mãe a havia ensinado, de modo a afastar os maus espíritos e a má sorte. Depois, uma outra pega junta-se à primeira, e outra e mais outra, até haver quatro destas aves alinhadas no muro. As suas penas, brancas e pretas, reluzem. Uma delas leva o bico a uma poça de água que se acumulou entre os tijolos. Kate nunca tinha visto quatro pegas alinhadas assim, como numa parada. Saúda as últimas três. Como era aquela velha cantiga infantil? Uma para a tristeza, duas para a

alegria… Não se consegue lembrar do resto e, por isso, usa o telefone para pesquisar a letra na internet.

– Três para uma menina, quatro para um menino[3] – diz ela em voz alta na cozinha vazia. – Hum.

O motor de uma mota começa a trabalhar algures além do muro e o ruído metálico faz com que as pegas se lancem para o céu. Kate observa-lhes o voo, cruzando o ar numa linha direita e disciplinada, e depois põe mãos ao trabalho.

Em primeiro lugar, folheia o caderno de endereços, em busca de elementos da família de Marisa, mas não há entradas com o apelido Grover e ninguém registado como «Mãe», «Pai» ou Anna, a irmã. O caderno, envolto num tecido fino com padrões de cerejas, revela-se parco em informações úteis. Marisa usou-o sobretudo para rabiscar – intricados arabescos, pétalas de flores espiraladas e olhos hieroglíficos, todos entrelaçados uns nos outros até a página se tornar mais tinta do que papel. Mas há alguns nomes sublinhados aqui e ali. Kate olha para o relógio. Passa pouco das oito da manhã. Não é uma hora particularmente agradável para telefonar a um desconhecido, mas também não é despropositada ao ponto de ser totalmente inadmissível.

Kate tira o telefone e marca o primeiro número, anotado junto ao nome «Rosie Hodge». Após três toques, uma mulher atende.

– Estou?

– Oh, olá. Desculpe estar a incomodá-la tão cedo.

– Não há problema. Estou levantada desde as cinco com as crianças. O que deseja?

– Estava a ligar por causa da Marisa Grover – diz Kate, e depois não continua, esperando que a outra mulher preencha o silêncio.

– Quem?

– Marisa Grover. Julgo que a conhece. O seu nome está no caderno de endereços dela.

– Posso perguntar-lhe qual é o assunto?

– Ah, sim. A Marisa está a viver connosco e ficou doente. Nada de grave, mas eu queria avisar os amigos e os familiares dela, caso eles…

– Marisa Grover – diz a mulher, ponderando o nome. – Espere lá, está a referir-se à senhora do Contar Histórias?

– Sim, exatamente.

– Ah, certo. Bem, pois, eu encomendei-lhe alguns livros para os meus filhos ao longo dos anos. Ela é muito talentosa. Disse-me que está doente?

– Sim, mas não é nada de grave – repete Kate. – Pediram-me que contactasse os clientes dela e os informasse de que poderia haver um atraso, hum, na entrega dos livros.

– Oh, obrigada, mas eu não estava à espera de nada dela.

Kate ouve uma criança a guinchar no outro lado da linha.

– Chiu – diz Rosie. – Já vou. Já vais tomar o pequeno-almoço. Tem calma. – E, para Kate, acrescenta: – Espero que ela melhore rapidamente. Obrigada por ter ligado.

– Não há problema.

Seguindo esta estratégia, Kate percorre metodicamente os contactos de Marisa. São sobretudo antigos clientes. Uns quantos não fazem ideia de quem ela está a falar. Um outro é uma amiga de escola que não ouve falar de Marisa «há uma eternidade». Alguns não atendem. Dois vão diretamente para o correio de voz. À décima segunda chamada, Kate marca o número de uma mulher listada como «Jas».

– Alô?

– Olá, desculpe estar a incomodá-la tão cedo – começa por dizer Kate, entrando mais facilmente no padrão agora familiar. – Estou a ligar por causa da Marisa Grover.

– A Ris? Caramba, não estava à espera desta. Ela está bem?

– Sim, está, está – diz Kate. – Tem estado a viver comigo nos últimos meses e ficou um pouco doente e eu queria contactar os amigos e a família para os informar.

– O que se passa com ela?

– É uma amiga ou…?

– Sim, sou uma amiga. Éramos muito próximas até há uns meses. Provavelmente, por volta da altura em que foi viver consigo. Mas, bom, é típico da Marisa.

– O que quer dizer com isso?

– Ela cria uma ligação profunda e depois desaparece. Espere um momento, sim? – Jas vai desligar a música que está a tocar em segundo plano. – Assim está melhor. Espere, eu pensava que ela tinha ido viver com aquele tipo com quem andava a sair. É um espaço partilhado ou algo desse género? Pensava que eles tinham comprado uma casa.

Kate fica muito quieta, como se qualquer movimento pudesse vir a interromper o fluxo do que Jas está a dizer.

– Como é que ele se chamava? Começava por J… Eu lembro-me porque, sabe, o meu nome também começa pela mesma letra, portanto, sim, eu lembro-me. *Jake*, era isso!

– É verdade que ela veio viver com o Jake – confirma Kate.

– A sério?

– Mas não andava a sair com ele. Eu sou a namorada do Jake. A Marisa era a nossa barriga de aluguer. Foi por isso que ela veio viver connosco. Está a gerar o nosso bebé.

Jas fica em silêncio.

– Eu sei que é muito para assimilar, mas gostava mesmo de falar consigo como deve ser, se lhe for possível. Sabe, aconteceu uma coisa e seria benéfico conhecer o historial médico mais recente da Marisa, ou seja, em termos de saúde mental.

Kate ouve, no outro lado da linha, a mulher a assobiar baixinho.

– Como é que disse que se chamava?

– Kate.

– Certo, Kate. Vou encontrar-me consigo. Num local público porque, sejamos francas, não sei quem é ou se é quem diz ser, mas, se isto for a sério, então, sim, há algumas coisas que provavelmente deve saber sobre a Marisa.

– Eu levo a documentação – assegura Kate. – Para que saiba que estou a dizer a verdade. Pode escolher o sítio para nos encontrarmos. Vou seja onde for.

– Obrigada. Agradeço isso.

– Não, a sério, eu é que agradeço a sua disponibilidade. Será realmente bom poder ter essa conversa.

Jas começa a rir.

– Olhe que ainda não sabe o que lhe vou contar!

– Estou preparada – diz Kate, com convicção.

Combinam encontrar-se num café perto da estação de metro de Finsbury Park dentro de duas horas.

O café é um espaço antiquado e pouco asseado. Há um homem atrás de um balcão com uma divisória de vidro que tem um avental às riscas mal apertado à volta da barriga. Saúda Kate alegremente, num sotaque italiano tão pronunciado que soa a falso. Kate nota que é a única cliente.

– Queria um *cappuccino*, por favor.

Numa situação normal, pediria um café curto, mas esta manhã sente a necessidade de algo mais reconfortante e espumoso.

– Já lho levo – diz o homem, acenando-lhe com uma mão para ela se sentar. – Fique à vontade, *bella*.

Kate escolhe uma mesa de canto na parte de trás e fica a remexer nas saquetas de açúcar enquanto espera por Jas. De umas minúsculas colunas sem fio atrás da caixa registadora, sai música *rock* da década de oitenta. Jas contou-lhe que era «pequena, loira e preta. Não há como não me identificar.»

E tinha razão. Quando Jas abre a porta e entra, a sineta do café começa a tinir e ela é imediatamente reconhecível: uma mulher pequena e compacta, com traços delicados e cabelo curto oxigenado. Veste um casaco camuflado acima do seu número e, quando se vira para fechar a porta atrás de si, Kate vê a palavra «*Warrior*» na parte de trás, escrita com lantejoulas.

– Ei, Tony – diz Jas para o homem atrás do balcão, cujo rosto se transforma num largo sorriso ao vê-la. – Quero o costume. Obrigada, pá.

Aproxima-se da mesa, tira o casaco e pendura-o nas costas da cadeira.

– Kate, certo?

– Sim.

Kate levanta-se e estende a mão, o que lhe parece logo demasiado formal. Jas aperta-a com uma expressão irónica e avaliadora. Kate repara que as unhas dela são grandes e estão pintadas de rosa-néon. Repara também que a orla da orelha está cheia, até à parte de cima da cartilagem, de pequenas argolas de ouro. Kate fica um pouco surpreendida por Marisa ser amiga de

alguém com tanto estilo e depois censura-se por ter sentido essa surpresa, sempre preocupada com a possibilidade de ser insidiosamente preconceituosa ou reprovadora. Por que razão não haveriam elas de ser amigas?

Tony leva as bebidas à mesa, em chávenas brancas mal lavadas, acompanhadas por um biscoito de gengibre, individualmente embalado, em cada pires.

– Então – começa Jas, cujas unhas fazem um ruído seco quando ela segura na asa da chávena. – Quer contar-me o que se passa?

– Antes de mais, deixe-me mostrar-lhe que sou quem afirmo ser – diz Kate, fazendo deslizar um envelope pela mesa.

O envelope contém o acordo de gestação de substituição, uma fatura de serviços recente, uma digitalização dos passaportes de Kate e Jake e algumas fotografias de ambos juntos. Kate também levou a ecografia do bebé, mas mantém-na na carteira. Não sabe bem porquê.

Jas passa os olhos pelos documentos e acena com a cabeça, satisfeita.

– Também lhe quis trazer isto. Kate passa-lhe o diário de Marisa.

Jas folheia-o e depois olha para cima.

– O que é isto?

– É o diário da Marisa, ou caderno de apontamentos ou algo do género. Encontrei-o no quarto dela. Ela tem vindo a inventar esta… esta… *história* sobre ser amante do Jake e estar à espera do bebé dele, mas… – Kate interrompe-se, envergonhada pelo modo como soa.

Jas, por seu turno, fala com calma:

– Mas não é o bebé dela. É vosso.

– Sim – diz Kate, aliviada. – Sim, é exatamente isso.

– Oh, caramba, lamento.

Jas passa a Kate alguns guardanapos do dispensador e Kate leva-os ao rosto, limpando as lágrimas. Respira fundo alguma vezes e, depois de se acalmar, conta tudo a Jas: como conheceram Marisa, o seu comportamento cada vez mais estranho, a cena no corredor e a descoberta da receita médica. Nada nesta descrição parece deixar Jas perturbada.

– E onde está ela agora?

– Hum, no campo – diz Kate. – Com o Jake e os pais dele. Pensámos que seria melhor afastar-se de mim e ter tempo para… recuperar. O pai do Jake é médico de clínica geral… bem, é um médico aposentado e, por isso, está a tomar conta dela.

– Têm de a fazer voltar à medicação o mais depressa possível – afirma Jas. – Já testemunhei o que acontece quando a Ris se esquece de a tomar e não é bonito.

Kate fica muito surpreendida.

– Espere, portanto isto… já aconteceu antes?

Jas faz sinal a Tony para mais uma rodada de cafés.

– Vamos ficar aqui algum tempo. – Jas inclina-se na cadeira e aperta as mãos diante do peito. – A primeira coisa que tem de saber sobre a Ris é que ela é senhora da sua própria reinvenção. Conta a sua própria história da forma como gosta de acreditar nela. Não podem acreditar em nada do que diz. Em nada – garante Jas, soletrando as sílabas para enfatizar a mensagem. – Adoro aquela rapariga, mas ela está desfeita. Talvez seja a pessoa mais desfeita por dentro que alguma vez conheci, para ser honesta consigo. O que ela lhe contou sobre os pais é uma treta. Desculpe a minha linguagem. A mãe abandonou-a quando tinha sete anos e ela já não fala com o pai. Não vê a irmã há mais de vinte anos.

– E quanto aos abortos? – pergunta Kate, porque este detalhe-chave parece-lhe de extrema importância. Foi o motivo pelo qual confiaram nela.

– Não sei – responde Jas. – Ela nunca me falou nisso. Na maior parte do tempo, quando toma os medicamentos, a Ris está bem. Mas a verdade é que tem problemas mentais graves.

– De que tipo?

– Bem, não é que eu tenha o diagnóstico exato. Eu e a Ris dávamo-nos bem e tudo isso, mas não nos metíamos muito na vida uma da outra. Parece-me que ela poderá ser um pouco bipolar.

Os cafés são entregues na mesa, bem como dois novos biscoitos embalados.

– Como é que vocês se conheceram? – pergunta Kate.

– Tem a certeza de que quer saber?

Kate confirma com um aceno de cabeça. Jas inclina-se para a frente e apoia os braços na mesa. Tem uma tatuagem de números romanos na parte de dentro do pulso direito.

– Conhecemo-nos num grupo de sobreviventes de agressões sexuais.

– Oh, meu Deus. Jas, lamento muito.

– Não lamente. A culpa não foi sua, pois não? – Jas solta um riso abafado. – Eu estou bem. A Ris foi violada quando tinha dezassete anos.

Kate pensa que vai vomitar. A cafeína mistura-se com a adrenalina e ela sente a rapidez com que o sangue é bombeado pelas suas veias. Sente-se, ao mesmo tempo, muito jovem e muito velha. E tenta ignorar estas sensações.

– É horrível – diz ela. – Pobre Marisa.

– Sim.

Ficam ambas em silêncio durante vários segundos. Não muito longe, há *bacon* a crepitar numa frigideira e o cheiro enche o ar, que se adensa numa nuvem de gordura.

– A Ris recompôs-se o máximo que pôde – diz Jas. – Não foi fácil. É um verdadeiro milagre que tenha conseguido montar aquele negócio com os livros para crianças e tudo isso, mas ela conseguiu. Não há dúvida de que os medicamentos ajudaram. Mas, às vezes, ela esquece-se de os tomar ou pensa que não precisa deles e, pelo que estou a perceber, convosco talvez tenha receado que pudessem prejudicar o bebé ou algo assim.

Era isso, pelo menos, o que Kate pensava, agarrando-se à ideia de que Marisa tinha tentado dar o seu melhor por eles.

– O que acontece quando ela não toma a medicação?

Jas parece estar prestes a contar algo, mas depois reflete um pouco.

– A Ris não é má pessoa.

– Eu sei – assegura Kate.

– Ela ficava com umas… obsessões – diz Jas lentamente. – Por exemplo, ficava obcecada por um homem com quem tinha saído e imaginava um futuro com ele e era sempre um pouco de mais. Começava a enviar-lhe muitas mensagens e, em alguns casos, perseguia-o até ao trabalho ou fazia coisas parecidas, e eu dizia-lhe sempre para relaxar, mas ela nunca me ouvia e quanto mais eu lhe dizia para relaxar, menos ela me contava.

O café começa agora a encher-se. Alguns homens das obras com calças cheias de pó e capacetes sentam-se na mesa ao lado da delas. Falam muito alto e enrolam cigarros enquanto esperam pelo pequeno-almoço. Jas tem de levantar a voz para que Kate a consiga ouvir.

– Acabámos por desentender-nos. Quando a Ris me contou sobre o Jake, eu disse-lhe que ela estava a avançar demasiado depressa, mas, sabe, não havia muito mais que eu pudesse fazer. Ela não me quis ouvir. E eu não fazia ideia do que se estava a passar na realidade. Não fazia ideia de que você existia.

Jas ergue os cantos da boca. Não é bem um sorriso, mas é compreensível. Pela primeira vez em dezasseis horas, Kate descerra os maxilares e descontrai os ombros. A sensação opressiva no peito, como se um elástico tivesse sido esticado à volta da sua caixa torácica, começa a afrouxar. Fica agora mais calma ao saber que há outra pessoa que poderá dar testemunho do comportamento de Marisa, que poderá confirmar que não é Kate quem está a ficar maluca.

– Obrigada, Jas.

Jas começa a vestir o casaco.

– Não me parece que tenha feito grande coisa.

– Mas fez, acredite que fez. Será que posso guardar o seu número para nos mantermos em contacto? É benéfico, sabe, ter alguém…

– Claro – interrompe Jas.

– E não tem nenhum contacto da família dela?

Jas inspira o ar pelos dentes.

– Não. E, se quer a minha opinião, seria o pior que poderia fazer.

– Está bem. Então o que estamos a fazer agora, mantê-la em segurança e de volta à medicação, é o que lhe parece ser melhor?

Jas encolhe os ombros.

– Não a posso realmente aconselhar. Não sou médica. Mas, sim, acho que é o que eu faria. Tomar conta dela. Ela acabará por se acalmar. Vocês terão o vosso bebé. E depois… o que acontecer a seguir dependerá da Ris, não é verdade?

– Quer vê-la?

Jas abana a cabeça.

– Não. Eu adoro a Ris. Sempre a adorarei. Mas ela não quereria que eu soubesse o que aconteceu. Ia sentir-se humilhada. Quando estiver melhor, ligo-lhe.

Kate levanta-se para se despedir. Desta vez, abraça Jas, que fica um pouco constrangida no abraço. Jas leva a mão ao bolso para tirar uma nota de cinco libras, mas Kate diz:

– Não, eu pago. É o mínimo que posso fazer.

Kate observa Jas a sair do café, uma figura pequena e, ainda assim, desafiadora. A palavra «*Warrior*» escrita com lantejoulas nas costas do casaco cintila enquanto ela desce a rua. Jas vira à esquerda e desaparece da vista.

---

[3] No original «One for sorrow, two for joy, three for a girl, four for a boy.» (*N. do E.*)

27

Marisa abre os olhos aos poucos. Está deitada numa cama desconhecida, com o edredão entalado sobre o seu corpo e um pesado cobertor acolchoado a pressionar-lhe as pernas como sacos de areia. Sempre odiou dormir em camas com edredões entalados e sempre fez questão, nas raras ocasiões em que ficou em hotéis, de desprender a roupa da cama antes de ir dormir, desfazendo os cantos cuidadosamente dobrados como nos hospitais e permitindo que os lençóis ondulassem e se libertassem. Mas este quarto não parece ser o de um hotel. Onde está ela?

Sente a cabeça a latejar e tem a garganta seca. A cama está virada para uma janela. A luz entra pela fenda onde a persiana não foi completamente puxada até ao fim. Consegue ouvir o canto de pássaros e, além disso, o silêncio. O silêncio é estranho. Durante as últimas semanas, acordou com uma cacofonia de trânsito e batidas de música que pareciam existir tanto dentro como fora da sua mente. Não conseguiu fazer nada para se livrar do ruído. Tentou enfiar algodão nos ouvidos e, quando isso não resultou, tapou a janela com fita adesiva, mas o barulho persistiu. Pensou que se tratava de um ruído malévolo, parte de uma conspiração concertada para a forçar a sair da sua casa. Gritou-lhe, chorou lágrimas de frustração e raiva perante a sua perniciosa permanência e, com o passar do tempo, acabou por ceder, permitindo que ele a invadisse e tornasse incapaz de pensar.

Este quarto, porém, era diferente. Um abrigo. Marisa sente-se agora distante do ruído, protegida dentro destas paredes pintadas de branco. Vira-se de lado e repara numa estante de livros embutida na parede, cheia de livros de capa mole com lombada cor de laranja. A

porta tem um puxador de bronze do qual pende uma fita lilás presa a um retângulo de flores bordadas.

Sente o estômago a borbulhar.

Fecha os olhos. Um fragmento do passado flutua diante da escuridão. É o de uma mulher que tira um bebé de um berço e o bebé está a chorar e é tudo porque Marisa fez algo errado.

Desliza de novo rumo à escuridão.

Horas depois, ou talvez dias, um homem entra no quarto. Marisa acorda e vê-o a segurar-lhe o pulso, sendo o toque dele familiar, ainda que ela não o reconheça.

– Marisa – diz o homem. – Como se está a sentir?

Ela tenta falar, mas não consegue produzir nenhum som, pelo que, em vez disso, sorri debilmente e concentra-se em parecer amável.

– Melhor?

Marisa assente com a cabeça, embora não se consiga lembrar da razão por que ali está ou em relação a que é que poderá estar «melhor». Terá acontecido algo? Ter-se-á portado mal? Tê-la-á o papá enviado de novo para o colégio interno porque não a queria no caminho? Será isto o sanatório?

– Ainda bem – diz o homem sentado na cama dela. Traz vestida uma camisola *bordeaux* com gola em V por cima de uma camisa aos quadrados cujo colarinho está ligeiramente gasto. – Pregou-nos um valente susto. Mas agora não há motivos para preocupação. Está em segurança aqui connosco. Está perfeitamente segura.

O homem sorri para a tranquilizar. Depois, passa-lhe dois comprimidos, muito brancos em comparação com o tom rosado da palma da mão dele, e ela aceita-os e põe-nos obsequiosamente na boca, pois quer ficar bem outra vez para que a deixem voltar a casa.

Quer mostrar que é digna de ser amada. O homem dá-lhe um copo de água e o vidro, com um padrão de diamantes gravado, projeta feixes de luz pelas paredes brancas. Marisa engole os comprimidos e sente o frio da água na boca.

– Obrigada – agradece.

– Não tem de quê. – O homem dá-lhe uma palmadinha no ombro. – Agora tem de descansar. É a coisa mais importante que pode fazer. Não precisa de se preocupar com mais nada. Simplesmente descanse.

Marisa sente a cabeça pesada contra a almofada. Fecha os olhos. Vê-se a rastejar por um longo corredor cinzento-escuro, com a carpete a arranhar-lhe os joelhos.

Quando acorda, está escuro lá fora. O silêncio é tão compacto que quase o consegue provar. Não há pássaros a cantar. Precisa de ir à casa de banho. Com cuidado, eleva o corpo, fazendo deslizar as pernas para fora do edredão. No chão, encontram-se umas pantufas. Curva-se para as enfiar nos pés e, quando se volta a sentar, há um afluxo de sangue à cabeça. Espera que a tontura passe e depois levanta-se, como que testando a solidez do chão. Abre a porta do quarto e fica confusa quando não reconhece a divisão do outro lado. Parece ser uma cozinha e uma sala de estar no mesmo espaço. Nunca a vira antes. Uma sensação de pânico surge-lhe no peito. Onde está? O que está ali a fazer? Onde estão os seus pais? Porque não consegue ouvir Anna a chorar?

Leva uma mão à parede para se equilibrar e avança desajeitadamente pela beira daquela divisão da casa. De alguma forma, encontra a casa de banho e senta-se na sanita, permitindo que

a sua bexiga se esvazie. Repara que tem a barriga cheia sem que perceba porquê. Não se lembra da última vez que comeu.

Puxa o autoclismo e depois lava as mãos. Quando se olha ao espelho, Marisa fica chocada por ver uma cara adulta a olhar para si. Cabelo desgrenhado, pele pálida e bochechas inchadas. A imagem gera-lhe uma ligeira aversão.

Entra uma mulher. É alta, com cabelo loiro acinzentado apanhado atrás e olhos azuis da cor dos céus do Ártico. A mulher limpa o pó da consola e da prateleira dos livros e substitui a garrafa de água vazia em cima da cómoda por uma nova. Repara que a persiana não está completamente fechada e, por isso, avança e retifica-a com movimentos rápidos e económicos. Não se apercebe de que Marisa, cujos olhos parecem fechados, está na verdade a observá-la através de uma pequena linha de visão. A mulher detém-se ao fundo da cama e vira-se para ver Marisa. Abana a cabeça e depois vai embora, esforçando-se bastante para rodar o puxador o mais silenciosamente possível.

Quem é ela?, questiona-se Marisa. Será a diretora do internato? Será que virá alguém em breve para a levar para casa?

Tem duas almofadas debaixo da cabeça. Parecem ser caras, com o interior de penas, em vez de espuma. Marisa pergunta-se de onde vêm as penas. Será que as tiram de jovens pássaros e os deixam a tremer de frio ou esperam que eles morram? Será que os pássaros já tinham sido mortos e as penas iriam para o lixo de outra forma? Marisa imagina-se a passar por um rodopiante túnel branco de penas e a esticar-se para tentar apanhar uma com a mão, embora elas escapem sempre ao seu movimento. As penas voam e giram para

fora do seu alcance, recuando na distância até desaparecerem e ela ser deixada a flutuar no vazio.

– Marisa.

Ouve o seu nome a ser pronunciado como que do outro lado de um abismo. A voz ecoa na sua direção. Marisa abre os olhos e fita o rosto de um homem mais jovem. Cabelo castanho aloirado, barba por fazer da cor da areia. É um rosto de uma notável simetria, com a exceção de um pelo da sobrancelha que se encontra fora do sítio. Ela conhece este rosto, embora não o consiga identificar.

– Como estás?

Marisa olha para ele enquanto espera que a resposta lhe surja. O homem parece preocupado, com uma ruga profunda a aparecer-lhe imediatamente acima do olho direito, e depois a preocupação passa e converte-se numa espécie de tristeza. Os humores do homem atravessam-lhe o rosto como as mudanças do tempo. Está sentado na beira da cama, o que faz com que o colchão se afunde, e depois pega-lhe na mão e acaricia-a com o polegar.

– Marisa – diz ele de novo. – Lembras-te do que aconteceu?

Durante alguns segundos, ela não se lembra. Durante alguns segundos, continua a ser uma criança à espera de que os pais a venham buscar. Durante mais alguns segundos, vive neste limbo protetor, como se a sua mente tivesse escolhido dar-lhe uma história mais agradável para digerir até se sentir forte o suficiente para ser confrontada com a realidade do que aconteceu. E, depois, lembra-se.

– Jake – diz Marisa.

As memórias colapsam à sua volta, poeira nuclear de uma nuvem atómica em forma de cogumelo. A gravidez. A sua doença. A medicação que deixou de tomar. O corredor. Kate, inconsciente, de pernas atadas com uma corda. Sangue nos azulejos. Jake. O seu

Jake. Só que, na verdade, ele não era seu. Era de Kate e tudo o que ela havia feito para que assim não fosse cresce agora no seu interior com tal força que a obriga a levantar-se da cama e correr para a casa de banho. Marisa ajoelha-se diante da sanita e vomita.

Nesse momento, sente o cabelo a ser levantado e segurado atrás. Jake, pensa de novo, sentindo-se miserável por ele a ver assim, por ter ficado reduzida a isto.

Há muito tempo, anos antes de conhecer Jake, Marisa tentara ignorar a sua doença. Tentara ignorar os episódios maníacos seguidos pela depressão que a atingia como um golpe de martelo, as vezes em que ouvira vozes a dirigirem-se-lhe através da televisão e do micro-ondas, dizendo-lhe que devia fazer coisas terríveis, que não era suficientemente importante para viver, que até a sua própria mãe a tinha abandonado. Marisa não quisera admitir que precisava de ajuda, temendo ser catalogada como louca, assustadora ou anormal. E andou assim durante meses. No entanto, quando se lhe tornou impossível pintar, teve de procurar ajuda porque a única outra alternativa era matar-se e, mesmo nos seus momentos mais difíceis, Marisa sabia que nunca seria capaz de o fazer. Falharia até mesmo nisso.

O médico havia tentado vários medicamentos antes de chegar à dosagem final e ao tipo de comprimido que fazia com que Marisa se sentisse melhor. Não completamente recuperada, porém mais equilibrada, com as suas arestas limadas, as suas fantasias tecnicolores reduzidas a tons de cinza mais operáveis. Marisa ficava bem desde que tomasse a medicação. No entanto, às vezes acreditava que podia passar sem ela, e depois acabava por entrar em espiral e Jas tinha de a resgatar do sítio escuro e tomar conta dela, e assim continuou até encontrar um propósito além de si mesma.

Inscreveu-se numa agência de gestação de substituição e, pela primeira vez na vida, apercebeu-se de que podia fazer algo complemente bom. A mãe abandonara-a e esse ato tinha sido uma subtração de amor. Mas Marisa podia fornecer uma adição de amor a outra família. Desta forma, a sua vida adquiriria um equilíbrio natural. Desta forma, sentir-se-ia novamente estimada, útil e amada, se não por ela própria, então ao menos pelo que podia fazer.

Quando conheceu Jake e Kate, amou os dois. Deixou de tomar os medicamentos porque estava a preparar o corpo para a gravidez. Convenceu-se de que era a coisa mais *sensata* a fazer. Era para o bem de outros. Além disso, possuía agora um núcleo familiar estável. Estava *melhor*.

Marisa ergue a cabeça da sanita. Jake larga-lhe o cabelo.

– Estás bem? Queres um pouco de água?

– Sim – responde, com a voz rouca. – Sim, por favor.

Ele sai da casa de banho e volta com um copo. Marisa bebe-o lentamente. De seguida, Jake ajuda-a a levantar-se e a voltar para a cama, agora com cuidado para não perturbar o bebé que, lembrou-se ela entretanto, carrega dentro de si. Marisa está chocada com o que fez. Quer transmitir que foram ações de uma pessoa diferente, mas já não consegue falar. Só quer fechar os olhos. Deita-se na cama, pousa a cabeça nas caras almofadas de penas e nada de volta à maré do sonho. Não ouve Jake a sair do quarto.

Na manhã seguinte, levanta-se com a sensação de ter descansado bem. Veste uma camisa de dormir que alguém deixou num cabide pendurado na porta do quarto. É suave e, quando verifica a etiqueta, Marisa percebe que é de caxemira. De seguida, abre a persiana. A janela dá para um longo relvado que, na outra

extremidade, tem uma grande casa de duas águas e tijolo vermelho. Há arcos de críquete espetados no chão e um taco de madeira caído de lado a recortar a relva. Um pardal dá bicadas numa tigela colocada num comedouro para pássaros. Uma roseira escala a fachada da casa, arqueando-se em torno dos tijolos.

Marisa examina por completo à luz do dia o espaço que a rodeia. Não reconhece nem a mansão no fim do relvado nem a casa de hóspedes na qual tem estado alojada, mas o silêncio e a amplitude tornam evidente que se encontra no campo. Não se lembra de como foi ali parar e, ainda assim, está tranquila, como se as suas emoções tivessem sido suspensas em âmbar. Sente a mente um pouco confusa, com os pensamentos a ficarem embaciados nas pontas como a respiração num espelho, mas a sensação não é desagradável. É simplesmente uma sensação.

Marisa avança até à divisão seguinte. Há uma bancada de cozinha em forma de U com as portas dos armários em tom bege e uma prateleira de especiarias cheia de frascos a condizer, cada um deles com uma tampa prateada redonda. O fogão é de uma marca cara, do tipo que se costuma ver nas páginas das revistas de interiores. Além da cozinha, existe uma zona de estar, mobilada com a mesma paleta de cores neutras: um sofá da cor dos favos de mel; tapetes com padrões aos quadrados cinzentos; uma jarra numa mesa de café que contém três ramos de lunária secos, com os discos a reluzirem como lentes de monóculo. Há cobertores num cesto junto à lareira e um aparador aberto com pratos diferentes uns dos outros, bem como uma televisão que cabe numa prateleira de livros, pelo que quase não se dá por ela ao princípio. Nas paredes estão penduradas molduras com impressões de flores arrancadas de enciclopédias botânicas

muito antigas, do tipo que se pode comprar em lotes de lojas de velharias medianamente cultas e alfarrabistas.

Marisa decide fazer um chá e bebê-lo lá fora para sentir o sol matinal no rosto. Põe a chaleira a ferver e procura nos armários uma saqueta de chá. Há uma embalagem aberta de *Yorkshire Tea* num deles e meio jarro de leite no frigorífico *Smeg*. Que atenciosos foram eles, pensa Marisa, ao deixarem aqui leite. Não tem a certeza de quem «eles» poderão ser exatamente. Existe Jake. Existe o homem que lhe dá a medicação. E depois a mulher alta de olhos azuis. Terá de perguntar a Jake quem são e quanto tempo pretendem ficar ali. Além disso, pensa Marisa, onde está Kate?

A clareza sentida na noite anterior abandonou-a entretanto. Não se consegue lembrar do que fez a Kate, do corredor, dos azulejos com sangue ou de ter deixado a outra mulher inconsciente num violento ataque de fúria. Bloqueou essa memória. Ou talvez ela tenha desaparecido por sua própria iniciativa, deslizando pelas fendas da consciência de Marisa, até esta estar preparada para a examinar de novo. Por agora, não existe na sua mente. Por agora, Marisa tem a proximidade imediata com o momento presente e o conhecimento de que é a barriga de aluguer de Jake e Kate, de que parou de tomar a medicação e algo aconteceu, deixando-os preocupados. Mas agora está a tomar os seus comprimidos de novo. Voltou a ser uma pessoa capaz. Agora, eles não precisam de se preocupar. O bebé está em segurança. Tudo isto sabe Marisa numa parte profunda e insubmissa do seu ser que nenhuma quantidade de interferência externa consegue abalar. O bebé está bem.

Marisa verte leite no chá, comprimindo a saqueta contra o interior da caneca com as costa de uma colher. Pega na caneca e caminha até à porta. É uma daquelas velhas portas de estábulo que

costumavam abrir em duas partes, mas alguém as tinha unido. Com o polegar, pressiona para baixo o puxador de ferro e a porta cede, abrindo-se para um jardim. O orvalho faz cintilar a relva. Marisa respira o ar fresco do exterior e ergue a cabeça para os ténues raios de sol, sentindo nas faces o seu ligeiro calor.

Pela primeira vez em muito tempo, sente-se segura.

28

Quando Jake regressa a Richborne Terrace, parece alterado. Kate faz-lhe uma torrada com manteiga e compota de framboesa e senta-o à mesa da cozinha, enquanto mantém uma tagarelice inconsequente que espera poder esconder o quão preocupada está.

– Kate – chama ao fim de algum tempo. – Podes parar. Não precisas de fazer conversa de circunstância comigo.

Kate pousa o prato com a torrada diante dele e senta-se do outro lado da mesa. Interpreta as palavras de Jake como uma reprimenda.

– Desculpa – diz ele. Tem os ombros descaídos. A *T-shirt* que traz vestida cheira a suor. – Conta-me como estás.

– Estou bem.

– Correu tudo bem no dentista?

– Sim.

Tinha ido a um dentista privado no dia anterior a fim de fazer um molde para a sua nova prótese dentária. O ferimento na cabeça entretanto havia sarado. Kate passara a dormir melhor desde o encontro com Jas, sobre o qual contou tudo a Jake por telefone quando ele se encontrava no Condado de Gloucester. Jake disse que fazia sentido, tendo em conta o estado de Marisa agora que tinha voltado a tomar a medicação.

– Tão dócil – disse ele a Kate, murmurando para não acordar os pais no quarto ao lado. – É como se não tivesse memória daquela outra pessoa que era ou do que te fez.

Em Londres, Kate limpou o quarto de Marisa. Aspirou o chão, lavou as paredes e a janela, que tinha marcas pegajosas por todo o vidro. Mandou fora as caixas com restos de comida encomendada, desfez a cama e deixou ali uma vela aromática acesa durante várias

horas. No final dos seus esforços, o quarto parecia outra vez quase normal e Kate podia fingir que nada sinistro acontecera. O terror gótico da semana anterior tinha desaparecido e pertencia agora a outra era.

Kate não está zangada com Marisa. Nenhum deles está. Querem apenas que fique bem, é isso que Kate repete continuamente a si mesma. É por isso que faz sentido mantê-la onde está, ambos concordam. É por isso que os pais de Jake estão a acompanhar o progresso de Marisa e a garantir que não sai da casa de hóspedes. É para o seu próprio bem, concluem. É para a proteção do bebé deles. Têm de fazer o que têm de fazer.

– E como estava ela quando a deixaste? – pergunta Kate.

Jake encolhe os ombros. Quando se mexe, fá-lo muito devagar, como se cada músculo fosse um saco de areia a ser arrastado para a sua posição.

– Parecia estar bem. É a parte estranha disto tudo. Voltou a ser, de um momento para o outro, a Marisa que, quando a conhecemos, nos gerou simpatia e confiança. – Jake estala os dedos. – O poder dos remédios, diria eu.

– E consegue lembrar-se de quase tudo?

– Lembra-se de ter deixado de tomar a medicação logo após a mudança para nossa casa, mas não mais do que isso.

– Raios partam!

Kate já ouvira isto antes, em várias conversas telefónicas com Jake nos últimos dias, mas precisava que ele o repetisse à sua frente. E espera que continue.

– Segundo ela, queria preparar o corpo para a gravidez, o que me parece encerrar uma espécie de lógica distorcida – continua Jake. – Dando-lhe o benefício da dúvida, penso que estava genuinamente

preocupada com a possibilidade de os medicamentos prejudicarem o bebé. De qualquer forma, o meu pai conseguiu tranquilizá-la em relação a esse aspeto. É muito mais seguro tomá-los do que não os tomar.

A torrada que ela lhe fez repousa meio comida no prato entre ambos. Kate não se lembra de alguma vez se ter sentido tão distante de Jake, que parece inalcançável. Quando se olham de frente, não existe nele o afeto habitual. Está apenas cansado, pensa ela. Passou por muito. Ainda está em choque. Regressará para mim.

– Queres que te faça mais alguma coisa? – pergunta ela.

– Sabes o que me apetecia mesmo?

– O quê?

– Uma bebida a sério. Temos *whisky*?

De facto, têm. Kate serve-lhe um *whisky* e junta-lhe um daqueles cubos de gelo enormes e sofisticados que têm no frigorífico. Não acrescenta água.

– Mas não se lembra de me atacar? – questiona Kate depois de lhe passar o copo para as mãos.

Jake bebe, fecha os olhos e recosta-se na cadeira ao engolir o líquido.

– Não.

– Que conveniente – resmunga Kate entre dentes.

– Para ser sincero, Kate, julgo que realmente não se lembra. O meu pai diz que ela tem tendência para sofrer uma espécie de surtos psicóticos.

Kate sente-se maldisposta com a pressão de tudo aquilo. A ideia de o seu bebé estar tão longe, na barriga de uma mulher com um historial de transtornos psicóticos e bipolares, é quase insuportável. No entanto, conclui que não pode culpar Marisa pela doença mental

que tem. A única pessoa a quem atribui culpas é a si mesma, por ter desejado tanto um bebé que os conduziu a esta situação.

– Vai ficar tudo bem? – pergunta ela num murmúrio.

Jake dirige-se ao seu lado da mesa e abraça-a.

– Vai, meu amor. Vai ficar tudo bem. Já passámos a parte pior.

Kate encosta o rosto ao pescoço dele, grata pela ternura.

– Só temos de ultrapassar os próximos cinco meses da melhor forma que conseguirmos – continua ele, com o seu hálito a cheirar a *whisky*. – A minha mãe e o meu pai vão mantê-la debaixo de olho e nós poderemos visitá-la aos fins de semana. Temos de a manter afastada de situações tensas, o que significa que deve ficar longe desta casa e de nós durante o resto da gravidez.

– E ela concorda com essa solução?

Jake acena com a cabeça em sinal de confirmação.

– Foi-lhe explicado tudo. Ela compreende. Parece-me que não tem grande vontade de regressar. Há aqui demasiadas verdades desconfortáveis.

Kate ergue o rosto e desvia um fio de cabelo da testa. Sente a garganta seca.

– Tens razão. Preciso de ser forte.

– Precisamos os dois – declara Jake. – E podemos sê-lo porque nos temos um ao outro, não é?

No fim de semana, fazem a viagem de carro. É um estranho eco de quando Kate conheceu os pais de Jake. Mais uma vez, tem um cuidado desmesurado com as suas roupas, sem querer que se note que o teve. Mais uma vez, sente um nervosismo no peito que se esforça para ignorar e negar. Mais uma vez, ensaia as possíveis

conversas na sua mente. Contudo, desta vez, trata-se de conversas com Marisa, não com Annabelle e Chris.

Os pais de Jake têm estado em contacto regular desde que acolheram Marisa como inquilina oficiosa. Têm sido incondicionais no seu apoio. Annabelle não se queixou da situação uma única vez.

– Tem a certeza de que não nos estamos a impor? – perguntou-lhe Kate ao telefone algumas noites antes. – Lamento tanto que tenham de suportar este fardo.

– De todo. A Marisa agora não é um problema. Na verdade, até é bastante agradável.

– Ah, ainda bem – disse Kate, surpreendida. – Eu sei que teve algumas dúvidas em relação ao rumo da gestação de substituição, mas…

– O que quer que eu tenha sentido a esse respeito pertence ao passado – interrompeu-a Annabelle. – A família vem em primeiro lugar e é só isso que importa.

Kate ficou inquieta quando terminou a chamada. No entanto, atribuiu a inquietação ao facto de não estar habituada a que Annabelle fosse tão simpática e tentou encontrar conforto nesta nova faceta do caráter da mulher mais velha. Jake tinha-lhe dito que eles o queriam fazer.

– É o que tens de compreender acerca da minha mãe – dissera ele. – A família é tudo para ela. E agora vê-te como parte da família.

Kate não estava certa de que fosse esse o caso. Na sua opinião, Annabelle estava a fazer tudo aquilo por Jake, não por si. Porém, concluiu Kate, a motivação não importava desde que o resultado fosse o mesmo.

Na viagem de carro para o Condado de Gloucester, Kate e Jake não falam. Em vez disso, vão a ouvir o audiolivro de um novo

romance que foi pré-selecionado para um prestigiado prémio literário, embora Kate perca constantemente o fio da trama. Jake tira uma mão do volante e pousa-a na coxa dela. Kate concentra-se na mancha de campos e vedações que passa pela sua janela.

Quando chegam a casa dos pais de Jake, Annabelle abre a porta e dá-lhes um rápido abraço. O conjunto de roupa que traz consiste numa blusa de linho larga, calças justas de veludo preto com tiras laterais que dão a volta a cada pé e sabrinas acolchoadas. Pequenos brincos de ouro e rubi. Como sempre, a sua maquilhagem é impecável.

– Está fantástica – afirma Kate, de modo caloroso. Tem noção de que se trata de uma tentativa de agradar porque está agora em dívida para com Annabelle e essa dívida nunca será completamente paga.

– Oh – diz Annabelle. – A sério? Obrigada.

Não há elogios recíprocos. A Annabelle que Kate viu no patamar da sua casa duas semanas antes, aquela mulher despida da sua armadura habitual, pálida e preocupada com os dois, que se mostrou simultaneamente capaz e compassiva, desapareceu.

– Jakey, pareces cansado, querido – declara Annabelle, conduzindo-os até à cozinha, onde a mesa foi posta com o conjunto de loiça «casual» e guardanapos de papel com padrões.

– Estou bem, mãe. Como está ela?

Annabelle inclina-se sob o fogão *Aga*, abrindo as mãos sobre a grelha prateada.

– A Marisa?

Quem mais?, pensa Kate.

– Está muito bem. – Há uma inesperada suavidade na voz de Annabelle. – Na verdade, tem-se comportado otimamente.

– Que alívio – diz Kate. – Podemos vê-la?

Não sabe ao certo o motivo por que fez esta pergunta. Afinal de contas, vieram ali para isso mesmo. Annabelle, porém, parece ofendida, como se esperasse um preâmbulo maior, alguns preliminares antes do ato propriamente dito.

– Claro – responde ela, de forma sucinta. – Eu esperaria alguns minutos. O Chris está a tratar dela agora. Que tal – Annabelle olha para os dois com vivacidade – umas bebidas?

Faz para cada um deles um *gin* tónico, com menos quantidade de *gin* para Jake, que tem de a lembrar de que vai conduzir.

– Oh, não precisarás de te preocupar com isso assim que almoçares – diz Annabelle com descontração.

Sentam-se no assento em forma de L junto à janela, com as almofadas de chita que têm um padrão igual ao que domina a sala de estar. Kate bebe o *gin*, frustrada com esta charada social. Na realidade, suspeita que Annabelle está a gostar bastante do seu papel de guardiã.

No momento certo, Jake lança-se num pequeno discurso sobre a gratidão de ambos e sobre como não se teriam conseguido orientar sem ela. Annabelle finge que não precisa de ouvir tais agradecimentos, mas permite que Jake continue a falar e Kate vê que ela fica cada vez mais rosada e satisfeita, inchada como uma larva perante todos os elogios.

Quando Jake chega ao fim do seu encómio improvisado, há um silêncio significativo. Kate acaba de tragar o que resta do seu *gin* quando se apercebe de que é suposto que fale. Annabelle está a olhar para ela, com as pernas cruzadas e as sobrancelhas ligeiramente arqueadas.

– Sim… quero só, hum, subscrever tudo isto. Estamos tão, tão gratos, Annabelle. A ambos. Obrigada.

Annabelle baixa a cabeça, como que aceitando graciosamente uma distinção.

– Por favor – diz ela. – Estarei sempre aqui para vocês, como sabem. Mas é bom ouvir todas essas coisas. Ultrapassaremos esta fase. Garantiremos que terão o vosso bebé, é isso o mais importante.

Kate morde a língua. Olha de relance para Jake, que está sentado ao lado da mãe, e fica com a sensação desconcertante de que foi alvo de conversas privadas nas suas costas.

Nesse momento, Chris entra na cozinha pelas portas envidraçadas.

– Olá, olá – saúda ele, ligeiramente inclinado para a frente, o que faz com que Kate lhe consiga ver a zona sem cabelo na parte de cima da cabeça.

– Sapatos! – diz Annabelle, e Chris desaperta obsequiosamente os atacadores dos sapatos e deixa-os num dos lados do capacho para não espalhar lama pelos ladrilhos.

Chris beija Kate no rosto e aperta a mão de Jake.

– Ela está a sair-se muito bem. Disse-lhe que vocês estão cá e espera poder ver-vos. Em particular a Kate.

Chris sorri para Kate, com o seu rosto benigno e os seus modos tão gentis e calmos como sempre.

– Obrigada – diz ela, perguntando-se se alguma vez será capaz de parar de dirigir esta palavra, vezes sem conta, aos pais de Jake.

– Não precisa de me agradecer. É o que os médicos fazem, não é verdade?

Kate começa a chorar. Não pretendia que tal acontecesse, mas não o consegue evitar. Jake põe o braço à volta dela, mas é Chris quem avança e lhe dá um lenço de tecido que tirou do bolso das

calças. Apesar de estar amarrotado, encontra-se limpo, e ela pressiona-o contra o rosto.

– Então, então – diz Chris. – Não há necessidade de chorar. Está tudo controlado.

– Foi um choque terrível – comenta Annabelle para ninguém em particular, antes de se levantar para verificar a lasanha borbulhante que está a cozinhar no forno do *Aga*.

Kate devolve o lenço.

– Estás bem? – pergunta Jake. – Respira fundo.

Não sou uma criança, quer responder ela, mas não o faz.

– Vamos ver a Marisa – diz Kate.

Jake levanta-se e ajuda-a a erguer-se do assento à janela.

– Não demorem muito – pede Annabelle. – Senão a lasanha arrefece.

A casa de hóspedes é uma dependência térrea, convertida a partir de um conjunto de estábulos. Para lá chegarem, passaram pelos arcos de cróquete enferrujados e pelo comedouro torto para pássaros. As janelas da habitação são pequenas e pouco proporcionais, tendo peitoris salpicados de musgo. Na parte de fora da porta de entrada, há um vaso de gerânios não tratados com os caules demasiado grandes e dispersos. O ar é húmido e opressivo. Este lado do jardim parece mais escuro e, quando olha para cima, Kate vê os troncos de uma árvore enorme e ampla recortados contra o céu branco da tarde.

Jake bate à porta.

– Entrem – diz Marisa, com a voz abafada.

Quando entram, vêm-na sentada numa poltrona perto de um forno a lenha por acender. Marisa segura com cuidado a barriga, mais

pronunciada do que há duas semanas. O cabelo loiro cai-lhe em mechas sobre os ombros, escondendo parcialmente o seu rosto. Veste uma camisa creme e calças de linho brancas. Kate percebe que estas roupas não são suas, que lhe foram emprestadas por Annabelle.

Quando Marisa se vira para eles, sorri-lhes de uma forma que Kate apenas consegue descrever mentalmente como sendo beatífica. A dor e a raiva que existiam nela desapareceram e foram substituídas por uma serenidade sem rugas. Não há círculos escuros sob os seus olhos. O rosto de Marisa perdeu a sua aparência atormentada e as bochechas ficaram cheias. A leiteira de Thomas Hardy está de volta em toda a sua plenitude, pensa Marisa. E, embora devesse ficar aliviada, fica também desconfiada da rapidez de tal transformação. A esta luz, Marisa parece um pouco irreal, como se fosse habitada por outra pessoa.

– Marisa – diz Jake. – Tens um ótimo aspeto.

Marisa ergue-se da poltrona e aproxima-se deles. Continua a ter o mesmo andar: desajeitado, como se tivesse acabado de desmontar de um cavalo. Abre muito os braços e, antes de Kate conseguir perceber o que está prestes a acontecer, abraça-a. Kate sente a rigidez da barriga grávida da outra mulher e o cheiro a lúcia-lima que lhe vem do cabelo recentemente lavado.

– Kate – começa Marisa, quando ela se afasta do abraço. – Lamento muito, mesmo muito. Será que alguma vez me conseguirás perdoar?

– Claro – responde Kate, lembrando-se de quando Annabelle lhe fizera esta mesma pergunta no seu almoço de aniversário no The Wolseley. Era deveras curioso perceber que ambas tinham usado

exatamente a mesma frase. – Não há problema, Marisa, desde que tu e o bebé estejam em segurança.

– Sim, estamos – afirma Marisa, ainda a sorrir, embora pareça não conseguir olhar diretamente para Kate. – Estou *muito* melhor agora. Graças ao Chris e à Annabelle. E a vocês.

– Ficamos bastante contentes por ouvir isso – declara Jake. – De facto, pareces estar muito melhor do que na última vez que te vi.

– Oh – diz Marisa, mordendo a ponta da unha. – Desculpem. Devo ter ficado num estado completamente alterado.

É uma forma de descrever a situação, pensa Kate.

– Não, não – contrapõe Jake, afastando aquela ideia. Uma vermelhidão sobe-lhe pela nuca.

– Entrem, por favor – diz Marisa, encaminhando-os para o sofá.

Marisa pergunta então a Jake como foi a viagem e ele entra em detalhes desnecessários sobre o caminho que fizeram e porquê. Kate não tem a certeza do que esperava, mas definitivamente não contava com isto. Sabia que Marisa estava mais calma, mesmo assim pensou que a iria encontrar mais desgrenhada e fraca, talvez ainda na cama a recuperar do seu colapso. Vê-la a desempenhar o papel de anfitriã, interagindo com eles como se esta fosse uma situação normal, é sinistro. A forma como Marisa fala parece falsa, como se tivesse sido programada por uma mão desconhecida.

– Kate, posso fazer-te um chá? – pergunta Marisa.

– Não. Não, obrigada. Estou bem assim.

– Eu queria dizer… bom, na verdade, queria explicar – diz Marisa, remexendo nos cantos de uma almofada azul com padrões na poltrona –, que aquilo que testemunharam está em completa contradição com aquilo que sou. Não quis que soubessem da minha história de saúde mental por razões óbvias. Pensei que os afastaria.

– Sim, pois. Seria isso que teria acontecido – diz Kate. Está frustrada e sente a tensão crescer dentro de si. Apercebe-se agora de que queria uma espécie de confronto, um desenlace tão dramático quanto o acontecimento, e é algo que lhe está a ser negado.

Jake pousa a mão na de Kate, um gesto que esta interpreta como um aviso para se acalmar. *Como é que ele se atreve?*, pensa Kate, e recolhe a mão. Não lhe aconteceu a ele, pois não? Foi a si que Marisa escolheu como alvo, pelo que certamente tem o direito de escolher como reagir.

– Consigo compreender isso – diz Marisa, olhando vagamente para Kate. – Foi por esse motivo que também não contei à agência de gestação de substituição. Pensei que tinha tudo controlado, e tinha de facto. Mas gostava tanto de vocês, amava-os mesmo, e estavam a fazer tanto por mim, convidaram-me para ir viver convosco e tudo, e eu só queria que fosse tudo perfeito para vocês e estava a sentir-me muito melhor, muito mais eu própria, e senti que parar de tomar a medicação seria benéfico para a gravidez. Pensei que não haveria problema. A sério que pensei. Estava bem já há tanto tempo…

– Não foi essa a ideia que a Jas fez passar – diz Kate.

Marisa olha para ela, mas qualquer surpresa que possa sentir perante esta revelação parece levar demasiado tempo a alcançá-la.

– Oh, conheceram a Jas? – Sorri de novo e o sorriso, como tudo o resto em si, parece ligeiramente desfasado. – É uma pessoa extraordinária, não é? Mas tem os seus próprios problemas. O que ela diz não deveria ser interpretado à letra.

Jake aclara a garganta. Está zangado com Kate, ela consegue percebê-lo. Tinham concordado que o aspeto principal era manter Marisa calma, não tentar contradizê-la ou fazê-la sentir-se mal. A

prioridade era o bebé, argumentara Jake, não a extração da necessária penitência. Teriam de abdicar disso.

– Seja como for, não vale a pena remexer no passado – diz ele agora. – O mais importante é que estás fora de perigo e voltaste à tua medicação e que nós estamos muito contentes por seres capaz de descansar aqui enquanto levas a gravidez do nosso filho até ao fim.

– Sim – reforça Kate. – Exatamente.

– *Estás* feliz aqui, certo? – Jake olha para Marisa e o rosto dele apresenta uma expressão tão sincera que Kate só consegue ficar maravilhada por ele desempenhar tão bem o seu papel.

– Oh, sim, estou – responde Marisa, esfregando a barriga num movimento circular. – E o bebé também, consigo senti-lo.

– E estás a comer bem e a tomar os suplementos necessários? – pergunta Kate.

Marisa assente com a cabeça.

– Prometo que o vosso bebé ficará em s-s-segurança comigo, Kate – diz ela, gaguejando de uma forma que Kate nunca ouvira. – Irei fazer todas as ecografias ao hospital local. O Chris já tratou disso. E, claro, serão sempre bem-vindos aqui. Em qualquer altura.

– Obrigado, Marisa – agradece Jake, curvando ligeiramente a cabeça de modo obsequioso.

Kate retorce as mãos dentro dos bolsos das calças de ganga e puxa as costuras. O descaramento da mulher, a convidar Jake para a casa da família dele! Kate levanta-se abruptamente. Marisa, com os olhos esbugalhados, fixa-se nela.

– É melhor irmos embora, Jake. A tua mãe não quer que a lasanha arrefeça.

Encaminham-se então para a porta e Jake, sempre educado, pede a Marisa para não se levantar. Perante o pedido, permanece sentada,

diz-lhes que se irão ver em breve e depois volta a baixar a cabeça, deixando o cabelo cair sobre um dos lados do rosto. Espera docilmente que eles fechem a porta da rua ao saírem. Kate e Jake voltam à casa principal, apanhando na brisa o cheiro de lasanha acabada de fazer.

29

Nas semanas seguintes, Kate tenta, tanto quanto possível, ignorar o seu crescente mal-estar. Arruma o resto do quarto de Marisa e repinta-o, depois de ir à loja de *bricolage* mais próxima comprar tabuleiros de pintura e pincéis. Veste umas velhas calças de malha justas e uma *T-shirt* barata e trata de tudo num único fim de semana, protegendo o rodapé com fita, cobrindo o chão com folhas de jornal e usando pincéis com espessuras diferentes nas zonas delicadas junto aos interruptores e ao conjunto de prateleiras. Ouve *podcasts* à medida que trabalha – entrevistas a mães e bebés com *bloggers* transformados em autores, que falam sobre estimulação criativa e atividades em casa. Tenta não pensar no olhar vazio de Marisa, no desprendimento que notou quando a viram. Quando o quarto fica concluído, cheira a fresco e a novo e parece mais luminoso do que antes, e Kate sente-se mais calma por ter feito algo tangível. As pinturas ajudaram-na a apagar as memórias da Marisa do passado e a concentrar-se naquela com quem agora falavam por telefone de dois em dois dias, dizendo-lhes todas as coisas certas sobre alimentação saudável, comentando que Annabelle lhe dera espinafres colhidos na horta e afirmando que estava bem, pelo que não precisavam de se preocupar com ela.

Jake fica aliviado. Kate sente-se desassossegada pela rapidez da mudança, mas tenta convencer-se de que está a proceder a uma análise demasiado rígida. Na verdade, admira a capacidade que Jake tem de compartimentar as coisas. Ele é capaz de seguir em frente, fechando a tampa da sujidade do passado recente para se focar quase por inteiro no futuro e na chegada do bebé que há tanto tempo

desejam. Por vezes, Kate questiona-se: o que mais seria ele capaz de pôr de parte desta maneira?

Quanto mais Kate pensa nisso, mais uma distância não reconhecida cresce entre ambos. Passam assim um mês, depois dois. O tempo assume um caráter elástico, viscoso, e as estações fundem-se numa única. Kate esquece-se de olhar para o relógio e vai para a cama mais cedo, acordando quando o dia nasce, em vez de continuar a dormir. Vai para o trabalho mais cedo do que qualquer outra pessoa no escritório e elabora comunicados de imprensa e organiza sessões de visionamento semanas antes do prazo previsto. Numa viagem promocional, senta-se no dia da entrevista com a estrela do filme e fica a olhar pela janela, questionando-se sobre que tipo de mãe será e se será capaz de suportar as noites sem dormir e as infindáveis cargas de roupa para lavar. Amá-la-á o seu bebé tanto quanto ela o amará a ele? O facto de se tornarem pais poderá gerar uma distância ainda maior entre ela e Jake? Como saberá ela o que fazer? E se não conseguir acalmar os choros do bebé? E se, bem lá no fundo, o bebé souber que Kate não é a sua mãe verdadeira?

Kate deixa a entrevista correr e um colega tem de bater à porta para dizer ao jornalista que o tempo de que dispunha terminou. Kate pede desculpa ao ator, um homem com mais de cinquenta anos e cabelo mosqueado de grisalho, que ainda consegue papéis de herói em filmes de ação que seriam negados às atrizes da sua idade.

– Não permita que aconteça outra vez – diz o ator, com um tom de razoabilidade forçada.

No passado, Kate teria ficado mortificada. Agora, já não se interessa. Tudo o que não esteja relacionado com o bebé parece-lhe trivial.

Kate e Jake fazem visitas regulares ao Condado de Gloucester, onde ao almoço com os pais de Jake se segue uma tarde passada na casa de hóspedes com Marisa. Vão às ecografias e aos exames de rotina no hospital local com a assistência de Chris. Descobrem que estão à espera de um menino, algo que faz Jake chorar e Kate rir de alegria com o caráter real de tudo aquilo. Numa ocasião, trazem Marisa com eles de volta a Londres para uma consulta com o doutor Abadi, mas Kate passa a viagem inteira com receio de que Marisa se possa atirar para fora do carro. O doutor Abadi, bem-humorado como sempre, mostra-se satisfeito com o progresso da gravidez. Quando lhes pergunta se têm alguma preocupação, ou algo que lhe queiram contar que possa ter acontecido desde a última consulta, os três abanam a cabeça e não conseguem olhar uns para os outros. Regressam de carro ao Condado de Gloucester na mesma noite e Kate fica aliviada quando devolve Marisa aos cuidados dos pais de Jake. Sente-se mal com essa sensação, pois é como se lhe faltasse um qualquer espírito maternal que a devia fazer querer estar perto do seu bebé em todas as alturas, e receia que tal signifique que não criará um vínculo afetivo com a criança quando ela nascer. Este é outro aspeto sobre o qual tenta não pensar: o facto de o seu filho não partilhar consigo uma ligação genética. «O seu bebé é o seu bebé assim que lhe pegar ao colo», repetem os fóruns da internet. E, ainda assim, Kate não consegue afastar o receio de o filho poder herdar a doença mental de Marisa. Tudo parece bastante frágil, como se lhe pudesse ser retirado num instante – porque quase foi.

– Preocupas-te demasiado – declara Jake quando tenta falar com ele sobre o assunto. – Vai ficar tudo bem. O melhor que podes fazer agora é descontrair e tratar de dormir muito antes de o bebé nascer.

Não é tanto que ele seja propriamente depreciativo, mas mais o facto de, na ânsia de a apaziguar e de insistir na certeza de que tudo irá ficar bem, Kate sentir que os seus receios estão a ser mantidos à margem com o estigma de serem desnecessários ou exagerados. Estará ela a ser histérica ou será Jake que a faz sentir assim? Kate já não tem a certeza. Perdeu a fé na sua própria capacidade de ajuizar. A dependência conjunta que têm de Annabelle e Chris também significa que se sente numericamente superada em três para um. Eles são a família. Ela está do lado de fora.

Como que para compor o sentimento de exclusão, Annabelle telefona uma noite e dá-lhes notícias inesperadas. Kate põe-se à escuta enquanto Jake murmura coisas como «não, não, eu compreendo» e «sim, claro». Quando Kate pede para falar ela própria com Annabelle, Jake abana a cabeça em silêncio e sai para o jardim, pressionando o telemóvel contra a orelha e ocultando a boca com a mão em concha, pelo que não consegue sequer distinguir as palavras formadas pelos lábios dele.

Quando Jake volta para dentro, conta-lhe que Annabelle sente que Marisa está «agitada».

– Aparentemente, começou a perceber a magnitude de tudo, ou seja, daquilo que fez – explica. – E sente-se tão culpada que manifesta a toda a hora a obrigação de pedir desculpa quando nos vê. Em particular a ti.

– Certo.

– Portanto, a minha mãe pensa que seria melhor diminuirmos as visitas. Espaçá-las um pouco mais.

– OK.

Kate não se alonga, estando um pouco zangada com mais uma interferência de Annabelle em assuntos que não lhe dizem respeito.

– Honestamente, não acho que a minha mãe se esteja a intrometer – diz Jake, como se tivesse lido os seus pensamentos. – Parece-me que, à medida que vai recuperando, a Marisa também vai ficando mais consciente daquilo por que nos fez passar e sente-se… um pouco… envergonhada, não?

Kate rói o espigão de uma unha. Tinha vindo a separar-se da cutícula há dias e a dor é simultaneamente aguda e precisa.

– Certo – diz de novo.

– Quando muito, é um *bom* sinal – insiste Jake. – Revela que está a ficar melhor. Podemo-nos preocupar menos. E aquelas viagens ao Condado de Gloucester são esgotantes.

– Isso é verdade.

– Portanto, só temos de passar a ir lá menos vezes.

Kate aceita a sugestão. Tem de confiar em Annabelle, por mais que tal pareça ir contra a sua inclinação natural. E, segundo conclui, continuará a poder ligar a Marisa sempre que quiser. O problema é que Marisa raramente atende, e, quando Kate uma vez lhe perguntou porquê, ela disse que a rede era terrível e que, com frequência, não ouvia o telefone a tocar. Kate não a quer pressionar. Neste momento, não quer pressionar ninguém a respeito de nada. Um passo em falso e todo o edifício ruiria.

E então Jake sugere uma pausa numa estância termal.

– Uma pausa numa *estância termal*?

– Sim, porque não? – Jake olha para ela com a testa enrugada.

– Desculpa, é uma ótima ideia. Fui só apanhada de surpresa, tendo em conta… tudo.

Kate detém-se para não transmitir o que realmente pensa. As estâncias termais e a água com infusão de pepino pertencem a um mundo do passado. Não tem vontade de ir, quer ela dizer. Trata-se de

um tipo de coisa que os casais com espírito romântico e leve fazem no primeiro arrebatamento de uma relação, não algo recomendável a um casal que tenta lidar com o facto de a sua barriga de aluguer ter problemas mentais graves.

– É exatamente por isso que devemos ir – afirma ele. – Eu tratarei do que for preciso. Algum tempo fora será bom para nós antes de o nosso bebé nascer. Quem sabe quando teremos uma nova oportunidade depois de ele chegar?

– Tens razão – responde Kate, deixando-se convencer.

Jake faz a reserva numa estância termal a uma hora de carro de Londres. A estância encontra-se a promover um pacote de fim de semana que inclui aquilo que o *website* descreve como sendo «dois mini-tratamentos» – limpeza de pele e massagens de vinte e cinco minutos cada. Tudo o resto é «extra».

– E alimentam-nos? – pergunta Kate, apenas meio a brincar. – Ou é também um extra?

– Todas as refeições estão incluídas – responde Jake, sem tirar os olhos da luz forte e vacilante do ecrã do computador. – Têm opções veganas e macrobióticas.

– Não têm álcool, suponho. Talvez devêssemos levar o nosso.

– Ah!

Jake faz duplo clique na opção do quarto de casal superior e depois insere a informação do seu cartão de crédito.

«Parabéns!», aparece subitamente no ecrã. «Teremos todo o gosto em acolher a vossa estadia na Charlton Manor.»

– Um tipo de letra horrível – diz Kate, salientando o aspeto caligráfico demasiado adornado.

Jake é um fanático dos tipos de letra.

– A pior de todas – diz ele, e ri-se.

Charlton Manor situa-se na margem de um grande lago e, quando eles entram no parque de estacionamento, um movimento repentino chama a atenção de Kate, levando-a a virar-se mesmo a tempo de ver uma garça afastar-se de um canavial com um súbito sobressalto de asas e bico, os seus contornos castanhos acinzentados recortados contra o céu empoeirado.

Kate lembra-se de um desenho pendurado na parede do consultório do doutor Abadi, com os cantos do papel deformados por quatro pequenas protuberâncias de massa adesiva. O desenho representava uma cegonha que voava com um bebé enfiado num lenço às bolinhas atado à volta do seu bico. As linhas eram firmes, pretas e adultas, mas tinha sido claramente pintado por uma criança com rabiscos de lápis amarelos, vermelhos e azuis. «A família Traynor agradece-lhe», estava escrito na parte de baixo em letras maiúsculas.

O desenho permanecera na memória de Kate, que mais tarde pesquisou o significado das cegonhas enquanto anunciadoras do nascimento. Encontrou então um mito grego antigo que envolvia a deusa Hera. Ao sentir cada vez mais ciúmes de uma bela rainha, Hera transformou-a num grou. Desolada, a rainha procurou reaver o seu filho das garras de Hera, razão pela qual os gregos representam a ave com um bebé pendendo do seu bico. Posteriormente, ao recontarem esta história, os seus narradores identificaram, por engano, a ave como sendo uma cegonha. Na mitologia egípcia, como Kate ficou a saber, as cegonhas tinham sido associadas ao nascimento do mundo, mas também aqui havia um erro: na lenda original, a ave em questão era uma garça.

Cegonhas, grous e garças. Kate prepara-se para dizer algo sobre isto a Jake, mas acaba por não o fazer. Decide que, neste fim de

semana, evitará falar sobre qualquer tópico que esteja relacionado com o bebé.

O átrio da estância termal é um hino à imitação do mármore bege, tendo todas as superfícies um brilho artificial e veios rosados. Um homem de uniforme cuja placa identificativa informa que se chama «Jamaar» aponta a matrícula do carro deles e pergunta-lhes se querem um jornal diário. Oferecem-lhes um sumo desintoxicante feito de cenoura, laranja e gengibre que, quando Kate o experimenta, parece efervescer na sua boca com um toque fermentado.

– Muito bom – diz ela, estremecendo.

O quarto deles está gelado por causa do ar condicionado. Tem vista para o pátio interno, em vez de para o lago, e não há biscoitos no tabuleiro do chá, apenas saquetas de chá de ervas. A cama de casal está repleta de almofadas, sobrepostas numa pirâmide em ordem decrescente de tamanhos. A casa de banho é pequena, não tem janelas e atrás da porta há dois indispensáveis roupões fofos e brancos, cada um deles com as iniciais CM bordadas no mesmo tipo de letra caligráfica do *website*. Em vez de pantufas, são-lhes disponibilizados uns chinelos de plástico frios e que pesam nos pés de Kate.

– Vamos à sauna? – pergunta Jake.

– Vamos.

Kate preferia ficar no quarto, deitada na cama a ver televisão, com Jake a abraçá-la e a ser afetuoso, mas acaba por vestir o seu fato de banho sem protestar. O fato de banho é antigo, comprado a baixo preço na internet alguns verões antes. Tem riscas vermelhas e brancas, com o material a ganhar borbotos nas costuras. É um fato de banho que ela usa por motivos práticos e não estéticos, porém agora arrepende-se de o ter trazido, desejando ter escolhido, em vez

dele, algo que Jake considerasse mais apelativo. Kate não costuma pensar desta forma. Fora sempre claro para ela que Jake a considerava atraente. Embora prestasse atenção às roupas de Kate e gostasse do seu estilo, elogiava-a quando ela menos esperava: ao sair do chuveiro de manhã ou no regresso a casa vinda do ginásio com o cabelo compacto devido ao suor. No entanto, Kate não se consegue lembrar da última vez que ele reparou na sua aparência física.

Sentam-se ambos na sauna e começam a transpirar. Kate sente o formigueiro do calor na pele e pensa que provavelmente este é o tipo de coisa que não poderão fazer quando tiverem um bebé, pelo menos durante alguns anos. Um homem mais velho está com eles na sauna – em tronco nu, flácido, com pedaços de pele sobrepostos como uma qualquer curiosidade geológica. Kate sempre considerou estranho o facto de a maioria dos britânicos se sentir desconfortável em estabelecer contacto visual nos transportes públicos e, ainda assim, mostrar grande disponibilidade para ficar seminua e sentar-se num espaço confinado e abafado a transpirar com estranhos. O homem ergue-se e os seus ossos estalam quando o faz. Abre a porta e uma agradável corrente de ar fresco percorre o rosto avermelhado de Kate.

Sem perguntar, Jake pega na concha e despeja mais água sobre as pedras.

– Estás bem? – pergunta-lhe Kate ao fim de algum tempo.

– Sim, claro – responde ele demasiado depressa. – Porquê?

– Ah, por nada. Parece que estás preocupado com alguma coisa.

Jake olha então para ela e os cantos dos seus olhos ficam vincados de uma forma familiar.

– Desculpa, não. Não se passa nada. Estou só um pouco… distraído.

Kate estende o braço para lhe massajar a nuca.

– É compreensível. Eu também estou. Mas está tudo controlado. A Marisa está bem.

– Sim, não há dúvida de que parece melhor – declara Jake. – As bochechas dela estão mais rosadas.

– O quê?

Jake olha-a de relance.

– Queria dizer… no FaceTime.

– Não sabia que andavas a falar com ela no FaceTime sem mim.

– Não, não. – Jake abana a cabeça. – Falei no FaceTime com a minha mãe e a Marisa estava lá.

– Ah. – Kate recolhe a mão e pousa-a no colo. – A Annabelle sabe usar o FaceTime? Isso é uma novidade.

Kate tinha perdido a conta ao número de vezes em que Annabelle se lançara em divagações sobre os malefícios da tecnologia moderna e da incompreensibilidade dos novos modos de comunicação.

– O que há de errado com um bom telefonema à moda antiga? – perguntara em tempos Annabelle, sobranceira. – Ou, já agora, uma carta escrita à mão?

E Kate fizera uma nota mental para lhe enviar sempre um cartão de agradecimento depois de cada visita. No entanto, agora volta a questionar-se sobre como conseguirá agradecer adequadamente a Annabelle por esta última intervenção, tendo em conta a magnitude do favor. Um bonito cartão com uma moldura florida não será suficiente.

– É verdade. Acho que a Marisa lhe mostrou como se fazia.

A porta da sauna abre-se de novo e duas mulheres com madeixas loiras entram aos risinhos e põem-se à vontade nos seus biquínis pretos a condizer. São altas e angulares, com peito liso e cintura estreita, e têm membros longos e esguios como as modelos. Kate fica inibida na presença delas e puxa um pouco a toalha para cobrir a barriga. Mas, pensa, Marisa é um caso perdido naquele tipo de coisas. O telefone dela precisa de ser atualizado desde que a conhecem. Olha de relance para Jake e repara que o rosto dele se fechou de novo, como persianas a descerem sob o toldo de uma loja. O calor da sauna continua a aumentar.

Nessa noite, Kate dorme bem pela primeira vez em meses. O quarto está silencioso e, tendo eles percebido como se desligava o ar condicionado, mantém-se a temperatura ambiente. De manhã, quando Kate se vira de lado para encarar Jake, ele sorri-lhe.

– Olá. – Jake pousa a mão na face dela. – Dormiste bem?

– Hmm… Muito bem.

– Foi porque transpirámos toda a nossa tensão.

– Se for realmente essa a razão, então devemos com toda a certeza instalar uma sauna em casa.

Jake sorri de modo aberto.

– Construirmos um anexo na cave como todas as pessoas da nossa rua, é isso que queres dizer?

A quantidade de obras em casa que os seus vizinhos levavam a cabo tinha sido uma fonte de diversão mútua. Kate brincara com a situação ao afirmar que ter um pré-fabricado *Portakabin* em frente à entrada de casa era o novo símbolo de estatuto.

– Grande ideia. Meses de obras desgastantes para construir uma sauna relaxante que poderá então aliviar a tensão que não tínhamos.

Jake beija-a, abraça-a e deixa as mãos deslizarem pelas costas dela. O sexo é suave, rápido e descomplicado. Depois ele levanta-se para encher a chaleira na torneira da casa de banho e liga-a.

– Chá de ervas? – pergunta Jake, enquanto Kate se apoia contra as almofadas. – Ou preferes um chá de ervas?

– Hum, deixa-me pensar. Quero um chá de ervas, por favor. Mas só se for realmente fraco e não souber a nada.

Kate observa-o a andar despido de um lado para o outro no quarto, só com aqueles chinelos ridículos que calçou para não sentir o frio do chão, e fica maravilhada com tal desinibição. Jake tem um belo corpo: alto e largo, com um traseiro pronunciado e meros vestígios de uma barriga masculina com mais de trinta anos, mas nestes momentos parece ignorar o seu físico de uma forma que uma mulher nunca ignoraria. Uma mulher, pensa Kate, ficaria preocupada com a barriga flácida ou com as ancas largas ou com o facto de ter os seios mais descaídos do que gostaria e assumiria que estava a ser monitorizada pelos olhos masculinos no quarto. Pelo contrário, Jake trata o seu corpo como pertença sua, habitando-o confiantemente.

O telefone de Jake apita e este pega nele, desprendendo-o do carregador preto lustroso sobre a mesa de cabeceira. É instantaneamente absorvido pelo ecrã e não repara na chaleira a ferver. Kate veste o roupão e acaba de fazer o chá. Passa-lhe uma chávena, que ele aceita sem levantar a cabeça.

– O que se passa?

– Oh, desculpa, obrigado – agradece ele, bebendo o chá. – É… chato… é uma coisa do trabalho.

Jake escreve rapidamente no telefone com os polegares e, quando envia a mensagem, o telefone emite um efeito sonoro de movimento rápido, permitindo-lhe regressar ao quarto e a ela.

– Kate, lamento muito, mas… – instintivamente ela teme o pior e sente um peso no estômago – há um problema no trabalho. Este negócio que estamos a fazer com a companhia petrolífera…

Ah, é só isso, pensa, aliviada. E assente como se soubesse do que ele está a falar. Kate tem a certeza de que Jake lhe terá contado, mas nunca presta grande atenção quando fala do trabalho porque muitos daqueles pormenores técnicos passam-lhe ao lado. É tão distante da sua própria existência que ela sente que não conseguirá entender ou acrescentar algo de útil à conversa. Além disso, Jake tem sempre problemas no trabalho e, portanto, não deve ser nada de preocupante. É só mais do mesmo.

–… e eu tenho de regressar a Londres para ir ao escritório – conclui ele, e Kate apercebe-se de que ficou de novo ausente sem intenção. É como pedirmos indicações a alguém e não nos focarmos na resposta e depois ficarmos demasiado envergonhados para pedirmos outra vez.

– Claro – diz ela. – Eu compreendo.

Jake leva a mão de Kate à boca e beija-lhe os nós dos dedos.

– Obrigado. Mas fico triste por isto ter arruinado a nossa pausa.

– Não arruinou! Seja como for, há um limite para a transpiração que se pode libertar durante um fim de semana. Não há problema, estou preparada para irmos embora.

– Não, não. Não tens de vir comigo. Fica aqui e aproveita. Temos o quarto reservado por mais uma noite.

Jake está já a reunir os seus pertences espalhados pelo quarto, a enrolar *T-shirts* e as calças do pijama na mala de executivo que ela lhe ofereceu num Natal.

– E como fazemos com o carro?

– Eu levo-o, trato deste assunto e volto para te vir buscar no domingo – afirma Jake. – Podemos parar num *pub* algures pelo caminho para almoçar quando regressarmos a Londres. E assim ingeres algumas calorias depois desta privação forçada.

Kate recosta-se nas almofadas. Na verdade, a sugestão parece tentadora.

– Mas é uma maçada para ti – diz ela de forma indecisa.

– Não é. Ficaria a sentir-me melhor se soubesse que tu estavas aqui a aproveitar a estadia.

Jake desaparece para a casa de banho e Kate ouve-o a guardar o creme de barbear e a loção facial no estojo de higiene dele.

– Não aproveitarei muito sem ti.

– Disparate – declara Jake, voltando à cama e encostando o nariz ao pescoço dela. – Bem vi como olhaste ontem para aquele homem na sauna. Despiste-o com os olhos.

– O homem já estava despido!

– Ah! – brinca ele, agitando o dedo como Columbo. – Então admites.

Kate começa a rir e envolve-lhe o pescoço com os braços, aproximando-o. É provável que Jake tenha razão: ficar ali mais algum tempo sozinha permitir-lhe-á relaxar devidamente. Além disso, tem a limpeza de pele agendada para as três da tarde.

– Está bem – concorda ela. – Fica combinado.

Jake parte meia hora depois, prometendo que lhe ligará, e ela diz-lhe alegremente adeus com a mão, antes de se estender no colchão de casal e voltar a adormecer.

Dorme mais duas horas e, quando acorda, fica chocada com o tempo que passou. Tem sido difícil descansar o mínimo que seja nos últimos meses. Independentemente da hora do dia ou do sítio onde

se encontra, os seus pensamentos vagueiam sempre na direção de Marisa e do bebé. Há três semanas que não têm uma nova viagem planeada ao Condado de Gloucester.

Kate ajusta bem o roupão ao corpo. Uma das coisas boas desta estância termal é o facto de não termos de nos vestir: podemos simplesmente andar de roupão de um lado para o outro. A sala de refeições, quando lá chega, está cheia de hóspedes com roupões idênticos que se amontoam junto ao bufê do *brunch* com o cabelo penteado para trás e expressões aturdidas, como se fossem membros do mesmo culto peculiar.

Kate come uma taça de uma mistura viscosa de flocos de cereais e frutos secos *Bircher*, acompanhada pelo obrigatório café descafeinado, e depois procura um lugar tranquilo para ler o jornal. Tem o telefone em modo de avião no bolso do roupão. A estância termal desencoraja a utilização de telemóveis nas áreas comuns, por isso esgueira-se até à casa de banho para o verificar às escondidas, esperando encontrar uma mensagem de Jake a informar que chegou em segurança ao escritório. Não há nada. Talvez a receção esteja apenas a demorar algum tempo, pensa ela, e volta a enfiar o telefone no bolso.

De seguida, Kate vai para o seu tratamento de pele, onde lhe pedem para preencher um longo e pormenorizado formulário sobre o seu historial médico. Nele, no final de uma série de perguntas sobre pressão arterial e doenças de pele, encontra-se aquela inevitável: «Está ou há alguma hipótese de estar grávida?» Kate assinala a caixa correspondente ao «não» e resiste à tentação de escrever «… mas é uma longa história». A terapeuta que a recebe chama-se Kasia, uma mulher com olhos de um castanho suave, elegante e muito pequena, que veste um uniforme preto com gola Nehru. Kate é

conduzida por um longo corredor e levada para uma sala de tratamento, onde toca uma música de flauta de Pã e o ar tem um leve aroma a ervas e citrinos. Kasia sai da sala para que Kate se possa pôr confortável e esta, ao deitar-se de costas na marquesa, repara que as toalhas são aquecidas. Kate fecha os olhos e, quando Kasia começa a passar as pontas dos dedos frios em movimentos circulares nas suas faces e na testa, sente-se a adormecer.

Mais tarde, no quarto, quando se olha ao espelho, vê que a sua pele brilha. Deita-se na cama e, de modo preguiçoso, vai mudando de canal na televisão. Vê o telemóvel, ainda sem notícias de Jake. É invulgar, mas não muito preocupante. Pousa o telemóvel na mesa de cabeceira e decide não o ver durante, pelo menos, uma hora. Recusa-se a ser o tipo de namorada que manda mensagens ansiosas só porque não recebeu notícias do namorado, quando ele provavelmente tem a cabeça ocupada com outras coisas. Nunca foi esse tipo de mulher e está determinada a não o ser agora. Porém, já reparou que, desde o que aconteceu com Marisa, está mais propensa a imaginar catástrofes até a partir das ocorrências mais triviais. Neste caso, tenta convencer-se de que não há motivo de preocupação e que se deve limitar a ter um comportamento normal.

Kate vê um programa de culinária em que os chefes de cozinha de diferentes partes do país competem entre si na confeção de pratos para um banquete, depois assiste a um concurso televisivo no qual algumas celebridades que ela não reconhece competem para fazer figuras ridículas e, por fim, prepara um chá e pondera ir nadar.

Olha para o telefone, ainda sem nenhuma mensagem nova. Começa a ficar frustrada, desliga-o do carregador e procura o nome de Jake nas chamadas mais recentes. O toque de marcação começa a soar. Uma. Duas. Três vezes. Jake atende à quarta.

– Kate? – diz ele. – Estás bem?

Ela sente-se imediatamente idiota.

– Sim, sim. É que, bem, não sabia de ti.

– Ah… desculpa. Não te queria incomodar. Estás a ter um bom dia?

Jake parece distraído e Kate imagina-o curvado sobre o ecrã do seu computador a analisar uma tabela cheia de números. Mas depois ouve um sopro forte em segundo plano. E outro. Carros.

– Espera, estás a conduzir?

– Hum. Sim. Sim. Mas não te preocupes, estás em alta-voz.

– Não estás no escritório?

– Não. Mas, bem, estive lá – diz ele. Há um tiquetaquear e Kate apercebe-se de que ele deve ter ligado o pisca. – E agora tenho de me ir encontrar com um cliente.

– Oh, não tinha percebido que pretendias fazer o caminho todo de carro. Pensei que ias passar por casa e depois apanhavas o metro.

– Pouco tempo – diz de forma sucinta e num tom pouco convincente.

– Onde é a reunião com o teu cliente?

– Desculpa, não percebi…

– A reunião com o teu cliente – repete Kate, pronunciando as palavras de forma ainda mais clara. – Onde é?

– É, ora bem, só Deus sabe… Tive de ligar o GPS. É algures no campo. Uma daquelas segundas casas dos multimilionários, sabes como é.

Kate quer responder que, na realidade, não sabe como é, mas detém-se. Está a deixar-se dominar por maus pensamentos. Não há razão para ficar desconfiada.

– Ainda estás aí? – pergunta Jake, com um som metálico do outro lado da linha.

– Sim, ainda estou aqui.

– Sabes que te amo, não sabes? Não fiques alarmada, está bem? Desculpa por não te ter ligado antes, mas tenho estado ocupado.

– OK – responde ela. – Obrigada.

– Envio-te uma mensagem mais logo. Prometo.

Quando a chamada termina, Kate desliga o telefone e deixa-o no quarto enquanto vai nadar. Decide que só voltará a pegar nele no dia seguinte e, desta vez, consegue fazê-lo.

30

– Parece-te realmente boa ideia deixar passar tanto tempo entre visitas? – pergunta ela a Jake.

É o final de um dia de semana e ele está a fazer exercício físico no jardim.

– Parece-me que nos devemos guiar por aquilo com que a Marisa se sente confortável, para ser sincero – diz ele, arquejando entre as palavras. Está a usar um novo conjunto de correias complicadas e segura uma pega preta em cada punho, inclina-se para trás num ângulo de 45 graus e depois ergue-se de novo com um som gutural. As correias são uma compra recente e assemelham-se a um par de enormes cintos de segurança com remendos de tecido néon cosido ao acaso. Alguém recomendara este exercício a Jake no ginásio e ele tinha pendurado as correias à volta de uma barra de ferro que havia instalado durante o fim de semana, com grandes porcas e parafusos, na estrutura em tijolo por cima das portas do jardim. A instalação tinha requerido muitas perfurações ruidosas e, de seguida, Kate varrera o pó fino do pátio.

– Estás a gostar da tua nova maquineta? – pergunta ela agora, levantando a voz para que possa ser ouvida a partir da cozinha. Serve a si mesma um generoso copo de vinho *Malbec* de uma garrafa já aberta sobre o balcão.

– Estou – diz ele, em esforço, antes de se virar, passar os pés pelas correias e mudar para uma posição de prancha. Os seus bíceps ficam salientes, como um rato a contorcer-se para escapar do estômago de uma pitão, e ele começa a fazer rápidas flexões. – O peso. Do corpo. É a chave – declara ele, entre respirações.

Kate sai para o jardim e senta-se no banco, ficando a beber o seu vinho enquanto o observa. A quase obsessão de Jake pelo exercício físico sempre a divertiu. Desde o fim de semana na estância termal, existiram mais umas quantas ausências não planeadas – noitadas no escritório e uma conferência de trabalho num fim de semana que implicou uma noite fora. Antes do tratamento de fertilidade, Jake tinha regularmente viagens de negócios que o levavam a estar ausente várias noites seguidas, porém tinha deixado de as fazer para dar apoio a Kate e poder ir às consultas. Agora, havendo menos necessidade da sua presença, Jake retomou a rotina habitual, e Kate sente a falta dele de uma forma que não esperava. Depois das flexões, Jake veste uma camisola com capuz e a palavra «Harvard» escrita num arco à frente. Na verdade, ele nunca esteve em Harvard, mas a camisola é tão velha que não se lembra de onde veio. Jake vem sentar-se ao lado de Kate e ela sente o calor e o cheiro do seu suor, musgoso como uma floresta.

– Não te preocupes com as visitas – diz ele, enquanto limpa o rosto com uma toalha. – Se estás ansiosa, vamos lá este sábado.

– Não estou ansiosa, eu só… – Kate deixa o pensamento suspenso.

– O mais importante, como concordámos – começa ele, como se estivesse a falar com uma criança –, é manter a Marisa calma, feliz e…

– E estável, sim, eu sei.

Kate sente o peito a inchar de frustração. Jake detém o gesto de se limpar e olha para ela.

– *Estás* tensa. A minha mãe tinha razão.

A garganta de Kate contrai-se.

– Desculpa, o quê?

– Só quis dizer…

– Tens falado com a tua mãe sobre mim?

Enquanto casal, raramente discutem. Não parece fazer muito sentido. Nas poucas circunstâncias em que Kate é pouco razoável, Jake reage com placidez e desarma a situação, e ela faz o mesmo por ele. Kate nunca compreendeu o motivo que leva outros casais a admitirem que discutem ferozmente e argumentarem que isso é uma prova da paixão que sentem. Mas agora sente-se furiosa. Percebe que está prestes a proferir algo irreversível.

Jake permanece em silêncio.

– Eu *perguntei*: tens falado com a tua mãe sobre mim?

Ele lança-lhe um olhar fulminante e Kate fica chocada com a ira que deteta no seu rosto.

– Sim, foda-se, é claro que tenho falado com ela. É minha *mãe*. Está preocupada comigo, connosco.

– Que atenciosa – diz Kate. – Mas eu não preciso da preocupação dela.

Kate levanta-se, agarrando o copo de vinho com tanta força que teme partir-lhe o pé.

– Estás a ver, é precisamente a isto que eu me refiro – declara ele, ainda sentado no banco. Cerrou os punhos em cada ponta da toalha em torno do seu pescoço. Tem os nós dos dedos brancos. – Não posso dizer nada sem que tu te passes.

– Estás a falar a sério?

– Sim! E a minha mãe reparou nisso. E receia que tu estejas demasiado envolvida, demasiado obcecada, e que isso não seja bom para a Marisa…

– Eu sou a *mãe* – grita Kate. Uma janela fecha-se com estrondo no complexo habitacional em frente e depois, subitamente, as luzes

das escadas acendem-se em simultâneo, tal como estão programadas para fazer todos os dias à mesma hora. O jardim é lançado numa meia-luz lúgubre. – É claro que vou estar envolvida! – Kate nota com surpresa que ainda está a gritar. – Obcecada? Que treta. A mulher que é a nossa barriga de aluguer atacou-me! Teve um colapso e pensou que vocês estavam juntos! Acho que ganhei o direito de ficar apreensiva, tu não?

– Pelo amor de Deus, Kate, fala baixo. Os vizinhos vão ouvir.

– Ah, vai-te foder – diz ela, e entra para a cozinha, deixando bruscamente o copo de vinho sobre a mesa de tal forma que a madeira fica manchada de gotas vermelhas. Sabe instintivamente o que Annabelle terá comentado sobre si: que está perturbada, que a ânsia de ter um filho a fez perder a perspetiva, que Jake tem de ter cuidado.

Kate lembra-se então de uma conversa telefónica com Annabelle alguns dias antes. Nessa circunstância, começara por ser invadida pela habitual tensão que a fazia cerrar os dentes sempre que via o nome de Annabelle a aparecer no ecrã do telemóvel. Annabelle tinha por hábito ligar para Jake e só a tentava contactar se não conseguisse falar com ele, pelo que Kate atendera o telefone com estas palavras:

– Ele não está aqui, lamento, Annabelle.

– O quê? Oh, não, Kate. Na verdade, estava a telefonar para falar consigo.

A voz da mulher mais velha era clara do outro lado da linha, as vogais tiniam contra as consoantes como cubos de gelo num copo de *gin* tónico.

– Certo. Que… simpático – disse Kate, e olhou para o relógio com a intenção de ver quanto tempo seria educado esperar até poder dar

um fim a esta interrupção indesejada. – Há algum problema? A Marisa está bem?

– Sim, está a prosperar – respondeu Annabelle, e Kate encarou a resposta como uma espécie de reprimenda. Por que razão não poderia ter simplesmente afirmado que estava bem?

– Queria saber como *você* está – continuou Annabelle, enfatizando o «você» como se esse fosse um incomparável ato de bondade da sua parte.

– Isso é… simpático – repetiu Kate. – Estou ótima, obrigada.

– A sério?

Kate conseguiu ouvir Annabelle a inspirar ruidosamente e o som de uma porta a fechar-se ao fundo, pelo que se perguntou se Chris tinha entrado ou saído daquela divisão da casa. Talvez, pensou ainda, não fosse sequer Chris, mas antes Marisa.

– Sim, porque não haveria de estar? Quero dizer, não contando com o desgaste impiedoso de toda esta situação. – Kate soltou uma gargalhada sonora. Queria ser engraçada, porém a piada soou mais sombria do que previra. – Não, mas sinceramente, Annabelle, foi muito amável da sua parte ligar para saber como estou. Obrigada.

– Tenho estado preocupada consigo – declarou Annabelle, sem mudar de tom, quase como se Kate não tivesse dito nada. – Amo o meu filho, mas também tenho consciência de que ele tem andado um pouco… – fez uma pausa cheia de significado – distraído, digamos assim.

Kate não soube como responder. Era verdade que Jake tinha vindo a revelar-se mais distante do que o normal, no entanto esse era um assunto que só a eles dizia respeito. Não havia razão para que Annabelle soubesse. A não ser, pensou ela com um baque, que Jake tivesse andado a falar com a mãe sobre os problemas deles.

– Ele tem sido um apoio *tão* grande para a Marisa – acrescentou Annabelle. – E é notório que se dão muito bem, e claro que também me tem apoiado muito, como sempre. Mas espero que não a esteja a negligenciar a si, querida Kate.

Annabelle era uma das poucas pessoas que conseguia usar a palavra «querida» como se fosse uma arma.

– Não, não, de todo – declarou Kate, ignorando a sua própria inquietação. – Ele tem sido maravilhoso.

– Oh – disse Annabelle, com um ligeiro tom de surpresa. – Oh, isso é *bom*, e deixa-me muito satisfeita.

Ao refletir sobre aquele telefonema, no auge da sua própria fúria, Kate enche de novo o copo de vinho e volta a sair para o jardim. Jake continua no banco. Kate senta-se ao seu lado. Sabe que só consegue provar que Annabelle está errada se mantiver a calma.

– Peço desculpa por ter gritado – diz ela. – Só não quero que as necessidades da Marisa se sobreponham às minhas. Afinal de contas, está a gerar o meu filho. – Faz uma pausa. – Eu sou a mãe.

Jake, imediatamente contrito, aproximou-a de si.

– Claro que és – diz, beijando-lhe a parte de cima da cabeça.

Kate espera que ele continue, mas Jake não o faz e, após alguns minutos de silêncio, ela liberta-se do abraço dele, senta-se, inclina o copo de vinho na boca e, sentindo o impacto do líquido na parte de trás da garganta, bebe-o até ao fim.

– Olha, vamos lá este sábado – diz Jake.

– A sério?

– Sim, porque não? Vou avisar a minha mãe da nossa visita.

– Está bem, ótimo. Obrigada.

Jake vira-se para lhe sorrir.

– Vai fortalecer-te o espírito.

Kate sempre considerou estranha tal expressão, «fortalecer o espírito», como se este fosse barro que precisasse de ser cozido para ganhar uma consistência inerte.

– Tenho a certeza disso – responde ela, apesar de não se sentir fortalecida.

A visita é confirmada com Annabelle e, nesse sábado, Jake e Kate viajam até ao Condado de Gloucester, ouvindo pelo caminho os episódios de um *podcast* para não terem de falar um com o outro. Kate está tensa, e fica ainda mais com o esforço para não o mostrar. Tem uma expressão abatida e, ao longo da risca do cabelo, apresenta raízes grisalhas. Nunca teve de pintar o cabelo antes e está relutante em fazê-lo agora. Que cresça, pensa ela para com os seus botões, que importância tem na realidade?

Jake, pelo contrário, parece bem repousado e cheio de saúde. Tem vindo a tomar um novo suplemento à base de plantas para dormir que garante estar a fazer efeito e a levantar-se cedo todas as manhãs para uma sessão de exercício físico com as correias antes de ir para o trabalho. Kate sabe que pertence tudo a uma estratégia de distração – uma forma de se manter são na mais angustiante das circunstâncias –, mas isso deixa-a ressentida. Jake é equilibrado mesmo quando se trata de gerir o desequilíbrio, uma característica que, por comparação, a faz parecer imprevisível e inconstante. Dali por uma semana, já Jake terá iniciado uma desintoxicação de três dias à base de sumos. Quanto a Kate, está já a planear as refeições pouco saudáveis que encomendará em protesto. Piza numa noite, um caril carregado de natas na seguinte, talvez acompanhado por um hambúrguer duplo com queijo e batatas fritas. Kate, que sempre teve uma alimentação consciente, uma mulher a par da importância de

ingerir cinco porções de fruta e vegetais por dia, uma pessoa que tem uma liquidificadora que utiliza para misturar couve de folhas frisadas com aipo e água de coco, é agora atingida pelo absurdo de gastar tanta energia em coisas que não fazem qualquer diferença percetível. A sua mente está tão ocupada com a realidade do que está a acontecer que mal tem tempo para pensar em outra coisa que não seja o bebé e a necessidade de manter sólida a relação com Jake, ao mesmo tempo que o acompanhamento de Marisa é assegurado. Gastar tempo consigo mesma é a última coisa que deseja fazer.

É este o enquadramento mental de Kate quando saem do carro e caminham até à casa de tijolo vermelho onde Annabelle, cheia de energia, os leva até à cozinha.

– Infelizmente, não fiz nada de especial. Foi tão em cima da hora – comenta ela, sem rodeios. – Portanto, estou só a preparar uma sopa de legumes.

Há uma caçarola *Le Creuset* cor de laranja ao lume no fogão *Aga* a emanar um fumegante cheiro a terra. Annabelle tem o cabelo preso e veste uma camisa rendada de gola alta por baixo de uma camisola de caxemira azul. Um par de óculos de leitura pende-lhe de uma corrente dourada à volta do pescoço. Annabelle põe-nos quando levanta a tampa da caçarola para mexer o seu conteúdo.

– Delicioso – comenta Jake. – Exatamente o que me apetece.

– Tem um ótimo aspeto – acrescenta Kate. – Lamento que estejamos a dar-lhe tanto trabalho.

– Oh, não é trabalho nenhum – diz Annabelle de um modo que sugere o contrário. – O Chris foi comprar lenha para a lareira e outras pequenas coisas. Ter mais uma boca para alimentar significa que as nossas mercearias se gastam muito rapidamente.

– Tem de nos dizer quanto lhe devemos – pede Kate. O suor escorre-lhe pelas costas. Ainda tem o casaco vestido.

Annabelle olha para Kate com rispidez.

– Não é uma questão de *dinheiro* – diz ela.

– Oh, eu…

Jake pressiona a mão contra a parte inferior das costas de Kate e ela cala-se.

– Estamos realmente muito gratos, mãe – diz ele. – Obrigado.

Annabelle suspira.

– Disparate. A família primeiro. Sempre foi esse o meu lema – garante, e espreita para dentro da caçarola, ficando com os óculos embaciados pelo vapor.

Kate tira o casaco e vai pendurá-lo no corredor. Com relutância, enfia o telemóvel no bolso. Annabelle não gosta que tenham os telemóveis durante as refeições, mas deixá-lo para trás sempre fez Kate sentir-se como se estivesse a ser temporariamente afastada de um mundo que a via como uma mulher de pleno direito, e não como o inconveniente apêndice de Jake.

Quando regressa, ele e a mãe estão a falar baixinho e depressa. Calam-se assim que ela entra.

– Estavam a falar de quê?

– Oh, de nada – responde Annabelle, tirando um pão de sementes da caixa e cortando-o com uma facilidade gerada pela prática.

– Há algo em que possa ajudar?

– Não, já fiz tudo. É apenas sopa – repete ela.

– Posso ralar queijo? – pergunta Jake.

– Por acaso, isso *ajudaria*. – Annabelle estica o braço para apertar o ombro de Jake. – Obrigada, Jakey.

Kate encosta-se ao louceiro de madeira, esquecendo-se, ao fazê-lo, de que o móvel oscila de forma precária com qualquer peso extra. Os pratos fazem uma barulheira lá dentro. Kate afasta-se, ficando desajeitadamente especada sobre as lajes, de braços cruzados, enquanto Jake se dedica a ralar queijo *cheddar* em grandes montículos amarelos. Por mais que passe tempo nesta casa ou faça teoricamente parte desta família, Kate sente-se sempre deslocada: uma intrusa oriunda de uma espécie alienígena.

Fixa a vista na parede em frente, que tem um calendário pendurado, cada mês acompanhado por uma fotografia de uma cidade europeia diferente. Annabelle é rigorosa ao apontar nele todos os compromissos e visitas a marcador preto. O retângulo correspondente a este dia tem escrito «Visita de J&K» no canto superior esquerdo. O dia seguinte tem «Encontro com o vigário». Segunda-feira tem «Empregada de limpeza». É tão típico de Annabelle, pensa Kate, não usar o nome da empregada de limpeza. Provavelmente nem sequer o sabe.

Os olhos de Kate retrocedem para o início do mês e ela repara, com surpresa, que a letra J está repetida várias vezes. Nesse momento, tenta lembrar-se das vezes em que puderam ir visitá-los, mas sabe que não o fizeram uma única vez este mês. Por que motivo se encontra então a inicial de Jake ali?

– Ora bem, julgo que está quase pronta – diz Annabelle.

De seguida, tira a caçarola do fogão e pousa-a num suporte entrançado sobre a mesa. Apanha Kate a observar o calendário e as duas mulheres cruzam o olhar.

– Demasiados jotas – diz Annabelle, endireitando a manteigueira. – A culpa é minha por ter dado a dois filhos o nome de Jake e Julia.

– Ahah, certo – responde Kate. A Julia não vive em Hong Kong?, apetece-lhe perguntar. A não ser que se trate de telefonemas agendados, o que parece pouco provável. Antes de ter oportunidade de dizer mais alguma coisa, uma rajada de ar frio surge da parte de trás da cozinha e Marisa entra vinda do jardim.

– Olá a todos.

Marisa tem as faces rosadas, o cabelo apanhado atrás por um elástico de veludo e a barriga perfeitamente redonda. Não há outra palavra para a descrever a não ser «radiante». O clichê aborrece Kate porque é verdadeiro.

– Marisa! – diz ela, com um tom de voz ligeiramente exagerado. Avança para a abraçar, mas Marisa recua e, em vez do abraço, beija Kate na face. Tem o rosto frio e arrepiado pelo vento. Cheira a manteiga de amendoim. – É tão bom ver-te. Como é que te estás a sentir? Está tudo bem?

– Deixe a pobre rapariga entrar – diz Annabelle, vertendo conchas de sopa em pequenas tigelas, cada uma com a palavra «TIGELA» escrita à volta e um padrão às bolinhas.

Kate olha para a sopa, pantanosa e grosseira, e é trespassada por um sentimento de aversão em relação a Annabelle. Fecha a porta atrás de Marisa e a cozinha é sugada de volta ao seu próprio calor.

Marisa curva-se para tirar as galochas. Jake apressa-se a ajudá-la, segurando-lhe na mão para a apoiar, enquanto ela descalça cada uma com a descalçadeira de ferro fundido que Annabelle mantém junto à porta das traseiras. Marisa veste uma camisa rendada de gola alta por baixo de uma camisola de lã azul. Tirando a corrente de óculos dourada e a caxemira, a indumentária dela é exatamente igual à de Annabelle.

– Vá, venham todos para a mesa ou a sopa fica fria.

Esta sopa de merda, pensa Kate.

Jake, satisfeito por ter ajudado a tratar das galochas de Marisa, beija Kate rapidamente nos lábios e leva-a para a mesa. É como se Jake estivesse a desempenhar o papel de pai de ambas, distraidamente a tratá-las como crianças que tem de sentar a tempo. Kate senta-se no seu lugar habitual, o único que não condiz com o resto da mobília – trata-se de uma velha cadeira de jantar cujo couro do assento almofadado se encontra estalado, enquanto todas as outras são de pinho simples. Quando no início Annabelle atribuiu aquela cadeira a Kate, fez um grande alarido em torno do facto de ser «o trono» reservado «para convidados muitos especiais». Se tal fosse realmente verdade, pensa Kate, não deveria ser agora dada a Marisa?

– Não vamos esperar pelo pai? – pergunta Jake.

Annabelle revira os olhos.

– Ele devia ter regressado há meia hora e eu não vou esperar mais. Posso aquecer-lhe uma tigela quando se dignar a aparecer.

– Cheira tão bem, Annabelle – comenta Marisa, numa voz que é mais suave do que Kate se lembrava, mais murmurada. Depois, vira-se para Jake. – Como foi a viagem?

– Foi boa. Sem incidentes. – Sorri para ela.

– Ainda bem – diz Marisa, tirando uma fatia de pão e barrando-a lentamente com manteiga. – E como vai o trabalho, Kate?

– O trabalho? Hum. Sim. Vai bem.

– Ainda bem.

Annabelle continua a correr de um lado para o outro na cozinha, perguntando-lhes se têm tudo aquilo de que precisam. Traz o sal e a pimenta e deseja saber se alguém quer um copo de vinho. Ninguém quer. Esperam que ela se sente e, quando tal acontece, Annabelle

exala sonoramente para mostrar que aquela foi uma extraordinária imposição ao seu tempo, embora não seja pessoa de se queixar. Limpa a testa com as costas da mão.

– Comecem, comecem – diz Annabelle, agitando as mãos.

Marisa parece distante, com um olhar vago. Kate deduz que este ar de tranquilidade estudada deve ser o efeito dos medicamentos. É como se estivesse sentada do outro lado de uma divisória acrílica e não pudesse ser alcançada. Por várias vezes, Kate tenta iniciar conversa com ela. Tem-se sentido cansada? Como está em termos de apetite? Consegue sentir o bebé a dar pontapés? Tem visto televisão? Anda a dormir bem? Marisa sorri e dá respostas monossilábicas, impedindo qualquer troca de ideias.

– Valha-me Deus, Kate – esclama Annabelle, com a colher suspensa no ar. – Tantas perguntas! Deixe a Marisa comer antes que a sopa arrefeça.

Kate, magoada, afasta a sua tigela. Comeu apenas metade. A sopa, apesar de toda a atenção que lhe fora prestada, sabia a água velha de lavar loiça. Kate não pode enfrentar Annabelle sem originar uma cena e não pode continuar a pressionar Marisa sem ser acusada de a estar a «perturbar», sendo banida das visitas durante semanas. Olha furiosa para Jake, desejando que intervenha e diga alguma coisa, porém ele não o faz.

– A Marisa tem-se dedicado um pouco à pintura, não é verdade, Marisa? – pergunta Annabelle.

O rosto de Marisa ilumina-se.

– Sim, e estou a adorar. – Assente com a cabeça para Annabelle de forma agradecida. – É tão bom voltar a fazer algo criativo sem ser uma encomenda de trabalho, sabem?

– Isso é maravilhoso – diz Kate. – Que tipo de pinturas?

– Sobretudo naturezas mortas de flores.

– É «naturezas mortas de flores» ou «naturezas mortas com flores»? – pergunta Jake. – Sempre me questionei a esse respeito.

Marisa começa a rir, mais animada do que desde que chegou.

– Isso é tão engraçado – declara ela, com um brilho nos olhos. – Não sei. Mas, sinceramente, não são nada de especial. Estou só a tentar recuperar o jeito.

– Sim, tenho a certeza de que as encomendas de trabalho se estão a acumular – diz Kate.

– Disparate – intervém Annabelle, ignorando o facto de que Kate falou. – São lindas. – Vira-se para Jake e acrescenta: – Vou emoldurar uma e pendurá-la no corredor. Ficará perfeita ali. Mesmo por cima do bengaleiro.

– Não se deve sentir obrigada a pendurar a minha arte na sua casa, Annabelle! – diz Marisa. – Já tem sido muito generosa.

Então, Annabelle estica-se até ao outro lado da mesa e afaga o braço de Marisa. Kate, incrédula, tem de olhar duas vezes para se assegurar de que não está a ver coisas, mas não, lá está a mão de Annabelle, os dedos meio artríticos que exibem grossos anéis de ouro com joias, descansando sobre a manga de Marisa. E esta, em resposta, afaga a mão de Annabelle.

– Quero a sua pintura na nossa parede porque a considero fantástica e não por qualquer outra razão – afirma Annabelle.

– Adoraria vê-la – declara Jake, por fim. – Ambos adoraríamos.

Marisa abana gentilmente a cabeça.

– Não, a sério, ficaria demasiado envergonhada. Ainda não está pronta.

– Eu compreendo – diz Jake, recostando-se na sua cadeira e estendendo os braços com um suspiro. – É uma prerrogativa artística.

Só devemos mostrar o nosso trabalho depois de estar finalizado.

Kate resfolega. É tudo um absurdo. Está farta de ver todos a serem coniventes com cada capricho de Marisa, como se uma palavra mal colocada a pudesse balançar de novo na direção do abismo. É doloroso ver o namorado e a mãe dele bajularem Marisa como se ela própria não estivesse também ali sentada. É como se não tivesse qualquer lugar naquela casa. É como se achassem que seria mais fácil se ela não existisse.

Este pensamento instala-se-lhe em redor dos ombros como um arnês, as fivelas apertando no peito, e Kate apercebe-se de que as suas mãos estão a agarrar os braços da cadeira com os dedos recurvados sob a extremidade da madeira como se fossem garras.

– Estás bem, Kate? – pergunta Marisa.

Quando Kate ergue o rosto, esbarra no olhar fixo de Marisa, que evidencia uma pequena ruga de expressão entre os olhos.

– Pareces um pouco pálida.

– O quê? Não. Estou ótima. – Kate abre as mãos e força-se a respirar. – Desculpem, distraí-me. Estava só a pensar numa coisa de trabalho que me começa a deixar ansiosa: vamos desenvolver uma grande campanha de relações públicas na próxima semana, antes do Festival de Cinema de Toronto.

De facto, a produtora tinha assumido demasiados filmes ao mesmo tempo e Kate e os seus colegas estavam cercados de prazos a cumprir. A diferença horária em relação a Toronto também não ajudava. A culpa era sua, pois era a responsável por definir o calendário promocional da produtora, mas a verdade é que quisera provar algo. Quisera mostrar a si mesma que tinha valor fora da gestação de substituição, que ainda era boa naquilo que fazia profissionalmente.

– Há, de resto, muitas estreias para organizar e já se sabe como são estes tipos importantes – está agora a contar a Annabelle. Não faz ideia do que a leva a tagarelar. Quer parar de falar, mas não consegue. – E, bom, é frenético – conclui, sem energia.

– Minha nossa – diz Annabelle. – Espero que comece a abrandar antes de o bebé nascer. Não conseguirá gerir tudo isso com um recém-nascido.

– Obrigada, Annabelle – agradece Kate, com uma amabilidade deliberada. – Estou certa de que daremos conta do recado.

– Não era assim no meu tempo. Todas vocês, mulheres que trabalham, com as vossas carreiras a tempo inteiro, a quererem ter tudo…

Kate disponibiliza-se para fazer os chás. Abre a torneira da água fria e fica a vê-la correr durante mais tempo do que é necessário antes de encher a chaleira. Jake vem ajudá-la, tirando canecas do armário e chá de folhas soltas da despensa. Toca-lhe no ombro e murmura:

– Estás bem?

Kate assente com a cabeça.

– Certo, bom, vou então começar a levantar a mesa – diz Annabelle.

Jake e Marisa protestam em simultâneo.

– Ah, não é preciso, deixa que eu faço…

– Preparou o almoço todo, Annabelle. Eu levanto a mesa…

Porém, Annabelle já começou a reunir as tigelas vazias, empilhando-as umas sobre as outras num ruído contínuo e agudo que parece especificamente concebido para chamar a atenção para si mesmo. Marisa levanta-se da cadeira, arrasta-se pesadamente até à

máquina de lavar loiça, abre a porta e, com prontidão, faz deslizar para fora o tabuleiro dos talheres.

Enquanto espera que a chaleira comece a ferver, Kate volta-se e vê as duas mulheres lado a lado diante da máquina de lavar loiça. Vistas de trás, parecem quase idênticas nas suas camisolas de tom azul-marinho e nos seus cabelos claros apanhados atrás. Têm ambas ombros largos e membros fortes, a par de cinturas estreitas cujas curvas desembocam em ancas mais amplas, exatamente como as mulheres estão projetadas para ser em termos biológicos. A semelhança é tão pronunciada que Kate se questiona sobre o porquê de nunca ter reparado devidamente nela até agora. Sente um calafrio e desvia o olhar. O vapor quente da chaleira embaciou a janela. A visão de Kate torna-se turva e, quando o chá fica pronto, a mão dela treme ao servi-lo.

31

Depois disso, Kate decide manter-se afastada da casa de tijolo vermelho na província tanto quanto possível e deixar Jake tratar das questões rotineiras com Annabelle. Estar na presença de Annabelle sempre a fez questionar a sua própria força mental, e sente-se esgotada com cada encontro. Se não interagir com Annabelle, esta perde o poder de a magoar, conclui.

Jake diz-lhe que ela retirou do contexto os comentários da mãe, que corre o risco de perder a perspetiva ao «ficar obcecada com cada suposta descortesia mínima» e que precisa de dar a si mesma algum espaço «para obter paz de espírito». Jake afirma tudo isto de forma benevolente, insistindo que está do seu lado, e Kate assente em silêncio, não querendo tornar a situação ainda mais difícil do que já é. Além disso, ambos acabam por desejar a mesma coisa, ou seja, que Kate não passe mais tempo com a mãe dele do que o absolutamente necessário. No entanto, no seu íntimo, Kate está preocupada.

E, por isso, telefona a Ajesh. Não se veem há meses. Depois de ele ter levado Jake à festa do seu trigésimo aniversário, tinham saído os três algumas vezes, mas algo não funcionava muito bem nessas saídas. Parecia sempre que um deles nunca estava completamente integrado, como se o restabelecimento de diferentes linhas de intimidade jamais pudesse ser triangulado.

Ela não se apercebeu realmente de quando saíram da vida um do outro. Na fase inicial do romance com Jake, a relação entre os dois parecera a coisa mais importante da vida dela, o que a tinha levado a afastar-se de muitos dos seus amigos. Kate só notou o que tinha acontecido quando já era demasiado tarde: as pessoas da sua idade estavam a ter filhos na mesma altura em que ela se confrontava com

a infertilidade e a gestação de substituição, pelo que concluíra que não tinha tempo ou inclinação para continuar a participar em grupos do WhatsApp e mensagens de voz partilhadas ou para manter com regularidade cafés depois do ioga e copos de *Pinot* ao final do dia. Kate era uma amiga inconstante e, possivelmente, uma que ficava ressentida. Nunca tivera jeito para cultivar a proximidade com outras mulheres. Estas pareciam sentir que Kate não precisava delas, embora tal não correspondesse à verdade – simplesmente não conseguia expressar as suas próprias carências emocionais sem se sentir melindrada com o caminho sem complicações que elas tinham percorrido até se tornarem mães.

Ajesh era um caso diferente. Não tinha qualquer desejo de assentar e nunca tivera uma namorada durante mais de seis meses. A sua própria imprevisibilidade significava que Kate não se sentia julgada pelo facto de não lhe ter devolvido chamadas ou *e-mails*. Ajesh aparecia e desaparecia da vida de Kate em intervalos irregulares, acabado de regressar de uma caminhada pelo Butão ou de um retiro aiurvédico em Somerset, e ambos mantinham uma espécie de ténue contacto.

Quando Kate lhe liga agora e ele atende, e ouve a voz do amigo pela primeira vez em muito tempo, percebe que se sente sozinha e que tem saudades daquela irreverência galanteadora. Tudo o resto se tornou demasiado sério. Kate quer que Ajesh lhe lembre de que ela existe enquanto pessoa autónoma, que é divertida e não apenas insegura e apreensiva.

Quando se encontra com ele para um café no Southbank, fala-lhe da relação atribulada que tem tido com Annabelle, sem entrar em pormenores sobre o que aconteceu com Marisa. Kate gosta de Ajesh, mas não confia completamente nele e, como ela e Jake concordaram,

quanto menos pessoas estiverem a par do colapso de Marisa, melhor. A situação já é precária o suficiente sem intervenção externa indesejável. Por isso, Kate explica-lhe que Marisa está a viver no campo com os pais de Jake para que possa respirar ar fresco com regularidade e estar fora de Londres e para que eles possam manter uma proximidade com ela sem ultrapassarem quaisquer limites. Depois, conta-lhe sobre as palhaçadas de Annabelle.

– Pá, relacionares-te com pessoas tóxicas não é bom para ti – diz Ajesh. Estão sentados no terraço exterior do Royal Festival Hall para que ele possa fumar. – Queres um? – pergunta-lhe, enquanto enrola um cigarro fino. Está vento e, ainda assim, ele lambe a mortalha com desembaraço, não perdendo nem um bocadinho de tabaco. Na universidade, Ajesh era sempre a melhor pessoa para enrolar charros numa festa. Apelidava-os de «densos mas chiques», expressão que foi abreviada para «DMC» entre grupo de amigos deles.

– Não, obrigada. – Mal acaba de responder, Kate muda de ideias, desejando de súbito ser novamente a sua versão mais jovem, aquela que existia antes de bebés e barrigas de aluguer disfuncionais e que não se importava de fumar tabaco de enrolar porque, naquele tempo, parecia elegante e algo que costumavam fazer nos filmes franceses. – Na verdade, quero, sim.

Ajesh passa-lhe o cigarro que acabou de enrolar e acende-lho. Kate inala o fumo e a nicotina atinge-a na parte de trás dos olhos, percorrendo-lhe as sinapses com grande impacto. Sente-se tonta e os seus pensamentos flutuam como anémonas marinhas.

– Uau – diz. – Estou um bocado enferrujada.

– Sabes que não é erva, não sabes, amiga?

– Sim, claro, não sou uma completa anormal.

– Nunca disse que eras. De nós todos, sempre foste a mais fantástica.

– Como se isso fosse verdade.

– A sério. O Jake teve muita sorte contigo. – Ajesh olha-a com firmeza. – Passaste por muito, Katie – afirma. – E a Annabelle parece ser uma grande cabra. Portanto, olha, ela que se foda. O mais importante é que vais ser mãe daqui a uns meses e isso é muito bom. Muito, muito bom.

Kate dá uma segunda passa e depois uma terceira.

– Vai ficar tudo bem – diz ele.

– Achas mesmo?

– Mais do que bem. Vai ser excelente. Tu vais ser uma mãe extraordinária. E o Jake vai ser o pai mais giro do mundo. Só precisas de ultrapassar este momento delicado e ficarás ótima. Confia no teu velho tio Ajesh.

Kate sorri para ele. Ajesh sempre teve esta capacidade de a fazer sentir-se especial, capaz de lidar com qualquer coisa. É bom ser lembrada disso.

– És tão gentil, obrigada.

Ajesh inclina-se para trás, puxa a gola para cima e cruza os braços. Traz um casaco de camurça, um lenço de caxemira cinzento e calças de ganga pretas parcialmente enfiadas numas botas militares enormes.

– Claro – diz ele, descontraidamente soprando um anel de fumo. – Para que servem os amigos? É melhor que me convidem para padrinho, é tudo o que te digo.

– Fica combinado.

– Tenta manter-te o mais afastada possível dessa Annabelle – aconselha ele. – Baixa-lhe o volume. – Ajesh imita o gesto de rodar

um botão de som.

– Tens razão – responde Kate, atirando o cigarro para o chão, pisando a beata e esmagando-a.

– O universo está a desdobrar-se exatamente como é suposto – acrescenta Ajesh.

– Quando é que te tornaste tão sábio?

– Para ser sincero, não é uma ideia minha. É de um poeta chamado Max Ehrmann.

Começam os dois a rir. Ajesh acompanha-a até ao metro com o braço sobre os seus ombros. Kate volta a casa a sentir-se mais leve do que se sentira em meses. Quando Jake regressa do trabalho, vai recebê-lo à porta e beija-o, abraçando-o com força, pressionando o volumoso corpo dele contra o seu. Jake mostra-se agradado e as coisas ficam um pouco mais fáceis entre eles depois disso.

Quando a gravidez chega aos sete meses e meio, Annabelle surpreende-os com a sugestão de um chá de bebé.

– Pensei que poderia ser agradável – diz ao telefone. – Você sabe, são *muito* populares.

– Oh – responde Kate. – Sim. Hum. Está bem.

Na verdade, não se consegue lembrar de algo mais aparatoso e exageradamente sentimentalizado do que um chá de bebé.

Até Jake considera a ideia ridícula.

– É a coisa mais contrária ao feitio da minha mãe que alguma vez ouvi – afirma ele quando Kate lhe conta. – Nem sequer ligava ao Dia dos Namorados quando nós éramos mais novos. Dizia que era uma invenção americana.

No entanto, concordam, claro, porque se trata de Annabelle e têm de ser simpáticos, pelo menos até ao nascimento do bebé.

Desta vez, o carro vai cheio, carregado com seis balões de hélio, um bolo com cobertura azul e a palavra «Menino» escrita no topo em caligrafia com um preparado de calda de açúcar – tudo isto encomendado por Annabelle nos *websites* de lojas londrinas, depois de considerar insatisfatórios os estabelecimentos comerciais de Tewkesbury.

– Por que raio não podia ela ter optado pela entrega em casa? – pergunta Kate.

– A minha mãe argumentou que o bolo «não sairia bem tratado da viagem».

– E os balões?

– Deve ter enlouquecido – brinca Jake, enquanto faz a manobra para saírem de Richborne Terrace e se esforça para ver pelo espelho retrovisor apesar de toda a parafernália na parte de trás do carro. – Aconteceu finalmente.

Kate considerara o chá de bebé perigoso na sua presunção, como se estivesse a desafiar o destino para lhe retirar aquilo que ela mais queria. Na semana anterior, tinha contado sobre a gravidez aos colegas de trabalho e fora difícil explicar que ia ter um bebé, embora não o fosse *ter* realmente.

– Uau – dissera Monique, a sua assistente. – Isso é tão espetacular.

– A sério? – perguntou Kate, surpreendida. Na verdade, antecipara várias perguntas, olhos arregalados e talvez até alguma ligeira reprovação, no entanto todos se mostraram imediatamente solidários e aceitaram a situação com um espírito prático que a deixou ligeiramente desarmada.

– Claro – respondeu Monique. – É mesmo de durona ser uma mulher que sabe o que quer e simplesmente faz o que é preciso para

o alcançar.

– É um pouco mais complicado do que isso – disse Kate de modo gentil. – Mas obrigada. Significa muito para mim.

Mesmo naquela circunstância, temeu que estivesse a falar cedo de mais, que as coisas pudessem não acontecer como era suposto, que Marisa mudasse de ideias sobre entregar a criança ou tivesse outro colapso psicótico, ou que qualquer tipo de acontecimento imprevisto pudesse prejudicar o futuro por que eles ansiavam. No entanto, não esperava conseguir explicar nada disto ao mundo exterior.

Um chá de bebé é a última coisa que lhe apetece fazer.

Chegam à casa de quinta pouco depois do meio-dia.

– Jesus – diz Jake. – Não acredito.

Kate segue-lhe o olhar e depois vê-a: uma faixa pendurada por cima da porta da rua, na qual, em letras de tom azul prateado penduradas por um fio, se pode ler «Prestes a Rebentar».

Kate começa a rir, depois ele faz o mesmo e, durante alguns segundos, não se conseguem conter. Jake encontra-se dobrado sobre si mesmo, com as mãos nos joelhos, e Kate está a limpar as lágrimas quando Annabelle abre a porta.

– Que raio se passa? – pergunta-lhes. – Estão a sentir-se bem?

– Sim, sim – responde Jake, recompondo-se. – Olá, mãe. Grande faixa, já agora.

– Oh, isso – Annabelle acena com a mão. – É apenas uma pequena brincadeira. O Chris encontrou-a na loja da aldeia, acreditam? As coisas que eles lá têm!

– Artigos para qualquer ocasião imaginável – acrescenta Kate, em voz baixa.

Annabelle olha-a daquela maneira muito sua, como se acabasse de se lembrar da existência de Kate.

– Não percebi.

– Que bela ocasião – diz Kate, agora em voz alta.

Annabelle apresenta-se num vestido diáfano até ao chão que parece ser feito de vários pedaços de tecido entrelaçados, reunidos e atados numa estrutura semelhante a uma corda no pescoço. Assemelha-se a uma imponente deusa grega, o tipo de figura feminina para a qual construíam estátuas de treze metros de altura na acrópole.

– Entrem, entrem. Montei tudo na sala de estar. A Marisa está entusiasmada com a vossa visita, a querida rapariga.

Kate detém-se subitamente e olha para Jake, que desvia o olhar e baixa a cabeça. Percebe assim que ele também ouviu e não sabe como reagir. *A querida rapariga?*, pensa Kate. Annabelle nunca fora tão descontraidamente afetuosa com ela.

Jake estende o braço para lhe pegar na mão, mas Kate não o permite. Avançam até à sala de estar, onde Chris está acomodado na sua habitual poltrona.

– Ah, aqui estamos todos – diz Chris, levantando-se para os cumprimentar.

Marisa encontra-se sentada numa das pontas do sofá florido e usa um vestido de grávida que Kate nunca vira. Mantém-se sentada quando Kate se aproxima dela.

– Desculpa – diz Marisa, soltando um riso abafado. – É preciso muito esforço para me conseguir levantar de um sofá nos dias que correm. – Tem a barriga saliente uns bons quinze centímetros, um enorme sinal da sua indiscutível feminilidade, anunciando-se a si

mesma orgulhosamente na sala. Oferece a face para ser beijada por Jake e depois por Kate, a quem agarra pela mão, dizendo com fervor:

– É *tão* bom ver-te. O bebé está quase a chegar!

Kate assente, cerrando os dentes. No entanto, apesar de se querer manter indiferente em relação a Marisa, também não consegue evitar ser atraída para a barriga onde cresce o bebé. Pousa a mão no calor sólido daquela superfície. Sem aviso, há um impacto sob a palma da sua mão esquerda.

– Oooh, alguém quer atenção – ri Marisa. – Ele tem estado aos pontapés a noite inteira. Mal consegui fechar os olhos.

O coração de Kate começa a bater mais depressa. É como se o seu bebé lhe tivesse dado um sinal de que sabia que ela estava ali. A sua mãe. A verdadeira.

– Se bem me lembro, o Jakey também era exatamente assim – diz Annabelle. – Um pequeno bastante dado aos pontapés, não era, Chris?

– Hmm.

– Tínhamos a certeza de que serias jogador de râguebi – continua Annabelle, mexendo num brinco com o olhar preso no vazio.

– Posso senti-lo? – pergunta Jake, ajoelhando-se ao lado de Kate.

Relutantemente, Kate desvia-se para um dos lados e ele pousa as mãos na barriga de Marisa. Kate observa aqueles nós dos dedos e unhas curtas familiares a tocarem no corpo de outra mulher e depois vira-se e pergunta a Chris se pode tomar uma bebida.

– Claro que sim – responde ele. – Que falta de atenção a minha. – E serve-lhe um *gin* tónico que tem pelo menos o dobro da medida, provavelmente o triplo.

– Trouxeram o bolo? – pergunta Annabelle.

– Sim – responde Kate de modo automático. – E os balões. Sinceramente, Annabelle, não devia ter tido tanto trabalho.

– Não devia mesmo – diz Marisa.

Kate sorri-lhe, mas Marisa desvia o olhar. Jake ainda está ajoelhado junto dela a tocar-lhe na barriga. Olhar para eles é como enfiar a mão no fogo, mas Kate é impelida a continuar a fazê-lo.

Marisa sorri e o seu rosto adquire aquela expressão sem rugas e distante que leva Kate a pensar outra vez que a verdadeira Marisa está enterrada bem no fundo desta pessoa conscienciosamente agradável, como se estivesse embrulhada em plástico protetor. Está a dizer e fazer todas as coisas adequadas, mas, ainda assim, há algo que não bate certo.

Jake vai buscar os artigos ao carro. Em pouco tempo, a sala enche-se de orbes azuis flutuantes. O bolo é colocado na mesa de café ao centro da sala. Annabelle bate palmas de satisfação e depois desaparece, reemergindo passados alguns instantes com um tabuleiro que sustenta uma garrafa de champanhe num balde de gelo e cinco copos.

– Também vai beber um pouco, não vai, Marisa?

Kate deixa escapar um gemido. A ideia de Marisa beber álcool enquanto está grávida do filho deles deixa-a tão horrorizada que não é capaz de se controlar. Marisa vira-se para a olhar, com os olhos a rodarem lentamente como os de um lagarto.

– Obrigada, Annabelle, mas é melhor não. Vou continuar com o sumo.

– Tem a certeza? Um copo não faz mal.

– Ela disse que não quer – reforça Kate, num tom de voz alto.

Annabelle contrai os lábios. Abre a garrafa de champanhe em silêncio e, quando a rolha sai disparada para a outra ponta da sala,

Chris diz:

– Tenham cuidado!

E todos começam a rir, com a exceção de Kate, que parece ter perdido a capacidade de achar graça seja ao que for.

Tendo acabado o *gin* tónico, Kate aceita de Annabelle o champanhe e beberica-o, tentando lembrar-se de que deve ir devagar. Embora deseje entorpecer a estranheza deste dia, também precisa de manter a cabeça lúcida. Tenta falar, mas é como se uma compressa lhe tivesse ficado presa na garganta. Olha para Jake, para os pais dele e para Marisa e repara no quão fisicamente semelhantes os quatro são: todos loiros e, cada um à sua maneira, bem constituídos; aqueles olhos azuis de Annabelle refletidos nos de Marisa; as faces coradas e os maxilares fortes partilhados por Jake e Chris. São o cartaz de propaganda para uma nova nação ariana, pensa Kate, enquanto ela é a figura escura e difícil ao canto, que não se conforma. Surge-lhe então uma estranha imagem da família Sturridge e de Marisa como um grupo de crocodilos de dentes afiados que circundam a intrusa com intenções ameaçadoras.

– Bom, isto é agradável – diz Annabelle, cruzando as pernas elegantemente na zona dos tornozelos. – Parece-me que devemos fazer um brinde. – Estica um dos seus braços longos e elegantes e ergue o copo. – Foi um longo caminho até este ponto, mas queria brindar ao nosso menino. Mal podemos esperar para o conhecer.

O casual «nosso» atinge o coração de Kate como uma picada de medusa. Prepara-se para erguer o seu copo de champanhe, porém Annabelle ainda não acabou.

– E à Marisa – continua ela, piscando-lhe o olho, *piscando-lhe* realmente o olho. – Obrigada por oferecer a estes dois uma dádiva tão preciosa. Não foi um caminho fácil para si, como sabemos… – Há

uma pausa carregada. – Mas ultrapassou-o e temos todos muita sorte por ter entrado nas nossas vidas.

– Saúde – diz Chris.

Jake levanta o copo para brindar e sorrir com os outros, enquanto Marisa, resplandecente, se mantém sentada sobre as almofadas do sofá, luminosa como o Papa na sua varanda. Kate é a única que não ergue o copo. Ninguém repara nisso.

– Não me tinha apercebido de que a Marisa se tinha tornado tão indispensável! – Kate tenta soar alegre, mas as palavras saem-lhe de forma atravessada.

– Não, não, não – murmura Marisa suavemente. – Não me tornei de todo. Estou muito grata por me terem trazido para aqui, de verdade.

– Tem sido um prazer tê-la por perto – responde Annabelle. – E foi muito prestável com todos os preparativos para a festa da aldeia.

– Não custou nada…

– Disparate. Não há assim tantas pessoas suficientemente pacientes, ou talentosas, para desenhar cartazes e folhetos. O vigário ficou *contentíssimo*.

Chris, enchendo até cima o copo de Kate, diz em tom de gracejo:

– E todos nós sabemos como é importante agradar ao vigário.

Marisa e Annabelle irrompem em gargalhadas.

– Desculpem – diz Annabelle, agitando as mãos diante do rosto. – É demasiado complicado para explicar.

Jake, com os cantos da boca vagamente contraídos de uma forma que, se necessário, poderia ser interpretada como um sorriso, avança e pega na faca do bolo.

– Cortamos esta coisa? – pergunta ele abruptamente.

Corta-lhes a merda das gargantas, pensa Kate.

– Sim, sim, por favor – responde Annabelle. – Os pratos e os guardanapos estão aí.

Kate vê Jake avançar decididamente para o bolo. A ponta da faca entra no topo do «M» de «Menino» e produz um ruído surdo quando atinge a solidez da bandeja que está por baixo. Jake faz deslizar as fatias triangulares para cada um dos pratos e distribui-os. O bolo é demasiado doce e fofo, mais ar do que pão de ló. A cobertura tem a textura da cola para papel de parede. O impacto do açúcar atinge Kate bem entre os olhos e a cabeça começa a doer-lhe como acontece quando um trovão está prestes a irromper.

De todas as coisas que imaginara que poderiam acontecer quando convidaram Marisa para ser a sua barriga de aluguer, seguramente não conseguiria ter antecipado este cenário. O facto de Marisa ter parado de tomar a medicação e de se ter convencido de que estava numa relação com Jake antes de atacar Kate no corredor da sua própria casa era quase mais fácil de suportar do que esta farsa. Annabelle, a mulher que nunca acolhera completamente Kate no seu lar, que sempre deixara claro que sentia que o amado filho poderia ter encontrado alguém melhor, estava agora a rir e em amena cavaqueira com Marisa, como se as duas se conhecessem há anos. Kate observa-as a comunicar com piadas privadas entre o conforto de uma mútua familiaridade e percebe como Marisa parece ter ganhado vida sob o feixe luminoso da atenção de Annabelle, e como também Annabelle foi transformada por esta interação, parecendo rejuvenescida e cada vez mais vigorosa nos seus movimentos. De igual modo, o próprio Chris parece mais envolvido, inclinando-se para a frente na sua poltrona a fim de ouvir melhor, perguntando a Marisa se está suficientemente confortável ou se precisa de outra almofada.

Kate quer estabelecer contacto visual com Jake e partilhar um olhar de terror cúmplice, porém consegue aperceber-se de que ele a está a evitar. Vê a boca de Jake a mexer-se e repara que se juntou à conversa, mas sente um ruído impetuoso na cabeça e não consegue ouvir nada do que eles estão a dizer. Tenta controlar a respiração, no entanto é como se os seus pulmões estivessem a ser espremidos como uma esponja. Na parede atrás do sofá, há uma pintura a óleo do topo de uma falésia, com as ondas a chocarem contra a rocha cinzenta, e Kate foca-se nas pinceladas até o pânico começar a desaparecer. Quando se levanta, as suas pernas cedem. Para se equilibrar, tenta alcançar as costas da cadeira.

– Meu Deus, não bebemos assim tanto, pois não? – pergunta Annabelle, observando-a.

– Estás bem? – pergunta Jake.

– Sim, estou – mente. – Vou só à casa de banho.

Kate avança até sair da sala e chegar à agradável frescura do corredor. Na casa de banho por baixo das escadas, lava o rosto e mantém as mãos sob a água fria. Depois, seca-as na toalha com um monograma que está pendurada junto ao lavatório. Abre a porta da casa de banho e ouve os quatro a falar, as vozes que deslizam na sua direção como pedras lisas na superfície da água. Sente-se como se sentia em criança, quando os pais recebiam amigos para jantar e ela devia estar na cama, porém, em vez disso, rastejava até às escadas e enfiava a cabeça entre os balaústres do corrimão para ver o que se estava a passar na sala de jantar lá em baixo. Às vezes, a mãe dava por ela e mandava-a para a cama, e Kate, descalça, regressava ao quarto e deitava-se, mas não conseguia dormir, atormentada pelo facto de não estar envolvida em toda a diversão que decorria lá em baixo, por não a terem incluído.

No corredor, sem aviso, aparece Annabelle.

– Aí está você – declara Annabelle. Na penumbra, dá a impressão de ter crescido vários centímetros. Kate dá um passo atrás. – Perguntávamo-nos para onde teria ido.

Com o formidável perfil a três quartos, Annabelle não sorri. A seda do seu vestido cintila à meia-luz como gelo a derreter.

– Desculpe – diz Kate. – Não percebi que tinha demorado tanto tempo.

Força-se a encarar Annabelle, recusando mostrar que está intimidada pela presença da outra mulher.

– Vou buscar mais sumo para a Marisa – informa Annabelle.

Passa por Kate para ir à cozinha, mas ela segue-a, relutante em deixá-la ir. Kate quer transmitir algo, mas não sabe bem o quê. Está tão furiosa com esta mulher, tão repugnada pela sua interferência que tem de cruzar os braços para se impedir de a agredir fisicamente.

Annabelle abre o frigorífico e tira uma garrafa de água *San Pellegrino* e depois vai buscar um copo ao armário, enchendo-o com gelo. Movimenta-se com graciosidade, expandindo os braços como se fossem asas, e não presta atenção a Kate, que se mantém junto à porta, com um pé nas lajes da cozinha e o outro nos ladrilhos do corredor. Kate não sabe ao certo o que vai fazer ou dizer, mas depois a resposta surge-lhe sem ter de pensar.

– Annabelle – começa Kate. – Se pensa que me pode perturbar com este pequeno jogo de forças que aqui montou, então está muito enganada.

Annabelle detém-se. A garrafa de *San Pellegrino* meio vazia fica suspensa numa das mãos. O rosto dela imobiliza-se, desprovido de expressão.

– Não sei do que está a falar, Kate.

– Marisa. Estou a falar da Marisa. De repente, parecem muito… *amigas*.

Annabelle esboça uma gargalhada silenciosa.

– Parece ter-se esquecido de que ela está a viver aqui há meses – diz, num tom de voz seguro, cada palavra proferida com uma fria precisão. – Porque *você* não conseguiu lidar com a embrulhada em que se meteu…

– Não é esse o caso…

– Faça-me o favor de me deixar acabar. – Annabelle bate com a garrafa de água na mesa. Está zangada, os lábios tornam-se-lhe pálidos e tensos e as veias no pescoço salientes. Kate apercebe-se de que nunca a viu zangada. Até hoje, só vira Annabelle num estado passivo-agressivo controlado, a estudar os pontos fracos das outras pessoas a partir das linhas laterais como um atirador furtivo, mas sem nunca se rebaixar ao ponto de mostrar uma fúria descontrolada. Agora, porém, está incandescente. E Kate, que finalmente tem a atenção de Annabelle, já não sabe o que fazer com ela.

– O Chris e eu fizemos tudo o que podíamos, expondo-nos sabe Deus a que tipo de perigo, e cuidámos da saúde daquela pobre rapariga…

– Daquela pobre rapariga? – pergunta Kate, incrédula.

– Sim. Daquela pobre rapariga. De quem se aproveitou por causa da sua obsessão *doentia* em ter um bebé.

Kate, chocada, sente as lágrimas a começarem a formar-se.

– Isso não é verdade.

– É, sim. O Jake contou-nos sobre como você tem sido impossível, como ele sente que nunca a consegue satisfazer. – Annabelle está agora imparável, fazendo suceder as palavras como os rápidos disparos de um pelotão de fuzilamento. – Deve ter sido

bastante óbvio que a Marisa não estava bem, mas você insistiu em levá-la para vossa casa a fim de a manter debaixo de olho e depois fingiu-se surpreendida quando tudo se tornou insustentável para ela. A sério, Kate. O que lhe passou pela ideia?

Kate baixa a cabeça com vergonha. Annabelle tem razão. Deveria ter sabido. Tinha pressionado e levado Jake a aceitar aquela solução. Queria acreditar tanto na perfeição de Marisa que tinha ignorado quaisquer sinais que a contradissessem.

Annabelle não a conforta. Em vez disso, dá dois longos passos em frente e fica a poucos centímetros do rosto de Kate. A voz dela baixa até quase não passar de um murmúrio, o que se afigura muito mais ameaçador do que gritar.

– Em todo o caso, aquela criança não é sua – diz Annabelle, cuspindo as palavras. – Não em termos biológicos. É muito claro para todos que a Marisa e o Jake fazem um par muito melhor do que vocês os dois alguma vez fizeram.

– O quê? – Kate abana a cabeça, como que para se livrar do ruído agudo.

– Basta olhar bem para eles, querida – declara Annabelle, com os lábios curvados para cima num ligeiro e estranho sorriso. – São farinha do mesmo saco, não são? Já deve ter reparado!

Kate dá um passo atrás, tão tonta que tem a certeza de que o chão da cozinha se deve ter dissolvido por baixo dos seus pés. Bate com as costas na parede e o impacto faz com que as folhas do calendário de Annabelle esvoacem. Lembra-se de ter visto a inicial J escrita nele em vários dias diferentes. Não quis pensar sobre o que tal realmente significava, mas algures, no inconfessado fosso cheio de negrume da sua negação, já sabia.

– Ele tem passado muito tempo com ela – diz Annabelle, como se tivesse lido os pensamentos de Kate. – Você não pode ser assim tão estúpida, Kate. Vá lá. O Jake tem vindo a nossa casa quase todas as semanas e é notória a rapidez com que os dois se têm tornado próximos.

– O quê? Mas eu pensava que ela não nos queria aqui…

Annabelle inclina a cabeça numa pose de simpatia.

– Ela não a queria a *si* aqui, Kate. O Jake e eu tivemos uma longa conversa sobre o assunto e decidimos que seria o melhor.

Kate lembra-se do fim de semana na estância termal e na partida antecipada de Jake. Deve ter vindo aqui, conclui ela. E todas as inexplicadas ausências para trabalhar. Esteve sempre aqui. Com Marisa. Kate pressiona as palmas das mãos contra a parede, querendo que esta se abra e a engula. Annabelle ainda está a falar:

– … e tem sido encantador testemunhá-lo. É tão fácil conversar com a Marisa, não concorda? É apenas uma questão de tempo até ele perceber…

Annabelle detém-se, como que adquirindo consciência de que foi longe de mais. Porém, não precisa de acabar a frase. Kate consegue fazê-lo por ela. É apenas uma questão de tempo até Jake perceber que devia estar com Marisa, a mãe do seu filho. É apenas uma questão de tempo até Kate perder tudo.

Kate vira a cabeça para um dos lados e comprime a face contra a humidade da pedra. Fecha os olhos e as lágrimas escorrem-lhe pelo rosto. Deseja parar de chorar, mas não consegue. Deseja deixar de ouvir a voz de Annabelle, mas não consegue. Deseja ter a força necessária para se defender, mas sente-se consumida pela verdade do que ela está a dizer. Nunca foi suficientemente boa, inteligente, charmosa, loira, fértil ou doce para estar à altura de Jake. As palavras

de Annabelle são uma confirmação: Kate não merece ser namorada de Jake ou mãe do filho dele – na verdade, nem merece ser mãe. Está quebrada por dentro, tem uma qualquer deficiência interior que não consegue definir, e Annabelle sabe isso desde o início, sentindo o cheiro da sua fraqueza como se fosse sangue e perseguindo-o até Kate não ter para onde fugir. Sim, pensa ela, sim, tem razão em tudo. Não pertenço aqui. Nunca pertenci.

Kate desliza até ao chão. Apercebe-se de que já não tem mais energia. Já não consegue continuar a lutar contra isto. Este último ano retirou-lhe toda a força que ainda lhe restava e, por um breve momento, Kate imagina o seu apagamento total. Como tudo seria mais simples se deixasse de existir. Ignorando-a, Annabelle começa a andar de um lado para o outro da cozinha, acaba calmamente de preparar a bebida de Marisa e depois alisa o cabelo atrás das orelhas, uma rainha guerreira que se prepara para o assalto final.

– A Marisa e eu tornámo-nos próximas porque aquela rapariga não tem mãe – diz ela, em pé, diante de Kate como uma sombra. – Devia ser perfeitamente claro. – Faz uma pausa para confirmar que tem toda a atenção de Kate. – Ou talvez só consigamos ver este tipo de coisas quando somos mães.

Annabelle pega no copo de sumo e passa ao lado de Kate, com o vestido a silvar enquanto se afasta. Kate fica sentada no chão mais uns instantes. E depois sente uma forte pontada lateral na barriga. É uma dor muscular profunda e lembra-a daquelas intermináveis ecografias que costumava fazer durante o tratamento de fertilidade; da forma como o médico especialista movimentava a varinha de ultrassom de um lado para o outro, inclinando-a para ter uma melhor visão de cada ovário. A sensação era diferente de tudo aquilo que

alguma vez experimentara. Não era tanto a presença da dor, mas mais o esvaziamento que provocava.

A dor espalhava-se pela barriga e descia até às virilhas, fazendo-a cerrar os dentes até se sentir prestes a desmaiar, e depois a varinha era removida e o médico dava-lhe lenços de papel para se limpar e a memória da dor dissipava-se de imediato.

E, porém, sente-a agora de novo. No entanto, desta vez, a sensação latejante tem um trajeto ascendente. Atravessa-lhe o estômago e encaminha-se para o peito, palpita de forma quase efervescente nos ombros e depois, quando alcança a garganta, Kate reconhece-a finalmente pelo que ela é: poder. Kate vê com súbita e certa clareza que é forte precisamente por causa da dor que suportou e conclui que é capaz de fazer isto. Força os músculos do corpo e consegue levantar-se.

Que se foda a Annabelle, pensa ela. Aquela mulher não vai sair impune.

Faz o caminho de volta pelo corredor e entra na sala de estar, onde Annabelle está curvada sobre a mesa de apoio para ali deixar o sumo. Marisa não se encontra na sala. A almofada do sofá tem uma cova no lugar onde ela estava sentada. Jake e Chris viram-se para Kate quando esta entra. Annabelle mantém-se de costas voltadas.

– Estás bem…? – começa por perguntar Jake.

– Onde está a Marisa?

– Na casa de banho – diz ele. – Passa-se alguma coisa? – Jake parece preocupado.

Na sua mente, vê o tambor de uma arma a girar até dar um estalido e a patilha de segurança a ser destravada. Imagina levantar a mira até à altura da vista e apontar o cano da arma diretamente à testa de Annabelle.

– Annabelle – chama ela. – Gostaria que contasse a todos o que acabou de me dizer na cozinha.

Annabelle endireita-se e suspira de forma audível.

– Oh, pelo amor de Deus, o que é agora? Não faço ideia do que está a falar, Kate. – Annabelle gira sobre si mesma e encara-a, deixando Kate espantada com a sua compostura. O rosto de Annabelle parece ter ficado mais jovem e menos enrugado, como se a maldade perpetrada alguns minutos antes a tivesse revigorado.

– Sabe muito bem do que estou a falar.

Annabelle encolhe os ombro e ergue as mãos, com as palmas viradas para cima, num gesto de súplica.

– A sério que não sei. Só sei que tudo aquilo que tenho feito parece aborrecê-la de alguma forma e estou prestes a desistir de tudo. Pelos vistos, nada do que eu faço consegue ser suficientemente bom. Estás a ver – Annabelle desloca o seu peso sobre os pés e dirige-se a Jake. – É exatamente sobre isto que te tenho falado.

Houve, portanto, inúmeras conversas sobre ela nas suas costas. Incontáveis oportunidades para plantar as sementes da suspeição e da desconfiança, pensa Kate. Como Annabelle deve ter gostado da manipulação, empilhando as suas fichas na baeta verde à imagem de um jogador que está a enganar a casa. Consegue agora imaginar tudo: como Annabelle, com o seu zelo evangélico em torno da «família» e da importância genética da biologia familiar, deve ter congeminado cuidadosamente para excluir Kate e integrar Marisa; como provavelmente deve ter vindo a aconselhar o filho contra as visitas de Kate, para evitar perturbar a barriga de aluguer; como, sem dúvida, contou a Marisa todo o tipo de coisas sobre o estado mental alterado de Kate.

– O que te tem contado ela? – pergunta Kate a Jake, com o queixo erguido.

Jake abre a boca para falar, mas não lhe saem quaisquer palavras. Parece desafortunado e perdido, como o rapazinho que a mãe ainda quer que seja. O poder de Annabelle sobre ele é mais profundo do que Kate alguma vez imaginou. E percebe agora que Jake tem medo da mãe, que precisa que Kate a enfrente por ele.

– Annabelle – diz Kate. – Já chega. O jogo acabou. Foi descoberta.

– Que disparate…

– E, se depender de mim, nunca irá ver o seu neto. – As palavras juntam-se e fermentam com uma ferocidade em ebulição. – Não permitirei que se aproxime dele, sua bruxa velha e venenosa.

Annabelle dá dois passos na direção de Kate, com os punhos fechados e os dentes à mostra. Durante um instante, Kate pensa que ela a irá esmurrar, mas Chris levanta-se num salto, derrubando a sua bebida, e pousa a mão suavemente sobre o ombro de Annabelle.

– Vamos lá – pede ele, tentando sentá-la, como que para evitar uma cena feia.

Com uma pancada, Annabelle afasta a mão do marido.

– Deixa-me em paz – diz ela, cuspindo as palavras.

Chris volta a sentar-se e o seu rosto parece tão amarrotado como a camisa. Levanta as sobrancelhas e Kate percebe que é a sua forma de pedir desculpa, embora não seja suficiente. Nada daquilo é suficiente para compensar a malícia de Annabelle, o quão odiosamente superior e antipática tem sido desde o primeiro dia em que se conheceram.

– A Annabelle disse-me, na cozinha, que o Jake e a Marisa ficavam melhor sem mim – afirma Kate. – Que a Marisa era a mãe

biológica. Que eu tenho sido impossível e que não admira que o Jake tenha passado tanto tempo aqui sem o meu conhecimento.

Um momento de silêncio. As faces de Kate estão a ferver. Chris, que estava a apanhar o copo do chão, fica com o braço suspenso no ar. Jake, pálido, caminha na direção dela.

– Kate, eu…

– Não quero ouvir isso agora – diz ela.

Jake para desamparado no meio da sala e Kate continua a encarar Annabelle, recusando-se a desviar a vista daqueles olhos muito azuis. Annabelle pestaneja. Kate pensa que ela vai começar a chorar, mas depois Annabelle inclina a cabeça para o lado, mostrando a vulnerabilidade branca do seu pescoço. Olha através da janela para o jardim da frente, o caminho de acesso e a desbastada parcela de mata, e depois a sala é invadida por um som estranho, como o farfalhar de folhas ou o correr de água, e Kate percebe com horror que Annabelle está a rir. O riso dela é ruidoso, potente e dissonante naquele silêncio. No entanto, não mexe os olhos, que mais parecem os olhos prateados e cintilantes de um peixe morto. Ri-se, porém o riso não chega ao resto do rosto, e este aspeto torna-a ainda mais assustadora.

– Um completo absurdo – diz Annabelle. – Jake, tenho vindo a tentar transmitir-te há algum tempo que ando preocupada com a saúde mental da Kate, não é verdade? De que outras provas precisas tu?

– Mãe, isso não é…

– Não acredito que tenha inventado esta ridícula… conspiração – continua Annabelle. – E está a atacar-me… a *mim*! Fiz tanto por si, ainda que nem sempre a entendesse. Eu… eu… só não sei o que

mais poderia ter *feito*. – Os olhos de Annabelle estão agora húmidos, cheios de autocomiseração.

Ah, ela é boa, pensa Kate, é muito boa.

Annabelle vacila para trás, como se estivesse prestes a desmaiar, mas depois recupera o controlo mesmo a tempo de garantir que colapsa no sofá, onde se encosta às almofadas, pressionando as costas da mão contra a testa.

– Mãe, por favor não faças isto – pede Jake.

– Annabelle, não há motivo para ficares tão perturbada – acrescenta Chris.

No entanto, nenhum deles, repara Kate, avança na direção dela. Kate, por seu turno, aproxima-se e curva-se sobre ela para que não haja forma de escapar ao que está prestes a afirmar.

– Sou perfeitamente sã, Annabelle – declara ela, mudando o tom de voz. – Como é que se atreve a sugerir o contrário?

Annabelle agarra-se ao colar que traz ao pescoço e enterra ainda mais a cabeça nas almofadas do sofá, na tentativa de evitar a intensidade do rosto de Kate, na tentativa de dar a entender que é ela quem precisa de ser protegida de Kate e não o contrário.

– Chris – choraminga Annabelle. – Ajuda-me, por favor. Não sei o que ela me vai fazer.

E então, do nada, surge uma voz.

– Não lhe vai fazer nada – diz a voz.

Annabelle estremece, pestaneja e olha para a esquerda. Uma sombra passa sobre o seu rosto. Quando Kate olha na mesma direção, vê Marisa junto à porta.

– Podes repetir? – pergunta Kate.

– Eu disse que não vais fazer nada à Annabelle – repete Marisa. – Porque eu ouvi exatamente o que ela te disse ali. – Tem o rosto

calmo. Está iluminada a partir de trás e o seu cabelo dourado brilha. – Na cozinha – explica ela. – Ouvi exatamente o que a Annabelle te disse.

No sofá, Annabelle fica muito quieta.

– Saí para o corredor. Ouve-se tudo lá. É por isso que fechamos a porta da cozinha, não é, Annabelle? Por isso e para não haver correntes de ar. – A voz de Marisa não apresenta grandes variações, mas é clara, como a de um professor que quer fazer-se ouvir ao fundo da sala. – E é verdade que a Annabelle disse todas aquelas coisas – confirma Marisa, curvando os lábios. – Lamento, mas disse.

Annabelle fica em silêncio. O seu colar cintila sob a luz.

– Disse que o Jake e eu estávamos a ficar mais próximos e que íamos ficar juntos com o bebé. Disse que o bebé era meu e que eu era mais adequada para o Jake.

Annabelle emite um ruído surdo, a meio caminho entre um ronco e um soluço.

– Mas a verdade é que o Jake tem vindo até aqui sozinho porque eu me sinto muito envergonhada pelo que fiz à Kate. Sou eu quem não tem sido capaz de a encarar.

Jake tenta alcançar a mão de Kate, que lhe permite que a tome.

– Lamento tudo isto, Kate – continua Marisa, com a cabeça curvada e ainda incapaz de olhar para ela. – A Annabelle assegurou-me de que era melhor assim. Contou-me que tu não…

– Não faz mal – diz Kate. E depois outra vez: – Não faz mal.

A sensação de alívio percorre Kate como uma onda fria. Portanto, Jake não a traiu. Agiu daquela forma para a proteger. Kate vira-se e olha para ele. O rosto de Jake está tão devastado que ela sabe que Marisa está a dizer a verdade.

Jake abana a cabeça.

– Eu nunca… – começa ele, depois detém-se, depois começa outra vez, enrouquecido. – Eu nunca te faria uma coisa destas… Estava apenas… a tentar gerir tudo… – Volta a calar-se.

Kate encosta a cabeça ao ombro sólido e reconfortante do namorado e respira fundo.

– Eu sei – murmura ela. – Agora sei isso.

– Jakey – começa Annabelle – não dês ouvidos a estes disparates. O que ela está a contar é um absurdo. Eu nunca disse…

– Não nos pode desacreditar *às duas* como loucas – riposta Kate. – Podia ter-se safado com uma. Mas duas começa a assemelhar-se muito a descuido. – E depois, olhando-a diretamente, acrescenta: – Não lhe parece, querida?

No sofá, Annabelle parece mirrar. As faces afundam-se-lhe, os olhos irradiam raiva.

– Oh, vá lá – diz Annabelle, olhando agora para Chris. – A Marisa está completamente drogada. Não sabe o que está a dizer.

Chris mantém-se em silêncio. Parece envergonhado.

– Eu sei o que estou a dizer – assegura Marisa, e vem para junto de Kate, desviando pelo caminho um dos balões de hélio.

E, então, esta mulher que causou a Kate tanta angústia e tristeza, que também lhe transmitiu tanta esperança e otimismo, que a assustou e iludiu em igual medida, faz algo completamente inesperado: toma na sua a mão de Kate.

– Annabelle, o que você disse sobre mim e o Jake, sobre eu ser a mãe verdadeira, nada disso é verdade – afirma Marisa. – Sabe isso, não sabe? – As palavras saem-lhe lentamente. – Este bebé é da Kate. Sempre foi. Sempre será. O Jake e a Kate são os pais.

Kate aperta a mão de Marisa com tanta força que quase parece que nunca mais a vai largar e depois começa a chorar outra vez. Jake

põe o braço à volta dos ombros dela. E, por fim, fala.

– Mãe – diz Jake, num tom de voz tenso e estrangulado. – Isto é revoltante. Eu comecei a vir aqui sem a Kate porque tu me convenceste de que era a melhor maneira de a proteger e de proteger o nosso bebé.

Annabelle vira-se para o filho. Tem as mãos entrelaçadas no colo e eleva-as, com as palmas em concha, suplicante.

– Oh, Jakey. Pensei que era o que tu querias. Tu e a Marisa estavam a dar-se tão bem, sabes, e eu… bem, eu…

– Tu o quê? Tentaste manipular-nos – grita ele. – Eu sempre te defendi, sempre fiz o que tu querias. – Começa a mudar de voz. Parece tão desamparado que Kate sente vontade de o proteger, embora isto seja algo que Jake tem de fazer por si mesmo. – Desta vez, foste demasiado longe – continua ele. – Demasiado longe. Como pudeste? Como *pudeste* fazer uma coisa destas?

– Tem calma, companheiro – diz Chris, e a sua moderação é absurda. Kate sente vontade de pegar em Chris pelos ombros e abaná-lo até que seja forçado a lidar com a vida tal como ela é realmente, em vez de escolher acreditar na realidade fabricada que a sua mulher criou.

– É por isto que as tuas filhas não falam contigo – diz agora Jake à mãe, levantando a voz até começar a gritar. – É por isto que nem suportam ver-te. Elas sempre me disseram que também eu o iria perceber um dia, que tu és uma narcisista atroz que nos trata a todos como se fôssemos a merda de umas peças de xadrez.

– Chiu, Jake, chiu – diz Chris. – Não há necessidade de ir buscar tudo isso. Sabes bem o quanto magoa a tua mãe.

– Não me interessa! – grita Jake, e depois pontapeia a mesa de café, virando-a ao contrário e fazendo o bolo azul enjoativo aterrar

sob a forma de matéria viscosa no tapete de fibra vermelha. – Ela magoou-me! Magoou-nos! Magoou a Kate de uma maneira inimaginável…

Kate tenta agarrar-lhe o braço e conduzi-lo para fora daquela casa claustrofóbica, mas ele liberta-se do aperto, caminha até às prateleiras junto à lareira e, antes que ela o consiga parar, bate com o braço em cima do aparador e, com uma violenta varredela, limpa a superfície de todas as suas fotografias, expostas em molduras prateadas e de madeira. As molduras partem-se ruidosamente no chão. Todos os momentos partilhados de crianças com sorrisos rasgados e dentes em falta, os casamentos em tons de sépia, os primeiros dias de escola, os retratos oficiais de cursos concluídos, as irmãs silenciosas e sorridentes e umas férias de verão em família num barco perto da Ilhas Scilly, com o vento forte a deixar-lhes as bochechas rosadas, uma Annabelle mais jovem com o cabelo apanhado num lenço de seda com padrão, os olhos protegidos por óculos escuros e o sorriso envolto em batom e estabilidade, como se nada pudesse alguma vez correr mal sob a sua supervisão.

Chris e Annabelle estão agora juntos no sofá: Annabelle suavemente a soluçar para um lenço de mão; Chris, confuso, a abanar a cabeça. Lá fora, começa a escurecer. Kate pega na mão de Jake, que está a transpirar e tem uma expressão distante no rosto. Kate acaricia-lhe a nuca e, como se tivesse ligado um interruptor, vê-o regressar para junto de si. De seguida, abandonam a sala. Pedem a Marisa para fazer as malas. Vão levá-la com eles de regresso a Londres.

Annabelle não protesta. Permanece sentada ao lado de Chris, as expressões de ambos gradualmente obscurecidas pelo crepúsculo, duas pessoas com defeitos profundos que se encaixavam uma na

outra como uma hera infiltrada nos espaços entre os tijolos de uma casa. Não era possível cortar a hera sem arriscar a derrocada da casa. Mas a estrutura algum dia acabaria por ceder, enfraquecida pela força insistente da planta que se ramificava por todas as áreas menos sólidas. E depois haveria o colapso, uma nuvem de alvenaria implodida. Era assim que acabava.

Ao sair, Kate fecha a porta da sala de estar. Quando Marisa reaparece, puxando a sua mala com rodinhas, Kate abraça-a com força. Não são necessárias mais palavras. Agora compreendem-se.

Entram os três no carro. Kate senta-se atrás para que Marisa possa ficar no banco do pendura e observa Jake enquanto este introduz a chave na ignição e arranca para o caminho de acesso. Há uma Lua encoberta no céu e condensação no para-brisas. Jake liga o aquecimento e o rádio. Kate não vira a cabeça para trás de modo a ver a casa de tijolo vermelho à medida que se afastam. Deixa-a desaparecer e esbater-se na sua mente, imagina uma maré a surgir para a reclamar, vê os frontões brancos, as telhas cinzentas e as torres das chaminés com fuligem a serem engolidos por um mar que se agiganta. E deixa que tudo se afunde. Depois, respira.

Kate observa as duas pessoas sentadas à sua frente. Duas cabeças loiras, lado a lado.

Entretanto, começa a sentir os membros pesados. Na verdade, poderia adormecer agora se quisesse, sabendo que Marisa e Jake falariam baixinho para não a incomodarem e que Jake baixaria o volume do rádio e teria um cuidado adicional para não fazer o carro trepidar quando travasse, sabendo que ele a acordaria quando chegassem a Londres. Os três entrariam em casa e tomariam um chá juntos em torno da mesa da cozinha e falariam sobre tudo o que acontecera naquele dia.

E essa circunstância transmitiria uma sensação de segurança.
Transmitiria a sensação de estar certa.
Transmitiria a sensação de estarem em família.

32

Durante o parto, tocaram *hip-hop* da década de 1990.

– A maior parte das pessoas escolhe Mozart – comentou o doutor Abadi, com um sorriso curioso. – Querem algo que acalme.

– A Marisa quer música que lhe dê força, como se fosse capaz de fazer qualquer coisa – explicou Kate. – A ideia é dela. Mas agrada-nos, não é verdade? – Vira-se para Jake, sentado a seu lado nas agora familiares cadeiras cromadas do escritório do doutor Abadi.

– É verdade – responde Jake, num sorriso rasgado.

O doutor Abadi abanou a cabeça, mas num sinal de diversão e não de reprovação.

– O nosso objetivo é agradar – disse ele, tomando nota com a sua caneta dourada nos registos médicos.

E foi assim que Leo Christopher Sturridge fez a sua entrada no mundo, acompanhado pelas vocalizações frenéticas de Busta Rhymes em «*Thank You*». Quando Jake e Kate foram convidados a cortar o cordão umbilical, quando ouviram o choro do bebé pela primeira vez e quando a parteira passou a Kate o seu filho, era Snoop Dogg que passava. Jay-Z acompanhou o momento em que Jake pegou na mão de Marisa e a apertou com força, chorando lágrimas que vieram de algum sítio para além da sua mente consciente. Enquanto Kate segurava o bebé e Marisa os observava com um sorriso cansado, a lista de músicas transitou sem interrupção para as TLC. Tudo aquilo era estupidamente belo.

– Olá – disse Kate, espreitando o rosto sarapintado e indagador do filho, enquanto Jake apoiava a cabeça aveludada do bebé com a mão em concha.

Na cama atrás deles, Marisa recostou-se na almofada com o corpo ensanguentado e transpirado pela fadiga extrema.

Kate virou-se para ela.

– Obrigada – agradeceu, com a voz embargada. – Muito obrigada.

Quando – no quarto ao lado e já sem música – Kate segurou Leo junto ao seu peito nu, houve uma calma tão sólida que parecia uma certeza. Ela e Jake esticaram o pescoço para ouvir os ténues guinchos e fungadelas de Leo, cada som significando o facto quase inacreditável da sua existência. Os punhos do bebé estavam cerrados e as pregas daqueles imaturos dedos e unhas surgiram a Kate como algo pré-histórico e inexplicável. Kate estava espantada com ele, tão miraculoso e, ao mesmo tempo, tão completamente deles.

Assim que o doutor Abadi concluíra o parto, assim que Leo saíra para a luz, Kate reconhecera-o como seu. Tinha-se estabelecido entre os dois uma ligação eterna. No fundo, só tivera de esperar pelo nascimento do filho. Não importava a proveniência específica das cadeias de ADN que haviam criado as suas nuances infinitesimais. Leo pertencia-lhe. Kate sabia que essa era a verdade.

Jake beijou-a suavemente. Dali a pouco, também ele apertaria Leo nos braços, pressionando a pele contra a novidade que era o corpo do seu bebé, mas Kate ainda não estava preparada para entregar o filho. Na verdade, sentiu com ferocidade que nunca seria capaz de o largar, não por completo. Sentiu uma corrente avassaladora a fazer ricochete através das suas células sanguíneas. Achou-se mais forte do que qualquer coisa na Terra, capaz de fazer tudo o que fosse preciso para proteger o filho. Estava a fervilhar – inebriada até – com a sensação de maternidade.

– Tem o cabelo escuro – disse ela.

Era verdade. A cabeça de Leo tinha laivos de castanho-escuro, pelo que, quando Kate se curvou para aproximar os lábios do seu rosto e o cabelo lhe caiu para a frente, ela e o filho formaram uma combinação perfeita.

Aos fins de semana, percorrem o caminho à beira-rio. Hoje o dia está soalheiro e ventoso. É um daqueles dias londrinos que parecem enganadoramente quentes dentro de casa, mas que requerem casacos e camisolas ao ar livre. Jake tem Leo preso junto ao peito num porta-bebés e Kate, envolta numa parca com o capuz posto, caminha ao lado, dando a mão a Jake e verificando ocasionalmente se Leo já adormeceu. Tem agora dez meses e está quase a habituar-se a uma rotina. O menino choraminga suavemente.

– Sossega – diz Kate. – Sabes que queres dormir a sesta, meu querido. Vá, dorme um bocadinho.

Kate tenta convencê-lo com uma voz suave, a mesma que usa quando Jake está no escritório e ela passa longas horas a conversar com Leo como se ele a compreendesse. Durante dois dias por semana, Kate trabalha a partir de casa com a ajuda de uma ama e, muitas vezes, dá por si a tratar Leo como um colega particularmente recetivo. Desde que mantenha a voz suave, como se estivesse a ler-lhe o seu livro de histórias preferido, Leo fica encantado com tudo o que ela diz.

Numa sexta-feira, Leo tinha estado sentado na sua cadeira alta, pomposo como um imperador, com uma colher de plástico na mão rechonchuda, aparentemente indignado por ter um babete à volta do pescoço, a cara coberta de puré de cenoura, e Kate percebeu que ele estava prestes a descontrolar-se. Ao detetar uma tensão específica

no pescoço do bebé, um ligeiro alargar das narinas, soube que ele iria desatar a chorar.

Então, lançou-se rapidamente numa interpretação cantada dos seus pensamentos e ansiedades em relação àquele dia em particular.

– E vamos organizar uma viagem promocional, Leo, e nem imaginas o que uma das estrelas do filme nos pediu… – Fez uma pausa. Leo, com a atenção desviada da sua provável birra, arregalou os olhos, como que para dizer: «Continua, por favor.» – Pois bem, ela quer que pintemos por completo a suíte do hotel. Diz que o cheiro de quartos de hotel estafados a incomoda. Eu sei! Uma loucura, certo?

Leo bateu com a colher no tabuleiro de plástico.

– Eu achei o mesmo, campanheiro – disse Kate. – Por isso, recusei o pedido, mas depois ela ameaçou desistir de tudo e agora – levantou Leo da cadeira alta e, com as mãos em concha, aproximou-o do seu corpo – não sei que merda hei de fazer. Sim, sim, isso mesmo, meu querido, não sei. A mamã não sabe.

A boca de Leo abriu-se num sorriso. E ela começou a rir, antes de o bebé descansar a cabeça na sua clavícula. Não havia sentimento melhor.

Os primeiros meses tinham sido brutais, claro. Embora, em teoria, Kate soubesse tudo sobre a privação do sono – e até tivesse ansiado por ela durante todos aqueles anos em que tentara engravidar –, a realidade não deixara de ser difícil. Ainda assim, era verdade o que aquelas abençoadas mulheres que tinham tido bebés há pouco tempo diziam, aquelas que, em tempos, Kate havia considerado tão irritantes: não desejava genuinamente que as coisas tivessem sido de outra maneira. Leo era uma dádiva tão preciosa que era apenas lógico que desse trabalho. Tirem-me o sono, queria ela dizer. Tirem-me a minha individualidade, o meu emprego, as minhas saídas à

noite, a minha capacidade de ler um livro, as minhas roupas da moda – tirem-me tudo para ver se me importo. Não havia sacrifício demasiado grande, nenhuma carência que não estivesse disposta a sofrer. Kate tinha o seu bebé. Finalmente, ao fim de tanto tempo e de tanto sofrimento, ali estava ele.

Quanto a Jake, era um pai atencioso e doce que se levantava para alimentar o bebé durante a noite, segurando-o num braço com um biberão e verificando os *e-mails* no telefone com a outra mão. Orgulhava-se desta técnica. Vê-lo assim fazia Kate amá-lo ainda mais.

Kate gostava do facto de a casa estar agora repleta de parafernália de bebé e brinquedos: livros de tecido que enrugavam ao toque, ursos com coletes, tapetes de atividades com cores brilhantes, bolas de espuma e rocas que tiniam. Tinham convertido o quarto de Marisa num quarto de criança, instalando prateleiras para as roupas de bebé, os panos de musselina e as fraldas. Antes de se mudar, Marisa oferecera-lhes um móbile de elefantes e bolas de praia para ser pendurado por cima do berço de Leo. Fora ela própria quem o havia pintado. O móbile captava a luz durante as manhãs e Leo seguia o movimento das formas e das sombras que elas projetavam no teto.

Marisa mudara-se para casa de Jas depois do regresso a Londres. A decisão tinha sido acordada entre os quatro: todos sabiam que era uma boa ideia Marisa ter o seu próprio espaço e o apartamento de Jas ficava a uma curta viagem de carro da clínica. Jas tinha um velho *VW Golf* e oferecera-se para levar Marisa às consultas sempre que necessário. Kate e Jake assumiram o pagamento da renda, acrescentando algo mais quando podiam, e foi desta maneira que atravessaram o último mês da gravidez.

– Não te preocupes – tinha Jas dito a Kate quando viera buscar Marisa, arrumando os seus pertences na bagageira do carro. Havia apenas duas malas, o que fez Kate ficar triste. – Eu trato da Marisa. Tomo conta dela. Vou garantir que toma conta de si mesma.

– Estou só ansiosa com o que lhe irá acontecer depois do nascimento – respondera Kate, parada na rua com os braços cruzados – Quero que fique bem.

– Vai ficar. Ela queria fazer isto por vocês, lembras-te?

– És muito generosa.

Jas lançou-lhe um olhar aguçado.

– A Ris é minha amiga. Faria o mesmo por mim.

No final, Marisa surpreendera todos com a sua força. Alguns meses após o nascimento de Leo, partiu em viagem. Telefonou-lhes antes de partir e Kate pô-la em alta-voz para que lhes pudesse contar os seus planos. Marisa decidira apanhar um avião até São Francisco e descer a Costa do Pacífico, antes de se dirigir para o México e viajar de mochila às costas pela América do Sul.

– Sempre o desejei fazer – contou-lhes. – E tenho algum dinheiro de parte. Além disso, poupei muito com a renda graças a vocês. Por isso, agora posso.

Kate ficou surpreendida com toda a emoção que sentiu.

– Toma conta de ti, sim? – disse ela, com um Leo lamuriante junto ao peito. – És muito especial para nós.

Houve uma pausa estática na linha e o som de Marisa a engolir em seco.

– Obrigada, Kate. – Ficou com a voz mais fraca. – Isso significa muito.

– E, por favor, vai-nos dando notícias de como está a correr – acrescentou Jake. – Vai-nos dizendo que estás viva.

Marisa começou a rir.

– Combinado.

E cumpriu o prometido. Quase todos os meses, foi chegando à caixa de correio de Kate e Jake um postal: uma imagem da Ponte Golden Gate ou de mergulhadores bronzeados em Acapulco ou do Cristo Redentor com os seus braços de pedra abertos sobre as montanhas. Na parte de trás, Marisa escrevia sempre a mesma coisa: «Ainda viva! A divertir-me muito. Todo o meu afeto para os dois e beijos para o bebé Leo.»

Depois, o intervalo temporal entre os postais foi aumentando e, por fim, estes deixaram de chegar. Kate ficou secretamente aliviada. Era difícil para os três saberem como estar uns com os outros. Tinha acontecido tanta coisa, e as experiências partilhadas entre eles tinham sido particularmente intensas. Era necessário manter agora uma certa distância para o bem de todas as partes envolvidas. Não havia um lugar fácil que Marisa pudesse ocupar naquela família.

No entanto, Kate ainda se preocupava com o bem-estar dela. De vez em quando, ia beber um café com Jas a Finsbury Park para saber de Marisa.

– Como está ela? – perguntava Kate, sem precisar de referir o nome para Jas saber de quem estava a falar.

Num destes encontros, Jas contou-lhe que Marisa estava a namorar com um instrutor de ioga australiano que conhecera no caminho para Machu Picchu.

– Parece ser uma ótima pessoa – disse Jas. – Muito terra a terra e bondoso.

– Mas ela odeia ioga.

– Eu sei! – resfolegou Jas. – É o que mais adoro nesta história.

As paisagens mudam e transformam-se, pensa Kate, enquanto caminha com Jake e Leo ao longo do rio. Vê os seus reflexos distorcidos nas janelas reluzentes dos novos e sofisticados prédios de apartamentos. Agora, esta é a história dos três, não de Marisa.

Contarão a Leo quando chegar a altura, quando tiver idade suficiente para compreender.

– A mamã e o papá tiveram ajuda para te fazerem extraespecial – é o que dirão.

O que acontecer a seguir, e a vontade ou não de Leo contactar Marisa, estará fora do controlo de Kate. Para já, tenta não pensar no assunto e repete a si mesma que é a mãe dele. Leo é o seu menino de cabelo escuro. Faria qualquer coisa para o proteger. Kate acabou por perceber que a ferocidade deste amor pode levar uma pessoa à loucura; que o trágico problema da parentalidade é que preparamos os nossos filhos para eles nos deixarem. E se, porém, nunca os quisermos deixar partir? E, então, Kate pensa, inevitavelmente, em Annabelle.

– Uma moeda pelos teus pensamentos – diz Jake.

Kate ri-se.

– Haverá realmente alguém que ainda diga isso?

Aparecem rugas nos cantos dos olhos de Jake.

– Eu digo.

Chegaram à orla do Battersea Park. O sol está baixo no céu e projeta uma luz enevoada sobre a superfície do Tamisa. No rio, dois longos barcos a remos passam por eles com oito silhuetas de pessoas sentadas abaixo da linha de água, fletindo e endireitando os corpos em perfeita sincronia. Os barcos vão ganhando vantagem um ao outro. Os remos fazem um ligeiro som de salpicos ao entrarem na água.

Kate observa o bebé, cujos olhos estão fechados, embora irrequietos. Os seus pequenos dedos abrem-se lentamente. Quando se dirige a Jake, fá-lo em voz baixa.

– Estava a pensar sobre o amor de uma mãe.

– Uau. Está bem. Profundo.

Kate leva a mão à testa para proteger da luz do sol os olhos semicerrados quando olha para o rosto de Jake.

– Não é que eu tenha exatamente perdoado a Annabelle – começa.

– Espero bem que não – diz ele.

– Apenas penso que consigo compreender um pouco melhor.

Jake vira a cabeça para o rio.

– És uma pessoa mais generosa do que eu.

Kate leva a mão à face de Jake, puxando o rosto dele para perto do seu, e põe-se em bicos dos pés para o beijar na boca.

– Compreendo o porquê de ela te amar tanto. Não conseguiria aguentar se sentisse que o Leo me estava a ser tirado por alguém que não gostava de mim.

Jake sorri-lhe, no entanto tem uma expressão fechada.

– É melhor não falarmos sobre este assunto – declara ele. – Quero ter uma tarde agradável.

– Está bem. – Kate aconchega-se nele, envolvendo-lhe a cintura com o braço. – Amo-te.

– Eu também te amo.

Sempre pensou que, entre os dois, ela era a mais zangada. Sem dúvida, tinha-se sentido furiosa com Annabelle durante muito tempo depois do chá de bebé. No entanto, quando Leo nasceu, pareceu-lhe um desperdício de energia manter o fogo do seu ultraje a arder à distância. Já não havia razão para o fazer, uma vez que Jake excluíra

os pais das suas vidas. Ficara horrorizado com os esquemas de Annabelle e envergonhado pela forma como tinha – involuntariamente – participado neles. Jake contou a Kate que as irmãs estavam de relações cortadas com a mãe porque Annabelle interferira a tal ponto nas vidas das filhas que elas não tinham aguentado mais. Toad desenvolvera um distúrbio alimentar. Millie era uma trabalhadora compulsiva. Julia casara com um homem abusivo simplesmente para aplacar a mãe.

– A minha mãe pensava que ele era uma pessoa do «tipo certo» – explicou Jake. – Tu sabes, apelido duplo, fins de semana de caça no campo, escolas privadas, esse tipo de treta. Agora estão divorciados. Mas é por isso que as três foram viver para tão longe. Eu devia ter-te dito, mas julgo que não queria que pensasses mal da minha mãe. O que é estúpido, eu sei, porque ninguém tem agora pior opinião dela do que eu. Desculpa. Lamento muito.

Jake pediu-lhe, vezes sem conta, desculpa pela sua «fraqueza» e pela sua «deslealdade», até que ela lhe disse para parar. Não conseguia aguentar o constante remoer do passado, a consciência de tudo o que ele poderia ter feito de modo diferente. Era inútil.

– A Annabelle consegue ser muito convincente – comentou Kate. – Tu enfrentaste-a no final e é isso que interessa.

Além disso, perguntou ela, no momento em que mais precisaram, Chris e Annabelle não os tinham ajudado? Interessaria que tivessem existido segundas intenções? A verdade era que, num momento de crise em que temeram perder tudo, tinham sido os pais de Jake a aparecer. E, por isso, ela estava grata, apesar de tudo.

Annabelle enviara-lhes um par de botinhas de lã azuis quando Leo nascera. A encomenda estava endereçada a Jake e, quando este a abriu, mandou fora o cartão sem o ler e enfiou as botinhas na gaveta

da cozinha onde guardavam as pilhas e os elásticos. As botinhas continuam lá, na sua caixa de oferta em plástico, tendo há muito deixado de servir. Sempre que Kate as vê, pensa que Annabelle se lembrou da data do nascimento.

Kate sabe que não deve pressionar Jake em relação a este tema. É uma dor dele e deve ser ele a saná-la, não ela. Com o passar do tempo, talvez permitam que os avós de Leo regressem às suas vidas. Por agora, porém, não há necessidade. Estão completos, os três. Uma família perfeita, tal como estão.

Chegam ao Pagode da Paz na orla do parque. O seus dois telhados fazem Kate lembrar-se de uma dama vitoriana a levantar as saias. Leu algures que o pagode tinha sido oferecido à cidade de Londres por um monge japonês que, depois das atrocidades em Hiroxima e Nagasaki, prometera passar o resto da vida a construir santuários dedicados à paz. Kate observa o Buda dourado que brilha ao centro, numa intensidade limpa como a de uma moeda nova. A paz, pensa ela. Compreende-a agora. Pousa a mão na cabeça de Leo e sente o calor adormecido do filho.

– Vamos para casa? – pergunta.

– Claro – responde Jake.

Leo está aconchegado no porta-bebés. Jake tem o braço à volta dos ombros de Kate. Caminham de regresso ao lugar de onde vieram e o Buda dourado observa-os enquanto se afastam.

Agradecimentos

Uma parte substancial deste livro foi escrita durante o primeiro confinamento decretado a nível nacional, na primavera de 2020, em virtude da pandemia de COVID-19. Não sei o que teria feito sem o sábio, calmo, generoso, gentil e espirituoso aconselhamento de Helen Garnons-Williams, a minha querida editora. Embora já não trabalhe na 4th Estate, uma das últimas tarefas dela antes de sair foi terminar a edição deste livro e, por isso, estou-lhe eternamente grata.

Também lhe agradeço por me ter deixado nas competentes mãos da brilhante Michelle Kane, que me herdou como autora e tem feito um excelente trabalho a guiar este livro pelo mundo e, sempre que considera adequado, a enviar-me fotografias de gatos pelo WhatsApp.

Agradeço à minha agente, Nelle Andrew, que é a minha defensora em mais dimensões do que aquelas que consigo enumerar. Considero-me extremamente sortuda por tê-la do meu lado – na vida e nos livros.

Deixo uma palavra de agradecimento a Naomi Mantin, publicitária sem igual que se tornou uma boa amiga. Obrigada, Naomi, por tudo o que fazes muito além do necessário.

Agradeço a Liv Marsden pelas excecionais competências de *marketing* e pela *nail art*, a Jo Thompson pela belíssima capa, a Amber Burlinson por continuar a ser a minha revisora favorita e a Katy Archer pela gestão do projeto. Na Irlanda, agradeço a Ciara Swift.

Adoro a minha editora e, por esse motivo, um pouco mais da minha gratidão vai para todos os que nela me fazem sentir tão apoiada. Vocês sabem quem são e eu nunca dou o vosso árduo trabalho por garantido.

Agradeço também a Emma Reed Turrel. És tudo o que sempre precisei numa melhor amiga e mais ainda (sim, é uma referência a Leanne Hainsby).

Se o leitor já leu o livro até este ponto, sabe que a história tem uma reviravolta. Esse facto implicou que eu fosse rigorosa comigo mesma a respeito das pessoas que seriam minhas confidentes, mas Lisa Albert foi uma das primeiras a encorajar-me, assim como Dolly Alderton. Obrigada a ambas.

Agradeço aos meus pais – ao meu pai, Tom, pelos conselhos médicos sobre a dosagem correta dos medicamentos; e à minha mãe, Christine, pela bondade em fazer sempre parte do grupo dos meus primeiros leitores.

Agradeço aos meus amigos mais queridos. Não poderia viver sem vocês.

Agradeço a todas as mulheres que partilharam comigo as suas histórias sobre fertilidade. Sinto-me honrada de cada vez que escolhem contar-me os caminhos que percorreram. Eu entendo o que sentem.

E, por fim, agradeço a Justin. Ao longo da escrita deste livro, passámos por muito. Fizeste-me sentir amada todos os dias. Ainda fazes. Obrigada por isso e por me teres mostrado que as reviravoltas mais felizes na narrativa da vida acontecem depois de conseguirmos acertar o passo.

Londres, abril de 2021